

VENCEDOR DO PRÊMIO SÁNDOR MÁRAI

“Um livro comovente, franco, que estimula nossa
imaginação mesmo depois da última página.”

Sunday Telegraph

GYÖRGY
DRAGOMÁN
O REI
BRANCO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

GYÖRGY DRAGOMÁN

O rei branco

TRADUÇÃO DE PAULO SCHILLER



Copyright © Dragomán György, 2005
Publicado originalmente por Bródy Sándor Alapítvány

TÍTULO ORIGINAL

A fehér király

CAPA

Victor Burton

PREPARAÇÃO

Leny Cordeiro

REVISÃO

Umberto Figueiredo

Julio Ludemir

Antônio dos Prazeres

IMAGEM DA CAPA

Steve Satushek\Getty Images

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

REVISÃO DE EPUB

Camila Dias

E-ISBN

978-85-8057-660-3

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Esta publicação contou com o apoio da Fundação Húngara do Livro



SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Salto

Fimdomundo

Picareta

Música

Números

Válvula

Presente

Guerra

África

Busca

Ouro

[Túnel](#)

[Abundância](#)

[Cinema](#)

[Pacto](#)

[Vista](#)

[Enterro](#)

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)

Tulipas

De noite enfiei o despertador debaixo do travesseiro, para que somente eu ouvisse o alarme e minha mãe não acordasse, mas o relógio nem sequer tinha tocado e eu já estava de pé, de tanto que havia me preparado para a surpresa. Peguei a lanterna chinesa niquelada na escrivaninha, tirei o despertador de baixo do travesseiro, o iluminei, eram quinze para as cinco, desliguei o alarme para que não tocasse, depois tirei do encosto da cadeira as roupas que tinha preparado de noite e me vesti apressado, tomando cuidado para não fazer barulho. Enquanto vestia a calça, sem querer chutei a cadeira, que por sorte não caiu, apenas bateu na mesa, a porta do quarto eu também abri com cuidado, embora soubesse que não rangeria, porque na véspera eu havia lubrificado as dobradiças. Fui até o bufê, abri bem devagar a gaveta do meio, tirei a grande tesoura de costura com que minha mãe costumava aparar meus cabelos, em seguida abri a fechadura Yale da porta de entrada, e muito silenciosamente saí, até a primeira curva da escadaria não corri, só depois comecei a descer as escadas às pressas. Quando cheguei diante do edifício eu estava todo suado, assim fui para o pequeno parque, porque lá, junto da fonte, no canteiro enfeitado, cresciam as mais lindas tulipas da cidade.

À época estávamos havia mais de meio ano sem meu pai, que viajaria por apenas uma semana para um centro de pesquisa, por conta de um assunto muito urgente, quando se despediu de mim ele disse que sentia muito não poder me levar com ele, porque o

mar, naquele período, no final do outono, era uma visão verdadeiramente inesquecível, muito mais agitado que no verão, formava ondas amarelas imensas, até onde os olhos viam tudo era espuma branca, não faz mal, prometeu que quando voltasse para casa ele me levaria para o mar e o mostraria para mim, ele não compreendia como havia acontecido de eu já ter passado dos dez anos e nunca ter visto o mar, paciência; compensaríamos isso e as outras coisas a serem compensadas, não tínhamos de nos atropelar com nada, haveria tempo de sobra para tudo porque a vida estava diante de nós, essa era uma frase favorita de papai, eu nunca entendi muito bem o significado, já que ele não voltou para casa, pensei nisso muitas vezes, a despedida também me ocorreu muitas vezes, da última vez que o vi seus colegas vieram buscá-lo num furgão cinza, eu acabava de chegar da escola quando saíam, se não tivesse perdido a última aula, de ciências naturais, eu nem os teria encontrado, acabavam de entrar no furgão quando cheguei, tinham muita pressa, seus colegas não queriam que ele falasse comigo, mas meu pai falou duro com eles, disse que não deveriam fazer aquilo, eles também tinham filhos, sabiam como eram essas coisas, cinco minutos não fariam diferença, e então um de seus colegas, um homem de paletó cinza, alto, grisalho, deu de ombros e disse que não se importava, cinco minutos não fariam de fato diferença, e meu pai se aproximou de mim, parou na minha frente, mas não fez nenhum carinho, nem me abraçou, ficou segurando o paletó o tempo todo, segurou-o diante de si com as duas mãos e contou a coisa do mar, e de que precisavam dele com urgência no centro de pesquisa, ficaria lá durante uma semana, se a situação fosse muito grave talvez um pouco mais, até que resolvesse as coisas, e então ele falou um pouco mais sobre o mar, mas depois o colega alto grisalho se aproximou e pôs a mão no ombro de papai e o chamou, senhor doutor, os cinco minutos passaram, temos de ir porque

podemos perder o avião, meu pai se abaixou, me deu um beijo na testa, mas abraçar ele não me abraçou, e pediu que cuidasse de mamãe, que fosse um bom menino, porque eu seria o homem da casa, de modo que deveria me valorizar, e eu disse que estava tudo bem, eu me comportaria, e ele deveria cuidar de si, e o colega dele olhou para mim e disse: "Não se preocupe, malandro, nós vamos cuidar do doutor", estalou a língua, depois abriu a porta lateral do furgão e ajudou meu pai a se sentar, o motorista ligou o motor, e assim que a porta do meu pai se fechou, eles partiram, eu apanhei a mochila da escola, dei meia-volta e fui na direção da escadaria, porque tinha arrumado um novo atacante para o time de futebol de botão e queria experimentá-lo para saber se deslizava verdadeiramente bem, tão bem sobre lona quanto sobre cartolina, não fiquei lá e também não acenei nem acompanhei o furgão, não esperei que desaparecesse no final da rua. Lembro-me bem do rosto de papai: estava barbudo, cheirava a cigarro, parecia muito, muito cansado, o sorriso também era desanimado, pensei bastante, mas não acho que ele desconfiasse que não voltaria para casa, passada uma semana, recebemos apenas uma carta: ele escrevia que a situação era muito mais grave que o esperado, não poderia dar detalhes por razões de segurança de Estado, mas teria de ficar lá por mais algum tempo, se tudo corresse bem em algumas semanas talvez lhe dessem um ou dois dias de folga, mas por enquanto precisavam dele o tempo todo. Desde então, ele mandou mais algumas cartas, a cada três ou quatro semanas, e em todas escrevia que logo voltaria para casa, mas depois ele não pôde vir nem para o Natal e também para o Ano-novo nós o esperamos em vão, e já estávamos em abril e nem cartas chegavam mais, e eu comecei a pensar que papai talvez tivesse fugido do país, como o pai de um colega meu de classe, Egon, que atravessou o Danúbio a

nado e foi para a Iugoslávia e de lá para o Ocidente, e desde então ninguém teve notícia dele, nem sequer sabiam se estava vivo.

Passei por trás dos blocos de apartamentos porque não queria encontrar ninguém, não queria que me perguntassem para onde eu ia de madrugada. Por sorte não havia gente, de modo que passei por cima da corrente com calma, entrei no canteiro, no meio das tulipas, peguei a grande tesoura e comecei a cortar as flores, bem embaixo, cortei os talos rente à terra, minha avó tinha dito uma vez que quanto mais embaixo aparamos as tulipas mais elas duram, era melhor cortá-las com as folhas, de início eu só queria cortar vinte e cinco botões, mas perto dos quinze eu perdi a conta, de modo que passei a cortar uma depois da outra, meu casaco ficou todo úmido, minha calça também, eu não me incomodei, pensei no meu pai, que ele também fazia a mesma coisa todos os anos, ele também devia cortar as tulipas assim a cada outono, minha mãe contou, muitas vezes, que meu pai tinha pedido a mão dela com tulipas, ele a cortejara com buquês de tulipas, e comemorava os aniversários de casamento deles com tulipas, todo dia 17 de abril ele a surpreendia com buquês imensos, de manhã, quando ela acordava, as flores sempre estavam sobre a mesa da cozinha, e eu sabia que naquele momento eles comemorariam quinze anos, e eu queria que minha mãe ganhasse um buquê maior que todos os anteriores.

Cortei tantas tulipas que não conseguia mais segurá-las, enquanto procurava abraçar as flores o buquê escorregou das minhas mãos, e então eu deitei as tulipas no chão a meu lado, sacudi o orvalho da tesoura, e continuei a cortar um talo depois do outro, enquanto pensava no meu pai, que ele também com certeza usava a mesma tesoura, olhei para as minhas mãos, procurei imaginar as mãos do meu pai, mas sem sucesso, porque só via as minhas próprias mãos brancas, magras, os meus dedos nos buracos gastos da tesoura, e então um velho gritou comigo perguntando o

que eu estava fazendo, mandou que fosse até ele imediatamente, o que eu estava pensando cortando aquelas flores sem mais nem menos, era bom que eu soubesse que ele chamaria a polícia e eu iria para um reformatório, que era o meu lugar, olhei para ele, por sorte não era um conhecido, de modo que gritei para que ele calasse a boca, roubar flores não era crime, em seguida pus a grande tesoura no bolso, peguei as tulipas no chão com as duas mãos, algumas ficaram por lá mesmo, depois pulei do canteiro pelo outro lado, ouvi que ele gritava às minhas costas que eu deveria me envergonhar do modo como falava, fosse como fosse ele anotaria o número da minha braçadeira, mas eu não olhei para trás porque sabia que ele não tinha como anotá-lo, porque eu estava de propósito com o casaco que não tinha a braçadeira com o meu número da escola, de modo que corri para casa, segurando as flores com as duas mãos para que não quebrassem, os bulbos das tulipas batiam uns contra os outros, de vez em quando encostavam no meu rosto, as folhas largas também farfalhavam, o cheiro era de grama recém-cortada, só que muito mais forte.

Quando cheguei ao quarto andar, parei diante da porta e me agachei, deitei cuidadosamente as flores sobre o capacho, depois me levantei e devagar abri a porta da entrada, passei por cima das flores e depois fiquei ali no hall escuro, atento. Por sorte minha mãe não tinha acordado, de modo que eu levei as tulipas para a cozinha, pus todas sobre a mesa, entrei na despensa, da prateleira mais baixa tirei o maior vidro de picles, levei-o à torneira, enchi-o de água, depois o coloquei sobre o centro da mesa da cozinha e enfiar nele as tulipas, tantas que não couberam todas no vidro, sobraram umas dez, estas eu pus na pia, depois fui até a mesa e ajeitei os talos como pude, mas não tive muito sucesso, por causa das folhas as tulipas estavam bem desarrumadas, havia umas muito curtas, outras muito compridas, vi que teria de igualar os talos se quisesse

que o buquê ficasse com uma boa aparência, e então me ocorreu que se eu pegasse a grande tina de lavar roupas no armário todas as flores caberiam nela, e talvez eu não precisasse cortar os talos, por isso voltei à despensa, abri-a, me abaixei e puxei a grande tina de baixo da prateleira, quando ouvi a porta da cozinha se abrindo, e também ouvi minha mãe perguntando quem era, se havia alguém ali, ela não tinha me visto porque a porta da despensa me cobria, mas pela fresta da porta eu vi que ela estava lá, com a camisola branca comprida, descalça, e eu vi seu rosto ao olhar as tulipas, ficou completamente branca, apoiou-se na porta com uma das mãos, a boca se abriu, pensei que fosse sorrir, mas o rosto era mais de quem queria gritar, como se estivesse muito enfurecida, ou como se sentisse muita dor, o rosto se contorceu todo e os olhos também se fecharam, ouvi que respirava com muita dificuldade, e então ela correu os olhos pela cozinha, e quando viu a porta da despensa aberta largou o umbral e tirou o cabelo da testa, deu um suspiro profundo e perguntou: meu filho, é você?, e eu não disse nada, só saí de trás da porta da despensa e parei junto da mesa, e disse que queria lhe fazer uma surpresa, rogava que não ficasse brava, a intenção era boa, só o tinha feito porque meu pai havia pedido que enquanto ele não estivesse eu fosse o homem da casa, e percebi então que minha mãe tentou sorrir, mas nos olhos dela eu via que ainda estava muito triste, disse que não estava brava, a voz era grave e áspera, não estava brava e agradecia muito, e ao dizer isso ela se aproximou de mim e me abraçou, mas não como das outras vezes, mas muito, muito mais forte, me apertou contra si com muita força, como uma vez em eu que estive doente, e eu também a abracei e eu também a apertei, e através da minha roupa e da camisola senti o coração dela batendo rápido, e eu me lembrei das tulipas, me lembrei de mim de joelhos no parque cortando uma tulipa atrás da outra e senti minha mãe me abraçando ainda mais

forte, e meu nariz ainda estava impregnado pelo cheiro das tulipas, pelo cheiro verde, intenso, de grama e senti minha mãe estremecendo, e sabia que ela logo começaria a chorar, e eu sabia que também iria chorar, não queria, mas não conseguia me separar dela, só conseguia apertá-la, e eu quis dizer que ela não devia ficar triste, estava tudo bem, mas não consegui dizer nada, não consegui abrir a boca, e então, de repente, alguém tocou a campainha da entrada, tocou firme, a campainha gemeu com força e longamente, uma vez, duas vezes, três vezes, e então senti que minha mãe tinha me largado, o corpo dela de certa forma havia esfriado, e eu também a larguei, e pedi que esperasse pois iria ver quem era.

Enquanto me dirigia para a porta pensei que certamente seriam os guardas, porque, apesar de tudo, o homem no parque teria me reconhecido e denunciado, e agora eles estavam ali, vinham me buscar porque eu havia depredado o patrimônio público cortando as tulipas, e então pensei que não devia abrir a porta, mas a campainha continuou soando, tocou muito alto, e eles também bateram, de modo que acabei estendendo a mão para a fechadura Yale e abri a porta.

Não eram guardas, mas os colegas do meu pai, aqueles com quem o vi saindo daquela vez, eu fiquei tão surpreso que não consegui dizer nada, e então o mais alto, grisalho, olhou para mim e perguntou se minha mãe estava em casa, eu concordei com a cabeça, e me ocorreu que meu pai com certeza tinha mandado um presente de aniversário de casamento com eles, eu ia pedir que eles entrassem porque minha mãe ficaria muito feliz em vê-los, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa o grisalho me repreendeu porque não tinha ouvido, ele tinha feito uma pergunta, e então eu disse que sim, ela estava em casa, e nisso o outro, o mais baixo, também falou, disse que então eles entrariam, em seguida ele me afastou da porta e os dois de fato entraram e pararam no hall, e

então o mais baixo perguntou qual era o quarto da minha mãe, eu disse que minha mãe estava na cozinha e fui na frente e a avisei que os colegas do papai estavam lá, com certeza traziam uma carta, ou ele tinha mandado um presente, minha mãe estava tomando água da caneca de asas longas com que costumávamos encher a cafeteira e a mão dela se deteve no meio do movimento, ela olhou para mim, depois desviou os olhos para os colegas do papai, e eu vi que por trás da caneca ela empalideceu e a soltou, vi que a boca da minha mãe se crispou como quando ficava muito brava, e em seguida ela perguntou em voz muito alta aos colegas do meu pai o que eles queriam, pôs a caneca de asas longas sobre o balcão com tanta força que derramou a água restante enquanto pedia que eles fossem embora, mas nisso os dois entraram atrás de mim na cozinha, o alto grisalho não cumprimentou, mas foi logo perguntando à minha mãe qual era o problema, a senhora não contou ao menino, e então minha mãe balançou a cabeça e disse o senhor não tem nada com isso, mas o alto grisalho disse que aquilo era um erro, porque mais cedo ou mais tarde eu ficaria sabendo, é melhor superar esse tipo de coisa o mais rápido possível pois a mentira só leva a mais mentira, e então minha mãe riu e disse sim, os senhores são amigos da verdade, e então o mais baixo repreendeu minha mãe mandando que ela calasse a boca, e minha mãe de fato se calou, o grisalho parou diante de mim e perguntou, você, meu garoto, você ainda acredita que somos colegas do seu pai?, e eu não disse nada, mas senti meu corpo esfriar, como na aula de ginástica, depois de uma corrida contra o cronômetro, quando temos de nos curvar para a frente para conseguir respirar, e então o de cabelo grisalho sorriu para mim e disse que era bom eu saber que eles não eram colegas do meu pai, mas pertenciam ao serviço secreto, que meu pai estava preso porque tinha participado de atividades contra o governo, de modo que por algum tempo eu

certamente não o veria, ou melhor, por muito tempo, porque meu pai trabalhava nas obras do canal do Danúbio, se eu sabia o que isso significava, significava que ele estava em um campo de trabalhos forçados, e como era frágil, não suportaria durante muito tempo e não voltaria nunca mais, talvez nem estivesse vivo, e quando ele disse isso, minha mãe agarrou a caneca no balcão e a atirou no chão, fazendo-a se partir em pedaços, o oficial então se calou e por um momento se fez silêncio, e minha mãe disse chega, parem com isso, se eles quisessem levá-la também que a levassem, mas que me deixassem em paz porque eu ainda era uma criança, entenderam, deixem-no em paz e digam logo o que desejam, digam o que querem aqui.

Nisso o mais baixo disse que estavam passando por ali e por isso pensaram em dar uma olhada, quem sabe pudessem encontrar alguma coisa interessante no quarto do doutor.

Então minha mãe perguntou se eles tinham um mandado, o oficial alto grisalho sorriu para a mamãe e disse que não precisavam de mandado para cada coisinha que fizessem, não havia nenhum mal em darem uma olhada, ele não acreditava que tivéssemos algo a esconder.

Minha mãe então disse muito alto que eles não tinham esse direito, mandou que sumissem dali, que fossem embora, pois caso contrário ela imediatamente, assim como estava, iria para a prefeitura e lá se plantaria, exigiria em público que soltassem seu marido, que história era aquela de prendê-lo durante seis meses sem julgamento nem condenação, fosse como fosse nosso país, tínhamos uma constituição, apesar de tudo, existiam leis, as buscas ainda exigiam um mandado, de modo que ou eles o mostravam ou caíam fora.

A isso o oficial de cabelo grisalho sorriu para minha mãe e disse que a combatividade ficava bem para ela, que ela deveria fazer

muita falta para meu pai no canal do Danúbio, porque era mesmo uma mulher linda, pena que eles nunca mais se encontrariam.

Nessa hora, minha mãe ficou vermelha, o rosto dela se tornou escarlate, vi que seu corpo todo se contraiu, pensei que fosse se aproximar e dar uma bofetada no oficial grisalho, acho que nunca a tinha visto tão furiosa, e então minha mãe de fato se mexeu, mas não na direção do oficial e sim direto para a porta de entrada, abriu a porta e disse basta, fora daqui, que caíssem fora da casa dela, pois se não fossem ela telefonaria imediatamente para o sogro, eles sabiam muito bem que ele era secretário do partido, apesar de aposentado continuava tendo amigos em postos-chave para conseguir que fossem transferidos para o departamento de trânsito, de modo que se não quisessem confusão, que caíssem fora, e minha mãe disse isso com tanta dureza que eu também quase acreditei, embora soubesse que minha mãe nunca, mas nunca em sua consciência, telefonaria para os meus avós, pois desde que minha avó lhe dissera na cara que ela era uma piranha judia e desajustada minha mãe não falou mais nem com ela nem com meu avô, embora pela sua fala isso não parecesse nem um pouco verdade.

O oficial mais baixo disse então que sendo assim, se ela pensava que o velho ainda tinha alguma influência, principalmente agora que haviam levado o filho, ela estava muito enganada, deveria sentir-se feliz por não a terem internado, mas se minha mãe quisesse telefonar e se queixar, que o fizesse, e ele deu um passo na direção da bancada, pegou a gaveta de talheres e a arrancou com tanta força que a gaveta ficou na mão dele, as facas, os garfos, as colheres e as colherinhas voaram por todos os lados pela cozinha, o oficial bateu a gaveta sobre a bancada, fazendo com que o fundo da gaveta se quebrasse, e ele então disse pois não, ela agora tinha uma razão para se queixar, mas aquilo era

apenas o começo, sim, apenas o começo, eu vi que ele riu, e percebi que em seguida ele iria virar a mesa, mas nisso o de cabelo grisalho pôs a mão sobre o ombro dele e disse calma, Gyurka, calma, deixa pra lá, parece que interpretamos mal a senhora, pensamos que fosse uma mulher inteligente, pensamos que soubesse quando e com quem deve ser atenciosa, mas parece que não tem inteligência suficiente para perceber nossa boa vontade, parece que quer a todo custo se meter numa encrenca. Muito bem, que seja como a senhora quiser. E então o oficial chamado Gyurka atirou a gaveta quebrada no chão, junto dos talheres espalhados, e disse está bem, camarada major, vamos fazer como o senhor quiser, vamos embora.

O oficial chamado Gyurka então olhou para minha mãe, balançou a cabeça, depois se virou para mim e disse está bem, iriam embora, mas apenas porque ele via que nós gostávamos de flores, e quem gosta de flores não pode ser má pessoa, ao dizer isso, ele se aproximou da mesa e eu pensei que iria acabar derrubando o vidro de pickles, mas ele só tirou um botão de tulipa, levou-o ao nariz, cheirou-o e disse que o problema da tulipa era que não tinha nenhum cheiro, embora fosse uma flor realmente belíssima, depois saiu da cozinha, vamos, camarada major, diante disso o de cabelo grisalho não disse nada, só fez sinal de que sairiam, o oficial chamado Gyurka então se encaminhou para a entrada, ao passar pela minha mãe ele lhe estendeu a tulipa, minha mãe a pegou sem dizer uma palavra, o oficial chamado Gyurka então disse uma flor para uma flor, depois se virou de novo para mim, me olhou, estalou a língua, em seguida saiu e desceu as escadas.

O major também saiu, e minha mãe, então, quis bater a porta atrás dele, mas o major de repente se voltou na soleira, pôs o pé na porta para que minha mãe não pudesse fechá-la e disse, gentil,

calmo, que ela ainda iria se arrepender daquilo, minha senhora, porque quando voltarmos vamos arrancar até mesmo o piso e tirar a massa dos umbrais das janelas, vamos olhar até mesmo debaixo da banheira e nos canos de gás, vamos desmontar a casa inteira, e ela podia ter certeza de que encontrariam o que procuravam, podia ter certeza, depois ele se calou, se virou, e também desceu.

Minha mãe então bateu a porta, antes ainda ouvi o major dizendo até logo, minha mãe se voltou, apoiou as costas na porta fechada, ficou ali parada com a tulipa vermelha na mão, olhando para os pedaços da caneca quebrada, os talheres espalhados, a gaveta partida ao meio, sua boca se contorceu, depois, aos poucos, endureceu, ela apertou os lábios e pediu muito baixo que eu trouxesse a vassoura e a pá, vamos recolher os cacos da caneca, e eu então olhei para as tulipas sobre a mesa no vidro de pickles e tive vontade de perguntar a minha mãe se era verdade o que os oficiais tinham dito sobre o meu pai, não é verdade, não é mesmo, ele vai voltar para casa, eu me virei para minha mãe e vi que ela estava cheirando a tulipa, e seus olhos brilhavam tão úmidos que eu percebi que ela mal conseguia conter as lágrimas, de modo que não perguntei nada.

Salto

Szabi e eu logo descobrimos que giz não dava febre, era apenas lenda porque cada um de nós comeu um giz e meio e não nos aconteceu nada, além disso experimentamos também giz colorido. Szabi engoliu um verde e eu um vermelho, mas esperamos em vão durante uma hora e meia perto da escola, debaixo da ponte, não nos aconteceu nada, apenas fizemos xixi colorido, eu, avermelhado, Szabi, esverdeado, o truque do termômetro nós não tivemos coragem de fazer, da última vez minha mãe tinha me apanhado colocando a ponta do termômetro no aquecedor, e Szabi havia duas semanas se dera mal antes da aula de matemática porque o encostara na lâmpada e o mercúrio se aquecera tanto em um instante que explodira na ponta do termômetro, por conta disso o pai de Szabi lhe dera uma surra com a parte da fivela do cinto, de modo que aquilo estava fora de questão, mas então teríamos de inventar outra coisa.

Sabíamos que se não adoecêssemos no dia seguinte seria o nosso fim, os demais nos dariam uma surra na escola porque descobririam que o dinheiro da classe, com que teríamos de comprar o tecido da bandeira e o material para o cartaz do Primeiro de Maio, havíamos torrado sem querer na máquina do porão do teatro de marionetes, no salão de jogos, porque Feri tinha mentido que nas máquinas novas cada terceiro jogador ganhava automaticamente, eram máquinas automáticas por isso, e quando nós as experimentamos pela primeira vez chegamos de fato a

ganhar uma nota de dez, mas depois só perdemos, e no final queríamos apenas recuperar o dinheiro gasto, a terceira nota de cem nós só trocamos para recuperar o que tínhamos perdido, quase conseguimos, mas depois não acertamos o ritmo no botão luminoso e exatamente quando o apertamos ele passou do EXTRASSUPERBÔNUS para o nada, de modo que perdemos o dinheiro todo e não adiantou dizer ao funcionário do caixa que o dinheiro não era nosso, nem pedir que ele o devolvesse, ele apenas riu e disse que os jogos de azar eram assim, e se falássemos muito acabaríamos levando uns tapas, se não quiséssemos mais jogar que sumíssemos dali porque estávamos ocupando o lugar dos jogadores pagantes, e quando saímos para a avenida dos Mártires da Revolução eu e Szabi nos entreolhamos, e os dois sabíamos que estávamos numa grande enrascada, e então Szabi disse que seria melhor se fôssemos para a estação e fugíssemos em um trem de carga para Petrosény e nos empregássemos como mineiros, porque ele tinha ouvido falar que na mina crianças também podiam trabalhar, ninguém perguntava nada na apresentação para o emprego porque nas minas de carvão eles sempre precisavam de trabalhadores, mas eu lhe disse que fosse se quisesse, eu não iria porque não queria morrer de silicose, seria melhor se adoecêssemos porque, se representássemos bem, escaparíamos do Primeiro de Maio, e então Szabi disse que tudo bem, e que comer giz provocava febre, e assim nós logo experimentamos, mas a coisa não deu em nada e de nada valeu fazer xixi vermelho, não parecia sangue de jeito nenhum, o cheiro também não lembrava sangue, de modo que sabíamos que teríamos de inventar outra coisa, e então Szabi disse que seria melhor se fôssemos para a fonte e tentássemos beber muita água, o máximo que conseguíssemos, porque se bebêssemos a água gelada da fonte bem depressa, com certeza, pegaríamos uma pneumonia que exigiria pelo menos três semanas de hospital,

e, além disso, todos teriam pena de nós e com certeza não se lembrariam do dinheiro.

Na fonte não havia quase ninguém, apenas quatro pessoas se enfileiravam para encher suas jarras, enquanto isso nós subimos na base da estátua, que fora roubada, e ora Szabi fazia como se ele fosse o portador da tocha da revolução, ora eu, o importante era estender ao máximo o braço direito, como se de fato segurássemos uma tocha, não poderíamos nos mexer, o outro só poderia acertar um único pedaço de cascalho por vez na estátua, não no rosto, quem aguentasse mais ganhava, e estava bem na minha vez quando o último da fila encheu a jarra, e então Szabi enfiou a mão no cascalho e atirou uma mão cheia em mim, e disse que fôssemos logo porque a pneumonia estava à nossa espera, e eu disse muito bem, mas falei que ele fosse primeiro, porque ele tinha inventado a coisa e porque havia trapaceado no jogo da estátua, e ele disse que sabia que eu era medroso, ele iria me mostrar como se fazia.

A água saía por um grosso cano de ferro horizontal na parede abaixo da placa comemorativa, na placa estava escrito que Jánku Zsjánu, o célebre proscrito, o defensor dos pobres, ali saciara a sede quando fugia dos carrascos, e a placa dizia também que aquela era uma água curativa, mulheres grávidas e mães que amamentavam não poderiam bebê-la, de modo que quando Szabi se curvou sobre o cano para começar a beber eu pedi que ele parasse, calma aí!, ele não tinha lido a placa, mulheres grávidas não deveriam beber daquela água?, mas Szabi não achou nenhuma graça, embora em outras ocasiões ele sempre risse, chegou a pedir que eu não falasse bobagens porque era um assunto muito sério, teríamos de grudar a boca no cano de modo que não vazasse água pelos lados, não deveríamos beber de uma vez, teríamos de contar e chegar ao menos até cem, e quando a pressão no cano fosse grande a ponto de não poder ser contida, deveríamos abrir a boca

de repente, porque dessa forma a água gelada correria com uma velocidade terrível pela garganta e pela faringe e logo encheria o estômago, com isso, o corpo resfriaria, a pneumonia estaria garantida, quem fizesse a coisa benfeita desmaiaria de imediato, e não deveria ser estapeado, bastaria que o outro jogasse água fria em seu rosto porque com isso ele logo recobriria os sentidos, e eu disse está bem, que ele não falasse tanto e que começasse logo, porque deveríamos aproveitar que ninguém vinha buscar água, porque se alguém nos encontrasse com certeza não gostaria de ver que tentávamos interromper o fluxo da água com a boca, então Szabi disse que eu tinha razão e que ele iria começar, ele se abaixou diante do cano e apertou a boca contra a extremidade de modo que nem uma gota de água escorreu, e eu comecei a contar em voz alta para que ele pudesse ouvir até quando deveria conter a pressão da água, lentamente a cabeça de Szabi começou a ficar avermelhada; primeiro, como se ele se ruborizasse de vergonha, depois de repente ficou mais vermelha, eu não estava nem no cinquenta, mas ele estava cor de beterraba, depois começou a ficar azulado, fechou os olhos, apertou o cano com as duas mãos, o rosto estava inteiramente azul, eu ainda estava no noventa e cinco quando ele largou o cano e a água jorrou dele com tanta força que Szabi cambaleou para trás com a roupa encharcada, eu via que ele continuava tentando beber, engolia a água de boca bem aberta, mas pela grande pressão a água certamente tinha entrado em seu nariz, porque quando enxugou o rosto com a manga da camisa do uniforme da escola ele disse que aquilo não valia nada, era uma grande bobagem, porque não sentia absolutamente nada nos pulmões embora eles devessem estar doendo, de modo que aquela providência também não daria resultado, mas ele disse que se eu quisesse deveria também experimentar, quem sabe conseguiria, mas não deveria provocar tanta pressão no cano, bastaria beber

prendendo o nariz, o quanto aguentasse, de modo que eu disse sim e me acocorei diante do cano, prendi o nariz com uma das mãos, com a outra dirigi o jato para a boca, depois comecei a engolir a água, estava bastante fria, mas à medida que meu ar acabava eu sentia que ela ficava mais quente, e quando parei, eu a senti pegando fogo, fiquei com tanta falta de ar que também quase caí de costas, mas Szabi me agarrou e me ajudou a ficar de pé, e devagar fomos até um banco que ainda tinha assento e encosto e nos sentamos, eu estava tonto e a cabeça zumbia um pouco. Szabi disse que se sentia muito mal, mas achava que era da água, porque havíamos bebido muito, muito depressa, mas para uma infecção de garganta a água não era fria o bastante, pegaríamos quando muito uma diarreia que de nada valeria, e então senti minha barriga começando a doer, fui obrigado a apertá-la com a mão, mas quando me curvei para a frente a dor aos poucos passou, e eu então disse a Szabi que a ideia da pneumonia era uma grande estupidez, não daria em nada, se quiséssemos evitar a encrenca teríamos de inventar outra coisa, algo que desse certo, com certeza, e então Szabi disse que eu tinha razão, seria melhor se quebrássemos a perna, e eu lhe disse que ele era um idiota, porque não era possível imitar uma perna quebrada, mas a isso ele respondeu que não mesmo, mas também não queríamos imitar uma pneumonia, e se quiséssemos mesmo escapar daquela história do dinheiro não conseguiríamos nada com fingimento, tínhamos visto que o giz também de nada tinha adiantado, era melhor se fôssemos até a entrada da mata, para a obra abandonada, onde não só haviam escavado uma vala, mas colocado um cano grosso de cimento, se pulássemos sobre ele com certeza quebraríamos o tornozelo, e levaria ao menos uma semana para que pudéssemos andar com o gesso, mas então eu disse que uma fratura de perna era muito perigosa, poderia resultar em um problema sério, e Szabi começou

a rir e disse que eu era medroso, ele já tinha quebrado a perna duas vezes e uma vez havia quebrado a cabeça, e ele me garantia que não era tão ruim, apenas a colocação do gesso não era lá muito agradável, pois era muito quente, parecia queimar, mas depois poderíamos vagabundear à beça, e isso também era muito bom, debaixo do gesso poderíamos nos coçar com uma agulha de tricô, e se chovesse não teríamos de ir para a escola, poderíamos escapar durante mais meio ano da corrida na aula de ginástica com o argumento de que não deveríamos sobrecarregar a perna, e se eu não tivesse coragem ele contaria a todos que eu era muito medroso, que sentia medo de quebrar a perna, e então mandei que se calasse, eu não era medroso, e então Szabi disse está bem, depois do pulo conversaríamos, e assim fomos para a obra.

Não conseguimos andar muito depressa porque nossas barrigas ainda estavam muito cheias de água, a cada passo eu sentia a água chacoalhando na minha barriga, uma vez tivemos de parar porque Szabi teve de fazer xixi; outra vez, porque meu estômago estava tão revirado que quase vomitei, mas acabamos chegando à obra, Szabi sabia onde era possível atravessar a cerca de madeira porque já havia estado lá para procurar um cano Bergmann e para pegar cal, disse também que eu não deveria ter medo porque na casinha do guarda não morava ninguém havia muito tempo, e não foi difícil encontrarmos a vala, porque de um dos lados a terra estava amontoadada, Szabi foi na frente, fomos para o alto da montanha de terra e de lá olhamos a vala, nela havia alguns canos grossos de concreto, embora não estivessem cimentados uns nos outros, e então Szabi disse que ele sentia muito que por nossa causa os demais não pudessem participar da competição dos cartazes, a classe que fizesse o cartaz mais bonito ganharia uma estada de duas semanas em um acampamento à beira-mar, e então eu disse que também sentia porque gostaria muito de ver o mar,

mas depois olhei de novo para os canos de concreto e me ocorreu que por eles nunca correria nada, nem água, nem esgoto, pois o bloco de apartamentos jamais se ergueria ali, e então eu disse a Szabi que ele não deveria se afligir porque, de qualquer maneira, nós não ganharíamos a competição, a ganhadora seria uma classe da escola Três, porque a escola Três costumava ganhar tudo, pois era frequentada pelos filhos dos burocratas do partido, não valia a pena ele se lamentar pela nossa classe, porque não poderia acontecer de uma classe não participar da competição dos cartazes ou do desfile uma vez que estivesse inscrita, ou seja, o diretor, com certeza, arranjaria material em algum lugar e eles participariam, já que ele também não iria querer criar um problema para si, e então Szabi perguntou se eu tinha certeza e eu disse que sim, e também que agora deveríamos pular porque, se ficássemos ali de pé por muito tempo, nossa coragem nos abandonaria, e então Szabi disse muito bem, propôs que contássemos até três em voz alta e que depois do três pulássemos, e então nós dois olhamos de novo para a vala, era bem funda, de onde estávamos tinha uns quatro metros, e logo começamos os dois a contar, mas Szabi parou no dois e falou que fechássemos os olhos e recomeçássemos do começo, de modo que fechamos os olhos e recomeçamos, e então subitamente me ocorreu que se nós dois pulássemos e de fato quebrássemos a perna não conseguiríamos sair da vala, e eu quis pedir que Szabi esperasse, mas quando falei Szabi já tinha pulado, e quando abri os olhos vi que ele tinha dado um impulso tão grande que quase saltara sobre a vala, mas apesar disso o salto não fora longo o bastante, Szabi bateu o ombro na parede do outro lado, depois caiu na vala, sobre o cano de cimento, deu um grito alto, em seguida pôs as duas mãos sobre um tornozelo e ficou deitado de lado junto do cano de cimento, continuou segurando a perna, gritando meu nome e gemendo muito alto, choroso, e então eu pedi que ele

esperasse porque eu logo desceria, ele olhou para cima, com o rosto cheio de lágrimas, e me mandou à puta que o pariu, um cagão, porque eu o tinha deixado pular sozinho, mas então mandei que ele se calasse porque eu tinha visto que ele havia tentado saltar por cima da vala, não tinha pulado nela, e se eu não tivesse sido mais inteligente do que ele, não haveria quem fosse buscar socorro, mas Szabi continuou praguejando, e nisso dizia o tempo todo que o pé doía demais, e eu de novo lhe disse que ele merecia porque havia tentado me enganar e que esperasse porque eu traria uma ambulância, embora ele de fato não merecesse, e comecei a correr de volta na direção dos blocos de apartamentos, e nesse meio-tempo eu já sabia que no dia seguinte na escola eu diria que não tinha o dinheiro porque tivera de dar a metade para a equipe de socorro, para que levassem o pobre Szabi para o hospital, e a outra metade para os médicos, para que não endireitassem a fratura da perna de Szabi sem anestesia.

Fimdomundo

De nós, dos goleiros, tio Gica se ocupava separadamente, tínhamos de chegar uma hora antes dos treinos, ele nos mandava fazer principalmente exercícios de agilidade, tínhamos de saltar e de nos atirar muitas vezes, de saltar e de nos atirar, de saltar e de nos atirar, e ele tinha uma máquina de torturar goleiros, inventada por ele, feita pelos operários da fundição que, com um carro de ferro, atirava em nós bolas de futebol cheias de areia, ele mirava na nossa direção, a coisa toda estava montada sobre um eixo, girava, mandava balaços na nossa cara, Janika e eu sabíamos que se não a agarrássemos, a bola nos acertaria na cabeça e nos quebraria os ossos, nas mãos de tio Gica já haviam morrido outras crianças, diziam que por isso ele tinha virado treinador do time infantil, porque os jogadores adultos não suportaram sua mão de ferro, uma vez o apanharam e o surraram, desde então ele não treinava mais a equipe de adultos da fundição, só podia trabalhar conosco, com os de onze a doze anos.

Como naquele mês de maio estávamos para ser eliminados, tio Gica programou treinos para todos os dias, arranjou justificativas, nas primeiras quatro aulas não precisávamos ir à escola, todos sabiam que o time da fundição tinha de continuar na liga, não poderíamos cair fora, tio Gica chegou a dizer que se não ganhássemos o Áttörés ou Ruptura das Linhas Inimigas, a equipe dos militares, tudo acabaria, seria o fim, depois do jogo ele arrebentaria o tornozelo de todos com uma barra de ferro, para ele

tanto fazia, porque treinar era a vida dele, e se saíssemos da disputa, acabou, daí em diante todos iriam para a escolinha de bengala, ele mostrou a barra de ferro, bateu com ela numa prancha, a prancha de madeira se partiu, ele disse que também os nossos ossos se quebrariam assim, soltando farpas, não haveria quem os consertasse. Sabíamos que não estava mentindo, ele não tinha mais família, morava na sede do time infantil, sabíamos que falava sério, de modo que nos preparamos muito para o jogo, todos corriam muito, ninguém tinha coragem de faltar, todos temiam pela própria perna diante de tio Gica, eu também corria, o máximo que aguentava, embora soubesse que com certeza não jogaria porque eu era o goleiro reserva, Janika era o goleiro de verdade, embora fosse Testemunha de Jeová e na realidade não pudesse jogar no time da fundição, porque seu pai não deixava que ele fosse do Movimento dos Pioneiros, mas ele defendia tão bem que tio Gica falara com o camarada diretor e conseguira autorização para que ele pudesse jogar, em quase todos os jogos era ele quem defendia, porque agarrava muito melhor do que eu, mesmo que não estivesse em forma. De modo que treinamos muito duro porque tínhamos medo de tio Gica, mas sabíamos que não faria diferença, não haveria como ganhar do Áttörés, eles tinham apoio do Exército, nele só jogavam filhos de militares, as Forças Armadas lhes davam tudo, e davam tudo também para os juízes, o Áttörés era imbatível no campeonato, e nós sabíamos que não tínhamos chance e por isso sentíamos muito medo.

Janika tinha ainda mais medo que eu, na manhã do dia do jogo tio Gica tinha marcado um treino especial para nós, os goleiros, e quando estávamos indo para o treino de madrugada, Janika num dado momento parou fora do campo, apertou a mão contra a barriga, depois começou a vomitar, se eu não o segurasse talvez tivesse desmaiado, disse que só ali, ao ver o gol do campo da

fundição, só ali ele tinha se lembrado do sonho, tinha sonhado com tio Gica arrebatando seu tornozelo, eu lhe dei meu cantil, para que lavasse a boca, ele disse que no sonho tio Gica acertava seu tornozelo com a barra de ferro enquanto suas lágrimas corriam, mesmo agora ele se lembrava do rosto vermelho, brilhante, ele não queria saber, voltaria para casa, não iria para o treino porque não aguentava mais, e me falou que fosse embora também, que não ficasse lá sozinho, ele não se importava em deixar o time sem goleiro, o futebol era apenas um jogo, não valia muito. Ele enxugou a boca, devolveu meu cantil, disse, vamos antes que tio Gica nos veja.

Está bem, falei, e lembrei que de noite eu também tinha acordado — tinha ouvido um grande estrondo —, mas depois ficara deitado em silêncio, e por muito tempo não conseguira dormir, seja como for, eu disse está bem, vamos, mas aí ouvimos uma explosão, exatamente na hora em que eu pensava no meu sonho, mas não foi igual, foi muito mais baixa, e eu sabia seu significado: eram apenas dois caminhões que se aproximavam com muita velocidade do campo; de longe se via que estavam pintados de verde, as lonas também eram da cor do gramado, nós ficamos parados olhando, depois eles frearam e, bem ali, diante de nós, eles pararam, um militar desceu, se aproximou, perguntou o que estávamos fazendo lá, Janika se assustou tanto que não conseguiu responder, de modo que eu disse que estávamos indo para o treino, éramos jogadores do infantil do Martelo Vermelho, Janika era o goleiro, eu, o reserva, mas o militar não prestou atenção, está bem, ele disse, então o que estão fazendo aqui parados, caiam fora, e assim nós entramos no vestiário, mas chegamos a ver os militares descarregando toda espécie de grandes equipamentos dos caminhões.

Tio Gica já estava lá, degustando suas grossas fatias matinais de bacon, não disse nada, só apontou para o relógio e mostrou três

dedos, sabíamos que isso significava que havíamos nos atrasado três minutos e que teríamos de dar mais quinze voltas no final do treino, mas eu disse que não tínhamos culpa, tínhamos nos atrasado por causa dos militares, não minta, ou vou lhe dar tantas bofetadas que você vai deslizar em seu catarro até o gol, mas eu disse que não estava mentindo, ele deveria dar uma olhada caso não acreditasse que os militares estavam lá, com certeza tinham ido acompanhar o treino, para ver o que poderiam esperar, para saber quanto estávamos preparados para enfrentar o Áttörés. Tio Gica então largou a faca, depois embrulhou o restante do bacon e ficou de pé, está bem, disse, estava na hora de nos trocarmos, avisou que arrebentaria nossos miolos se continuássemos embromando, depois saiu e bateu a porta do vestiário.

Nós nos trocamos em silêncio, não tivemos coragem de conversar porque receávamos que tio Gica estivesse nos escutando, ele gostava de saber o que os outros falavam às suas costas, Janika estava branco como um fantasma quando finalmente saímos, e tio Gica estava nos esperando na beirada do campo, conversava com um dos oficiais, quando nos viu ele acenou, os cones já estavam no lugar, os dois pares de caneleiras de chumbo estavam preparados, elas eram feitas de couro mas podiam ser preenchidas com barras de chumbo de modo a ficarem mais pesadas — tio Gica também as havia mandado fazer —, nós as colocamos, depois começamos a correr pelo campo em ziguezague, passado um tempo tio Gica largou o oficial, veio até nós e mandou que déssemos pulos, numa das vezes Janika não foi rápido o bastante, Gica bateu com a vara na perna dele, Janika caiu, se machucou, seu nariz começou a sangrar, mas tio Gica não deixou que parasse, ele teve de continuar pulando.

Enquanto isso, os soldados continuavam lá, o tempo todo, o oficial só ficava olhando e os demais andavam em volta do campo

metidos naquelas roupas estranhas, empurravam máquinas cheias de canos e fios, nas mãos também tinham toda espécie de ferramentas esquisitas, cheias de fios e antenas, eu não sabia o que estavam fazendo, pensei que talvez quisessem transmitir o jogo pelo rádio, mas nunca tinha ouvido falar de nada parecido antes, as máquinas zumbiam e rangiam muito, embora eu não conseguisse prestar muita atenção nelas pois tinha de correr e de pular e de me atirar no chão.

Os treinos com bola, em que tínhamos de nos jogar sobre a bola de olhos vendados, de modo a adivinhar sua direção, eram os mais difíceis, uma vez eu bati na trave, tio Gica ainda me deu uma bolada na barriga e eu comecei a sentir náuseas, mas como Janika estava sempre mergulhando na direção errada, eu venci a disputa de saltos, Janika estava completamente branco, sabia o que o erro significava, significava que naquele dia eu seria o primeiro cobrador, porque treinávamos os tiros de meta com tio Gica enfileirando onze bolas, em seguida um dos goleiros se afastava três metros, o cobrador vinha correndo e tentava acertar a cabeça do outro com a bola, era proibido desviar-se dela, era preciso agarrá-la ou espalmá-la, e se não chutássemos com força suficiente tio Gica assumia as cobranças, de modo que tínhamos de cobrar os tiros de meta e era melhor ser o primeiro porque, quando chegava a vez do segundo, ele estava tão cansado que não conseguia chutar com força. Na quarta bola o nariz de Janika começou a sangrar de novo, eu não queria chutar com muita força, mas não havia o que fazer, tinha de correr quatro passadas e as bolas sempre ganhavam velocidade, no fim, Janika nem erguia mais as mãos, apenas saltava diante das bolas e caía com elas, havia um lugar em que a grama estava cheia de sangue, ele mal conseguia ficar de pé, eu via que ele não seria capaz de chutar, estava completamente sem forças, e nessa hora tio Gica se aproximou, trouxe uma toalha,

entregou-a a Janika, disse está bem, que ele limpasse o rosto, excepcionalmente faríamos um intervalo e iríamos para o vestiário, porque o camarada oficial queria conversar conosco em particular.

Janika apertou a toalha sobre o nariz, nós fomos juntos, o oficial de fato estava lá, vi no ombro dele que era coronel, meu avô havia me ensinado as patentes um dia, bem, o coronel estava sentado no banco no vestiário, fez sinal que fechássemos a porta, depois disse que nos sentássemos, perguntou em que série estávamos e se éramos bons alunos, eu tive de responder, porque o nariz de Janika continuava sangrando. O coronel pegou uma maçã e a dividiu ao meio, deu uma metade para mim, a outra para Janika, disse que estava tudo bem, éramos rapazes espertos, tinha visto como havíamos trabalhado duro e com disciplina, poderíamos nos orgulhar porque com o trabalho duro havíamos provado que merecíamos o lenço de pioneiro. Depois, perguntou se gostávamos da pátria, e nós naturalmente concordamos balançando a cabeça, até mesmo Janika, embora Janika fosse Testemunha de Jeová e as Testemunhas de Jeová não pudessem ser Pioneiros nem gostassem da pátria, em seguida o coronel perguntou se sabíamos o que era radioatividade, eu disse que não, ainda não tínhamos aulas de física, mas na disciplina de Defesa da Pátria havíamos aprendido que no caso de uma explosão atômica a gente tinha de cobrir o rosto e se enfiar debaixo da mesa, ou da cama, e depois teríamos de nos apresentar ao comando da defesa antigás para pegar equipamentos contra ataques químicos, e no livro de Defesa da Pátria eles também escreveram sobre a radioatividade, dizendo que as radiações atravessavam tudo e causavam danos aos organismos vivos, o oficial concordou, disse que ele também tinha dois filhos, da nossa idade, e por isso nos dizia uma coisa, se ousássemos contá-la a alguém acabaríamos numa instituição correcional por espalhar notícias falsas, nossos pais iriam para a cadeia, ele

perguntou se havíamos entendido e nós balançamos a cabeça, mas ele disse que queria uma resposta decente, e aí dissemos sim, entendemos, camarada coronel, e Janika tirou a toalha da frente do rosto e falou comigo de tanto que estava assustado, e aí o coronel disse que de noite havia acontecido um acidente em uma usina nuclear na União Soviética e o vento havia trazido a radioatividade para cá, na verdade o jogo havia sido proibido, mas eles não queriam que houvesse pânico, de modo que o jogo aconteceria, mas ele aconselhava que nós, os goleiros, não nos atirássemos e que evitássemos o contato com a bola porque ela absorvia a radioatividade da grama, e recomendou que nos cuidássemos, pois éramos rapazes bonitos e saudáveis, e em seguida deu um comprimido branco para cada um de nós e disse que deveríamos tomá-lo ali mesmo, era apenas iodo, não precisávamos ter medo, e só depois que os tomamos eu lembrei que uma vez havia visto um filme sobre os alemães em que eles se envenenavam com comprimidos brancos como aqueles, talvez o camarada coronel também quisesse nos envenenar porque tinha se arrependido de contar a história do acidente, vi que Janika também pensava nisso, porém não morremos, o comprimido tinha um gosto amargo, mas não de amêndoas, eu sabia que veneno tinha gosto de amêndoas. Então o coronel passou a mão na minha cabeça, disse que tudo bem, que nada acontecia, falou que nos cuidássemos, virou-se e estava para sair, mas nessa hora Janika o chamou, perguntou-lhe camarada coronel, se não vamos poder agarrar a bola nem nos atirar, como vamos poder jogar no gol?, e então o coronel virou-se de novo, olhou para nós e não disse nada, achei que ele iria gritar e nos dar uns bons tabefes, às vezes tio Gica também se calava um pouco antes de partir para cima de nós, mas o camarada coronel apenas balançou a cabeça e disse muito baixo que não sabia, de

verdade não sabia, depois baixou a cabeça e saiu sem dizer mais nenhuma palavra e nos largou lá no vestiário.

Janika deu apenas duas mordidas na metade da maçã, eu disse que se não a quisesse eu a aceitaria, e ele a entregou sem uma palavra, eu tinha acabado de engolir o último pedaço quando a porta se abriu e tio Gica entrou com uma bola na mão, parou e perguntou o que o camarada coronel queria conosco. Janika e eu nos entreolhamos, depois ele apertou a toalha no nariz e eu disse que nada, mas tio Gica se aproximou e sem uma palavra me deu uma bofetada tão grande que o restante da maçã caiu da minha mão, eu fiquei tonto, tive de me agarrar no cabide para não cair, tio Gica então disse que eu não deveria mentir porque tinha escutado todas as palavras, além disso, ele sabia de tudo sobre nós, sabia que queríamos fugir do treino, e tinha escutado muito bem a mentira que o coronel nos havia contado, percebia que tínhamos acreditado nela, como poderíamos ser tão idiotas, merecíamos que ele nos desse uma surra, que arrancasse a marteladas o restante de inteligência de nossa cabeça, deveríamos saber que os militares tinham vindo apenas porque queriam que nós perdêssemos, queriam nos assustar para que não tivéssemos coragem de defender direito, para que evitássemos o contato com a bola, e quando tio Gica disse isso ele ficou tão enfurecido que chutou um dos bancos para o alto, o cabide tombou e quase quebrou a janela, e então tio Gica se calou e sacudiu a cabeça, tínhamos de entender que o coronel havia mentido, se tivesse mesmo ocorrido um acidente naquele reator nós não estaríamos mais vivos, e além disso o partido não permitiria que o jogo acontecesse porque todos sabiam que a juventude do país era o futuro, o maior tesouro do país, e o partido jamais permitiria que esse tesouro corresse risco. Janika então se sentou em um dos bancos e tirou a toalha do nariz, a boca e o queixo eram um amontoado de sangue, e falou muito

baixo que seu papai tinha dito que o fim do mundo iria chegar, começaria com uma guerra atômica, um ataque atômico, ele sabia que o coronel não havia mentido, porque dissera “por Deus”, e os militares eram ateus, jamais poderiam falar em Deus, e se falaram era porque eles também sentiam que havia chegado o fim do mundo e nada mais fazia diferença.

Tio Gica então foi até Janika, parou diante dele, bateu a bola uma vez no chão, depois a agarrou com as duas mãos e mandou Janika se pôr de pé, mas Janika não se mexeu, apenas balançou a cabeça, tio Gica bateu a bola de novo no chão e gritou que não falaria mais uma vez, ponha-se de pé Testemunha de Jeová filho da puta, e então Janika se levantou e jogou a toalha no chão e tio Gica disse que tudo bem, ele entendia que tivéssemos nos assustado com o coronel, mas não poderíamos ser tão covardes, se Janika pedisse desculpas ele não o levaria a mal, os demais logo chegariam, tínhamos de nos preparar para a partida, mas Janika sacudiu a cabeça e disse que havia chegado o fim do mundo e ele não pediria desculpas, e aí tio Gica bateu a bola no chão de novo, depois enfiou a mão no bolso e disse que só queria ter dado aquilo para Janika antes do jogo, era uma luva de goleiro de verdade, tio Gica havia defendido com ela uma vez quando tinha jogado na seleção, e tio Gica estendeu a luva para Janika para que a pegasse, e a vestisse, ela o protegeria da radiação, e então Janika sacudiu a cabeça e gritou que não precisava dela e cuspiu na luva, vi que a saliva dele era só sangue, e então tio Gica deu um berro enorme, eu não consegui entender o que disse, e ele atirou as luvas com força no rosto de Janika, depois recuou um passo e, com o joelho, mandou a bola na boca de estômago de Janika, e então Janika se curvou, e quando a bola quicou de volta tio Gica ia rebatê-la com o joelho, mas em vez da bola ele acertou o rosto de Janika, e então eu ouvi algo rachando, Janika bateu no cabide, em seguida

escorregou e caiu, e então tio Gica se abaixou e pegou a bola, e quando olhou para mim vi que seu rosto estava vermelho e brilhava de suor, aí ele gritou está bem, é você quem vai defender, a voz dele estava muito aguda, quase incompreensível, e ele sacudiu a cabeça e depois de repente chutou a bola na minha direção, direto no meu rosto, eu pulei e estendi as duas mãos e agarrei a bola, ela bateu com força na palma das minhas mãos, minha pele ardeu, e quando caí no chão com agilidade e abracei a bola instintivamente, como tio Gica tinha ensinado, para não dar oportunidade ao atacante, vi que Janika estava estendido no chão junto do cabideiro do vestiário, e também vi que ele não se mexia e seu ouvido sangrava, senti que a bola estava um pouco grudenta, sabia que era do sangue de Janika, enquanto a segurava pensei na radioatividade, mas não senti nada, ao toque a bola parecia estar exatamente como das outras vezes, por um instante eu fechei os olhos e fiquei ali sem me mexer com a bola entre as mãos, e quando os abri tio Gica continuava parado na porta e Janika continuava deitado imóvel, e eu pensei que talvez ele não tivesse morrido, talvez tivesse desmaiado, porque se ele tivesse morrido não haveria jogo e eu não teria de defender, olhei para a luva de goleiro de couro de verdade, ali, junto de Janika, no chão, e então de repente minhas lágrimas começaram a correr, a bola caiu das minhas mãos, quicou, depois correu para um canto, mas nessa hora tio Gica não estava mais no vestiário.

Picareta

As escavadeiras chegaram no domingo de manhã, estávamos batendo bola com os outros moradores da rua, eles estavam ganhando de quatro a dois e a partida era de cinco, era quase certo que perderíamos, mas eu não estava incomodado pois queria ir para casa, porque aos domingos sempre ficava em casa, costumava esperar pelo meu pai, porque quando o levaram para o canal do Danúbio ele tinha prometido que voltaria e me levaria com ele, é verdade que minha mãe tinha dito que eu não o esperasse porque era possível que depois de oito meses de trabalhos forçados talvez eu não o reconhecesse, além disso saberíamos com antecedência caso ele viesse para casa, mas eu não acreditava completamente que ele estivesse de fato em um campo de trabalhos forçados, embora tivéssemos recebido alguns cartões-postais com imagens campestres e mensagens impressas, porém eu achava que talvez meu pai não estivesse em um campo de trabalhos forçados, mas apenas em uma instituição secreta de pesquisa, como ele tinha dito, porque eu havia lido que quando os americanos fizeram a bomba atômica em Los Alamos ninguém podia saber onde os cientistas estavam de verdade, e sabia que meu pai voltaria para casa sim, viria me buscar e me levaria com ele, me levaria para o mar, e eu sabia que ainda que ele não me reconhecesse eu o reconheceria, porque a fotografia do tempo de militar que tinha achado entre seus livros velhos sempre estava comigo, de modo

que eu queria ir para casa, mal podia esperar que tomássemos mais um gol e que o jogo terminasse.

Estávamos justamente no ataque, a bola estava com Nagyprodán, mas as escavadeiras saíram da estrada, vieram diretamente para o campinho de futebol, foram bem para o meio dele, uma delas foi na direção de Nagyprodán, quase o atropelou, Prodán mal conseguiu pular para o lado, em seguida as duas escavadeiras pararam no centro do campo, zuniram muito alto, encheram o ar de fumaça azul fedorenta, depois os dois operadores desligaram os motores ao mesmo tempo, houve um grande silêncio, nós também nos calamos, rodeamos as máquinas, que estavam pintadas de amarelo, enferrujadas em muitos lugares, apenas os dentes das garras brilhavam um pouco.

E então um dos operadores desceu da máquina e parou. Olhou para Nagyprodán, venha cá, ele disse. Prodán andou na direção dele muito devagar, antes jogou a bola para Öcsi, depois parou na frente do trabalhador, ele tinha apenas catorze anos, mas era grandalhão, quase tão alto quanto o trabalhador, havia um ano não ia mais à escola porque a mãe o obrigara a trabalhar em uma construção, parecia que não tinha medo do trabalhador, e, assim, ele parou diante dele, o que é que você quer?, perguntou.

O trabalhador caiu na risada, depois o atingiu com o punho no estômago, ele se curvou, eu arrebento, veja como fala comigo, disse, sem gritar, depois deu um passo para trás, e sorridente olhou para Prodán, que apertava a barriga com a mão, o que o senhor deseja?, perguntou, enquanto continuava a segurar a barriga. O trabalhador balançou a cabeça, vejo que você também sabe falar educadamente, disse, em seguida olhou para o outro trabalhador, ele continuava sentado no assento da escavadeira, você ouviu, Traján, ele também sabe falar educadamente, o outro trabalhador

então fez que sim, em seguida cuspiu no chão, muito bem, disse, fico feliz.

O trabalhador enfiou a mão no bolso, pegou um dinheiro, entregou-o a Prodán, vá, traga três maços de Karpáci sem filtro, disse, agora corra, você sabe para onde, para o restaurante Szarvas, ele fica aberto aos domingos. Prodán sinalizou concordando, virou-se, saiu na direção do caminho asfaltado, mas o trabalhador o chamou, espere, disse, pode ser que lá você encontre bebendo um trabalhador de cara esburacada chamado Picareta, bem, se você o vir diga que os Traján mandaram dizer que ele pode trazer a barraca, você entendeu?

Prodán assentiu, e depois partiu de novo, o trabalhador o seguiu com os olhos, depois gritou eu disse para você correr, se não estiver de volta em cinco minutos eu arrebento você, ouviu, depois ele se virou, enfiou a mão debaixo do assento da escavadeira e pegou um grande saco de papel e uma chave de fenda e correu os olhos sobre nós, cheguem mais perto, disse, não tenham medo.

Ninguém se mexeu, eu olhei para a bota do trabalhador, um dos cordões era vermelho, um cordão de bota, original, mas o outro era apenas um cordão caseiro feito de barbante, bem, ninguém se mexeu, de modo que o trabalhador abriu a boca do saco, depois o estendeu para nós, caramelos de verdade, disse, todos podem pegar.

Os demais então se aproximaram, o saco era muito grande, tinha no mínimo três quilos, vi o papel colorido dos caramelos, eram mesmo caramelos, o trabalhador estendeu de novo o saco para nós, peguem, disse, não precisam ter medo, e então Áronka deu um passo à frente, enfiou a mão no saco, em seguida tirou a mão cheia de caramelos, logo pôs um deles na boca, nem tirou o papel, mastigou com papel e tudo, obrigado, disse de boca cheia, o

trabalhador só balançou a cabeça, ofereceu o saco para os outros, vamos, disse, peguem, peguem.

Um após outro, todos enfiaram a mão no saco, todos se serviram, apenas eu não me servi, mas os caramelos não acabaram, sobraram muitos, o trabalhador então olhou para mim, o que há, perguntou, você não quer?, depois deu um passo na minha direção, segurou o saco na frente do meu rosto, não me ofenda, pegue, disse, e então eu sacudi a cabeça e disse que não podia comer doces, embora gostasse muito de balas, mas no dia anterior tinha comido tantas balas de hortelã que havia ficado completamente enjoado de doces, mas o trabalhador chacoalhou o saco, que nada, disse, você pode comer sim, em seguida enfiou a mão no saco e tirou um caramelo, estendeu-o para mim entre dois dedos e mandou que eu abrisse a boca, a mão dele era muito grande, vi os dedos cheios de óleo, quis me virar para correr, mas então senti alguém segurando meu ombro por trás, era o outro trabalhador, tinha chegado pelas minhas costas sem que eu percebesse, apertou meu ombro com força, disse que não me mexesse pois me arrebentaria, e mandou que eu abrisse a boca imediatamente, com uma das mãos segurou meu pescoço por trás, apertou minha mandíbula de lado com o polegar e o indicador para que eu abrisse a boca, sacudi a cabeça, tentei mordê-lo, mas ele segurou muito firme, depois ouvi um deles gritando não assim, prenda o nariz dele, Traján, e então eu me senti sem ar, fechei os olhos, tive vontade de gritar para que me soltassem porque meu pai os arrebentaria, mas não quis abrir a boca, senti os ouvidos zumbindo, e, em seguida, de algum modo, o caramelo foi parar na minha língua, o trabalhador tinha enfiado o caramelo com dois dedos, os dedos tinham um cheiro amargo de fumo, meu estômago se revirou, eu quis cuspir, mas eles apertaram minha boca e de novo prenderam meu nariz, nem senti o gosto do caramelo, apenas

senti que ele derretia com papel e tudo entre os meus dentes, depois eles me soltaram, caí no chão e tentei cuspir, mas não havia mais nada na minha boca, apenas o sabor amargo de fumo, senti a garganta apertada, mas nem assim eu quis chorar, gritei para eles meu pai vai matá-los, mas os trabalhadores apenas riram, depois aquele que o outro chamava de Traján disse que dariam uns bons murros na cara do meu pai e mandou que eu calasse a boca, porque senão ele a encheria de caramelos, depois olhou para os outros, está bem, rapazes, disse, vocês comeram as balas, mas é melhor que saibam que não as ganharam de graça, nada no mundo é de graça, tudo custa trabalho, e a isso o outro balançou a cabeça, verdade, disse, e quem não trabalha não deve nem comer, mas vocês já comeram, de modo que agora o trabalho os espera, e ao dizer isso ele foi até a escavadeira e tirou da parte de trás um grande embrulho de lona e o atirou à nossa frente no chão, aqui está, disse, abram, o pacote rolou diante dos nossos pés, estava amarrado com uma corda, todos deram um passo atrás, ninguém quis tocá-lo, ficamos ali parados olhando para os trabalhadores, Traján olhava apenas para mim, ele me olhava firme nos olhos, e o vi lambendo os lábios, sabia que ele logo me mandaria pegar o saco, mandaria que eu o abrisse, mas então Traján de súbito se virou, o outro trabalhador também, olharam na direção da estrada, Nagyprodán acabava de chegar, trazia os cigarros, correu na direção de Traján, entregou-lhe os cigarros e o troco, Traján guardou os dois maços e o troco, atirou o terceiro maço para o outro trabalhador, tome, Feri, envenene-se você também, disse, em seguida ele olhou de novo para Prodán, você não encontrou o de cara esburacada?, perguntou, Prodán balançou a cabeça, o trabalhador chamado Traján então cuspiu no chão, Picareta imbecil, filho da puta, disse baixo, depois olhou de novo para Prodán, muito bem, por que você está parado?, distribua as pás, chutou o pacote,

há o suficiente para todos, pois então se apressem, não temos o dia inteiro, disse.

Nisso Prodán se abaixou, abriu o pacote, nele havia pequenas pás de cabo curto, muitas, no mínimo quarenta, as pás e os cabos estavam pintados de esmalte preto, ele ergueu uma delas, olhou para o trabalhador chamado Feri, o que vocês querem?, perguntou. O trabalhador fez um gesto com a cabeça na direção da mata, nós não queremos nada, são vocês que querem, disse, sabem, lá por aquelas matas está nascendo um bairro novo, por aqui vai passar uma das tubulações do esgoto, são vocês que vão escavar uma parte da vala, assim, com um trabalho coletivo, para economizar óleo diesel para o país.

Prodán ergueu os olhos, onde, no campinho de futebol?, perguntou. O trabalhador chamado Feri cuspiu no chão, aqui, sim, disse, vamos já calcular onde vai ser.

Prodán olhou para a pá, não disse nada, depois acabou falando, mas este é o nosso campo, disse. Traján nisso se aproximou de Prodán, é claro, disse, parou diante dele, é por isso mesmo que vocês vão ajudar a cavar, vocês pediram, a escola de vocês, foi exatamente para vocês que arranjamos as pás, de modo que chega de conversa, que cada um pegue uma pá, se começarem logo vão terminar mais cedo, vocês são crianças, não precisam ganhar o pão, de modo que têm tempo. Nisso Nagyprodán deu um passo para trás, eu não estou na escola, eu trabalho no canteiro de construção, disse, hoje é domingo, o dia santo da semana, eu hoje não vou pegar nenhuma pá na mão. Traján então levantou a mão, mas não conseguiu bater porque o outro trabalhador, o que se chamava Feri, se pôs a seu lado e agarrou o braço dele, espere, disse, ele é um garoto inteligente, você não precisa bater nele, em seguida ofereceu o saco de caramelos a Prodán, você não ganhou balas, disse, pegue.

Prodán primeiro não quis pegar, mas por fim acabou enfiando a mão, vi que ele encheu a mão de caramelos, pôs o monte de balas no bolso, quase deixou cair uma, o trabalhador chamado Feri continuou lhe estendendo o saco, pegue para valer, disse, de modo que Prodán enfiou de novo a mão no saco de caramelos e de novo os pôs no bolso, e então o trabalhador chamado Feri dobrou a boca do saco, está bem, disse, mais tarde você ganha mais, agora ajude a distribuir as pás, enquanto isso Traján vai calcular onde vai ser a vala, mas Prodán não se mexeu, olhou para as escavadeiras, e de novo para o trabalhador chamado Feri, posso me sentar na escavadeira?, perguntou.

O trabalhador chamado Feri deu de ombros, está bem, se o trabalho correr bem, por mim você pode sentar, pode até ligá-la, mas agora distribua as pás direitinho, precisamos começar a tirar a terra, não tenha medo, o diretor da escola deles está sabendo, autorizou que eles trabalhassem aqui de tarde, estão todos na décima segunda série, não?, diga-lhes que enquanto estiverem trabalhando aqui eles não terão de fazer a lição de casa, você vai ver, eles ainda vão achar bom.

Prodán fez um sinal, sim, disse, pegou uma pá no chão e a entregou a Áronka, depois deu uma pá a cada um dos demais, em fila, para todos, também para mim, aqui está, Dzsátá, faça bom proveito. Para o irmão, naturalmente, não deu pá nenhuma, mas um caramelo, olhou para os trabalhadores, é meu irmão, disse, ele vai me ajudar, o trabalhador chamado Traján se irritou, mas o de nome Feri concordou, está certo, disse, vocês dois vão ser os chefes de brigada, mas se o trabalho não andar, vamos encontrar um substituto para vocês, vão ver como é bonito um trabalho coletivo voluntário como esse, como faz bem construir o país, vocês devem sentir orgulho por tomarem parte disso como crianças, se trabalharem bem, terminam tudo em uma semana, isso não é

nada, se vocês vissem o canal do Danúbio, aquilo sim é uma escavação.

Quando ele disse isso eu senti um calor intenso, pus a mão no bolso e apalpei a fotografia do meu pai, nunca havia encontrado ninguém que tivesse trabalhado no canal do Danúbio, olhei para o trabalhador chamado Traján, ele pegou uma folha de papel dobrada e a abriu, examinou-a durante algum tempo, depois pegou uma pá no chão, caminhou até o final do campo, enterrou a pá junto de uma trave, medi, gritou para o trabalhador chamado Feri, vai sair daqui, em linha reta. Então Prodán e o trabalhador chamado Feri nos puseram em fila, não precisamos ficar por ordem de altura, o importante era apenas que ficássemos em fila, não muito distantes uns dos outros, depois, quando todos haviam se levantado, o trabalhador de nome Traján deu uma pá também a Prodán, está bem, disse, você não precisa trabalhar, apenas mostre aos outros como se deve usar a ferramenta, enterre-a direito no chão.

Primeiro Prodán se recusou, vi enquanto ele segurava a pá que teria preferido atacar os trabalhadores, mas depois começou a escavar, atirou a terra para trás de si, e então os outros começaram a trabalhar, eu também, o cabo da pá era muito ruim de segurar, rachou a palma da minha mão, a terra era dura, era preciso enfiar a pá com o pé, a pá era tão curta que eu tinha de me curvar, logo as minhas costas começaram a doer, de modo que o trabalho não ia muito bem, mas não somente para mim, para os outros também, e enquanto trabalhava eu pensava o tempo todo no canal do Danúbio, em como deveria ser difícil desviar um rio inteiro e no que meu pai fazia lá, porque algumas vezes ele tinha escrito, mas nas cartas escrevia apenas que estava bem, nada mais, de modo que eu tentei pensar nele, enquanto isso minhas costas doíam cada vez mais, e a palma da mão também, mas eu não tive coragem de interromper o trabalho.

Prodán, naturalmente, já tinha parado de trabalhar havia muito, e com a pá na mão andava às nossas costas e nos mandava continuar trabalhando, uma vez chegou a bater na bunda de Áronka, mas um dos trabalhadores chamou sua atenção para que ele não fizesse mais aquilo porque lhe daria uma surra, bastava que controlasse quem não enfiava a pá com força, do resto eles cuidariam, de modo que a partir de então Prodán não incomodou mais ninguém, só passava às nossas costas e olhava como estávamos trabalhando.

Enquanto isso, os trabalhadores desceram um cobertor para junto de uma das escavadeiras, sobre a qual deitaram, o que se chamava Traján fumava, o que se chamava Feri comia alguma coisa, eu os vi numa das vezes em que olhei para trás, depois Prodán se sentou ao lado deles e apenas o irmão dele continuou passeando atrás de nós, quando olhei para trás de novo vi que eles estavam jogando cartas.

Em dado momento Áronka caiu, queria justamente enfiar a pá no chão, mas seu pé escorregou da pá e ele escorregou e caiu de lado e ficou estendido, com um dos pés na vala, como quem não queria se levantar, e então todos interromperam o trabalho e foram enxugar a testa dele, nós rodeamos Áronka e Öcsi lhe perguntou o que tinha acontecido, mas Áronka não disse nada, apenas sacudiu a cabeça.

Nisso um dos trabalhadores, o que se chamava Feri, se pôs de pé, veio até nós, olhou para Áronka, vocês são fracos, disse, no canal do Danúbio não durariam nem um dia, disse está bem, intervalo, vamos fazer quinze minutos de intervalo para vocês se recuperarem, mas apesar de tudo ele estava satisfeito conosco porque tínhamos trabalhado direito, a gente não devia ter medo, poderíamos almoçar em casa, mas de tarde todos teriam de voltar, porque o trabalho iria até o anoitecer, e ele também disse que

havia anotado o nome de todos em uma folha de papel, com os endereços, e quem não voltasse eles iriam buscar, porque ninguém poderia sabotar o trabalho coletivo.

O trabalhador então se virou e foi até a escavadeira, os demais se sentaram no chão junto de Áronka, todos descansaram, apenas Janika ficou fazendo embaixadas com a bola, tinha tanta habilidade que era capaz de mantê-la sem cair pelo tempo que quisesse. Eu também fiquei sentado no chão, olhando para a vala, a que eu tinha escavado não era nada funda, dos lados apareciam pedrinhas e as raízes brancas da grama, peguei a fotografia do meu pai e a olhei, estava suja de tanto que tinha sido manuseada, mas o rosto dele ainda era bem visível, antigamente todos diziam que eu era muito parecido com ele, uma vez fiquei me olhando durante muito tempo em um espelho de bolso com o retrato do meu pai ao lado e vi, de fato, que meu queixo e minha boca eram iguais aos dele.

Pois bem, fiquei sentado olhando a fotografia quando um dos trabalhadores parou junto de mim, pelo cadarço da bota vi que era o que se chamava Feri, ele se abaixou e tirou a fotografia da minha mão, o que você está olhando?, perguntou, depois olhou para o retrato, segurou-o bem próximo dos olhos, como quem não via bem, quem é?, seu pai?, perguntou, e eu não respondi, só concordei balançando a cabeça, e senti que do alto dela desceu um calor muito intenso, minhas orelhas também esquentaram, e eu não consegui dizer nada, nem que sim, nem que não, só balancei a cabeça, minha barriga também ficou apertada, com a sensação de que um bolo subia do meu estômago pelo meu esôfago para o meu pescoço, e quando chegou à minha garganta de repente resolvi falar, perguntei se ele não o conhecia, mas minha voz tremia muito, ele está no canal do Danúbio, os senhores também vieram de lá, não?

O trabalhador chamado Feri então pôs o indicador diante da boca, aproximou-se, psiu!, sussurrou, depois cochichou que aquilo era segredo de Estado, nisso estalou a língua e durante muito tempo não disse nada, ficou apenas olhando para a fotografia, virou-a de um lado para o outro, como se não a enxergasse direito, enquanto isso molhou os lábios várias vezes, depois sacudiu a cabeça, se endireitou e gritou para o outro trabalhador, venha cá, Traján, olhe isso, você não vai acreditar!

O trabalhador chamado Traján largou o pedaço de pão que estava mastigando sobre a almofada, levantou-se e se aproximou de nós. Quando ele chegou, o trabalhador de nome Feri lhe deu, sem dizer uma palavra, a fotografia, olhe bem, no começo você não vai notar, mas olhe com cuidado, disse. E então o trabalhador chamado Traján olhou para o retrato durante muito tempo, revirou-o também, depois balançou a cabeça, o que deveria ver?, perguntou, eu não vejo nada. Feri então molhou os lábios de novo, porque você é cego, por isso, e ele pôs o indicador sobre o rosto do meu pai, veja a boca do cara e então você vai perceber, ele só pode ser o Picareta. Traján então franziu a testa, olhou para o retrato, depois de repente sorriu, filho da mãe, é mesmo, que eu morra se não for o Picareta! Feri também começou a balançar a cabeça, arrancou o retrato da mão de Traján, é o Picareta sim, disse, veja como era jovem, veja como o rosto dele ainda está todo liso, não acreditaria se não visse, em seguida ele se calou, olhou para mim, pois sim, você é filho do Picareta, disse, e me estendeu a mão, e quando eu a apertei, com a outra ele bateu nos meus ombros, você pode se orgulhar do seu pai, disse, ele é um homem muito direito.

Ele apertou minha mão com força, mas ela não doeu, vocês o conhecem?, vocês o conhecem mesmo?, perguntei. Traján fez que sim, conhecemos sim, disse, ele logo vai estar aqui, ele vai trazer a barraca em que vamos dormir, devolveu a fotografia, aqui está,

guarde-a, disse. Ele vai vir mesmo? Vocês juram?, perguntei, e ouvi minha voz tremendo, senti também meu corpo todo tremendo, igual a quando a gente tem calafrios. E então o trabalhador chamado Feri olhou para mim de novo, o que você disse, como você se chama?, perguntou. Eu respondi, o trabalhador de nome Feri balançou a cabeça, sim, ele falou de você, claro, é verdade, Traján, você lembra, ele disse que fazia muito tempo que não o via e que iria procurá-lo, e que trazia alguma coisa para você.

Ao ouvir isso, eu de repente comecei a ficar tonto, olhei para o chão, para os meus sapatos, parecia que tudo girava, quase caí, mas o trabalhador chamado Traján me abraçou, está bem, disse, acalme-se. Mas eu continuei tremendo, me lembrei das cartas do meu pai, dos cartões-postais, e também de que minha mãe no começo esperava pela volta dele, sempre estremeia quando alguém tocava a campainha, porque sempre acreditava que tinham deixado meu pai voltar para casa, os senhores estão mentindo, eu disse, se meu pai tivesse voltado ele teria me procurado, teria voltado para nós, para minha mãe e para mim, meu pai não se chama Picareta, meu pai não é amigo dos senhores.

O trabalhador chamado Feri então me pegou pelos ombros, me virou para ele, acalme-se, disse de novo, desde quando você não vê seu pai? Disse que fazia quase nove meses, e então o trabalhador balançou a cabeça, nove meses no canal do Danúbio é muito tempo, disse, e depois perguntou se eu sabia o que era varíola, e eu disse que sabia, uma doença que já tinha sido extinta, e então o trabalhador disse sim, é claro, e se abaixou mais perto de mim e começou a cochichar de um modo que eu mal entendi o que ele falou, cochichou que ele já tinha visto pessoas morrerem de varíola, porque junto do canal aqui e ali a doença reaparecia, especialmente nos campos de reeducação, mas sobre estes ninguém podia falar, meu pai tinha pegado a doença lá e quase

havia morrido, mas, para sorte dele, por causa da doença ele havia sido libertado e assim não completaram com ele a reeducação, pois nesse caso ele não se lembraria de nada da vida de antes, e, portanto, apenas seu rosto havia se modificado pelas bolhas, mas a ponto de torná-lo irreconhecível, e por isso ele se envergonhava muito e por isso não tinha escrito e por isso não tivera coragem de nos visitar, pois tinha medo do que poderíamos dizer, ele teria de reunir coragem e forças, mas quando ele chegasse trazendo a barraca eu o veria com os próprios olhos, e depois ele disse de novo que eu não deveria ter medo, em seguida me ofereceu o saco de caramelos e disse que pegasse e não tivesse medo, eu certamente sentiria que Picareta era sangue do meu sangue, e se eu tivesse coragem suficiente tudo se ajeitaria.

Os dois trabalhadores depois se sentaram de novo sobre o cobertor, Traján bateu uma pá na outra à sua frente e gritou que o intervalo tinha acabado, haveria mais uma hora de trabalho, em seguida todos poderiam ir para casa para almoçar e, depois das duas horas, todos deveriam voltar.

Então começamos a cavar de novo, eu continuei tonto, parecia que a pá se movimentava por si mesma na minha mão, eu simplesmente jogava a terra às minhas costas, enquanto olhava para a estrada o tempo todo, mas não vinha ninguém, eu não queria ficar olhando para lá sem parar, mas não resistia, e então fechei os olhos, porque não queria ver a estrada vazia, e só os abria quando enfiava a pá na terra, mas isso também não ajudou, porque mesmo de olhos fechados eu via o rosto do meu pai, à medida que a terra se esfarelava eu pensava na varíola e não queria imaginar as bolhas, e então de repente ouvi um som de chocalho e ergui os olhos e então vi que a barraca se aproximava, dois burros a puxavam, um deles tinha um chocalho amarrado no pescoço, a barraca era bem grande, pintada de cinza, e na frente, no alto,

havia alguém sentado, envolvido em um cobertor, tocando os burros com uma vara longa, a pá caiu das minhas mãos e eu olhei para a figura, usava um barrete de mineiro com viseira na cabeça, não vi o rosto e a postura não era nada conhecida, e então a barraca se aproximou, entrou no campo de futebol, eu continuei sem ver o rosto do condutor e então saí da vala, fiquei parado na beirada esperando, senti minhas pernas tremendo e minhas mãos tremendo também, e então o homem puxou as rédeas e os burros pararam e ele saltou do assento, eu só vi as costas dele, mas os movimentos de fato eram parecidos com os do meu pai, e também a postura da cabeça, e nessa hora todos estavam olhando para mim, também os trabalhadores e os demais, e eu dei um passo na direção do condutor e aí de repente ele se virou e olhou para mim e se desfez do cobertor e eu vi o seu rosto, era todo cheio de cicatrizes de varíola, seus traços não eram visíveis porque as cicatrizes eram muito fundas e se juntavam e estavam cheias de uma pomada branca e por isso o rosto inteiro brilhava, engordurado, e quando percebeu que eu estava olhando ele sorriu para mim, eu só tive de ver os olhos e a boca, e depois disso já tive certeza de que ele não era o meu pai, não poderia ser meu pai, mas ainda assim dei um passo em sua direção e falei com ele, e disse papai!, embora soubesse que não estava diante do meu pai e que os trabalhadores tinham mentido, mas ainda assim falei, e pelo fato de ter falado, por um instante senti que talvez estivesse enganado, talvez fosse mesmo meu pai, porque ele continuou sorrindo, e com isso eu me assustei ainda mais, senti que os calafrios me derrubariam, e então todos começaram a rir à minha volta, Traján e Feri e também os Prodán, e também os demais e o trabalhador de cara esburacada, de quem eu já sabia, com certeza, que não era meu pai, à medida que a risada alta me rodeou por todos os lados eu pus a mão no bolso e peguei o retrato do meu pai

e senti que logo iria chorar, cerrei os dentes e me virei e comecei a correr na direção do meu bloco de apartamentos, continuei ouvindo que eles riam de mim e eu não sabia o que diria à minha mãe, simplesmente corri desejando não chegar em casa nunca.

Música

Eu estava sentado em um banco, atrás do nosso bloco, na colina, no alto dela, perto da estradinha, e martelava a trava do meu canivete de cabo de peixe com a metade de um tijolo, a lâmina estava completamente solta, quando a enfiava na madeira ou em outra coisa ela quase sempre se fechava, eu tinha medo de que cortasse meu dedo, de modo que tentava consertá-la, mas o tijolo não era muito duro, não adiantou bater com força na trava, não adiantou nada, a não ser para deixar a minha calça da escola e minha mão cheias de pó de tijolo.

De tarde poucos passavam pela estradinha, eu estava lá sentado havia cerca de meia hora, somente tio Miki passara na direção da fonte, eu o cumprimentei porque não tinha medo dele, embora os outros falassem sobre o que ele havia feito durante a guerra, antes de ter perdido a visão, tanto fazia, comigo ele sempre era simpático, também agora quando o cumprimentei ele parou e acenou para mim com a bengala branca, disse olá, Dzsátá, reconhecia todo mundo na mesma hora pela voz, cego, sabia melhor por onde andava que muitas outras pessoas, levava com ele uma jarra de três litros, eu sabia que ele iria para a fonte porque uma vez alguém lhe pregara uma mentira, dizendo que se tomasse três litros de água da fonte Király todos os dias ele recuperaria a visão, bem, sendo assim, além dele não encontrei mais ninguém, fiquei lá sentado martelando o canivete e pensando em como deveria ser ruim ser cego, viver em uma escuridão permanente,

enxergar apenas por meio de uma bengala, e no instante em que eu estava pensando isso alguém tapou meus olhos por trás.

Esperei que perguntasse quem era, tentei adivinhar, ele apertava meus olhos com força de modo que eu não via nada, tinha mãos bem grandes, senti de imediato também que os dedos cheiravam a fumo, não podia ser Janika, porque ele nunca fumava, nem Feri, porque ele tinha viajado por uma semana para a casa da avó, está bem, eu disse, Laci, me largue, viu?, adivinhei de cara quem era, mas as duas palmas continuaram grudadas nos meus olhos, senti que ele as apertava cada vez mais, está bem, então não é Laci, eu disse, mas não trapaceie, se você não perguntar quem é como posso reconhecê-lo?

Mas ele continuou sem falar nada e começou a puxar minha cabeça para trás devagar, de modo que meu pescoço se esticou todo, minhas costas se comprimiram contra o encosto do banco, vá à merda, eu disse, vá à merda, imbecil, não trapaceie porque eu te arrebento, mas nem com isso ele me soltou, tentei afastar a cabeça, mas ele a segurou com força, eu lhe disse que tomasse cuidado, porque tinha um canivete, e então de repente senti seu hálito no meu pescoço quando ele se curvou junto da minha orelha e cochichou sim, Dzsátá, você tem um canivete, esse é o problema, porque ele não é seu, porque você o roubou do meu irmão, e então, ao ouvir a voz dele, na mesma hora descobri que era Nagyprodán.

Eu logo disse está bem, Prodán, vou devolvê-lo, vou devolvê-lo agora mesmo, me largue, fiquei muito assustado porque Prodán era o garoto mais forte das redondezas, quando o expulsaram da escola o pai o mandou trabalhar, e no trabalho ele ficou muito forte, era capaz de surrar qualquer um, não tinha medo de ninguém, e então Prodán tirou as duas mãos dos meus olhos e agarrou meu pescoço com um braço e o puxou para trás, de um modo que eu mal conseguia respirar, enquanto isso estendeu a outra mão e tirou o

canivete de mim. Eu deveria te dar uma surra, disse, depois ele soltou meu pescoço, deu a volta no banco, parou na minha frente, estava com uma grande mochila quadrada no ombro, como uma mochila escolar, só que maior, ele a tirou, colocou-a na extremidade do banco, junto da minha mochila da escola, enquanto isso limpou o pó de tijolo do canivete na calça, veja o que você fez com ele, disse, sacudiu a cabeça, eu devia te quebrar a cara, disse, mas ele não me bateu, apenas sentou a meu lado no banco, está bem, disse, pode ser que agora eu não vá tocar em você, mas se eu souber que você mexeu com meu irmão de novo eu te arrebento, entendeu, agora só vou tomar seu dinheiro, trate de pegar todo o dinheiro que você tiver no bolso, eu não respondi, apenas balancei a cabeça, sabia que não tinha dinheiro nenhum, mas acabei colocando a mão no bolso, e, de fato, não achei nada, e então disse a Prodán que não tinha dinheiro, mas se tivesse eu o daria a ele, palavra de honra que daria, se ele esperasse um dia talvez eu pudesse arrumar algum, mas agora de verdade não tinha nada comigo, Prodán balançou a cabeça, não minta para mim, Dzsátá, disse, depois acenou com o canivete para que me levantasse do banco, mostrou onde eu deveria ficar de pé, lá, no meio da estradinha, agora vamos ver se você não tilinta, disse, mexa-se sem sair do lugar um pouquinho, disse, depois com um gesto ele mandou que eu começasse, pule, pule, mas eu de fato não tinha nenhum dinheiro, de modo que pulei tranquilo, sabia que nada tilintaria no meu bolso, Prodán provavelmente também sabia, ainda assim me fez pular durante uns dois minutos, eu fiquei todo suado, quando ele me fez parar senti que estava todo molhado, está bem, vejo que não mentiu, ele disse, você pode se sentar.

Nisso balancei a cabeça, não posso ficar, tenho de ir para casa, eu disse, mas Prodán fez um sinal, Dzsátá imbecil, eu disse para você se sentar, em seguida ele bateu no assento do banco com a

palma da mão, de modo que me sentei, mas não olhei para Prodán, fiquei olhando para os furos do meu tênis, assim fiquei à espera do que aconteceria, mas por algum tempo Prodán não disse nada, depois acabou falando, Dzsátá, é verdade que você estudou piano durante dois anos?, perguntou. Pensei que tivesse ouvido mal, mas não perguntei nada, apenas fiz que sim, me lembrei da professora de piano e da vara dela, como de tempos em tempos ela batia no meu ombro ou na minha mão se eu não os mantivesse na posição correta. Olhei para Nagyprodán, antes que completasse um ano desde que levaram meu pai, eu disse, tivemos de vender o piano porque precisávamos de dinheiro, Prodán nisso me deu um tapa nas costas, Dzsátá, imbecil, você estudou durante dois anos, ele disse, então deve saber muito, de modo que você vai me ensinar, porque dentro de um mês vai chegar o verão, os casamentos vão começar e até lá vou ter de aprender, quero muito saber tocar.

Balancei a cabeça, não é possível, eu disse, um mês não é nada, e eu também não sei mais nada, antigamente eu também só sabia "O bife" e esta eu não sabia bem, quando disse isso quase caí na risada, Nagyprodán tinha mãos terrivelmente grandes, como pás, e os punhos dele eram cheios de arranhões devido ao trabalho de empilhar tijolos e às brigas, tentei encolher a barriga para não rir muito, sua mão é muito grande para você tocar piano, eu disse, enquanto isso o canto da minha boca se curvava para cima, mas eu não queria que Prodán me desse um soco na barriga, de modo que acabei não rindo, para tocar piano você precisa no mínimo de três anos, eu disse, e então Prodán caiu na gargalhada, não brinque, Dzsátá, a gente pode aprender a andar de bicicleta em três dias, e eu não quero tocar piano, onde vou arrumar um piano, mas quero que você me ensine com isso, e com o cotovelo ele bateu na mochila preta grande que tinha posto a seu lado no banco, com essa porra de acordeão, com isso, e de novo ele bateu na mochila

com o cotovelo, depois pôs a mochila sobre os joelhos, abriu-a e tirou dela um acordeão amassado, aqui está, ele disse, meu pai gosta de mim, agora ele quer me tirar da construção e quer que eu toque música nos casamentos, porque diz que isso dá um monte de dinheiro, tocar música não é trabalho, e assim nós poderemos ficar ricos com facilidade.

Olhei para o acordeão, a vontade de rir tinha passado completamente, você deve estar feliz com certeza, eu disse, porque a construção não é lá muito boa para você, mas Prodán apenas balançou a cabeça, primeiro fiquei feliz, ele disse, você pode imaginar, mas o problema é que não ouço os sons, não ouço as diferenças de jeito nenhum, e hoje o professor disse que eu não estudei e que portanto não deveria ir mais, muito embora ele só estivesse me ensinando porque estivéssemos molhando sua mão, porque quando fui expulso da escola eles me tiraram o lenço vermelho, desde então não posso frequentar a casa dos Pioneiros, e o professor de acordeão dá aulas lá, e por isso você agora vai me ensinar no lugar dele, se você não quiser eu te arrebento, não me ensine acordes, mostre como tenho de movimentar os dedos, e como e quando devo apertar os botões para conseguir tirar os sons, isso eu consigo aprender com certeza porque tenho muita habilidade manual, eu preciso aprender, você entende, Dzsátá, eu preciso.

No fim ele estava quase gritando, não como quando me fez ficar pulando, mas diferente, não tão alto, mas muito mais assustador, eu não sabia o que dizer, só fiquei olhando para o acordeão, era bem grande, tinha um monte de teclas e botões e eu sabia que Prodán logo iria colocá-lo nas minhas mãos para que tocasse, para que tocasse uma canção, alguma coisa alegre, uma bela música de casamento, e então ele descobriria que eu não sabia e Prodán não iria acreditar que de fato não sabia, poderia pensar que fingia de

propósito porque não queria ensiná-lo, e então ele me daria uma grande surra, me bateria com luvas de boxe, eu sabia que Prodán esperava que dissesse alguma coisa, mas a minha garganta estava completamente apertada, continuei olhando para o acordeão, olhei as dobras pretas na parte flexível e as pregas das dobras, e depois eu disse é muito grande, esse acordeão é muito grande, eu disse e me surpreendi muito com o que tinha dito, um instrumento de adulto, eu disse, Prodán fez que sim, é sim, ele disse, e ele teve vontade de falar mais, porém engoliu a fala, devia ter visto alguma coisa porque de repente pôs a mão diante da boca, fez sinal para que também me calasse, embora eu não quisesse dizer nada, e acabei olhando para trás devagar pois queria ver por que Prodán tinha se calado, era tio Miki que voltava da fonte, tateava a estradinha com a bengala branca.

Prodán pegou no meu braço para que eu não me mexesse e então de súbito me ocorreu onde eu tinha visto aquele acordeão, no pescoço de tio Miki, era o acordeão que tio Miki costumava tocar na praça principal, diante da estátua do cavaleiro, com a música ele juntava no chapéu uns trocados para a cerveja, o vinho e a aguardente, fiz sinal com a cabeça na direção de tio Miki, enquanto erguia as sobrancelhas, assim eu perguntei sem palavras a Prodán se tinha razão, se o acordeão era mesmo dele, e pelo modo como Prodán balançou a cabeça logo descobri que sim, era o acordeão de tio Miki, e, então, com o movimento de Prodán, a cinta que prendia o acordeão se soltou e o acordeão se encheu de ar e tocou baixo e quando tio Miki parou e se virou, eu vi que ele estava inclinando a cabeça de lado e escutando, e nisso o acordeão quase caiu, e quando Prodán o agarrou para que não caísse o acordeão soou de novo, e então o velho veio na direção do banco e parou diante de nós, eu o quero de volta, disse, quero meu acordeão de volta, e ele estendeu a bengala branca na direção do acordeão como se

quisesse bater nele, mas Prodán agarrou a ponta da bengala e a arrancou da mão do velho, ele não é mais seu, esse acordeão, ele disse, meu pai o ganhou do senhor, o senhor não precisava ter jogado gamão com ele, disse, nisso o velho fez um gesto no ar, grande coisa ganhar de um cego, eu era obrigado a descobrir o número no dado pelo som e seu pai trapaceou como quis e você sabe disso muito bem, de modo que devolva sem reclamar meu instrumento, ele deu um passo na direção do banco, mas Prodán cutucou a barriga dele com a ponta da bengala branca, tome cuidado para não tropeçar porque pode cair e bater a cabeça e ninguém vai saber o que aconteceu, ele disse, o velho então se virou para mim, fez uma careta, Dzsátá, meu filho, você ainda está aqui?, perguntou, e eu disse que sim, infelizmente, isso eu não disse, apenas pensei, está bem, então devolva meu acordeão, disse tio Miki, mas eu naturalmente não o entreguei, disse que não podia, mas tio Miki sacudiu a cabeça, o que há, você tem medo desse Prodán de merda?, perguntou, eu não respondi, Prodán respondeu no meu lugar, tem medo sim, disse, por quê, o senhor não tem medo?, tio Miki não disse nada, só deu um passo na direção do banco, enquanto isso tirou os óculos pretos, eu não tenho medo, eu já fui soldado, ele disse, já enfrentei a morte algumas vezes.

Eu nunca tinha visto tio Miki sem os óculos pretos, não quis olhar para ele, não quis ver o que ele tinha nos olhos, mas de certa forma fui obrigado a me virar na direção deles, havia apenas dois buracos negros, mesmo as pálpebras faltavam, era como um crânio de cadáver, havia uma completa escuridão nas duas órbitas e os buracos pareciam bem fundos, Nagyprodán também olhou, a bengala branca caiu das suas mãos e ele não disse nada, e então o velho se esticou e, apalpando, procurou o acordeão e o tirou do colo de Prodán, em seguida ele pôs a jarra no chão e o acordeão nos ombros, e quando acabou de colocá-lo ele de novo pôs os

óculos sobre o nariz, Prodán conseguiu por fim falar, devolva-o, disse, senão meu pai vai te dar uma surra, mas tio Miki não respondeu nada, apenas pôs as duas mãos sobre os botões e as teclas e abriu o acordeão, à medida que o fechava e começava a tocar tive a impressão de que as mãos dele nem se mexiam, embora o acordeão tocasse muito alto, uma música animada, selvagem, senti minhas mãos se movimentando com o ritmo, e também meus pés, bati o ritmo no chão com os pés, mas de repente tio Miki fechou o acordeão e de repente se fez silêncio, o que você fez com o pobre acordeão?, perguntou a Prodán, pois não toca mais como antes.

Prodán só deu de ombros, pode ser que o senhor tenha se esquecido de como se toca, disse, ele ainda toca direito. Mas apesar de tudo o senhor vai devolvê-lo a mim, porque caso contrário eu vou contar a meu pai, e pode ser que o senhor não tenha medo de mim, mas do meu pai tem com certeza, pois dele todos sentem medo.

Vi que tio Miki balançou a cabeça, seu pai é um ninguém covarde, disse, e você também não é melhor que ele, e, além disso, para que você precisa desse instrumento, você nem sabe o que fazer com ele, não sabe tocar. Prodán ficou todo vermelho, o senhor vai me ensinar, ele disse, olhou para mim, eu pedi a Dzsátá, mas o senhor vai ser muito melhor. E então eu vou fazer as pessoas dançarem, para que se divirtam. Tio Miki balançou a cabeça, você acha que seria capaz, acha que aprenderia, de novo balançou a cabeça, vamos ver, disse, e nisso fez um sinal para que Nagyprodán se aproximasse, vamos ver se você vai ser um músico.

Prodán primeiro não se mexeu, mas então tio Miki resmungou para ele, o que houve, até para isso você é covarde, e então Prodán acabou se levantando e foi até o velho, ele por sua vez tirou o acordeão dos ombros, depois, quando Prodán chegou junto dele, o

velho estendeu a mão, agarrou seus ombros e o puxou para si, de novo lhe disse que não tivesse medo, em seguida parou atrás dele, enquanto isso lhe entregou o acordeão, disse que o pusesse nos ombros, Prodán o colocou e então tio Miki ficou bem atrás dele, pôs as duas mãos sobre as mãos de Prodán, mandou que ele se soltasse, que se descontraísse, em seguida eles puseram juntos as mãos sobre as teclas e os botões e tio Miki começou a movimentar os dedos de Prodán e então o acordeão de repente soou, de início emitindo apenas sons confusos, em seguida, devagar, formou uma espécie de melodia, primeiro eu não a reconheci, mas depois me dei conta do que era, uma marcha militar, quando eu era pequeno meu pai a cantava, mas eu não me lembrei da letra, apenas da melodia, pois eles não a tocaram com precisão, os sons de certa forma estavam deslocados, o ritmo também era diferente, a canção toda tinha ficado mais lenta, não era animada, tio Miki então se curvou sobre o ouvido de Prodán e cochichou alguma coisa, e então por um instante o acordeão quase silenciou, só manteve uma nota longamente, trêmula, e tio Miki então apoiou o queixo no ombro de Prodán, eu vi que Prodán também fechou os olhos, e então de repente eles começaram a tocar uma nova melodia, esta eu nunca tinha ouvido, uma melodia muito complicada, cheia de mudanças repentinas de acordes, soava como uma mistura de duas melodias, não pensei que um acordeão fosse capaz daquilo, eu nunca tinha ouvido nada parecido, tio Miki começou a movimentar a cabeça com o ritmo, e nisso a melodia se acelerou, vi os dedos de Prodán e de tio Miki passando pelas teclas e botões, havia momentos em que eu não sabia se os dedos eram de um ou de outro, era como se Prodán tocasse sozinho, tio Miki não o orientava mais, enquanto isso parecia que estavam dançando, mexiam o corpo todo com a batida da música, parecia saltar sem sair do lugar, os óculos pretos quase escorregaram do nariz de tio Miki, a música aumentou de volume e

então Prodán de repente abriu os olhos e seu rosto se contraiu e ele afastou os dedos das teclas e gritou alguma coisa que eu não ouvi por causa da música, mas devia ser um xingamento porque ele deu um chute para trás e também com os cotovelos tentou acertar tio Miki, mas o velho devia estar segurando-o com força, porque de algum modo Prodán não conseguiu se livrar do aperto, Prodán deu um passo para a frente tentando se virar, o acordeão ainda estava nele quando ele conseguiu por fim se libertar, mas não silenciou completamente, o acordeão continuou gemendo, mas eu agora já ouvia o que Prodán estava gritando, praguejava, xingou a mãe de tio Miki e o mandou à merda, o velho quase caiu com o movimento de Prodán, ele também gritou, disse que Prodán era covarde e que jamais aprenderia a tocar acordeão, nunca na vida, porque não tinha força de vontade, nisso Prodán pulou sobre o velho, eu te mato, seu porco de merda, gritou, e eu vi que ele estava enfiando a mão no bolso e tirando o canivete de cabo de peixe, tio Miki deve ter sentido o que iria acontecer porque tentou se afastar, se debateu para todo lado, mas Prodán enfiou a lâmina na barriga dele, e então de repente os dois gritaram, tio Miki por um instante se curvou sobre o acordeão, depois deu um passo para trás, tropeçou no jarro, e de novo quase caiu, Prodán pôs a mão na boca e eu vi que os dedos dele estavam cheios de sangue, não vi o canivete, e quando Prodán se voltou para mim eu percebi que ele estava lá, enfiado em uma dobra do acordeão, e então descobri o que tinha acontecido, a lâmina havia se fechado sobre os dedos de Prodán e cortado sua mão, e depois, quando tio Miki se curvou para a frente, ela se alojou no acordeão, e nisso tio Miki pegou o jarro e engatinhou até a estradinha, em seguida, ao chegar lá, ele se pôs de pé e sem a bengala saiu na direção dos blocos, caminhou bem depressa, quase correndo, Prodán se sentou no chão e esfregou o ferimento da mão na manga da camisa, respirava com dificuldade,

depois olhou para mim, e disse que se viesse a saber que eu tinha contado a alguém o que tinha visto ele me arrebentaria, e eu disse está bem, não vou contar a ninguém, e Prodán então tirou o acordeão dos ombros e nessa hora ele percebeu a lâmina enfiada nele, praguejou, depois a tirou e se pôs de pé, a bengala branca de tio Miki continuava junto do banco, ele se abaixou, ergueu-a, depois se sentou a meu lado, olhou na direção de tio Miki, não vou ser músico nem a pau, disse, em seguida ele quebrou a bengala ao meio sobre o joelho, e atirou os dois pedaços no chão atrás do banco.

Números

De acordo com o calendário, eu deveria ser monitor com Szabi, mas em maio Szabi havia caído em uma vala na construção e quebrara o tornozelo de maneira tão grave que tivera de ser operado três vezes, de modo que ele havia sido internado no hospital, todos os dias alguém tinha de lhe levar a lição, e assim eu virei monitor com Iza, porque depois de Szabi ela era a seguinte na ordem dos nomes.

Eu nunca tinha falado com Iza antes, ela havia entrado na nossa classe somente na quarta série, de cara se transformara na melhor aluna, nós nunca podíamos brincar com ela, por isso ninguém gostava dela, nem amigas Iza tinha, especialmente porque os professores sempre diziam que deveríamos seguir seu exemplo, embora fosse órfã ela era muito aplicada, sempre vencias as competições estudantis, quando era pequena seus pais haviam morrido em um acidente de automóvel e ela fora criada pelo tio, conhecido em toda a cidade como um animal, que chegou a ser expulso do Corpo de Bombeiros, porque, enfurecido, quase tinha estourado os miolos de uma pessoa certa vez, mas não adiantava fazer perguntas a Iza, ela nunca falava sobre o tio ou sobre as torturas a que o tio a submetia, embora as meninas dissessem que suas costas sempre estivessem cheias de hematomas, mas sobre isso Iza nunca falava nada, de modo que ultimamente nem fazíamos muitas perguntas e eu lamentava muito ser obrigado a fazer dupla com ela, porque com Szabi eu costumava brincar de

pega-pega e de atirar giz, mas sabia que deveria me sentir bem contente se ela simplesmente não contasse ao diretor que eu não fazia a limpeza direito.

Em todo início de aula os monitores tinham de ir para a frente, diante do estrado do professor, e tinham de esperar o professor para lhe comunicar quem havia faltado, e quando o sinal tocou para a segunda aula e nós estávamos lá de pé esperando que o professor de matemática chegasse, eu senti um cheiro doce, parecia um cheiro de flor, mas não exatamente, e de início não entendi o que era, mas em seguida olhei para Iza, ela acabava de ajeitar a saia, quando enfiou no cinto a camisa branca de pioneira que havia se soltado, uma faixa de sua cintura apareceu e eu vi uma mancha azulada, talvez fosse o lugar em que o elástico da meia a apertava, mas nisso eu continuei a sentir o cheiro e então me ocorreu que deveria, com certeza, ser o cheiro de uma garota crescida, porque Feri havia contado que as meninas costumavam amadurecer na sexta série, os seios ficavam maiores e o cheiro delas se modificava porque amadureciam, e o seio de Iza estava de fato bastante grande, quase do tamanho de um pêssigo pequeno, e então pensei que Iza havia crescido e eu sentia o cheiro de uma moça, e exatamente quando isso me ocorreu, tio Klidész entrou, o professor de matemática, a classe se pôs de pé e tio Klidész se dirigiu para o estrado e atirou com força a lista de presença sobre a mesa, como de costume, e em seguida olhou para nós e esperou a comunicação, e, naturalmente, era minha vez de falar, mas de certa forma não me veio nada à mente, só fiquei ali parado, como um mudo, mas por sorte Iza se adiantou e cumprimentou, e, como se deve, disse comunico para o camarada professor que o número de alunos e assim por diante, eu de certa forma não prestei atenção, mas fiquei olhando para o pescoço de Iza por trás, ela tinha cabelos pretos longos soltos, presos apenas com uma tiara, e antes eu

nunca havia notado que ela usava brincos, mas dessa vez vi que tinha duas pequenas pedras azuis nos lóbulos das orelhas, e então Iza relacionou os faltosos e encerrou a comunicação e tio Klidész concordou e disse que poderíamos nos sentar.

Enquanto voltávamos para o lugar eu de novo senti o cheiro de menina madura, porém não mais tão forte, e quando sentei e abri o caderno continuei sentindo um pouco, e de novo pensei em Iza, olhei para a frente, onde ela estava sentada, no banco dos alunos exemplares, e pensei que desde que haviam levado meu pai eu também era meio órfão, e então de repente pensei em como Iza deveria ser sem roupa, se de fato tinha hematomas e como seriam suas coxas, porque Feri um dia tinha dito que as garotas nuas eram muito interessantes, mas eu respondera que não, porque para mim todas pareciam iguais, e então Feri caiu na risada e disse que eu não sabia de nada, que era um imbecil e se via logo que eu ainda não tinha tido uma namorada, mas ele já tinha visto três garotas nuas, e uma de suas primas havia deixado que ele visse muito bem o que tinha no meio das pernas, e essa prima já estava bem peluda lá embaixo, eu continuei olhando para Iza, para sua cabeça um pouco inclinada de lado enquanto escrevia, mas não consegui imaginar como era ela no meio das pernas, o que poderia ter debaixo da calcinha, embora na conversa com Feri ele também tivesse perguntado se eu já tinha visto uma xoxota, e eu dissera que sim, é claro, como não, embora na verdade nunca tivesse visto, a não ser na ilustração que havia no livro sobre o corpo humano da sétima série que os outros costumavam mostrar por dinheiro para os menores, e quando Feri perguntou de quem era, eu lhe disse que uma vez aos oito anos de idade eu tinha ido para a piscina com meu pai e então percebera que por baixo das paredes das cabines dos vestiários era possível se passar para o lado das mulheres, um adulto normal não caberia, mas eu ainda passava, e então tinha me

escondido atrás de uma cortina no chuveiro feminino e ali havia espiado no mínimo cinquenta mulheres, e, depois, quando me arrastara de volta, quase me pegaram, mas por sorte eu estava ensaboado e assim conseguira escorregar das mãos delas, e então Feri perguntou se eu havia visto louras e ruivas, e eu disse que sim, e então ele perguntou se os pelos delas eram da cor dos cabelos, e eu disse é claro que sim, exatamente iguais, e Feri não acreditou.

E enquanto pensava nisso eu olhava para Iza o tempo todo, tio Klidész começou a explicar alguma coisa, deu um exemplo, desenhou um triângulo no quadro-negro, um triângulo de lados iguais, queria provar que a bissetriz dividia os lados em partes iguais, e o triângulo equilátero também me fez lembrar de uma xoxota porque eu sabia que uma xoxota também era triangular e que uma xoxota deveria ser desenhada exatamente como um triângulo equilátero, e então virei meu caderno com cuidado porque o triângulo estava apontando para o lado errado, e, assim, ao virar o caderno, vi que cabiam exatamente sobre o triângulo dois semicírculos que desenhei como peitos, porque Feri tinha dito que quem sabia desenhar uma xoxota também era capaz de desenhar uma mulher completamente pelada, e então também tentei desenhar os lados do corpo, a cintura mais fina no meio, mas o desenho não deu muito certo porque não ficou nada bonito, e então comecei a preencher um pouco o triângulo, e nisso continuei olhando para Iza, que copiava o que Klidész escrevia no quadro-negro, da fileira de carteiras em que eu estava os seios dela não apareciam, apenas as costas e os braços, e o rosto de lado, e enquanto eu olhava ela uma vez quase se virou para trás, com certeza senti que eu olhava para ela, e então eu pensei que ela fosse se virar para trás e olhar para mim, e eu senti que fiquei vermelho e rapidamente desviei a cabeça, senti tio Klidész chegando por trás, porque era seu costume pegar por trás os que

não estavam prestando atenção, de modo que virei meu desenho de pressa e passei a copiar a última linha do quadro-negro, como se começasse uma página nova, e quando tio Klidész chegou ele apenas abaixou minha nuca, não chegou a me dar um tapa de verdade, de modo que acreditei que tivesse escapado só com aquilo, porque tio Klidész passou pela minha carteira, mas depois ele estendeu a mão para trás, pegou a minha orelha sem olhar e a puxou com tanta força que achei que ela fosse cair, gritei de dor e nisso ouvi tio Klidész cochichando entre os dentes para que levasse meu caderno, de modo que o levei, ele por sua vez me puxou pela orelha direto para o estrado enquanto dizia que talvez eu não tivesse percebido que aquilo não era uma aula de desenho, mas de matemática, porém ele fazia que eu percebesse, não tinha com que me preocupar, e ele arrancou o caderno da minha mão e o abriu e mostrou meu desenho para a classe para que todos o vissem, enquanto dizia que eu deveria me envergonhar, e quando passou junto do estrado deu um puxão na minha orelha, quase me fazendo cair sobre o estrado, e então ouvi os outros rindo de mim, tio Klidész não soltou minha orelha, ele me levou direto para o cesto de lixo e lá me largou e chutou o cesto, os papéis, os restos de maçãs e as pontas de lápis se espalharam no chão, eu já sabia qual seria o castigo, mas depois tio Klidész disse que daí até o final da aula teria de fazer o poste, com a tabuada de dois, e isso significava que teria de ficar de pé sobre o cesto de lixo virado, até o final da aula teria de ficar sobre um pé com os braços estendidos para o alto e, mentalmente, teria de contar, calculando o dobro de dois, e em seguida duplicar o resultado, e de novo, e de novo, e no final da aula teria de obter um número de pelo menos dez algarismos, pois caso contrário tio Klidész automaticamente me daria tantas notas vermelhas quantos números me faltassem para chegar ao de dez algarismos, era muito difícil, nunca ninguém tinha

conseguido, porque até quatro mil e noventa e seis a coisa ia bem para todos, mas depois não era mais fácil guardar os números na cabeça.

Quando subi no cesto e estendi os dois braços sobre a cabeça com os dedos abertos, como se esperava, porque tio Klidész sempre dizia que o poste tinha de manter as mãos de modo que os pássaros pudessem, caso quisessem, se empoleirar nelas, vi Iza olhando para mim, porque o cesto ficava bem na frente do banco dos alunos exemplares, enquanto isso tio Klidész se apoiou no estrado e continuou explicando em que situações chamaríamos dois triângulos de semelhantes e que a semelhança não era igualdade, eu tentei contar, cheguei a multiplicar por dois o quatro mil e noventa e seis, mas continuei olhando para Iza o tempo todo, ela estava com uma meia marrom grossa e sapatos pretos de laço, enquanto eu olhava para ela senti calor, minhas costas começaram a coçar, a camisa também apertou meu pescoço, embora o lenço vermelho não estivesse nem um pouco apertado, tentei multiplicar por dois o trinta e dois mil setecentos e sessenta e oito, Iza escrevia com muito capricho, vi como suas letras eram bonitas e arrumadas, ela estava sentada sozinha na carteira dos alunos exemplares e então vi que a página estava cheia, quando ela a virou do outro lado a margem ainda não estava traçada, de modo que ela pegou com cuidado a régua, colocou-a sobre a página, como se devia, a quatro quadradinhos da beirada, e, antes de traçar a margem, ela ergueu os olhos diretamente na minha direção, e quando sorriu para mim eu perdi a conta, não sabia mais quanto eram duzentos e sessenta e dois mil e senti que fiquei vermelho, e então Iza traçou a margem, a régua escorregou, de modo que a ponta do lápis saiu completamente da página e eu vi que Iza também se ruborizou e curvou a cabeça, e, de pé, com as mãos erguidas, me ocorreu de repente que talvez eu estivesse

apaixonado, e então quase caí do cesto e depressa voltei ao trinta e cinco mil quinhentos e trinta, e procurei de novo começar por ele, mas meu braço também doía, era difícil mantê-lo esticado, e eu não sabia quanto tempo faltava para terminar a aula, tentei não olhar para Iza, e sim para os outros, de modo que pudesse ao mesmo tempo pensar na multiplicação, mas de algum modo voltei a olhar para Iza, desejaria saber se estava de fato apaixonado porque nunca estivera apaixonado antes, e Iza estendeu para a frente uma das pernas e então vi que a saia azul da escola correu um pouco para cima e o joelho de Iza apareceu, bem como um palmo da coxa, e aí de novo me ocorreu o que Feri tinha falado sobre as xoxotas, uma vez ele havia visto uma mulher negra nua e seus pelos eram completamente brancos, como, digamos, quando ficamos grisalhos, nisso eu não acreditei, e então Iza olhou para mim de novo, dessa vez sem sorrir, só me olhou, e fiquei envergonhado pelas coisas em que estava pensando e tentei contar de novo, mas meus braços e ombros começaram a doer de verdade, e também senti fome, me lembrei do meu lanche, o pão com geleia de pêssego, tio Klidész continuava explicando os triângulos, e de novo perdi a conta, o último número de que me lembrava com certeza era o cento e trinta mil e setenta e dois, queria muito abaixar os braços, vi que os rapazes já estavam bem inquietos, por isso eu sabia que logo estaria livre, sabia que não precisaria aguentar muito mais, agora já vou aguentar, como Filimon Szürbú, que durante toda a greve tocou a sirene, e, no final, quando a linha de fogo dos imperialistas o atingiu com as últimas forças ele se amarrou com o lenço na sirene, para que mesmo com o corpo sem vida ela continuasse a incitar os amados camaradas à greve, eu infelizmente não tinha um lenço, nem teria onde amarrar meu pulso, de modo que continuei firme e tentei contar, mas a coisa não funcionou mais, e então a certa altura tio Klidész olhou

para mim e disse que o sinal logo iria tocar, de modo que era hora de verificar em que resultara a inspiração divina para o santo doméstico, porque ele via que as cegonhas não tinham se aninhado nas minhas mãos, mas apesar disso dentro da minha cabeça ainda poderiam ter ocorrido milagres, mandou que eu não olhasse com ar de tolo pois ele chutaria o cesto que estava debaixo de mim, mas que dissesse o número ao qual havia chegado direitinho, porém os meus braços doíam tanto que mesmo do final do sessenta e cinco mil e alguma coisa eu não lembrava mais, de modo que não disse nada, mas pelo canto do olho vi que Iza estava olhando para mim de novo e vi que ela soprava alguma coisa, consegui ler nos lábios dela, um bilhão, setenta e três milhões setecentos e quarenta mil oitocentos e vinte e quatro, mas pelo fato de ela soprar fiquei tão vermelho que não consegui dizê-lo, embora tivesse de fato lido o número todo nos lábios dela, só continuei de pé com os braços esticados sobre o cesto virado, senti a pele do meu rosto todo em brasa, e não disse nada, e então tio Klidész disse está bem, ele havia me dado uma oportunidade, mas se era não, então não, e ao dizer isso ele sorriu e chutou o cesto debaixo de mim e o sinal tocou.

Levei um tombo bem grande, para o lado e para trás, bati principalmente minha bunda e meu cotovelo, meu uniforme ficou cheio de lixo e no chão o sinal parecia bem mais alto. Tio Klidész olhou para mim, disse que eu era um belo de um monitor, em seguida enfiou o diário debaixo do braço e saiu da sala, mas antes disse também que para a aula seguinte eu deveria me preparar para uma prova oral, porém isso naquela hora não me interessou porque vi que Iza de novo estava olhando para mim sorridente.

Era hora do recreio, de modo que todos saíram bem depressa da sala, Feri se aproximou e disse que se eu quisesse poderíamos ficar na sala para jogar moedas, mas eu disse que não tinha dinheiro, e

ele disse que não era um problema pois se eu quisesse poderia lhe vender meu lanche por vinte e cinco e com esse dinheiro poderíamos jogar, mas eu disse não porque estava com fome, de modo que ele também saiu, e então só restamos nós na sala de aula, eu e Iza.

Iza abriu as janelas, enquanto isso pus o cesto de lixo no lugar, mas minha calça ainda estava cheia de pontas de lápis, tentei tirá-las, Iza então se aproximou e disse que tomasse cuidado porque atrás também havia muitas, pediu que me virasse e então começou a bater nas minhas costas e nisso senti que fiquei vermelho de novo, disse que estava bem assim, que ela poderia deixar, e me afastei, mas mesmo através do casaco do uniforme senti como eram quentes as mãos dela e pensei que estava apaixonado em vão pois não teria coragem de pegar na mão dela, e então lhe disse obrigado por ter me soprado a resposta, mas ela olhou para mim como quem não entendia o que eu falava, ela disse nada disso, ela nunca havia soprado nada para ninguém, mas eu disse que a tinha visto me soprando o um bilhão setenta e três milhões setecentos e quarenta mil oitocentos e vinte e dois, Iza então de novo balançou a cabeça e disse que não era verdade, eu disse que sim, e ela de novo disse que não, depois ela deu meia-volta e foi até o cabide para buscar a vassoura e a pá, e quando se virou eu vi que uma de suas orelhas tinha ficado vermelha, e então propus que comêssemos antes de fazer a limpeza, mas então Iza disse que não estava com fome, eu poderia comer se quisesse, de modo que fui para o meu lugar e peguei meu pão com geleia de pêssego e o desembulhei do guardanapo, mas antes de dar uma mordida me ocorreu que nunca tinha visto Iza lanchando, e então pensei que certamente seu tio a fazia passar fome e olhei para o meu pão, ele era bem grande, eu poderia dar a metade para ela, Iza nisso começou a varrer o lixo espalhado diante do quadro-negro, eu me

levantei e fui até o estrado e quis perguntar se ela gostava de pão com geleia de pêsego. Iza se agachou, recolheu o lixo com a pequena vassoura e a pá, e a saia dela subiu até seus joelhos, por um instante pensei ter visto sua calcinha, e então senti minha boca seca e pensei que deveria lhe dar o pão inteiro, depois logo me ocorreu que era bobagem, mas ainda assim dei um passo na direção de Iza e lhe estendi o pão dizendo que era de geleia de pêsego, mas Iza disse apenas que deveria tomar cuidado pois com um dos pés havia sem querer pisado em um montinho de lixo que ela havia juntado, fiquei de pé parado porque continuava sem saber se tinha de fato visto a calcinha de Iza, e ela se curvou para a frente, tentando tirar o montinho de lixo de baixo do meu pé antes que o pisoteasse inteiro, nisso ela disse de novo que deveria tomar cuidado, e quando ela estendeu a vassoura eu de repente senti de novo o cheiro de menina madura, e então pensei que deveria lhe dizer que a achava bonita, não, não isso, mas que eu gostava dela, e de novo senti que fiquei vermelho, não disse nada e, então, quando Iza puxava a vassoura na sua direção, um de seus sapatos escorregou e ela quase caiu, enquanto tentava se equilibrar o peito dela se inclinou para trás e os dois joelhos se ergueram, a saia dela escorregou completamente para cima e então eu, de fato, vi o meio das suas pernas, em uma das coxas a meia estava completamente desfiada e eu vi claramente que na sua pele havia hematomas alongados em zigue-zague e vi também a calcinha através da meia, em formato de trapézio branco no meio das pernas, e então eu a ouvi dizendo seu porco, e então descobri que ela tinha percebido que estava olhando, e nisso vi também que ela tentou fechar as pernas, mas com o movimento ela na verdade perdeu o equilíbrio e caiu para trás, eu dei um passo para a frente para segurá-la, mas enquanto Iza se debatia acabou arrancando o pão com geleia da minha mão e com uma das pernas deu um chute no meu tornozelo,

eu senti que iria cair, durante a queda continuei vendo sua calcinha na minha frente, e ao cair sobre Iza com as mãos estendidas à frente senti minha mão se desgarrando, depois só senti a calcinha dela, lá, sob a palma da minha mão e a xoxota, como era macia, como era quente, e então Iza deu um berro muito, muito alto, gritou bem dentro do meu ouvido e meu corpo estremeceu com o grito, e eu senti, mais forte que tudo, o cheiro intenso de menina madura, vi meu pão saboroso se partindo em dois pedaços, com o lado com geleia virado para baixo no pó, mas não me incomodei porque continuei segurando a xoxota de Iza, e eu sabia que nunca mais iria largá-la.

Válvula

O sinal já havia tocado fazia dois minutos mas Punho de Ferro de propósito fez de conta que não o tinha escutado, continuou desenhando no quadro-negro as cadeias de montanhas, aquilo era sacanagem porque para a aula seguinte o monitor tinha de apagar o quadro-negro se não quisesse que a professora de física lhe desse uns tapas, por isso sabíamos que teríamos de ficar na sala de aula no intervalo quando Punho de Ferro saísse para que pudéssemos copiar o mapa porque no livro da matéria as cadeias figuravam com os nomes antigos que não poderiam ser nem pronunciados desde que, havia dois anos, no aniversário do secretário-geral, as cadeias foram renomeadas em memória dos heróis, para qualquer outro avisaríamos que o sinal tinha tocado, mas Punho de Ferro ninguém tinha coragem de avisar, porque ninguém desejava ter o nariz quebrado, como Szövérfi quando se meteu na dobra de placa tectônica, e quando Punho de Ferro finalmente largou o giz e enfiou o diário debaixo do braço, só restavam sete minutos de intervalo, quando Punho de Ferro chegou à porta ele parou, e sem olhar para trás disse Dzsátá, venha comigo.

Fiquei muito assustado porque ele nunca havia me chamado pelo apelido, por conta disso eu sabia que ele de algum modo havia descoberto que duas semanas antes eu roubara a válvula da roda dianteira da sua motocicleta, porque eu estava furioso com ele, pois quando se revelou oficialmente que meu pai tinha sido levado ele me excluiu do time do Defensores da Pátria, ou seja, fiquei muito

assustado e olhei para Feri, com quem eu tinha feito a coisa, Feri ficou tão pálido que pensei que ele logo iria desmaiar, também senti meu rosto muito frio e, ao me levantar, tive medo de não conseguir largar a extremidade do banco, mas depois acabei largando, vi minhas botas dando passadas no piso e depois no cimento do corredor, vi que um dos cadarços estava meio desfeito e que a ponta sempre se enfiava debaixo da sola, como se eu não sentisse minha perna.

Punho de Ferro não tinha pressa, andava confortavelmente, e quando não virou na direção da escada que dava na sala dos professores eu sabia que iríamos para o laboratório, e senti a garganta muito apertada, se naquela hora ele me perguntasse alguma coisa eu com certeza não conseguiria falar, de modo que procurei respirar profundamente para me acalmar, e quando chegamos ao laboratório eu quase não estava tremendo, minha boca continuava muito seca, mas já conseguia engolir, depois, quando ele abriu a porta e fez sinal para que fosse na frente, eu de novo me assustei, porque sabia que ele costumava começar a surra nessa hora, para que pudesse acertar a gente com o punho na cabeça por trás, Szabi tinha urinado sangue durante quatro dias depois de ter sido levado ao laboratório, de modo que quando passei pela porta esperei pelos golpes, pensei que se na hora dos golpes eu me atirasse para a frente talvez tirasse um pouco de sua força, e se fingisse que doía muito quem sabe escapasse apenas com alguns chutes, mas nada aconteceu. Quando atravessei a soleira da porta, não parei, segui adiante, direto para a janela, eu já estava no meio do laboratório e como ele não tinha me batido fiquei ainda mais assustado, porque não sabia o que iria acontecer, e quando Punho de Ferro por fim falou, ele disse que eu não precisava ter medo, ele não iria arrebentar meus rins, falou de modo estranho, e quando olhei para ele vi que era porque ele

estava com um cigarro no canto da boca, acabava de guardar o isqueiro, olhou nos meus olhos, depois soprou a fumaça fedorenta na minha cara, mas nem assim tossi, depois ele apontou para uma cadeira e fez um gesto para que me sentasse.

Enquanto me aproximava da cadeira olhei para seu rosto, o bigode estava aparado bem curto, mas era bem visível, todo o resto do rosto estava muito bem barbeado, ele esperou que eu me sentasse, depois se aproximou devagar, parou diante da cadeira, apoiou-se em um dos armários de porta de vidro, atrás dele se viam bem os modelos artificiais do coração e dos órgãos internos, nós ainda não os tínhamos estudado, o corpo humano era matéria da sétima, e então Punho de Ferro disse que eu não precisava mentir, podia ser sincero com ele.

Eu acenei com a cabeça, mas não disse nada, o importante é que enquanto não nos fazem perguntas não devemos dizer nada porque isso só cria problemas, esperei que ele fizesse uma pergunta, mas Punho de Ferro não disse uma palavra, só ficou fumando o cigarro, ao menos não soltou mais a fumaça em cima de mim, por fim falou, perguntou se de fato gostava das competições patrióticas, porque ele ainda se lembrava bem de como eu havia ficado revoltado quando me tirara do time, eu apenas fiz sinal com a cabeça, não sabia qual era a resposta correta, se dissesse que sim ele me esbofetearia por isso, se dissesse que não ele me esbofetearia também, mas eu tinha de responder, pois sabia que se não respondesse também levaria um bofetão, então acabei falando que de fato gostava de atirar, meu pai tinha me ensinado a usar a espingarda de pressão quando eu era pequeno, ele havia me levado ao clube de tiro muitas vezes e lá, juntos, acertávamos tudo, uma vez eu tinha acertado a chama de uma vela, mas não disse nada a Punho de Ferro, contei apenas que gostava de atirar, e ele concordou balançando a cabeça e disse que se via que eu segurava

a espingarda corretamente, eu era um talento nato, ele sentia muito ter sido obrigado a me excluir da equipe, mas ele não tivera outra escolha, o camarada diretor tinha dito a ele que eu não poderia ser escalado pelo que havia acontecido a meu pai, eu também não era confiável do ponto de vista político, porque o que se ensinava nas competições patrióticas era segredo de Estado, era melhor também para mim que não soubesse dessas coisas, porque poderiam me trazer problemas, nisso ele de fato estava com razão, uma vez eu quase me metera numa grande encrenca pelo que tínhamos aprendido sobre a radioatividade, seja como for, eu ficara bravo com ele porque tinha me excluído da equipe, mas eu sabia que aquelas perguntas serviam apenas para me amolecer, na verdade ele queria que confessasse que havia tirado a válvula da roda de sua moto, de modo que continuei sem dizer nada, não olhei em seus olhos, fiquei examinando os modelos atrás dele, os da sétima contavam que os órgãos sexuais da mulher também existiam dessa forma, artificiais, e pareciam exatamente com os de verdade, mas eu não os vi em lugar nenhum, com certeza, estavam trancados no armário de baixo, bem, fiquei olhando para os modelos e não disse nada, Punho de Ferro tragou o cigarro em silêncio, eu não sabia o que ele tramava, então fui ficando cada vez mais aflito, nessa hora ouvi o sinal, e eu sabia que a aula de física iria começar, quis ficar de pé, mas Punho de Ferro mandou que eu não me mexesse porque ele havia pedido minha dispensa da aula seguinte, e então fiquei assustado para valer porque ele nunca tinha feito nada parecido, com certeza fiquei muito pálido, porque Punho de Ferro de repente perguntou o que estava acontecendo, por que eu estava tão apavorado, e eu disse que não estava nem um pouco, mas então Punho de Ferro sorriu e disse que apesar de tudo meu rosto estava bastante branco, embora eu realmente não devesse ter medo dele porque ele não costumava fazer mal a

ninguém, a mim também não queria fazer nenhum mal, só desejava me pedir um pequeno favor, mas se eu falasse daquilo com alguém, fosse quem fosse, eu teria de fato razão para ter medo, porque não sobreviveria, acabaria como o meu pai, e então quase falei, quis dizer que não era verdade, meu pai não tinha morrido, se tivesse eu saberia, mas acabei não dizendo nada, e então Punho de Ferro disse que Horáciú, o rapaz que tinha entrado no meu lugar no Defensores da Pátria, estava no hospital porque tinha caído da escada e quebrado o nariz, e hoje era o dia da decisão da cidade e ele precisava de alguém para substituí-lo, de alguém em quem pudesse confiar, por isso tinha pensado em mim, porém ele não disse que era porque eu era o melhor atirador da escola mas porque eu era o mais parecido com Horáciú, participaríamos da competição na escola número 16 como se eu fosse Horáciú, mas ele disse de novo que eu não poderia falar sobre aquilo com ninguém, e não perguntou se eu queria ou se concordava, mas falou, como quem tinha certeza, que seria assim, eu teria de fazer o que ele quisesse e disse que a decisão da cidade já tinha acontecido em corrida, corrida de obstáculos, leitura de mapas, política e história militar, faltava apenas o tiro, os demais tinham atuado bastante bem, mas nesse ano a competição estava muito dura porque só havia uma chance matemática de seguirmos adiante, eu teria de fazer cento e dezessete dos cento e vinte pontos, mas eles também, no máximo dois outros atiravam melhor que eu, isso era verdade, digamos que com as espingardas tchecas velhas isso seria impossível de qualquer maneira, especialmente com a necessidade de se economizar munição, cada um só teria três tentativas, mas, bem, a chance matemática existia, e então eu disse que isso significava que se atirasse sem errar, se fizesse cento e vinte pontos, a equipe certamente seguiria adiante, e Punho de Ferro assentiu, e de novo ele me soprou na cara a fumaça do

cigarro e disse que só lhe faltava que eu atirasse sem errar, como poderia me ocorrer tal imbecilidade, ficou verdadeiramente nervoso, vi que seu bigode tremia, dava tragadas curtas, mas perguntei o que houve, ele não acreditava que eu fosse capaz, não se lembrava de como eu atirava bem, eu sabia para valer como uma espingarda deveria ser sentida, como tinha de me fundir com a arma no momento preciso de apertar o gatilho, eu sabia, sim, como raciocinavam os mestres atiradores porque meu pai havia me ensinado, e caso ele não acreditasse bastava que me levasse para a competição e ele veria o lugar dos furos no alvo, se quisesse seria capaz de conseguir cento e vinte pontos se fosse necessário, e até mesmo cento e trinta, porque tinha habilidade manual suficiente para trocar das três munições de teste ao menos uma, se fosse preciso poderia atirar também com esta e assim eu arranjaría uma bala adicional e dessa maneira seria capaz de fazer cento e trinta pontos se quisesse, pois ninguém perceberia que não tinha atirado doze vezes, mas sim treze, e quando eu disse isso levei uma bofetada tão grande que quase caí da cadeira, Punho de Ferro me bateu tão de repente que o movimento fez que o cigarro caísse de sua mão, eu tive de me agarrar ao encosto da cadeira, vi que o cigarro tinha caído no tapete e continuava queimando, fiquei tonto com a força do golpe, mas por sorte eu tinha minha boca aberta, pois estava no meio da frase, e por isso não morde a língua nem machuquei os dentes, e então Punho de Ferro disse que deveria me envergonhar, como havia tido coragem de falar assim com ele, era bom que não esquecesse quem mandava ali, depois pediu o cigarro de volta, enquanto ele falava eu observava o cigarro fumarento no tapete, me ajoelhei e peguei o cigarro e quando o devolvi para Punho de Ferro pensei que deveria enfiar o lado em brasa na cara dele, porque ele merecia, já que ele era um animal, sabia que logo me obrigaria a pedir desculpas, mas decidi que não pediria se não

fosse preciso, não pediria, e então Punho de Ferro pegou o cigarro e o pôs na boca e deu uma grande tragada, mas dessa vez não soprou a fumaça em mim, mas para cima, depois, quando falou, disse que eu deveria entender que a disputa era para ser perdida, pois a equipe da nossa escola não deveria seguir adiante, coisa que eu não podia mesmo contar a ninguém, nem eu deveria saber daquilo, pelo fato de me ter contado ele havia enfiado o próprio pescoço na corda, ao dizer isso ele cutucou o pescoço com a mão que segurava o cigarro, de modo que quase jogou a cinza sobre si mesmo, em seguida disse que tanto fazia porque a corda estava também no meu pescoço, eu não deveria saber de nada sobre aquilo, mas deveria botar na cabeça que não poderia fazer mais que setenta pontos pois se o fizesse arriscaria o futuro da minha escola, porque na decisão da cidade era a escola 3, e não a nossa, que deveria seguir adiante, de modo que eu precisava prometer que faria o que ele mandava, marcaria sessenta pontos, ou, no máximo, setenta e cinco, e pronto.

Enquanto ele falava eu olhava nos seus olhos o tempo todo, mas no final ele não estava mais olhando para mim, nem eu para ele, mas de novo para os modelos artificiais, atrás dos vidros, do alto do coração saíam dois tubos grossos, um deles pintado de azul e o outro de vermelho, e quando Punho de Ferro se calou olhei para ele de novo, direto em seus olhos, e ele me pediu que eu promettesse, rápido, porque tínhamos de sair para não chegarmos atrasados à competição, e então me agarrei com uma das mãos ao encosto da cadeira e disse que não, não ia prometer, não ia prometer também porque não era isso que meu pai me havia ensinado, porque esporte era coisa honesta, não podia haver trapaça, todos deveriam começar com chances iguais, e tudo dependeria do desempenho de cada um, a mim não interessava, ele podia me levar para a competição, mas eu atiraria o melhor

possível, faria o máximo de que fosse capaz, e enquanto falava fui ficando muito assustado com minha própria voz, era quase como se não fosse eu que estivesse falando, minha mão, com a qual me agarrava ao encosto da cadeira, ficou dolorida de tanto que o apertei, eu sabia que logo viriam os bofetões, procurei deixar a boca aberta, mas percebi que cerrava os dentes com tanta força que sentia pontadas nas têmporas, eu sabia que era o fim, Punho de Ferro me arrebentaria, mas ainda assim não tinha conseguido me calar, eu havia tentado engolir as palavras em vão, mas nem assim conseguira deixar de falar, porém Punho de Ferro não me bateu, apagou o cigarro, em seguida pôs o dedo indicador diante da boca, fez psiu!, mas não foi por isso que me calei, mas por ver que ele estava enfiando a outra mão no bolso, eu sabia que ele iria tirar o soco-inglês e seria meu fim, eu devia me dar por satisfeito se apenas fosse parar no hospital, enquanto isso Punho de Ferro tirou a mão, sem o soco-inglês, mas ele tinha alguma coisa na mão, eu não conseguia ver o que era, em seguida estendeu o punho para mim, usava um belo anel de ouro, vi meu rosto refletido nele, e então ele perguntou se eu era capaz de adivinhar o que ele tinha na mão, mas eu estava tão assustado que ainda que fosse capaz de adivinhar não teria tido coragem de falar e só sinalizei que não com a cabeça, e de novo olhei para o coração, atrás do vidro, e de certa forma me ocorreu que pelo tubo azul saía do coração o sangue frio, e pelo tubo vermelho o sangue quente, mas quando pensei nisso na mesma hora soube também que era bobagem, e então Punho de Ferro disse está bem, via que eu tinha desistido, eu não precisava mais forçar o cérebro porque acabaria tendo febre, ele abriu a mão e eu imediatamente vi que ele estava com a válvula da roda da motocicleta na palma da mão, ele a manteve estendida debaixo do meu nariz, e assim que a vi percebi que empalidecia, senti um sangue gelado percorrendo meu corpo, era tão frio que minha pele

ficaria azulada, senti também que meu coração ia parar de tanto nervosismo, e então Punho de Ferro disse que sim, ele sabia sobre a brincadeira, porque Feri lhe havia contado tudo, porque ele era mais inteligente que eu e no dia seguinte tinha se dado conta de que seria melhor confessar tudo para Punho de Ferro, porque assim ele talvez escapasse, porque era inteligente o bastante para reconhecer que se Punho de Ferro descobrisse por conta própria quem eram os responsáveis por ele ter tido de empurrar a moto montanha acima, onde morava, a vida deles certamente acabaria, e então eu pensei em Feri, de que era por isso que ele estava mortalmente pálido, e enquanto Punho de Ferro falava ele segurava a válvula na frente do meu nariz o tempo todo, e à medida que sua mão se movimentava eu via que na válvula também se mexia a bolinha dela, quase do tamanho da bala de uma espingarda de pressão, depois Punho de Ferro guardou a válvula de novo e me deu as costas, fez como quem olhava pela janela e disse que eu sabia que minha atitude não era apenas uma brincadeira de estudante mas um ato de sabotagem, uma sabotagem contra o Estado, e se quisesse ele não só me expulsaria da escola, mas me mandaria para uma instituição correcional, só não seria para a cadeia porque eu não tinha mais de catorze anos, mas não deveria me preocupar pois minha mãe tinha mais de catorze, de modo que poderia ficar tranquilo, ela iria para uma cadeia de verdade e eu não a veria nunca mais, e então senti que logo ia começar a chorar, mas eu não queria chorar, disse apenas em voz muito baixa está bem, concordo, faria o número de pontos que ele queria, se fosse preciso faria sessenta, e, se fosse preciso, quarenta, faria o que ele quisesse, em seguida me levantei e disse vamos, vamos acabar com isso, e Punho de Ferro me deu um tapa nas costas e disse que era assim que se falava, e então saímos do laboratório, percorremos o corredor, depois descemos a escada e saímos pelo

portão dos professores, o bedel bateu os calcanhares e fez uma continência enquanto abria a porta, mas Punho de Ferro não retribuiu o cumprimento e eu mal toquei a palma da mão na minha têmpora.

O camarada diretor emprestou o carro para Punho de Ferro, então saímos com ele e Punho de Ferro me deixou sentar na frente, eu nunca tinha sentado na frente antes, mas dessa vez não pude apreciar nada porque pensava em Feri o tempo todo, Punho de Ferro fumou durante o caminho inteiro e não disse nada. A escola 16, que organizava a competição esportiva da cidade, não ficava longe, chegamos logo, e antes de descer Punho de Ferro mostrou a válvula mais uma vez, eu apenas fiz que sim, não disse nada nem nessa hora, e então nós entramos na escola, o pátio estava todo enfeitado com ramos de pinheiro, e em grandes painéis de lona havia toda espécie de dizeres, sobre as Forças Armadas, sobre a juventude, sobre o secretário-geral do partido e sobre a paz, e nós chegamos bem na hora porque a comandante dos Pioneiros da escola justo naquela hora agradecia aos visitantes, fez um discurso breve, eu não prestei muita atenção nele porque examinava os estandes de tiro, pelas almofadas expostas parecia que teríamos de atirar deitados, mas os alvos ainda não estavam colocados, de maneira que não pude calcular a distância, enquanto isso a comandante dos Pioneiros ainda falou alguma coisa sobre a solidariedade e a paz, depois o discurso terminou e todos bateram continência, em seguida cantamos o hino, não apenas a primeira e a última estrofe, mas o hino inteiro, as estrofes do meio eu não conhecia direito, tratava de uns arados, e, também, acho, de uns sabres, mas depois isso também terminou e o diretor da escola desejou muito sucesso a todos, e então a competição começou para valer, primeiro sortearam as armas, todos tiveram de tirar um número de uma máscara de gás, e aí ficamos sabendo com que

arma e em que turno atirávamos, eu tirei o treze, mas não me assustei, porque o número sempre me trazia boa sorte, o treze significava também que eu atiraria no segundo turno com a espingarda de número três, porque havia ao todo dez espingardas e dez postos de tiro, eu de propósito não olhei como atirou a pessoa que no primeiro turno ficou com a espingarda de número três, embora dessa forma pudesse imaginar seu grau de precisão e para que lado deslocava a mão de quem atirava, mas pensei que afinal não faria diferença, preferi não olhar, dei uma volta pelo pátio, vi a Esquina da Paz, onde estava escrita em muitas línguas a palavra paz e também que as crianças do mundo desejavam a paz, na parte mais alta figuravam os retratos do secretário do partido e do comandante das Forças Armadas, e debaixo deles os retratos dos heróis de guerra e dos generais e algumas fotografias de tanques e de aviões e do desfile de Primeiro de Maio das Forças Armadas, com as peças de artilharia passando diante da tribuna de honra, os rostos dos generais eram um tanto estranhos, quando olhei melhor vi que haviam sido recortados e colados e aparecia bem a parede diante da qual eles estavam, e então me ocorreu que eu conhecia a fotografia pois ela figurava no apêndice do livro da quinta série, mas com sete generais embora dessa vez houvesse somente cinco, dois generais tinham desaparecido da fotografia, embora eu não tivesse ouvido que houvessem descoberto que eles fossem traidores, enquanto isso vi que aos poucos todos se levantavam dos postos de tiro, assim eu sabia que logo chegaria nossa vez, então voltei para o estande de tiro e nisso vi que os professores conversavam na entrada da escola, Punho de Ferro também estava com eles, continuava fumando, e quando olhei para lá foi como se tivesse sentido meu olhar porque ele se virou para mim e com a mão que segurava o cigarro fez um aceno sorrindo, a outra mão continuava no bolso o tempo todo e eu sabia que ele segurava a

válvula, e então senti uma onda de calor, enquanto eu estava ali de pé alguém atrás de mim me chamou, Horáciú, e então eu fiquei muito assustado, mas me volvei e vi que era a comandante dos Pioneiros, ela havia lido meu nome em uma folha de papel, e então me acalmei um pouco porque pensei que ela não conhecia o verdadeiro Horáciú e não descobriria que eu não era Horáciú, e eu disse sim, sou eu, e então a comandante dos Pioneiros perguntou o que estava olhando na Esquina da Paz, e eu disse nada, camarada comandante, apenas antes de uma competição, por superstição, eu sempre costumava olhar o retrato do comandante das Forças Armadas, porque ele era meu exemplo, e então a comandante dos Pioneiros fez que sim e disse que meus pensamentos eram patrióticos e faziam o Estado progredir no caminho da paz, em seguida ela escreveu alguma coisa num caderno e me desejou muita sorte, e então eu me dirigi para o estande de tiro e me deitei na almofada.

Um dos oficiais da competição distribuiu rapidamente as armas, primeiro, as três armas de teste, os alvos de teste já estavam afixados e eu peguei a espingarda nas mãos, era tcheca, é verdade, mas em estado bastante bom, fechava com facilidade, não apontei para o centro de propósito, mas para a linha branca entre os círculos cinco e seis, e quando ajustei o cabo da arma no ombro, me senti invadido por uma sensação de tranquilidade só de sentir seu peso, e quando apontei eu não tive de olhar para a mira porque tudo aconteceu por si, atirei exatamente no instante em que expirei, e quando os oficiais da prova distribuíram as doze balas de competição e os alvos constatei que todos os tiros tinham acertado exatamente onde eu queria, e assim eu sabia que se quisesse seria de fato capaz de atirar com perfeição, e então o outro oficial afixou os alvos da prova, e nisso fiquei muito surpreso, porque nunca tinha visto alvos como aqueles, não eram simples tabuletas, mas muito

maiores, cada uma parecia a parte superior do corpo de um homem e o alvo ficava do lado esquerdo, no lugar do coração, e então me lembrei do modelo artificial do coração, na vitrine, o dez ficava exatamente entre as duas artérias, entre a artéria azul e a vermelha, e então, enquanto mirava, de certa forma via diante de mim o modelo artificial e foi inútil a tentativa de mirar na linha seis, porque eu só via os dois buracos, o buraco vermelho e o buraco azul, e de certa forma parecia que os dois buracos eram os dois olhos de Punho de Ferro, e então, quando apertei o gatilho pela primeira vez, sabia que a bala se dirigiria exatamente para aquele lugar, entre os olhos de Punho de Ferro, se eu estivesse no Ocidente selvagem ele morreria imediatamente, e vi o pequeno buraco aparecendo no meio do círculo número dez, de longe parecia ser apenas do tamanho de uma cabeça de alfinete, e então atirei no mesmo lugar da segunda vez, exatamente lá, no círculo número dez, e também na terceira vez e na quarta, e eu não tinha de olhar para o alvo, sabia que todos os tiros estavam lá, dentro do círculo dez, e no fim acabei olhando e vi que lá estavam todos, um do lado do outro, eu tinha feito cento e vinte pontos, ou cento e dezenove, e quando larguei a espingarda sabia que estava numa grande encrenca, e me lembrei dos generais, e também que eu e minha mãe também iríamos desaparecer e meu retrato também seria retirado do painel da classe.

Quando fiquei de pé eu estava muito tonto, mas por sorte não pude ver os alvos, não desejava ver de perto o círculo interno cheio de tiros, os árbitros logo levaram todos os alvos para a avaliação, e, então, enquanto esperávamos pelo resultado, Punho de Ferro se aproximou e disse muito bem, pela minha palidez ele sabia que eu havia sido correto, e eu deveria lembrar que a vida era assim, o mais inteligente cede, e então ele pôs a mão no bolso e pegou a válvula e a entregou na minha mão e disse aqui está, pode guardar,

porque você trabalhou por ela, e quando peguei a válvula ela pareceu muito quente e queimou a palma da minha mão, e então a comandante dos Pioneiros gritou, camaradas, o resultado, e então todos se dirigiram para lá e ela começou a ler os resultados, quando chegou à minha escola Punho de Ferro passou o braço no meu ombro e me segurou, eu de minha parte acompanhei a boca da comandante dos Pioneiros, era como se visse em câmera lenta como ela formava as palavras, não ouvi sua voz, apenas pela boca li sessenta e três pontos, e então eu quis gritar que não era verdade, era trapaça, eu havia acertado tudo, mas senti na mão o pedaço de metal quente, como se fosse uma bala de fuzil, e, então, não sei por quê, me ocorreram os nomes das cadeias de montanhas, as antigas e as novas, e eu não falei nada, só engoli em seco, e nisso ouvi que a escola 3 havia ganhado o concurso de tiro com cento e sete pontos, e então Punho de Ferro de novo me bateu nas costas e disse que eu não ficasse triste, era preciso saber perder.

Presente

Toda vez que eu encontrava meu avô seu peito sempre estava coberto de medalhas, tantas que não cabiam direito no casaco, e, além das que usava, ele tinha pelo menos o dobro em casa, em uma cristaleira, onde guardava os antigos troféus de tiro, e quando ele se abaixava para me beijar as medalhas batiam umas nas outras. Não gostava que me beijasse porque tinha o rosto engordurado do creme que ele mesmo preparava e que ficava sempre no meu rosto, depois eu sentia o cheiro horrível de lavanda por dias a fio, digamos que não nos encontrávamos com frequência, e desde que meu pai fora levado para o canal do Danúbio nunca mais, porque meu avô e minha avó não gostavam muito da minha mãe, diziam que ela era uma puta desajustada, incapaz de compreender como era bom o mundo em que vivíamos e que ela havia enlouquecido também o meu pai, por causa dela enfrentaram uma enorme confusão com o partido, por causa dela ele havia sido levado para o canal do Danúbio, e por isso eles não falavam com a minha mãe, e quando se encontravam na rua sempre fingiam que não a conheciam, olhavam através dela e não a cumprimentavam, e se nessa hora eu estivesse com ela, faziam exatamente o mesmo comigo, mas apesar disso duas vezes por ano eu continuava podendo ir à casa deles, no meu aniversário e no dia do meu santo de batismo.

Nessas ocasiões, ele sempre vinha me buscar de carro, sempre costumava me esperar lá embaixo, na frente da casa, em seu carro

preto brilhante, e quando via que eu vinha ele sempre descia e abria a porta, mas não me cumprimentava e não me beijava, dizia apenas queira entrar, depois no caminho todo ele não dizia uma palavra, como se fosse um chofer de verdade, e só depois que chegávamos e descíamos do carro ele dizia como estava alegre com minha vinda, e só então me beijava nas bochechas, como se a viagem não fosse nada, como se tivéssemos nos encontrado por acaso diante do portão. Meu avô mandava o convite pelo menos um mês antes, escrevia sempre o mesmo texto, com uma letra arredondada, ele me esperava com amor para uma tarde agradável por ocasião do dia do nosso santo, porque ele também tinha o mesmo nome que eu e o meu pai, mas eu nunca podia chamá-lo pelo prenome, nem de avô, mas apenas de camarada secretário, todos o chamavam assim, com exceção da minha avó, embora na minha opinião meu avô fosse aposentado, de modo que ele não poderia ser secretário.

Nesse ano o convite chegou apenas dois dias antes do dia do meu santo, pensei que nesse ano meu avô tivesse esquecido dele, mas depois encontrei na caixa do correio o envelope costumeiro cor de areia, como sempre dessa vez também endereçado para mim, logo avisei minha mãe e perguntei se ela me deixaria ir, e então ela sorriu triste e fez que sim, como quando eu lhe pedia algo de que ela não gostava, e disse que era claro que deixaria, como sempre, com uma condição, era decente da parte do meu avô lembrar-se de mim ao menos duas vezes por ano, depois ela me perguntou se eu sabia qual era a condição e eu disse que sim, sabia, e logo fui falando que o presente que ganhasse não poderia aceitar, ou melhor, poderia aceitá-lo, mas ficar com ele eu não poderia, poderia apenas brincar com ele lá, o quanto quisesse, mas no fim teria de devolvê-lo porque não poderia levá-lo para casa, pois na nossa casa não havia nada que viesse do meu avô, e se dependesse dela, não

haveria nada nunca, e então mamãe disse que sabia como aquilo era difícil para mim, que era de fato uma regra muito rigorosa, mas quando fosse maior compreenderia que era o certo e veria que ainda acharia bom, eu, naturalmente, concordei, mas não disse nada, porque me lembrei do trem elétrico que três anos antes eu havia ganhado no meu aniversário e que desde então não tivera como experimentar direito, e eu sabia que minha mãe não podia ter razão.

Minha mãe também sempre fazia questão de que me vestisse com elegância para o encontro, por mais quente que estivesse eu não podia ir com uma simples calça curta e uma camiseta de manga curta, mas tinha de vestir a calça de lã feita de um terno reformado do meu pai que pinicava, com uma camisa branca, um colete tricotado e o lenço de Pioneiro, o sapato de verniz branco e preto horroroso de cano alto por sorte acabara de ficar pequeno, de modo que só tive de lustrar minha bota e estava pronto, minha mãe naturalmente ainda me chamou a atenção para que me penteasse, mas pelo menos não alisou meu cabelo com a mão molhada, depois ela me examinou de alto a baixo mais uma vez, ajeitou o lenço, me beijou e eu pude sair.

Logo vi o carro preto, ao chegar diante do edifício meu avô nunca se atrasava, ele também sempre me dizia que levasse muito a sério a pontualidade, assim que me viu ele sorriu para mim, mas dessa vez não desceu, apenas estendeu o braço para trás e soltou a trava da porta, eu tive de abri-la, e quando entrei ele me cumprimentou, disse olá, coisa que me surpreendeu bastante porque das outras vezes ele não costumava fazer assim, mas eu logo disse minhas saudações camarada secretário, meu avô então fez que sim e deu partida no carro, depois não tínhamos nem virado na rua Hosszú quando ele falou de novo, disse que eu havia crescido bastante desde a última vez em que me vira, aos poucos

estava me tornando um adulto de verdade, sério, e nisso eu não soube o que dizer, só quando chegamos à Kistemplom, só então me ocorreu que deveria ter dito que o camarada secretário não tinha envelhecido nada, mas era tarde, de modo que preferi ficar calado, pelo espelho retrovisor eu via a boca do meu avô, acima do lábio, de um lado, havia uma pequena ferida, com certeza tinha se cortado enquanto se barbeava, devia estar doendo porque ele a lambeu várias vezes, eu de minha parte observei sua boca durante todo o caminho, porque queria saber com antecedência quando falaria de novo, mas ele ficou calado durante muito tempo, em algum momento vi que ele sorriu e então notei que sua boca era exatamente igual à do meu pai, eu quase lhe disse isso, mas por sorte me lembrei a tempo de que não deveria mencionar meu pai de maneira alguma, de modo que depressa pus a mão diante da boca, como se estivesse apenas bocejando, e meu avô voltou a falar, disse que via que eu estava de novo constrangido com ele, agora que havia crescido o tratamento de senhor não me parecia natural, mas eu não devia ficar triste pois logo beberíamos juntos. Com isso ele me surpreendeu mais ainda, e quando me perguntou está bem assim?, eu disse está muito bem, camarada secretário, mas meu avô então não falou mais nada, apenas fez uma careta e sacudiu a cabeça. Nisso atravessamos a praça principal, entramos na alameda dos Heróis e depois chegamos à travessa onde meus avós moravam.

Paramos diante da casa dos meus avós, descemos, meu avô trancou o carro, depois me deu a mão, mas dessa vez não disse como se alegrava com minha visita, apenas se curvou e me beijou dos dois lados, de modo que fiquei de novo cheio de creme, depois quando ele se aproximou do portão para abri-lo eu limpei o rosto como pude com a manga da camisa, mas ainda assim continuei sentindo o cheiro forte e enjoativo de lavanda.

No quintal sempre reinava uma grande desordem, porque antes de o partido dar a casa para meus avós morava nela um escultor que usava a garagem como ateliê e no quintal haviam ficado algumas estátuas inacabadas e umas formas brancas grandes em pedaços, havia algumas inteiramente tomadas por ervas daninhas e sempre tínhamos de evitá-las, enquanto caminhávamos para a entrada alguma coisa no fundo do jardim se mexeu, pelo canto do olho eu a percebi e logo voltei a cabeça, mas vi apenas uma sombra fugidia, meu avô também olhou para lá, ele também a viu, porque eu o ouvi dizendo em voz baixa que os gatos filhos da puta enchiam o gramado de merda.

Entramos na cozinha, meu avô puxou uma cadeira, disse que era para eu me sentar, logo traria um doce, e disse também que seria bom fazer um brinde logo, em seguida ele entrou na despensa, trouxe um prato de docinho de nozes, dois copos e uma jarra, pôs o prato e um copo diante de mim, disse que eu não devia ter vergonha e que comesse sossegado, ele também pegou um docinho de nozes e o comeu, enquanto isso abriu a jarra e se serviu, eu vi que a jarra tinha vinho tinto, também peguei um docinho, mas ele não estava como de costume, estava muito mais duro, mal consegui mastigá-lo, digamos que estava doce, mas de certa forma com um gosto de mofo, como se estivesse havia muito na despensa, eu mal tinha comido o docinho e meu avô já havia enchido também meu copo, quis lhe dizer que nunca tinha tomado vinho e achava que não devia, mas meu avô pegou seu copo na mão e notei que esperava por mim, de modo que também peguei o meu, e então meu avô disse saúde e bateu o copo dele no meu, mas eu não disse nada, porque não sabia o que deveria dizer, e então meu avô me repreendeu e mandou que eu dissesse saúde também e de novo bateu seu copo no meu e de novo disse saúde, e dessa vez eu também disse saúde, e então meu avô disse até o

fim, e tomou o vinho todo de um gole, eu também levei o copo à boca e comecei a beber, achava que seria amargo e que o vinho queimaria minha garganta, mas ele não queimou, só estava muito azedo e um pouco com gosto de carne de boi, mas amargo ele não era, de modo que consegui tomá-lo, e quando pus meu copo na mesa, nele também não havia nem uma gota de vinho, meu avô, então, sorriu para mim e disse muito bem, agora já podemos relaxar, feliz dia do nosso santo onomástico, perguntou se eu sabia qual seria meu presente, e eu também desejei feliz dia do nosso santo onomástico e disse não, enquanto isso peguei mais um docinho de nozes e o mordi com cuidado, quem sabe não teria tanto gosto de mofo, mas tinha, de modo que o comi bem devagar, e então meu avô disse que sabia que minha mãe não gostava deles, e sabia como era ruim para mim não poder levar o presente para casa, de maneira que neste ano eu ganharia algo que não teria de levar para casa, e ele me perguntou se tentaria adivinhar o que era. Eu disse que não gostava de adivinhações, porque gostava mais das surpresas de verdade.

Meu avô então disse está bem, se não quisesse não teria de adivinhar, e fez um gesto com a cabeça na direção do quarto e me disse que entrasse e cumprimentasse minha avó, enquanto isso ele prepararia meu presente, mas eu devia tomar cuidado para não cansar minha avó, porque ela não estava muito bem, e então quis perguntar o que ela sentia, mas meu avô acenou na direção da porta do quarto e me disse que entrasse, depois conversaríamos.

O quarto estava bastante claro, embora as cortinas transparentes estivessem fechadas, a mesa estava cheia de flores, jacintos brancos e lilases em vasos de cristal, havia um cheiro fortíssimo de flores, minha avó estava deitada na cama, seu longo cabelo louro pendia do travesseiro, uma perna aparecia fora do cobertor, vi que tinha as unhas dos pés pintadas de vermelho.

Quando fechei a porta minha avó acordou, olhou diretamente para mim, eu a cumprimentei, disse beijo suas mãos, vovó, ela perguntou então é você?, como se não me reconhecesse, mas depois logo disse venha cá, meu netinho, e estendeu a mão para mim, mas a manteve na horizontal, como nos filmes, quando as mulheres estendem a mão para que seja beijada, eu não sabia o que fazer, mas me aproximei e peguei a mão dela com a minha mão direita, como vira nos filmes, e quando me inclinei pensei que ela agora com certeza baixaria a mão, mas ela não a baixou, eu não pude evitar, fui obrigado a beijá-la, e então minha avó sorriu para mim de novo e fez um gesto na direção da poltrona que estava junto da cama, falou que era para eu sentar, ela via que já era um adulto de verdade, eu me sentei, olhei para o pano bordado sobre a cabeceira da cama e, na mão dela, para os anéis com pedras preciosas, ela disse que infelizmente não vinha se sentindo muito bem e a dor de cabeça torturante a prendia à cama havia muito tempo, depois perguntou como ia na escola, e eu disse que ia bem, enquanto isso vi que na parte de baixo, na raiz, o cabelo da minha avó não era louro, mas castanho-escuro e grisalho, e então minha avó disse que se alegrava em saber que era um bom aluno, pois assim não envergonharia meu avô, depois com o dedo anular apontou para a jarra de vidro junto dos vasos e pediu que lhe desse um copo d'água, eu de minha parte disse pois não, vovó, e lhe dei a água.

Minha avó bebeu segurando o copo com as duas mãos, em grandes goles, enquanto isso eu observava as mãos dela o tempo todo, a pele enrugada, e pensei se a pedra cheia de pontas na mão esquerda seria de fato um diamante, pois caso fosse um diamante seria possível cortar vidro com ela. Enquanto isso vovó aos poucos tomou a água toda, e quando ela devolveu o copo vi que a beirada dele tinha ficado manchada de batom, os olhos de vovó se

encheram de lágrimas e eu primeiro pensei que fosse pelo esforço, ela havia bebido com muita dificuldade, mas depois, quando olhou para mim e perguntou se era capaz de guardar segredo e sua voz tremeu como se logo fosse chorar, vi que ela ficou triste para valer e não esperou pela minha resposta, disse que o dr. Csidej havia estado lá e a tinha examinado, e, com certeza, como ela suspeitava havia anos, estava com câncer, a doença era mortal e ela não viveria até o verão. Disse isso sussurrando, e quando acabou de falar suas lágrimas corriam continuamente, e, assim, chorando, ela pôs a mão para fora e pegou a minha e disse que pedia pelo amor de Deus que promettesse que não falaria uma palavra sobre aquilo com meu avô, porque ele não deveria saber de nada, eu então quis lhe prometer e também pensei em perguntar onde o câncer dela doía, mas minha avó não prestava atenção ao que eu dizia, apenas cochichou que deveria sair porque a cansava demais e pediu que fosse um bom menino, e ao dizer isso ela fechou os olhos, de modo que me levantei e fui para a porta e quando saí vi que minha avó havia coberto a perna de novo com o cobertor.

Meu avô ainda não estava na cozinha, de início eu não sabia onde ele poderia estar, mas depois, quando me sentei, ouvi alguém remexendo no banheiro, olhei para o docinho de nozes, mas não peguei mais, estava era com sede porque ainda sentia forte o gosto do vinho, cheguei a pensar em me levantar e pegar um copo d'água da torneira, mas então no corredor a porta do banheiro se abriu e meu avô entrou na cozinha e pôs sobre a mesa um pacote, envolvido em um pano engordurado, encheu para mim e para ele mais um copo de vinho e nisso perguntou o que minha avó tinha dito, eu disse nada, só havia perguntado sobre a escola, mas meu avô tomou o vinho de um gole e disse que não deveria mentir, porque minha avó certamente havia contado a mim também a história da doença, e então eu disse que sim, mas prometera a ela

que não falaria sobre isso, e meu avô fez que sim, e disse bem, a promessa é uma bela palavra, depois encheu mais um copo, de modo que também tomei um gole de vinho, mas dessa vez não caiu nada bem, enquanto isso olhava para o pacote gorduroso, o que haveria lá dentro?, meu avô também viu que eu olhava para o pacote, mas não disse nada, apenas engoliu devagar o vinho, depois de repente perguntou se jogava futebol, e eu disse que não, e se eu participava dos exercícios de Defesa da Pátria, e eu também disse que não, e então meu avô se calou, tomou o resto do vinho e perguntou se me lembrava de que uma vez ele havia prometido que me levaria para caçar, e eu disse que sim, embora na verdade não me lembrasse, porque ele nunca havia me prometido nada parecido, e então meu avô puxou para si o pacote engordurado e o abriu, e nisso ele disse que chegara a hora e tirou do pano uma grande pistola.

Eu nunca tinha visto nada parecido, ela era muito maior que as usadas pelos guardas, o cano também era mais longo e o cabo tinha um formato diferente, meu avô tirou o pente, em seguida entregou a pistola vazia na minha mão enquanto dizia que ao pegá-la eu devia levar em conta que era uma Luger, que fazia vinte e cinco anos nenhum ser vivo via a arma e que eu me cuidasse pois não era um brinquedo, depois ele se levantou e disse que fôssemos até o jardim, porque ele me ensinaria a mirar, o vinho firmará sua mão, mas não prestava atenção no que ele dizia, segurei a arma, que era pesada e muito fria, antes eu sempre imaginara que as pistolas fossem mais leves, nem sei como se poderia sacar uma dessas com a rapidez de um raio, e nisso meu avô perguntou alguma coisa, mas não ouvi o que era, porque estava apontando a pistola para o relógio de parede e pensando no que aconteceria se acertasse uma bala no meio dele, e então meu avô a arrancou da minha mão e me repreendeu em voz alta, tinha dito que não era

brinquedo, eu devia entender que não era uma arma de pressão de merda com que costumávamos fazer palhaçadas nos exercícios de Defesa da Pátria, era uma pistola de verdade, uma arma mortífera, um genuíno Parabélum, em seguida ele olhou para meu copo e perguntou se não iria tomar meu vinho, eu quis dizer sim, vou tomar, porque receava que ele se ofendesse e me desse um tapa, mas ele tirou o meu copo e, de uma vez, bebeu o resto de vinho e disse está bem, vamos, porque o tempo está passando.

Quando saímos para o quintal, meu avô devolveu a pistola e mandou que a apontasse para a parede da garagem, onde o regador estava pendurado num canto, eu ergui a pistola e não a apontei para o regador, mas para uma das estátuas brancas encostadas na parede da garagem, o rosto não estava bem esculpido, apesar disso mirei entre os dois olhos, e então meu avô falou que abaixasse a arma e a apontasse de novo, de modo que apontei novamente para a cabeça da estátua, e então meu avô parou atrás de mim e ajeitou um pouco o cabo, me disse que não ficasse com o braço tão duro e me disse que mirasse o regador, porque não devemos apontar uma arma carregada para uma pessoa, a não ser que desejemos matá-la, eu quis dizer que se tratava apenas de uma estátua, mas preferi, sem dizer uma palavra, virar o braço, de modo que o cano apontou de fato para o regador, meu avô se afastou um pouco e primeiro mandou que abaixasse a arma, em seguida que erguesse o braço e apontasse, e então não disse mais nada, apenas acenou para cima e para baixo, para cima e para baixo, a arma era bem pesada e segurá-la era bem diferente de segurar uma espingarda de pressão, mas no fim já estava mirando bastante bem, e por duas vezes cheguei a puxar o gatilho, soltando o ar exatamente nessa hora, como tinha aprendido com as espingardas de pressão, eu sabia que se ela estivesse carregada teria destruído o regador.

Passado algum tempo meu avô parou de acenar, deixou que erguesse a arma no meu próprio ritmo, depois disse está bem, você tem talento, porque eu segurava a pistola exatamente como devia, ele via que ela era um pouco pesada para mim, mas não havia nada a fazer, era uma arma de verdade e não a espingarda de pressão vagabunda com que costumávamos dar tirinhos na escola, em seguida pegou a pistola, pôs nela o tambor e regulou alguma coisa e quando a devolveu me disse para tomar cuidado, porque estava apenas travada, o cano também estava carregado, de modo que só deveria puxar o gatilho quando ele mandasse, venha, vamos até a pereira, se saíssemos dali não seríamos notados, eu não deveria ter receio, não teria de esperar muito, não entendi por que ele disse isso, quem não nos notaria?, eu estava para perguntar, mas então meu avô pôs a mão na minha boca e me puxou na direção da pereira, enquanto isso apontou para o alto do muro de pedra e vi um grande gato preto, e então descobri o que iríamos caçar, senti a mão apertando a pistola, quis erguê-la para mirar, mas meu avô apertou meu ombro e sussurrou que devíamos esperar, e então o gato pulou do muro com a cauda esticada, com as patas esticadas, andou devagar na grama, duas vezes parou e ergueu as costas e farejou alguma coisa na grama e olhou uma vez na nossa direção, mas ou ele não nos viu ou nós não o interessamos, porque ele se acorrou sobre as duas patas traseiras e começou a fazer as necessidades, e então eu quis mirar de novo e senti meu avô apertando ainda mais meu ombro, e então o gato terminou e começou a arranhar a grama com as garras, e aí meu avô falou sussurrando que apontasse, e eu comecei a erguer a pistola devagar, como meu avô havia ensinado, com as duas mãos, mas por causa do pente a pistola estava muito mais pesada, e quando finalmente mirei no gato, senti minha mão tremendo um pouco, mas meu dedo já estava no gatilho, e então meu avô disse

agora, e então puxei o gatilho, e quando meu dedo se moveu o gato olhou para mim e eu vi que seus olhos eram bem amarelos, e imaginei o que ele estaria vendo, eu, de pé, de colete e calça junto da árvore, e então de repente a pistola explodiu e o gato deu um salto com as quatro patas destacadas do chão, não chegou a ser um salto, ele apenas tinha sido erguido pela força do tiro, eu o acertei de lado, não na cabeça, embora tivesse apontado para ela, e então abaixei a arma, o som da explosão ecoava entre as paredes de pedra do jardim, e então meu avô pegou meu ombro e disse que havia sido um belo tiro, vamos, vamos ver, estávamos a três passos do gato quando vi que ele se mexeu, primeiro apenas o rabo começou a serpentear no meio da grama, depois ele começou a gemer e vi que ele estava cheio de sangue na lateral, o gramado também estava cheio de sangue em volta dele, e então olhei para meu avô, ele disse depressa, atire na cabeça, não deixe que ele sofra, e, de fato, o pobre gato mantinha a cabeça erguida, e, como se quisesse morder o ar, gemia muito alto, enquanto a cauda se movimentava na grama, e então levantei a pistola de novo, com as duas mãos, como devia, e apontei exatamente no meio dos olhos do gato e puxei o gatilho e a pistola quase saltou de novo das minhas mãos, a explosão ecoou novamente entre as paredes do jardim como da primeira vez, e por fim se fez silêncio e o gato não se mexeu mais, e eu vi que não tinha restado nada da cabeça dele, e à sua volta a grama estava toda ensanguentada, e aí minha mão começou a tremer, com tanta força que a pistola quase caiu, e aí meu avô enlaçou meu ombro e tirou a arma da minha mão, enquanto dizia as coisas são assim, todos morremos, mas eu não deveria ficar triste, porque tinha praticamente a vida toda diante de mim, em seguida ele tirou uma medalha do casaco, enfiou-a na minha mão enquanto dizia que era a medalha mais querida, a Estrela de Ouro dos Veteranos, mas ele a daria para mim porque a

merecia de verdade, e quando ele disse isso eu senti no hálito dele um cheiro muito forte de vinho.

Entramos na cozinha, meu avô me disse que esperasse, pôs a pistola sobre a mesa, abriu a gaveta do armário, pegou um alfinete de segurança, parou diante de mim, tirou a medalha da minha mão e se curvou e a pôs no meu colete, do lado esquerdo, acima do coração, mas não conseguiu fechar o alfinete de modo algum, chegou a me espetar, não doeu nada, enquanto ele apertava o alfinete eu observava o alto da sua cabeça e vi que ele estava ficando careca, eu nunca havia notado antes, mas agora via com clareza que em uma superfície do tamanho de um palmo faltava cabelo, depois ele conseguiu fechar o alfinete, ajeitou a medalha, em seguida me beijou dos dois lados do rosto e disse de novo feliz dia do nosso santo, e desejou que eu tivesse uma vida longa. E aí eu também disse o mesmo para o senhor vovô, e senti que meu braço estava muito cansado de tanto fazer pontaria, e pensei no gato, e tive vontade de me sentar.

Meu avô então olhou para o relógio e disse que era hora de eu ir embora, ele não poderia me levar para casa porque estava esperando alguém, mas eu era um rapaz crescido, de modo que encontraria o caminho de casa muito bem, e eu disse é claro, costume ir sozinho ao cinema, então meu avô pegou a jarra e serviu para si o resto de vinho e disse que me cuidasse, e até logo, e então senti muita sede, mas não quis pedir água, e quando abri a porta da cozinha perguntei a meu avô se minha avó ia mesmo morrer, e meu avô não olhou para mim, disse que eu devia saber que não era para acreditar em tudo, minha avó não tinha nada, a não ser a velhice, digamos que isso era um problema suficiente, depois fez sinal para que saísse, e quando fechei a porta eu o vi cheirando o copo de vinho vazio.

Quando saí pelo portão ainda não estava escurecendo, sabia que se me apressasse chegaria em casa em meia hora, tirei a medalha do peito e a examinei, sobre a estrela havia um sabre curvo e uma pistola automática formando uma cruz, no verso tinha o nome do meu avô e o ano gravados, e peguei meu lenço e com o alfinete enrolei nele a medalha e a enfiei no bolso da calça e pensei que ali minha mãe, com certeza, não a encontraria.

Guerra

Eu estava deitado de barriga no campo de trigo com Paju e fazia tanto calor que o suor escorria de nós aos montes, correu pelo meu rosto e lavou dele a tinta preta da pintura de guerra que tínhamos feito com rolhas de cortiça queimadas, escorreu salgado e amargo para a minha boca, não havia como cuspi-lo, e também não tínhamos como lavar a boca pois não havia água, porque não ocorrera a Paju nem a mim que devíamos ter levado um cantil e não apenas armas, o sol ainda ardia impiedoso, desde o acidente da usina nuclear, de que não se podia falar, sempre fazia muito mais calor, o trigo também amadurecia mais cedo, estávamos apenas no meio de julho e os grãos saltavam das espigas e por mais que os mastigássemos não se podia mais fazer deles chiclete de trigo porque não adquiriam consistência, estavam secos como serragem, Paju disse que logo iria começar a colheita, ele sabia porque seu pai era tratorista na fazenda coletiva e o óleo combustível necessário para a colheita já havia sido pedido e já havia chegado, sendo assim a colheita começaria a qualquer momento.

Estávamos bastante próximos da torre de vigia onde os irmãos Frunza haviam instalado o quartel-general, estávamos bem cansados de engatinhar por tanto tempo, as folhas arranharam nossos braços e as palmas das mãos, Paju estava de luvas de couro, que também não ajudaram muito, pois por causa delas ele suava ainda mais, eu vi no rosto dele que nas marcas deixadas pelo

suor linhas finas cinzentas seguiam o traçado da pintura de guerra, e eu sabia que estava exatamente igual, não assustador, mas engraçado, e então nos arrastamos ainda mais em meio ao trigal, e Puju cochichou que eu pusesse a cabeça para fora para ver a que distância estávamos da torre de vigia, eu disse não, falei que apenas ele olhasse, porque era sua vez, eu tinha espiado três vezes, e então Puju de fato ergueu a cabeça por um instante acima do trigal, não chegou a ficar completamente de pé, só ficou de joelhos, e, assim, olhou para fora, e depois logo se pôs de barriga, e sob a pintura de guerra vi que ele estava muito pálido, eu lhe perguntei o que tinha visto e então Puju fez o sinal da cruz e disse que os Frunza realmente não estavam brincando, eles tinham capturado e matado alguém, porque ele via com clareza que diante da torre de vigia havia uma lança enfiada na terra e sobre ela espetada uma cabeça de criança ensanguentada, e então eu disse que não acreditava e lhe pedi que não mentisse para mim, e aí Puju disse que se não acreditava eu também deveria erguer a cabeça para fora do trigal, de modo que também me ajoelhei e olhei para fora e vi que sobre a torre de vigia circulavam pombos, e, de fato, havia lá uma lança cravada na terra, mas não se via o que estava espetado na ponta dela, porque estava coberto com um saco de náilon amarrado embaixo, assim não se via sua forma, mas quando recolhi a cabeça para o trigal me pareceu que tinha visto que embaixo, na boca amarrada do saco, alguma coisa corria espessa e vermelha pelo cabo da lança, e quando me deitei junto de Puju senti meu estômago todo revirado, olhei para as raízes e para as hastes do trigo, que tínhamos amassado enquanto nos arrastávamos, e quis dizer a Puju que havíamos visto mal, porque aquilo com certeza não era sangue no cabo da lança, mas quando abri a boca para falar senti a mão doendo e agarrei a terra com toda a força e quando a ergui com a terra veio um grande punhado

de raízes de trigo, e então olhei para Puju e vi que o canto da boca dele tremia de medo, larguei as raízes cheias de terra e pensei que não deveria ter ido para a batalha, e também pensei que com certeza não seria capaz de subir na torre de vigia atrás da bola de couro de Prodán.

A coisa toda começou quando descobrimos que o novo esgoto ia passar no meio do campo de futebol e fomos obrigados a jogar no campo da rua vizinha. Inicialmente se dizia que o campo deles também seria escavado, mas um dia os empregados foram embora e não voltaram mais, é verdade que a casa de ferramentas havia ficado lá, junto da vala, como a tinham deixado. E os da rua vizinha permitiram que nós jogássemos no campo deles até que no início do verão os irmãos órfãos Frunza se mudaram para a casa do avô e, quando surraram Zsolt, que era o mais forte da rua vizinha, e assumiram em dupla a chefia do bando, eles um dia disseram que nós não poderíamos mais jogar lá a não ser que pagássemos, e quando Nagyprodán riu na cara deles, o que vocês estão pensando, o campo de futebol é patrimônio coletivo, não pode ser desapropriado, Rômulo Frunza disse apenas que o irmão não estava acostumado a desafios, e então Remo Frunza sacou um canivete de mola e acertou Nagyprodán no ombro com tanta rapidez que Prodán não teve tempo de pegar o próprio canivete, e quando ele levou a mão ao ombro a bola de couro enviada pelo primo da Iugoslávia caiu da sua mão, e aí Rômulo Frunza se abaixou e pegou a bola e disse que a partir de então ela era deles e Prodán devia se dar por satisfeito por não terem acertado a barriga dele, porque a ferida no ombro não era nada, sararia em uma semana porque o irmão não tinha enfiado fundo o canivete, apenas tinha feito Prodán experimentar a lâmina, em seguida ele começou a bater a bola no chão e disse vai ser assim, e caso ele não gostasse podíamos declarar guerra a eles, eles nos mandariam a declaração em que

descreveriam precisamente os detalhes, deveríamos nos preparar para a batalha no alto da colina, atrás dos edifícios, no campo de trigo, lutaríamos até a morte, teríamos de atacar e se tivéssemos capacidade para alcançar a torre de vigia na beirada da mata e se conseguíssemos pegar a bola de couro só teríamos de levá-la de volta até a Grande Árvore, com isso já teríamos ganhado, e então não apenas recuperaríamos a bola, mas poderíamos usar o campo de futebol deles de graça, quando quiséssemos, mas de qualquer modo eles sabiam que isso não daria em nada porque éramos tão covardes que com a própria declaração de guerra nos cagaríamos de medo, e com certeza não teríamos coragem de enfrentá-los, coisa que já se via pelo fato de Prodán ter aceitado sem dizer uma palavra que se tirasse sangue dele.

Prodán primeiro não disse nada, apenas tirou a palma da mão do ombro, eu vi que sua mão estava cheia de sangue, os dedos todos também, e então ele olhou para a palma da mão, como quem a via pela primeira vez, e de súbito disse que sangue só poderia ser lavado com sangue, e se adiantou e com toda a força desferiu um bofetão em Rômulo Frunza, fazendo-o cambalear para cima do irmão, no rosto dele ficou o desenho sanguinolento da palma da mão de Prodán, e aí de repente todos nós nos viramos e começamos a correr de volta para a nossa rua, pois tivemos medo de que eles viessem atrás de nós, porém os da outra rua só atiraram um par de pedras grandes na nossa direção, e por sorte não acertaram ninguém, enquanto isso ouvimos Rômulo Frunza gritando alto que éramos uns esfarrapados, de sangue agulado.

No dia seguinte de manhã a declaração de guerra chegou, eles a jogaram na caixa de correio de Prodán, o pombo sem cabeça ensanguentado e a folha de caderno quadriculada em que a declaração vinha escrita supostamente com o sangue do pombo, Prodán pediu que Jancsi a lesse em voz alta, ela dizia que a batalha

seria no domingo no campo de trigo, e era bom que soubéssemos que aquilo que todos cochichavam sobre eles era de fato verdade, pois eles, Rômulo Frunza e Remo Frunza, haviam lutado na guerra civil, e portanto era melhor que todos nos preparássemos para a morte certa, pois quem eles capturassem não teria perdão nem honra nem pátria, além de tudo eles cagavam para nós, até o último homem, e além disso iriam meter no rabo das nossas mães. Ao ouvir isso o rosto de Prodán ficou vermelho de raiva, ele arrancou a declaração da mão de Jancsi, amassou-a, depois a atirou no chão e pisou em cima, disse que os Frunza escreviam coisas assim porque não tiveram mãe, haviam sido educados pelo pai, antes que ele se enforcasse de desgosto pelos filhos que tinha, todos sabiam que eles foram parar na casa do avô porque não tinham mais ninguém no mundo, também o fato de que haviam lutado na guerra civil era mentira, pois a guerra civil tinha acontecido havia sete anos, eles teriam no máximo oito anos de idade, mas não faz mal, no domingo vamos mostrar a eles, até lá todos deveriam fabricar balas de zarabatana, entortar pregos, juntar pedras para atiradeiras e flechas com penas, para que estivessem bem armados, não devíamos ter medo dos Frunza, porque mostraríamos a eles que não deviam se meter com a gente não.

Ninguém disse nada, ficamos todos quietos, olhando para Prodán e para o pombo ensanguentado e para a declaração de guerra amassada a seus pés, e então Prodán estendeu os braços para o céu, com os punhos cerrados simulou três golpes para o alto enquanto gritava hurra, os pregos se eriçaram nas suas munhequeiras, e da segunda seu irmão também gritou hurra, e eu também gritei com eles, mas quando olhei para o rosto de Prodán vi que a ferida em seu ombro começou a doer pela grande agitação.

A partir de então, durante toda a semana nos preparamos para a batalha, todos sabiam que seria uma luta muito dura, pois ainda que os Frunza não tivessem lutado na guerra civil, eles eram muito perigosos, antes de terem chegado à vizinhança moraram em uma aldeia nas montanhas nevadas do Ocidente e parece que lá viveram como índios, caçaram até o pai deles morrer, ninguém sabia ao certo a idade dos irmãos Frunza, pois os dois frequentavam a sexta série, embora Remo parecesse maior que os da nona, o irmão, Rômulo, era tão baixo que mesmo entre os da quarta ele parecia pequeno, mas os dois eram muito fortes e ambos sabiam brigar igualmente bem e também entendiam muito de armas, no estilingue, por exemplo, não usavam tiras de câmara de bicicleta, mas borracha de verdade, e ouvimos que fabricaram toda espécie de armas secretas para os da outra rua, apesar disso, entre nós, todos também sabiam fazer balas de zarabatana muito afiadas, com alfinetes na ponta, e eu fiz também uma armadura para mim, de cartolina e papel-alumínio, para proteger as costas, experimentei se ela cabia debaixo da minha camiseta de manga curta e pedi a Puju que atirasse nas minhas costas para ver se funcionava, mas ele não quis, disse que deveria lembrar o que tinha acontecido quando havíamos experimentado se eu era capaz de agarrar uma flecha como os índios nos filmes, mas eu lhe disse que era menor, um fedelho de nove anos, é claro que meus reflexos não eram tão bons, mas na ponta da flecha o prego por sorte não era muito afiado e só tinha penetrado dois centímetros no meu braço, mal furara a pele, o osso a detivera, é verdade que as antitetânicas depois doeram muito, mas a coisa agora não seria igual pois éramos maiores, tínhamos quase doze anos, e a armadura não dependeria nem um pouco de reflexos, porém Puju não quis nem assim, mas no fim acabou concordando em troca de um grande caramelo em me acertar nas costas três vezes, a armadura

naturalmente funcionou muito bem, deteve as balas como era de esperar, os tiros eu senti apenas como uma picada de pernilongo, e decidi que faria uma armadura também para a frente, recortei o pedaço de cartolina, só faltava a costura e a cola, ao todo cerca de meio dia de trabalho, mas não consegui terminá-la porque minha cola acabou.

Enquanto eu trabalhava na armadura muitas vezes pensei bastante na declaração de guerra, o pombo sem cabeça, e o fato de que dessa vez não seria uma brincadeira, mas uma guerra de verdade, com sangue para valer, e quando pensava no pombo ensanguentado meu coração ficava sempre um pouco apertado, mas eu não devia ser o único assim, porque Puju também disse que talvez não pudesse estar presente na batalha porque seu pai não queria que ele sáísse, e quando lhe perguntei por que ele tinha contado ao pai que haveria uma batalha, pois se os trabalhadores da fazenda coletiva soubessem que pretendíamos pisotear o trigal eles não deixariam e ainda nos dariam uma surra, muito irritado Puju disse que não tinha contado nada e também que para mim era fácil, meu pai estava no canal do Danúbio, assim eu podia fazer o que quisesse, não havia quem pudesse me bater, e aí eu lhe disse que era covarde, era como um bebê chorão e que ele não ousasse falar do meu pai pois lhe daria um pontapé, e também que se não viesse para a luta ele perderia para sempre a palavra de Pioneiro, porém depois, no domingo de manhã, também pensei que talvez fosse mesmo melhor ficar em casa, mas após o café peguei minha zarabatana e vesti nos ombros, cruzadas, as duas cintas de munição, cheias de balas de zarabatana secas e enroladas, e então disse à minha mãe que ia sair para brincar, e pensei em como seria bom se ela dissesse não, que eu não iria a lugar nenhum, pois precisava de mim em casa, mas mamãe não disse nada, levantou-se e da poltrona junto da janela fez sinal que sim, de modo que

acabei saindo, subi a colina até a Grande Árvore, porque sabia que os outros logo estariam lá para combinar a tática e a estratégia.

Quando cheguei o fogo já ardia num velho capacete e quase todos do quartirão estavam lá, todos tinham levado as armas, os Jancsi na aula de oficina fizeram estrelas voadoras e tacapes de verdade, eu tinha comigo minha faca de latão, digamos que soubesse que numa luta de perto não valeria muito, mas ainda assim a levei, porque pensei que quando estivéssemos escondidos no campo de trigo cairia bem poder pegar num cabo de faca, e quando cheguei à Grande Árvore, Csabi tinha acabado de espalhar dois punhados de rolhas de cortiça no capacete, e com isso a fumaça ficou ainda mais fedorenta, todos estavam lá, apenas nosso comandante, Nagyprodán, não estava, ele era o maior da nossa rua, antes dos Frunza ninguém havia conseguido bater nele, o capacete também tinha sido ele que havia arrumado, contou que o desenterrou do túmulo de um soldado da guerra civil, mas nisso ninguém acreditou, Janika uma vez me disse que aquilo não era um capacete, mas apenas uma panela, e quando as rolhas de cortiça acabaram de queimar Prodán também chegou, tinha uma zarabatana de quatro tiros, muito benfeita, tinha passado fita isolante separadamente em todos os canos Bergmann, tinha feito também um cabo especial para ela, o conjunto era como uma pistola automática de verdade, tinha arranjado também uma correia para usá-la no pescoço, na cintura levava ainda amarrada uma marreta feita de um halter pequeno, nas duas mãos os protetores de punho com pregos de navio de cobre chegavam quase até os cotovelos, junto da marreta havia também uma faca de cabo preto presa do lado, eu nunca tinha visto nada igual antes, ele parecia muito agressivo, e quando se aproximou do capacete ele imediatamente tirou o cantil do cinto, jogou água sobre as rolhas de cortiça que ardiam no capacete, provocando um grande

chiado e muita fumaça, e no capacete restou uma fuligem negra como breu, era a nossa cor de guerra, esse negro, primeiro Prodán passou em si a tinta de guerra, passou-a no rosto todo e na testa, de modo que mal se podia reconhecê-lo, em seguida deu o grito de guerra, e então todos em fila passaram a tinta no rosto, eu também me besuntei, só tomei cuidado para não encostá-la na boca porque sabia que o gosto da cinza da rolha de cortiça era muito amargo, na hora naturalmente não pensei que o suor acabaria levando tudo para a minha boca, e depois os outros também pintaram o rosto de preto, em seguida, quando todos estavam prontos, Prodán parou diante de nós, disse que a batalha seria grande e difícil e que deveríamos ter em mente que o quartel-general do inimigo do outro lado do campo, na beirada da mata, ficava na torre de vigia, teríamos de chegar até ela, embora não fosse suficiente para a vitória, porque teríamos de trazer de volta a bola até a Grande Árvore, disse que a melhor tática seria primeiro nos espalharmos o máximo possível, no maior silêncio possível, para que quando ele desse o sinal nós conseguíssemos ao mesmo tempo e do maior número possível de direções atacar os da outra rua, e depois ele disse a mim e a Puju que nos aproximássemos porque seríamos a força especial de reconhecimento, de forma que nós recebemos um encargo extra, quando nos aproximamos ele disse que quando desse o sinal e começasse a gritar nós não atacaríamos com os demais, mas devíamos ficar no meio do trigal e devíamos nos aproximar o máximo possível da torre de vigia, não devíamos atirar em ninguém pelas costas, não seria necessário, e quando ouvíssemos Prodán dando o grito de guerra três vezes devíamos sair do esconderijo e tentar alcançar a bola e, caso conseguíssemos, devíamos correr o mais rápido possível de volta para a Grande Árvore, ele viria atrás de nós e no final correria com a bola e não seria alcançado, e assim venceríamos, e então ele

olhou para nós e perguntou se tínhamos entendido, e Puju e eu dissemos que sim, mas eu disse também que não gostava da história de me esconder, perguntei por que ele não mandava o irmão e se não poderíamos também participar da luta, e então Prodán disse como não?, podem participar se quiserem contrariar minhas ordens e perder, nós deveríamos saber que éramos fracos para a luta de verdade, e além disso como tínhamos coragem de falar do irmão dele e como ousávamos nos meter a falar do combate corpo a corpo quando éramos dois medrosos de merda?, ele sabia que logo nos cagaríamos de tanto que temíamos os dois Frunza, falou que era para a gente se cuidar pois uma palavra a mais e ele nos tiraria as armas e sem elas nos espantaria para o trigal, e ao dizer isso ele balançou a cabeça irritado e sacou a grande faca que eu nunca tinha visto e a exibiu para nós, disse que era uma baioneta de verdade, desenterrada do mesmo túmulo em que estava o capacete, a depressão escavada na lâmina era sim um canal de sangue, e se não cumpríssemos suas ordens à risca não deveríamos nos surpreender se víssemos nosso próprio sangue escorrendo pelo canal, porque ele jurava que nos furaria a barriga com as próprias mãos, talvez depois também nos escarpelasse, e diante disso eu e Puju não dissemos nada, Prodán perguntou se havíamos entendido e então dissemos que sim, e nisso desejei que a ferida no seu ombro abrisse e ele pegasse uma infecção, e então Prodán guardou a baioneta e se voltou para os demais e disse vamos para a luta, e então todos o rodeamos e todos estenderam a mão direita e puseram umas sobre as outras, e ao mesmo tempo gritamos o grito de guerra, que a justiça e a irmandade e a revolução vençam, e em seguida começamos todos a correr na direção do trigal.

Quando chegamos lá todos deitaram de barriga, assim começamos a nos arrastar no meio do trigo, era preciso tomar

cuidado para abrir a trilha mais estreita possível, pois o que amassávamos ficava caído, e se fosse muito larga a trilha poderia ser vista de longe e assim levaríamos uma bomba de lama no pescoço com facilidade, e ser atingido por dois punhados de argila devia doer bastante, de modo que nos arrastamos com cuidado, mas os ramos e as folhagens do trigo ainda assim arranharam bastante nossas pernas e braços, a sorte era que não tínhamos de ter muita pressa porque Prodán tinha dito que o importante era que fôssemos o mais lentamente possível, os demais enquanto isso se espalharam bem, não os ouvimos mais.

Enquanto subíamos enfiei a mão em uma coisa grudenta, quando a senti puxei a mão na hora, mas já não fazia diferença, a palma da minha mão ficou toda cheia de um grude preto, era breu, ou quem sabe piche, estendido em uma longa linha em meio ao trigo, disse a Puju que parasse e tomasse cuidado para ele também não meter a mão na coisa, depois com a outra mão arranquei da terra um punhado de trigo, com o cabo áspero procurei raspar o grude da palma da mão, mas só saía com dificuldade, tive de raspar a mão também na terra, depois, enquanto subimos mais, tomei cuidado para não meter a mão naquilo de novo. Tínhamos subido uns quarenta metros quando Puju de repente pegou meu cotovelo e cochichou muito baixo que descansássemos um pouco, logo pôs o dedo diante da boca, para que eu ficasse em silêncio, como se não soubesse que não podíamos conversar, e então por um tempo não nos mexemos e olhei em redor devagar para ver se notava alguma movimentação no trigal, mas as fileiras eram muito próximas, não se via nada, aí esperamos, pois sabíamos que o ataque não demoraria, era pouco confortável ficar com os cotovelos apoiados na terra, fiz sinal a Puju para que nos apoiássemos nas costas um do outro, para que nos sentássemos assim, porque esperar dessa forma seria melhor, então nos apoiamos um no outro, eu por um

instante pus a cabeça para fora, mas não vi nada, apenas espigas balançando por todo lado, e depois rapidamente recolhi a cabeça, e assim esperei, havia um silêncio muito grande, não se ouvia que o campo estava cheio de crianças, o sol também ardia, sentia-se que iria fazer calor, peguei minha zarabatana e pus uma bala nela, e então por um momento pensei que aquilo não era um cano Bergmann, mas uma zarabatana de madeira de verdade e que na ponta da bala não havia só um alfinete, mas veneno de sapo para valer, pois se tratava de uma guerra de verdade, de vida ou de morte, acabaria com alguém sendo escalpelado, peguei minha faca e imaginei que era uma faca de escalpelar de verdade, a lâmina afiada como uma navalha deveria ser passada à volta do crânio abaixo da linha dos cabelos, em seguida com um gesto brusco o couro cabeludo deveria ser arrancado do osso do crânio, porém minha faca de latão não tinha um fio de verdade, por isso senti bastante não ter ainda meu canivete de cabo de peixe, que também não era muito afiado, mas ao menos tinha uma lâmina de aço, nisso senti Puju me cutucando de lado com o cotovelo, pensei que queria dizer alguma coisa, mas ele apenas se afastou das minhas costas e se atirou para a frente com o impulso, e assim se deitou de barriga sobre o trigo, pensei que ele tivesse sido acertado por um tiro secreto, mas ele se virou depressa e me mostrou as duas mãos entrelaçadas e sussurrou para que olhasse suas mãos bem de perto, então ele separou um pouco as duas palmas entrelaçadas e olhei entre seus dedos vestidos com as luvas de couro preto e vi que ele agora não queria me enganar, como das outras vezes, pois ele de fato tinha nas mãos um pequeno rato, imóvel, parecia uma bola de pele cinza, o rabo saía entre os dedos de Puju, sussurrando Puju disse que a gente devia dissecá-lo, mas eu disse que seria melhor matá-lo, a pele dele pareceria um pequeno escalpo, porém Puju também não tinha uma faca de

verdade, não tínhamos nem uma meia lâmina de barbear, talvez pudéssemos furá-lo com uma bala de zarabatana, Puju chegou a pegar uma delas, estendeu-a para mim para que o fizesse, mas então ouvimos Prodán gritando muito alto, sabíamos que ele de novo gritava que a revolução venceria, mas não entendemos bem porque ele estava bastante longe, e então os nossos começaram a dar hurras por todo lado e pularam do trigal e começaram a correr para a extremidade oposta do campo na direção em que a plantação acabava debaixo da mata, e quando nos ajoelhamos para ver por onde deveríamos ir o rato escorregou das mãos de Puju e desapareceu no meio do trigal, nisso vimos os da outra rua saltando também para fora do trigal, era fácil reconhecê-los pois todos tinham o rosto pintado com uma tinta de guerra vermelha, formavam duas fileiras, na frente vinham os que traziam as atiradeiras, cerca de dez metros atrás os que traziam as flechas, não vi zarabatanas nas mãos de nenhum deles, todos começaram a atirar nos nossos, nós nos deitamos depressa sobre o trigo, começamos a nos arrastar para a frente de novo, enquanto isso ouvimos as pedras das atiradeiras sibilando à nossa volta, enquanto avançávamos encontrei duas flechas enfiadas no chão, puxei uma delas, era uma flecha comum com uma pena, na ponta tinha um prego com a ponta enfiada na flecha, de modo que não era muito pontuda, mas ainda assim poderia machucar bastante se acertasse alguém na cabeça, ouvi também que todos gritavam a torto e a direito, ouvi muitos brigando no meio do trigal, antigamente quando brincávamos de guerra quem fosse deitado sobre os dois ombros teria de ficar de fora até o final do combate pois contava como morto, mas dessa vez parecia que a luta era mais dura pois todos gritavam e praguejavam muito alto, ao nos aproximarmos da briga deitamos de barriga completamente e assim nos arrastamos no chão, eu estava muito cansado, meus joelhos e cotovelos doíam,

a armadura de cartolina apertava minhas costas, desejei não tê-la feito, mas também não quis tirá-la porque sabia que Puju riria de mim.

Como não havia o que fazer, continuamos a subir, ninguém atirava mais, apenas se ouvia a briga e todos gritando a torto e a direito, ouvi alguém bem perto de nós gritando que se entregava e que os feridos não podiam ser atacados, em seguida ele começou a berrar mais alto que era traição e que aquilo não valia, não reconheci a voz, olhei para Puju, mas ele também só balançou a cabeça, continuamos a subir, não sabíamos a que distância estávamos da torre de vigia, mas não tínhamos coragem de olhar para fora, eu estava todo suado, me arrependia muito de não ter levado comigo o cantil, Puju também não tinha água, ofegante eu o ouvi dizer que também estava com sede, o campo se elevava um pouco, sentia que nos arrastávamos para cima, e isso significava que a torre de vigia não poderia estar muito longe, ficava na beirada da mata, onde o trigal acabava, e então de repente ouvimos alguém atrás de nós gritando muito alto, horrorizado, em meio ao trigal, como se estivesse sendo morto, e então Puju olhou para mim e falou que a gente devia voltar, porque eles haviam de fato assassinado alguém, mas respondi que não acreditava, disse-lhe que esperasse, porque eu iria espiar lá fora, olharia a que distância estávamos, e por um instante pus a cabeça para fora do trigal e na mesma hora vi a torre de vigia, estava bem à nossa frente, não muito longe, cerca de cento e cinquenta metros, deitei de novo no trigal e cochichei para Puju que ele não precisava ter medo porque estávamos na direção certa e dali não valia a pena voltar, disse que lembrasse o que Prodán tinha dito, e então ele falou que estava pouco ligando para Prodán, mas apesar disso continuamos a subir, no rastro um do outro, estávamos tão cansados que não nos arrastávamos nem um pouco com a disciplina

que tínhamos aprendido nos exercícios de Defesa da Pátria, simplesmente nos arrastávamos de quatro, eu ia de novo na frente, abria caminho, mas estava muito quente, e eu suava, o suor escorria, mas nós não paramos, apenas continuamos a subir, enquanto isso ouvimos que atrás de nós a briga prosseguia, de vez em quando uma ou outra flecha passava sobre nossas cabeças, e fomos ficando cada vez com mais sede e suando cada vez mais, e quando senti que devíamos estar bem próximos da beirada do trigal eu deitei de barriga e Puju se arrastou para junto de mim, ele também se deitou de barriga, e quando olhamos para fora do trigal vimos a torre de vigia, e diante dela uma cabeça de criança espetada numa lança, sentimos mais sede ainda e Puju disse que ele não se importava, iria voltar, iria buscar o cantil, porque sua boca estava amarga por causa da tinta de guerra idiota, mas é claro que ele não se mexeu, vi que o canto da sua boca tremia, eu também estava muito assustado, tanto que não quis olhar de novo por cima do trigal.

Por algum tempo ficamos imóveis de barriga no chão, ao me erguer sobre os cotovelos senti que o suor e a tinta de guerra escorriam pelo meu pescoço e penetravam debaixo do meu braço, e então pensei que se ainda tivesse de ficar deitado durante muito tempo ao sol, no final ficaria parecido com uma zebra, a ideia me fez ter uma vontade tão forte de rir que mal consegui me segurar, Puju puxou meu cotovelo e sussurrando perguntou o que estava acontecendo, por que eu estava querendo rir?, e fiz sinal de que não era nada e me arrastei para a frente e de novo olhei para fora do trigal, os pombos continuavam voando em volta da torre de vigia, vi que em torno dela em um semicírculo de cerca de trinta metros o trigo estava bastante pisoteado, mas vigia eu não vi em lugar nenhum, como se a lança fosse um vigia suficiente, e então olhei para trás, na direção da briga, mas vi apenas o trigo

balançando de um lado para o outro, como os rapazes que lutavam em meio a ele, em seguida alguém saltou do trigal, ergueu-se até a altura de cintura, e começou a correr na direção da torre de vigia, primeiro pensei que fosse o pequeno Prodán, mas depois eu o reconheci, era Jancsi, em seguida, dois passos adiante, alguém o alcançou e com certeza o agarrou porque Jancsi deu um berro e caiu de braços estendidos no trigal, e então eu de novo me pus de barriga e disse a Puju que ninguém estava vigiando a torre de vigia e que talvez devêssemos subir para apanhar a bola, seria melhor se ele fosse imediatamente, mas então ele começou a dizer que aquilo tudo era uma traição, a guerra, era proibido subir até a torre de vigia pois era propriedade da empresa estatal de caça e só podia subir nela quem tivesse uma licença, e seu pai tinha dito que da fazenda coletiva eles costumavam observá-la de binóculo por causa dos ladrões, e enquanto ele falava percebi que continuava pálido de medo, o sol ardia tão forte que eu mal conseguia falar de tão seca que estava minha garganta, apesar disso cuspi no chão a saliva amarga preta, pensei na baioneta de Prodán, e disse a Puju para mim chega, se ele era tão cagão então eu ia subir, e Puju disse o que você está tagarelando?, você sabe muito bem que não pode subir enquanto Prodán não der o sinal, mas então eu de novo senti na boca o gosto horrível de rolha de garrafa, não tinha mais saliva nem para cuspir e disse que Prodán e sua baioneta podiam ir para o inferno, e fiquei de joelhos e atirei no chão minha zarabatana e os cintos de munição e me ergui e comecei a correr na direção da torre de vigia o mais depressa possível.

Quando me levantei jurei a mim mesmo que não olharia de perto para a lança, mas ao me aproximar dela não aguentei, fui obrigado a olhar, e então vi que o cabo estava cheio de sangue, no saco de fertilizante de náilon, amarrado na boca, havia sangue na altura de um palmo, mas o que estava de fato espetado na ponta

da lança não aparecia, e eu nem quis olhar direito, preferi virar a cabeça porque tinha medo de perder a coragem de subir na torre de vigia, achei que aquilo na ponta da lança era apenas um pombo ou um coelho que havia sido caçado, e nisso cheguei à torre de vigia e comecei a subir a escada.

Não era uma escada de verdade, apenas uma estaca com sarrafos pregados, à medida que eu subia ela balançava bastante, os sarrafos rangiam para todo lado, tive de me segurar bem para não cair, e então durante a subida olhei para a torre de vigia e entre as tábuas do piso vi que havia alguém lá em cima, era Remo Frunza, estava acorocado no alto da torre de vigia, agachado a um canto, sentado sobre um rolo de corda, vi que fumava, tinha o rosto todo vermelho de tinta de combate, olhava diretamente para mim em meio às frestas das tábuas do piso, fiquei muito surpreso, porque até então acreditara que ele também lutava no trigal com os demais, levei um susto tão grande que não consegui dizer nada, minha mão chegou ao degrau mais alto da escada, Remo Frunza também não disse nada, só ficou olhando, quando ele piscou vi que suas pálpebras também estavam cheias de tinta de combate, os cílios estavam realçados de preto, no rosto e na testa também havia faixas pretas, ele parecia de fato muito assustador, senti também minha garganta apertada, pensei que deveria descer, mas continuei sem me mexer, senti minha mão apertando o degrau da escada, e então alguém me disse que não parasse, mandou que continuasse subindo, era Rômulo, o irmão de Remo, ele também estava sentado lá, no banco da torre de vigia, de início eu não tinha percebido, e nisso Remo também fez que sim, mas continuou sem dizer nada, apenas deu uma tragada no cigarro e soltou a fumaça pelas duas narinas, e então de algum modo acabei me movendo, e devagar subi para o alto da escada sentindo as pernas muito pesadas, e então Remo Frunza de repente estendeu a mão e

agarrou meu pulso e sem uma palavra me puxou para a torre, enquanto isso ouvi Rômulo perguntando meu nome, e então respondi, ele fez que sim e perguntou se era eu o garoto órfão, e eu disse que não, meu pai estava no canal do Danúbio, e então Rômulo fez um gesto de negativa e disse que tanto fazia, e em seguida ele me parabenizou porque não acreditava que algum de nós chegasse até ali, em seguida perguntou o que eu queria lá, e então Remo Frunza também olhou para mim, como se ele também esperasse pela minha resposta, enquanto isso amassou o cigarro na tampa de uma leiteira de metal, e não tive coragem de dizer nada, e então Remo Frunza sacou o canivete de mola, mas não o abriu, apenas o revirou na mão, Rômulo por sua vez disse que perguntava pela última vez o que queria lá, uma vez que eu sabia que a torre de vigia era território proibido para todos, eu naturalmente não tive coragem de perguntar o que eles faziam lá, mas disse que tinha ido buscar a bola, queria levá-la, e nisso Rômulo Frunza disse é claro, é mesmo, ele nunca teria pensado nisso, disse irônico, mas sem sorrir, está bem, já que eu estava lá era melhor que me sentasse, mas com cuidado porque estava tudo cheio de cocô de pombo, e então olhei para cima e vi que debaixo do teto da torre havia tábuas pregadas e sobre estas havia pombos, no mínimo uns quarenta, limpavam as penas e esticavam os pescoços, naturalmente não havia onde sentar, Rômulo Frunza ocupava o banco todo, ao lado de Remo sobre o rolo de corda havia algum espaço, mas não tive coragem de me sentar lá, embora ele tivesse guardado o canivete, então eu disse obrigado, só quero a bola, e se fosse possível preferiria ir embora, mas então Rômulo Frunza disse apenas que eu não iria a lugar algum, e em seguida perguntou se eu via alguma bola lá, e eu disse que não, pois de fato não via, e lambi os lábios, e então disse também que aquilo era traição, porque eles haviam dito que a bola estaria ali, aquilo não era

honesto, mas então Rômulo Frunza disse que eu devia levar em conta que uma guerra nunca era coisa honesta, o que estava em questão era a vitória, não a honestidade, mas ele respeitava minha coragem de ter dito isso na cara dele, e nós logo saberíamos se eu era corajoso de verdade, ou se era apenas fanfarrão, pois ele agora me daria a oportunidade de provar, e ao dizer isso Remo pegou junto do rolo de corda um pedaço de madeira e o pôs no chão, no meio da tábua havia uma mancha amarronzada, parecia exatamente a palma de uma mão com os dedos abertos, Rômulo mandou que me ajoelhasse e que em seguida pusesse a mão direita sobre o pedaço de madeira, ao fazê-lo de repente me dei conta do que viria porque tinha visto coisa parecida em um filme sobre a resistência, eu teria desejado recolher a mão, mas era tarde porque Remo de novo pegou o canivete e com o mesmo gesto com que fez saltar a lâmina ele a enfiou na madeira entre os meus dedos médio e anular, e quando o canivete abriu senti a lâmina encostada na pele do meu dedo anular, enquanto isso Rômulo disse que o irmão tinha uma mão bem firme e seria melhor eu não tentar tirar a palma da mão da madeira pois nesse caso talvez a lâmina pudesse escorregar, Remo não disse nada, apenas pegou o cabo do canivete, arrancou-o da madeira e começou a passá-lo devagar entre os meus dedos, ouvi a lâmina perfurando ruidosamente a madeira, e quando Remo a arrancou de novo a tábua rangeu um pouco, estalou e rangeu, estalou e rangeu, olhei para minha mão, meus dedos assim esticados pareciam muito finos, mas então pensei que apesar de tudo eles não eram tão finos pois Remo mais cedo ou mais tarde com certeza furaria um deles, senti o braço todo arrepiado até o ombro, não quis olhar para minha mão, não quis ver a lâmina passando entre os dedos, preferi erguer a cabeça lentamente para não ter de olhar, e quando olhei para cima vi Rômulo Frunza me olhando, ele acenou sorrindo, e então

ele disse está bem, até aqui está bem, e eu ouvi o ritmo das batidas e dos rangidos se acelerar um pouco, mas nem assim olhei para minha mão, continuei olhando para Rômulo, e Rômulo então me perguntou se eu tinha certeza de que queria levar a bola, e eu quis dizer que não, nada disso, não quero nada, quem diabos precisa da bola de Prodán, só me deixe tirar minha mão daqui, enquanto isso senti pela força das estocadas a tábua debaixo da minha mão tremendo, e então acabei não dizendo nada, só balancei a cabeça concordando, embora soubesse que deveria sacudir a cabeça, mas ainda assim balancei a cabeça, e então Rômulo disse está bem, mas devia ter consciência de que com essa teimosia não só causaria problemas para minha própria cabeça, mas a todos os outros da minha rua, porém se suportasse até que ele desse um sinal ao irmão para que parasse ele me diria onde estava a bola, porém se não suportasse também não haveria problema, só teria de dizer chega, e desistir, e nesse exato instante a lâmina se deteria na mão do irmão e eu estaria livre, eu e quem estivesse espetado na lança enterrada na terra, pensei, e pensei também que do saco de fertilizante escorria sangue, e eu sabia que para mim agora tanto fazia, e então disse que seria justo se Rômulo pusesse a palma da mão junto da minha, mas Rômulo não se irritou com isso, disse que ali era ele quem dizia o que era justo e o que não era, e eu não respondi nada, não olhei para Rômulo e sim atrás dele, para a parede de proteção contra o vento da torre de vigia, e então vi que sobre uma das tábuas havia uma porção de asas de pombo pregadas lado a lado, e nisso senti que Remo movimentava a mão ainda mais depressa, Rômulo então perguntou apenas havia quanto tempo não tínhamos notícias do meu pai, e então quase mexi minha mão pela surpresa com a pergunta, e quis dizer a Rômulo que ele não tinha nada a ver com aquilo, mas em seguida acabei dizendo que havia muito tempo, e então Rômulo

disse que era melhor que eu soubesse que com certeza já era órfão, exatamente como ele e o irmão, e então eu disse que não era verdade, não era, e olhei de novo para minha mão, e então a mão de Remo já se movimentava tão depressa que não tinha como ver entre quais dos meus dedos ele enfiava a lâmina, as batidas e os rangidos se fundiram, a tábua vibrou muito debaixo da minha mão, parecia que sentia em todos os dedos ao mesmo tempo a frieza da lâmina do canivete, como se alguém tivesse calçado uma luva grossa de ferro na minha mão, senti o corpo todo arrepiado, me ocorreu que meus cabelos com certeza também estavam arrepiados, assim como na aula de física fui ligado na eletricidade, minha mão esquerda estava fechada, eu sabia que a mão direita também desejava arranhar a tábua, e sabia também o que aconteceria então, a ponta da faca atravessaria meu dedo, como se fosse manteiga, também por isso não quis mexer minha mão, sabia que não podia mexê-la, olhei para Remo Frunza, vi que ele estava com a língua um pouco de fora, os olhos apertados, olhava para sua mão concentrado, mas então ele deve ter sentido que olhava para ele porque também olhou para mim, a lâmina passava ainda mais depressa entre meus dedos, eu sabia o que significava, mais rápido não poderia passar, ele logo pararia, e então Remo de repente caiu na risada e fechou os dois olhos e eu vi que ele tinha os dentes pintados de preto, as pálpebras estavam vermelhas de pintura de guerra, e no meio delas havia duas grandes pupilas pintadas, ao vê-las senti que comecei a suar de novo, sabia que, pronto, agora ele fazia a coisa às cegas, agora com certeza erraria, com certeza espetaria um dos meus dedos, sabia que eu não iria aguentar mais, vou gritar, vou pedir que ele pare, e então cerrei os dentes, porque não queria gritar porque sabia que se gritasse ele enfiaria a lâmina bem no meio da minha mão, lembrei que havia sido assim no filme, pois esse era o castigo dos medrosos, mas o grito já havia

começado na minha garganta, e, com os dentes cerrados, sibilando longamente, eu urrei, e nisso meu rosto ficou todo contraído, tanto que todos os meus músculos doeram e latejaram, embora minha mão continuasse apertada contra a tábua, eu ainda não disse chega, é verdade que não conseguiria dizer nada por conta do grito, e então Rômulo Frunza riu para mim, e de repente estendeu a mão e pôs a palma da sua mão ao lado da minha sobre a tábua, Remo não abriu os olhos, mas deveria saber o que estava acontecendo, pois passou a lâmina também entre os dedos do irmão, a lâmina se movimentava tão depressa que não era visível, a tábua vibrava e estremecia debaixo da palma da minha mão, eu sentia a torre de vigia inteira balançando com ela, eu não gritei mais, apenas uivei alto, e então Rômulo Frunza falou, disse está bem, não acreditaria que fosse aguentar tanto, eu só precisava confessar a verdade, que era órfão, que não tinha pai, tinha de dizer apenas que sabia que ele tinha morrido e jamais voltaria para casa e então ele na mesma hora diria onde estava a bola, mas continuei sem dizer nada, e então Rômulo falou de novo e disse que eu devia acreditar que seria melhor para mim se falasse, eu veria como me sentiria aliviado, e quando ele fechou a boca, na mesma hora descobri onde estava a bola, só não entendia por que não havia me ocorrido antes, e gritei alto não, de jeito nenhum, que morressem os dois, e de repente arranquei a mão e ao mesmo tempo empurrei a tábua com o joelho na direção de Remo e me atirei para a escada, e nisso vi que Remo abriu os olhos e tentou apontar o canivete de mola para baixo, na direção onde estaria o meio da minha mão, mas porque a tábua escorregara a mão que estava lá era a de Rômulo, eu não vi se Remo a cortou ou não com a lâmina, porque já estava descendo a escada, só ouvi um deles berrando muito alto, com tanta força que do teto de repente todos os pombos alçaram voo, descí o mais rápido que pude e no fim minha mão escorregou em

um dos degraus e eu caí de bunda diante da torre de vigia, por sorte não me machuquei muito, olhei para cima e vi Remo Frunza debruçado da torre de vigia até a cintura, e então Remo com uma voz rouca, áspera, disse que corresse, o máximo que meus pulmões aguentassem, porque era o meu fim, e ainda que levasse uma vantagem de duzentos metros eles me alcançariam, e então senti o ar queimando minha mão, olhei para ela e vi que em um monte de lugares escorria sangue, porque a lâmina havia feito uma porção de pequenos ferimentos de cada lado dos meus dedos, minha mão também havia escorregado da escada porque a palma estava escorregadia de sangue, pensei em deixar a bola, que ela ficasse onde estava, mas então pensei que não a deixaria, e me levantei e corri para a lança, arranquei-a da terra, rasguei o saco de fertilizante da ponta, em seguida larguei a lança no chão, e com o saco na mão comecei a correr, de volta, na direção da Grande Árvore.

Enquanto corria percebi que do saco escorria sangue em grandes jorros, o náilon estava todo engordurado, quase escorregou da minha mão, pelo peso eu sentia que não poderia haver nada nele a não ser a bola, e sabia também que o sangue só poderia ser sangue de pombo, enquanto isso vi Puju saltando do trigal e gritei para ele que estava com a bola na mão e que a gente devia correr, mas Puju ficou só parado na beirada do trigal, fitando a torre de vigia, quando cheguei junto dele eu também olhei para trás e vi que Rômulo se debruçava para fora da torre de vigia com uma corneta de Pioneiro, enquanto Remo Frunza descia a escada com a velocidade de um raio, embora se segurasse somente com uma das mãos porque na direita ele tinha uma tocha acesa e então ouvi a corneta soar alto, Rômulo soprava nela uma espécie de marcha, não a reconheci mas sabia que só poderia ser o sinal de alarme, e então vi que do trigal por todos os lados apareceram os da outra

rua, e eles começaram a correr na direção da torre de vigia, pensei que quisessem me agarrar para me derrubar e recuperar a bola e então olhei para trás de novo e vi Remo Frunza chegando à beirada do trigal. Ele encostou a tocha no chão e então me lembrei do piche espalhado em meio ao trigo, ouvi que o piche, crepitando, começava a pegar fogo, e nessa hora descobri o que iria acontecer, por que eles haviam dito que eu devia correr o máximo que pudesse, as chamas me alcançariam de qualquer maneira, vi as chamas correndo em meio ao trigal, de início o trigo não se incendiou, somente o piche ardeu em uma linha sinuosa entre as espigas. E de repente todos começaram a gritar, os nossos e os da outra rua, todos pularam do trigal, o fogo se dividiu em duas linhas, em seguida se espalhou e então o trigo também se acendeu, a palha ardeu com uma chama alta amarela, não fez muita fumaça, mas ainda assim encobriu os prédios e a cidade, ouvi que muitos começavam a tossir, os nossos também corriam, porém não organizados como os da outra rua, mas a esmo, para fora, na direção da Grande Árvore, para fora, na direção da torre de vigia, e eu continuei a correr, direto na direção das chamas, apertei com força o saco de fertilizante e gritei o nome de Prodán, para que ele viesse e tirasse de mim a filha da puta da bola, embora soubesse que a batalha havia terminado, eu teria de dar meia-volta e sair correndo do campo, porque a palha e o trigo ardiam como gordura, apesar disso não consegui me voltar, apesar de tudo continuei correndo na direção das chamas, e naquela altura minha boca e meu pulmão estavam cheios de fumaça preta, senti que logo começaria a tossir, alguém passou por mim berrando e gesticulando, não o reconheci, continuei correndo na direção do fogo, sabia que deveria parar, e sabia também que não pararia, mas passaria correndo bem no meio do mar de chamas, sabia que não conseguiria chegar ao outro lado, vi alguém se debatendo na

fumaça, e de repente me lembrei de Puju, onde ele estaria, e do rato que ele havia querido escalar, estava muito perto das chamas, ouvi as espigas estalando enquanto ardiam, o som lembrava o fogo de metralhadoras nos filmes, sabia que logo iria cair e soltar a bola bem no meio das chamas, e então de repente ouvi Rômulo Frunza gritando meu nome muito alto, berrava que agora eu iria morrer, à minha frente o fogo ardia com altas labaredas amarelas, e então olhei sobre os ombros e vi Rômulo sentado nas costas do irmão, como se estivesse montado em um cavalo, Remo por sua vez correu na minha direção e também gritou que havia chegado o meu fim, Rômulo girou um laço sobre a cabeça, ouvi o sibilo do nó, e então de repente me atirei na direção das chamas, mas quando me desprendi do solo senti o laço circundando minha cabeça, em seguida a corda apertou meu pescoço e me puxou, eu olhei para trás, o saco caiu da minha mão, com a bola ele rolou para o meio do trigo em chamas, levei as mãos ao pescoço para agarrar a corda, enquanto isso ouvi Remo gritando hurra muito alto, nisso ele correu de volta para a torre de vigia, o irmão continuou dependurado nas costas dele, eles me arrastaram preso na extremidade da corda, eu virei de lado, tentei tirar o nó da garganta, ou pelo menos me levantar, mas minhas mãos estavam doendo muito, enquanto eles me puxavam eu a toda hora perdia o chão, as labaredas estavam cada vez mais altas, o fogo crepitava muito alto, da direção da fazenda coletiva chegou uma espécie de trovoada muito forte, ao ouvi-la me ocorreu o que Puju havia dito sobre a colheita e o gásóleo, que com certeza havia entrado em combustão, e entre as chamas de novo vi gente se mexendo, quis gritar por aqui, corram para cá, a trovoada se tornou ainda mais intensa, lembrou trovões numa tempestade, porém muito mais altos, enquanto os Frunza me arrastavam minha camiseta correu para cima, senti a armadura de cartolina se

soltando, pus a mão nela para tirá-la, mas nisso a corda se estreitou ainda mais no meu pescoço, senti que logo iria desmaiar, e então subitamente vi que do lado esquerdo do trigal alguém saltou, era Prodán, tinha amarrado a camiseta diante da boca e do nariz, empunhando a zarabatana em forma de pistola ele correu na direção dos irmãos Frunza, vi a baioneta espetada na ponta do cano Bergmann mais longo, pensei que iria acertar Remo nas costas com ela, mas em vez disso Prodán se atirou de lado e por trás agarrou Remo que levou um tombo enorme, Rômulo voou das costas dele e rolou para o trigal, eu levei a mão ao pescoço e tirei a corda, minha mão direita doía como se a pele tivesse sido arrancada completamente, eu me ajoelhei, tossi, vi Prodán atacando Remo com a baioneta, e então de repente ouvi uma crepitação muito forte e tudo foi recoberto por uma fumaça preta densa, muito, muito mais amarga que a fumaça de cortiça queimada, eu não queria aspirá-la, tentei ficar de pé para correr da fumaça, para correr de volta para a torre de vigia, as trovoadas estavam muito mais altas, mas ainda assim ouvia o fogo crepitando a meu redor por todos os lados, e então tive certeza de que não teria forças para me levantar, esperaria de joelhos que as chamas me engolissem.

A barulheira estava tão alta que pensei que fosse minha imaginação, minha cabeça devia estar confusa pela fumaça engolida, e em meio à barulheira pensei ter ouvido a voz de Puju chamando meu nome, e quando tentei me levantar de novo a fumaça se ergueu um pouco e vi uma porção de máquinas enormes se aproximando lentamente, eram debulhadoras, com carretas amarradas atrás delas, vi também o carro de bombeiros da fazenda coletiva, um dos trabalhadores atirava água sobre o trigo com uma mangueira manual, vinham também dois caminhões com a carroceria cheia de barris, deles os trabalhadores espalhavam água

sobre o trigo em fogo com baldes, uma das debulhadoras era dirigida pelo pai de Puju, quando passou a meu lado ouvi que ele praguejava sem parar, de repente senti de novo a necessidade de tossir muito, tanto que meus olhos se encheram de lágrimas, depois vi que atrás das debulhadoras as carretas vinham cheias de crianças, em uma delas vinha Puju gritando meu nome, quando eles chegaram vi que o pai de Prodán também estava de pé sobre a plataforma, quando me viu ele se debruçou e com as duas mãos me ergueu para dentro da carreta, disse que iria me arrumar uma guerra, se era isso o que queria e eu ainda continuava tossindo quando ele me desferiu duas bofetadas enquanto dizia que me daria uma surra se fosse seu filho, e eu vi, de fato, que Kisprodán estava sentado com um lado do rosto inchado junto de um barril, e então o sr. Prodán perguntou se eu sabia onde estava seu Miki e eu contei onde o tinha visto pela última vez, mas achei que ele não entendeu o que disse porque não parava de tossir, senti minha boca sangrando um pouco por dentro por conta dos bofetões, mas nisso chegamos quase à extremidade do trigal, o pai de Prodán gritava sem parar o nome do filho, Miki, Mikike, mas não vimos Prodán em lugar algum, o fogo não ardia mais, pelo menos um terço do trigal estava acabado, tudo era palha queimada, poças pretas e hastes pisoteadas e carbonizadas, em alguns lugares o trigo ainda estava de pé e em outros a palha enegrecida fumegava.

Quando chegamos à torre de vigia a debulhadora parou, e eu ouvi o pai de Puju dizendo que era sorte a mata não ter pegado fogo, Puju me estendeu um copo de metal cheio de água, para que bebesse e lavasse o rosto, agradei, a água, naturalmente, estava amarga, com gosto de breu, mas apesar disso eu a tomei, e nisso me ocorreu que havia sido bom Puju ter dito ao pai que iríamos guerrear, em seguida com a minha camiseta do avesso enxuguei o rosto, e logo depois ouvi o pai de Prodán começando a gritar alto

de novo, os outros gritaram também, todos gritaram o nome de Prodán, eu também olhei para onde eles apontavam e vi que a cerca de cinquenta metros de nós Prodán lentamente saía do meio do trigal, e então Prodán olhou para trás e viu a debulhadora e a carreta, e viu também o pai, nisso ele se levantou e começou a correr mancando na direção da mata, o pai passou a gritar mais alto para que ele parasse, pois caso contrário ele lhe daria uma surra, ele o esfolaria vivo, faria tiras de sandália das costas dele, o castraria, o pai de Puju enquanto isso deu partida na debulhadora e assim saímos atrás de Prodán, logo o alcançáramos, enquanto corria, Prodán olhou para trás, depois parou e se virou na nossa direção, ele nos esperou com os braços junto ao corpo, sabia claramente o que iria acontecer, o pai saltou da carreta e começou a correr atrás do filho e quando o alcançou ele não parou, ainda na corrida lhe desferiu uma imensa bofetada, tão grande que Prodán quase caiu debaixo da debulhadora, do nariz dele jorrou sangue, mas ele na mesma hora se pôs de pé diante do pai, e então vi que ele ainda estava com a baioneta, ele a segurava na mão direita, o pai lhe ordenou que pedisse perdão, em seguida bateu nele com o punho, deu-lhe um soco no estômago com toda a força, fazendo que Prodán, ofegante, se curvasse, do canto da boca dele escorreu saliva preta, e o pai de novo ergueu a mão e então Prodán deu um passo atrás e pediu perdão, via-se que ele logo iria desmaiar, a baioneta caiu da sua mão e ficou fincada na terra junto de sua perna, ao olhar para ela vi que a lâmina estava cheia de sangue, o pai de Prodán também a viu, porque ele se abaixou e a arrancou da terra, enxugou seus dois lados na manga da camisa, em seguida perguntou sobre os demônios, os Frunza, onde estavam?, Prodán apontou na direção da mata e disse que eles haviam fugido, e então o pai de Prodán de novo enxugou a baioneta na manga da camisa, depois olhou de novo para Prodán e disse que se o pegasse

pondo a mão de novo nas lembranças militares palavra de honra que ele o surraria até que sangrasses, bateria nele enquanto se mexesse. Prodán não disse nada, só fez que sim e olhou sobre os ombros do pai na direção da mata, o pai se virou e eu vi que ele sorria.

África

Já fazia quase um ano que haviam levado meu pai, e fazia mais de quatro meses que não recebíamos nenhuma notícia dele, não veio mais nenhuma carta, nenhum daqueles cartões-postais impressos de campo de trabalhos forçados em que ele nos comunicava que estava bem e se sentia cheio de orgulho por superar a meta de produção todos os dias, de modo que não sabíamos nada sobre ele e também era inútil perguntar à minha mãe sobre o que estava acontecendo, pois ela achava que meu pai não escrevia porque ela não lhe respondia, mas naquele sábado nós de novo abrimos a caixa de correio sem resultado e eu vi que seu rosto ficou tenso, quando subimos as escadas minha mãe de súbito começou a tossir com tanta força que teve de se agarrar ao corrimão, vi seu ombro sacudindo e ela se curvou e eu sabia que na verdade ela não estava tossindo mas chorando, só fazia de conta que tossia porque não queria que eu notasse o choro, não queria que me assustasse, e então tive certeza de que ela pensava que meu pai havia morrido, havia falecido no canal do Danúbio, mas eu sabia também que isso não era verdade, porque se tivesse acontecido alguma coisa a meu pai eu sentiria, se não em outras horas, pelo menos de manhã, quando a caminho da escola olhava o retrato que havia tirado de sua carteira de reservista, pois nessas horas eu sempre sentia que lá, no canal do Danúbio, meu pai pensava em mim, e também porque quando o levaram ele prometera que um dia voltaria e me levaria para o mar, pois bem, vi que mamãe estava chorando, mas

fiz de conta que não percebi, e lhe dei uns tapinhas nas costas com a palma da mão, como se ela estivesse apenas tossindo, e quando chegamos ao quarto andar ela não estava mais chorando, pegou um lenço e enxugou o rosto, disse que havia se engasgado, mas agora estava tudo certo, eu disse está bem, tome cuidado, seus olhos estavam cheios de lágrimas pela tosse e a maquiagem estava borrada, então ela teria de tirar a maquiagem também, ela balançou a cabeça, em seguida me disse que fosse para o meu quarto e que lesse um pouco ou que desse uma olhada na lição, pediu que eu fosse, que não me opusesse, embora não pretendesse resistir nem um pouco, pois queria ver se o soldadinho de chumbo que havia arranjado na escola seria de fato bom para a armadura que tinha feito a marteladas da folha de metal que tinha encontrado na pilha de lixo, gostaria muito que desse certo pois apenas eu não tinha um comandante de verdade para o jogo de guerra que disputava com os outros rapazes na escadaria, o comandante de Feri havia sido feito de chumbo, especialmente, pelo pai dele, e o pai também o tinha ajudado a pintá-lo, mas eu não tinha quem me ajudasse, minha mãe nem sabia do jogo, porque quando o trigal atrás do nosso bloco de apartamentos ficou queimado por conta da guerra ela me proibiu de participar de qualquer jogo violento, de modo que sem uma palavra fui para o meu quarto, como ela havia pedido, pus o livro e o caderno de matemática sobre a escrivaninha, caso entrasse ela ia ver que estava estudando, como tinha pedido.

A porta do meu quarto ficou entreaberta, ouvi minha mãe entrando no quarto de dormir, em seguida ela saiu de novo, depois entrou na cozinha, a porta do armário rangeu, com certeza ela pegava um copo, ouvi que abriu a torneira, a água correu, ela deixou que a água esfriasse bastante, em seguida bebeu lentamente, depois jogou o resto na pia, puxou uma cadeira e se

sentou, enquanto isso me agachei cuidadosamente junto da escrivaninha e em silêncio abri a última gaveta e a pus sobre o tapete, eu guardava em uma fenda debaixo da gaveta as coisas que não queria que mamãe visse: a medalha que havia ganhado do meu avô, minha lata de conserva de explosivo, meu tacape, todos os meus soldadinhos de chumbo, os cartuchos vazios em que ainda se sentia o cheiro de pólvora e, embrulhada num pano, a armadura, eu a tirei depressa, com pano e tudo, como estava, em seguida pus a gaveta no lugar, da cozinha não se ouvia mais nada, queria saber o que minha mãe estava fazendo, ela não costumava me espiar, mas eu não queria que ela descobrisse meu esconderijo secreto, por isso guardei a gaveta com o mesmo cuidado com que a tinha tirado, em seguida me levantei, me sentei à escrivaninha, pus ao lado do caderno os lápis de cor e a régua, como se de fato estivesse fazendo a lição de casa, e só então tirei do bolso o soldadinho de chumbo, enquanto abria o pano de repente ouvi a cadeira da cozinha rangendo, e então pensei que minha mãe com certeza tinha se levantado e logo entraria e veria o que eu estava fazendo, de modo que rapidamente enfiei o soldadinho de chumbo entre as minhas coxas, peguei o lápis e comecei a escrever sobre a folha de papel a lição de casa, e então ouvi minha mãe suspirando, mas apenas por um instante, em seguida ela pôs a mão na frente da boca, pois logo se fez silêncio, mas ainda assim, no silêncio, eu ouvi que ela estava chorando, apertei o lápis com tanta força que fiquei com dor nos dedos, não quis pensar nela, mas ainda assim a imaginei sentada à mesa da cozinha, apoiada nos cotovelos, apertando as duas mãos sobre a boca, as lágrimas escorrendo em seu rosto, e eu sabia que era inútil fechar os olhos, ainda assim a veria, seria inútil ir até lá, e seria inútil dizer a ela que não chorasse, porque ela iria apenas gritar e depois de noite choraria de qualquer maneira, seria melhor se não soubesse que eu estava

ouvindo, mas sabia que ela não iria aguentar, o choro explodiria de qualquer modo, e depois ficaria brava comigo porque eu tinha ouvido, embora não tivesse culpa era comigo que ela iria brigar, pensei que seria melhor guardar os soldadinhos de chumbo na gaveta pois eles, com certeza, causariam uma grande confusão, mas estava muito curioso, desejava muito saber se a armadura caberia no soldadinho novo e comecei a abrir o pano com muito cuidado, mas só com a mão esquerda, na mão direita deixei o lápis o tempo todo, como se estivesse escrevendo a lição, enquanto isso continuei a abrir o pano engordurado e então, de repente, ouvi o choro da minha mãe explodindo para valer, repentino e alto como nunca, e então fiquei tão assustado que minha mão estremeceu, a ponta do lápis quebrou pela força com que o apertei contra o papel, e ouvi minha mãe empurrando a cadeira para trás e se levantando, e praguejando, pedindo que Deus a castigasse, que Deus a castigasse por essa vida, em seguida ouvi um barulho de cacos, e assim eu sabia que minha mãe havia atirado o copo no chão, e então me assustei de verdade pois sabia que se minha mãe tinha atirado alguma coisa no chão era porque o problema era grave, ela não quebrava nada havia muito tempo, desde antes de levarem meu pai, nem quando brigava muito com meu pai, não, ela só batia a porta, e então ouvi minha mãe batendo a porta da cozinha, os pratos de enfeite acima da porta se chocaram uns contra os outros, em seguida ela foi para o corredor, para a mesinha do telefone, parou diante dela, ouvi que respirava profundamente, em seguida pegou o telefone e discou depressa, sem esperar que a mola levasse o disco de volta ela o girava de novo, de modo que o telefone estalava desordenadamente, em seguida se fez silêncio, minha mãe nem suspirava, eu quase ouvi o telefone tocando muitas vezes em outro lugar, e então por fim alguém deve ter atendido pois minha mãe gritou muito alto, disse alô seguidamente ao

menos três vezes, em seguida ela disse que se atenderam o telefone era para falar alguma coisa, que história é essa de não dizer nada?, ela estava ouvindo cochichos do outro lado da linha, o que é isso?, fale, não reconhece a voz da própria nora, ela falava cada vez mais alto, ouvi que enquanto isso a mesinha do telefone rangia porque minha mãe a empurrava com os joelhos, e pensei que ela de verdade estava angustiada pelo meu pai, pois por outra razão certamente não telefonaria para meus avós, pois eles não falavam com ela, em especial depois que haviam levado meu pai, porque culpavam minha mãe por tudo, diziam que meu pai jamais teria assinado a declaração, ele o fizera apenas porque minha mãe o tinha instigado, e então minha mãe se calou, não fez mais a mesinha ranger, depois quando ela falou de novo, falou baixo, porém no tom áspero, seco que ela usava quando estava muito furiosa, disse está bem, ela também discordava, o camarada secretário faria melhor se não se preocupasse com a própria honra, mas com a vida do filho, e então, ao dizer isso, minha mãe se calou, e por um instante se fez de novo um grande silêncio, eu então por fim peguei a armadura e o soldadinho de chumbo e abri a armadura e a experimentei no guarda suíço sem pintura e sem alabarda, mas a armadura era muito grande, não havia como prendê-la, e então lá fora minha mãe falou de novo, disse sim, era disso que se tratava, o que meu avô estava pensando, de que porra de assunto eles poderiam tratar a não ser disso?, eu fiquei olhando para o soldadinho de chumbo, Feri o tinha vendido para mim porque a forma não dera certo, a parte de cima estava achatada, pensei que não seria visível sob a armadura, mas sabia que assim nem para mim ele teria alguma utilidade, enquanto isso a mesinha lá fora rangeu de novo, minha mãe com certeza tinha se apoiado nela, disse que para ela meu avô não deveria mentir, ela sabia muito bem que ele ainda tinha contatos, tinha sido secretário do

partido durante tempo suficiente para que alguns lhe devessem favores, pediu que ele dissesse o nome de alguém que pudesse ajudar, e então minha mãe se calou por algum tempo, depois de repente respirou fundo, aspirou o ar como se fosse água e falou muito alto no telefone, disse a meu avô não vou esperar, entendeu?, não vou esperar, é para já, entendeu?, já, e ao dizer isso ela estava gritando e eu pensei que ela fosse bater o telefone, e de fato naquele instante ela o bateu, com tanta força que o aparelho silenciou com um estrondo terrível e ela berrou agora chega, ela não se importava, chegara a hora de o velho escroto fazer alguma coisa pelo filho, ouvi que vinha na direção do meu quarto, mas ela parou depois de dois passos, e depressa cobriu o soldado e a armadura com o livro de matemática, minha mãe atirou alguma coisa mole no chão, na hora não consegui adivinhar o que era, mas depois a ouvi abrindo o zíper da saia e depois também praguejando em voz baixa porque a saia ficara presa no tornozelo, pois ela havia tentado tirá-la muito depressa, e eu também sabia que ela havia atirado a blusa no chão, e então a ouvi pulando em uma perna na direção do meu quarto gritando para que saísse, para que a ajudasse, pois a meia dela logo iria se rasgar, e quando abri a porta vi que ela estava de sutiã, de fato em uma perna só, e da perna que ela mantinha no ar pendiam pela metade a saia e a meia, e então me aproximei dela, e ela me pediu que se apoiasse em mim a fim de não cair, e então parei a seu lado e a abracei e vi seu rosto cheio de lágrimas, ela curvou a cabeça e começou a tirar a meia com cuidado, enquanto a segurava senti o coração dela batendo muito rápido, e me lembrei do meu avô, tinha vontade de saber o que ele tinha dito a minha mãe, mas não quis perguntar, e então minha mãe livrou a outra perna da saia e da meia, eu a larguei e ela ficou diante de mim, de calcinha e sutiã, antes eu só tinha visto minha mãe assim na piscina, eu não queria olhar para

ela toda, mas não tive saída, minha mãe então se virou, ergueu a saia, enxugou com ela o rosto, disse que fosse para o quarto e vestisse minha roupa de festa porque iríamos sair, quis dizer que não queria vestir aquele colete tricotado horrível, mas nisso minha mãe tinha largado a saia e olhava para mim de um jeito que preferi não dizer nada, dei meia-volta e fui para meu armário para me vestir, não perguntei para onde iríamos.

Minha mãe vestiu seu *tailleur* vermelho mais elegante e um sapato de bico com salto agulha que nunca havia visto, enquanto descemos as escadas ela tropeçou uma vez, teve de se agarrar ao corrimão, embora naquele exato instante eu quisesse perguntar se estávamos saindo para resolver o assunto da volta do meu pai para casa ou apenas porque ela queria saber exatamente o que se passava com ele, mas nem tinha aberto a boca e ela logo me repreendeu, mandou que me calasse, ela precisava de silêncio porque queria pôr as ideias no lugar, de modo que então eu me calei e não tentei adivinhar para onde iríamos, apenas contava as passadas e quando chegávamos a uma esquina apostava comigo mesmo quantos passos daríamos até a esquina seguinte, mas nós andamos para um lado e para outro, eu não conseguia adivinhar direito, sempre virávamos antes do que queria, depois, quando chegamos a um novo bloco de apartamentos construído na periferia da cidade não tentei mais adivinhar, pois as ruas eram tão parecidas que não sabia qual era qual.

Entramos em diversos blocos de apartamentos, minha mãe olhava o quadro de nomes nas caixas de correio, em seguida saíamos, vi que ela estava ficando cada vez mais nervosa, pensei que certamente havíamos nos perdido ou não estávamos encontrando o número certo, mas não disse nada pois sabia que não tinha como ajudá-la, depois quando entramos no mínimo na quarta escadaria, minha mãe encontrou o que procurava porque

parou diante de uma grande caixa de correio, olhou o nome escrito nela, balançou a cabeça, em seguida tirou da pequena bolsa o espelho e o batom, e lá, na escadaria, passou batom na boca, em seguida guardou o batom e o espelho, ajeitou minha camisa, acertou minha gravata e meu colete, lambeu a palma da mão e alisou com ela meu cabelo, e depois disse que subiríamos ao quinto andar para o apartamento do embaixador, pediu que me comportasse direito, que só falasse se ele me perguntasse alguma coisa e que respondesse educadamente e que não tivesse medo pois eu veria que não iria haver nenhum problema. Fiz que sim e disse está bem, eu me esforçaria para me comportar direito, e depois, quando chegamos ao primeiro andar, perguntei à minha mãe se era verdade que estávamos lá por causa do meu pai, pois queríamos ajudá-lo, mas então minha mãe disse apenas que ela viera em busca de boa vontade, e em seguida lambeu os lábios e mandou que eu me calasse.

Quando chegamos ao quinto andar fiquei surpreso, pois ali só uma porta se abria da escadaria e não quatro, como nos demais andares, sobre o cimento do piso havia um grande tapete, o lugar parecia um hall em vez de escadaria, mas minha mãe não ficou nada surpresa, dirigiu-se diretamente para a porta, olhou a placa de cobre, apertou a campainha com força, em seguida pegou minha mão e a apertou firme, pensei que ela talvez quisesse me dizer alguma coisa, mas naquele instante a porta se abriu.

Na soleira estava um homem alto, grisalho, de terno marrom-claro, que fazia o rosto dele parecer mais pálido, assim que minha mãe o viu ela foi logo falando e disse que pedia desculpas, não queria incomodar o camarada embaixador, mas não sabia a quem se dirigir, e só ocuparia alguns minutos do seu precioso tempo. O embaixador examinou minha mãe dos pés à cabeça com olhos frios, cinzentos, e por fim sorriu e disse pois sim minha senhora, está

mais bonita do que antes, desde a última vez que a vi rejuvenesceu ao menos dez anos, e quando ele falou vi que tinha muitos dentes de ouro na frente, e então ele olhou para mim, continuou sorrindo, mas seus olhos brilharam mais severos, perguntou e você meu filho, quem é você?, e então eu não disse nada, mas minha mãe apertou minha mão e falou que dissesse direitinho meu nome para o camarada embaixador, como se fosse um menininho de cinco anos de idade, e então disse meu nome e o camarada embaixador balançou a cabeça e disse ótimo, ótimo, eu tinha o mesmo nome do meu avô e me parecia com ele, com certeza, ainda mais do que com meu pai, eu apenas escutei, mas comigo pensei puta que o pariu, camarada embaixador, porque me pareço com o meu pai e não com meu avô, e então o embaixador olhou de novo para minha mãe e perguntou a que devia a visita inesperada, e minha mãe ajeitou o broche no *tailleur* enquanto dizia que talvez não fosse o caso de falar sobre aquilo na escadaria, e então o embaixador mexeu a cabeça concordando e pediu desculpas por ter sido tão mal-educado, naturalmente seria muito melhor se entrássemos, e então minha mãe me repreendeu, mandou que limpasse bem os pés, e então nós entramos, o embaixador fechou a porta atrás de nós e mandou que fôssemos adiante, em frente, em seguida ouvi a fechadura Yale girando duas vezes às nossas costas, e ele disse pois não, pois não, entrem, e então entramos na sala e eu fiquei muito espantado, pois a sala parecia um museu, as paredes eram cheias de animais empalhados lado a lado, em todo lugar pendiam cabeças de antílopes maiores e menores, búfalos, ursos-negros, leopardos, chacais, em um canto havia uma cabeça de hipopótamo de boca aberta, diante da entrada, no meio da parede um imenso leão de juba eriçada olhava para a frente com uma expressão feroz, junto dele, montados sobre uma tábua de madeira, havia duas grandes presas de rinoceronte, e, entre os troféus, escudos e lanças

coloridas e sabres de marfim amarelado preenchiem o espaço, em uma grossa moldura dourada havia um grande retrato, um homem negro de óculos, via-se apenas o rosto dele e os ombros, de uniforme militar com sutaches douradas, na cabeça usava um barrete de pele de leopardo, tinha uma aparência bastante boa, me ocorreu que a cabeça dele devia suar muito naquele calor intenso, ainda por cima debaixo da pele de leopardo, e enquanto dei uma volta para olhar em redor ouvi minha mãe dizendo ao embaixador, camarada embaixador, isto é fantástico, o Museu Folclórico e o de História Natural deveriam invejar esta coleção de riqueza inigualável, e então o embaixador sorriu e falou nada disso, aquilo era apenas uma pequena e humilde mostra, tivera de juntar quatro apartamentos, mas ainda assim só coubera uma pequena parte da coleção, afinal também já era alguma coisa, em seguida apontou para umas poltronas de couro em volta de uma mesinha de tampo de vidro no meio da sala e pediu que por gentileza nos sentássemos, e depois que nos sentamos perguntou se poderia nos servir algo, minha mãe falou que ele não se incomodasse, mas o embaixador já tinha saído, e passado um minuto estava de volta com uma bandeja de prata, sobre a bandeja havia copos de cristal e uma garrafa de base quadrada, o embaixador a colocou sobre a mesinha, sentou-se, em seguida serviu minha mãe e a si mesmo enquanto dizia que se tratava de um licor de cereja caseiro, ele o virou sem bater os copos e só depois disse saúde, e então mamãe tomou seu licor e o embaixador imediatamente encheu de novo o copo dela e o dele, e outra vez virou tudo de um gole, depois não se serviu mais e se recostou na poltrona e nos encarou sem dizer uma palavra, e aí olhei para minha mãe, e por que ela segurava o copo com as duas mãos percebi que estava muito nervosa, e o silêncio era tão grande que me vi obrigado a falar, de modo que olhei para o embaixador e perguntei onde o camarada embaixador

havia sido embaixador, e então ele apontou para a parede, na direção dos troféus, das lanças e dos escudos e dos sabres de marfim e disse na África, e então eu não disse nada, olhei para o chão e vi que, de fato, o tapete também era de peles de zebras costuradas, e então ergui os olhos de novo para o embaixador e perguntei camarada embaixador, onde na África?, e o embaixador disse que por todo lado, mas na maior parte do tempo bem no coração da África, na região mais central, mais escura, mais negra da África, e aí ele perguntou o que eu achava, que país seria aquele, e eu logo retruquei o Zaire, e o embaixador sorriu e concordou e disse muito bem, estava muito satisfeito comigo porque via que sabia direitinho a geografia, eu também merecia um pouco de licor, afinal já era um rapaz, em seguida ele pegou o terceiro copo de cristal e o encheu de licor vermelho e me disse para beber, saúde, peguei o copo e olhei para minha mãe, minha mãe fez que sim com a cabeça, de modo que dei um gole no licor, era muito doce, mas ele ardeu e aqueceu minha garganta, o embaixador se serviu, logo bebeu tudo, em seguida pôs o copo na bandeja e olhou para minha mãe e perguntou como estava meu pai, e então minha mãe virou o licor e cruzou as pernas e disse que ela estava ali justamente por isso, porque desejava saber, pois havia quatro meses não tínhamos notícias e ela estava muito angustiada e tinha certeza de que o camarada embaixador, com suas excelentes relações, conseguiria descobrir em alguns minutos o que estava acontecendo com ele.

O embaixador então assentiu, em seguida se serviu de mais um copo de licor de cereja, virou-o e olhou para minha mãe e perguntou o que fazia minha mãe pensar assim e minha mãe disse camarada embaixador, não seja modesto, ela sabia muito bem que o camarada embaixador, com seu passado e suas façanhas, continuava numa posição importante, e para ele aquilo era uma

ninharia, conseguiria descobrir ou resolver coisas muito mais sérias se quisesse, e então o embaixador fez de novo um sinal de aprovação com a cabeça e depois disse sim, afinal ele tinha grandes possibilidades, e na verdade era capaz de solucionar muitos problemas se quisesse, mas ainda assim seria melhor se eles conversassem sobre os detalhes a sós, em seguida olhou para mim e disse tenha a bondade de ir para a outra sala, lá eu veria uma enorme quantidade de coisas interessantes, também toda espécie de brinquedos, mas talvez fosse melhor se ele mesmo me acompanhasse, afinal o apartamento era bastante grande, não seria bom se eu me perdesse, como ele em outros tempos, na selva?, não mesmo, minha mãe então fez menção de se levantar, disse que o embaixador não deveria se incomodar, não era necessário, eu já era crescido, inteligente, não iria incomodar, mas o embaixador se pôs de pé e disse nada disso, ele conhecia bem as crianças, não havia nada mais entediante nem insuportável que ouvir conversas de adulto, e ele verdadeiramente não esperava isso de mim, pois sabia muito bem que os da minha idade prefeririam jogar futebol o dia todo ou perseguir as meninas, e ele se aproximou de mim, agarrou meu ombro e me levantou, disse vamos, minha mãe não olhou para mim, fitou o copo de cristal com a cabeça baixa, de modo que vi que seria melhor se eu fosse, não me opus, e deixei o embaixador me conduzir pelo corredor. Antes de sair o embaixador ainda se voltou uma vez, olhou para minha mãe e pediu licença por alguns instantes, voltaria logo, apontou para a garrafa de licor e disse que seria bom se enquanto isso minha mãe bebesse mais um pouco do delicioso licor de cereja.

No corredor ele de novo pôs a mão no meu ombro e me conduziu, andamos bastante depressa ao longo do corredor, passamos por uma sala menor, de novo por um outro corredor, as paredes todas estavam cheias de esculturas de marfim, peles de

animais, troféus, pássaros empalhados, passamos talvez por mais duas salas, eu quis perguntar se o camarada embaixador tinha três banheiros e cozinhas separadas, mas então o embaixador abriu uma porta e me empurrou para um outro corredor, em uma das paredes pendiam tapetes persas lado a lado, a outra estava cheia de fotografias, ao passar por elas vi que em todas estava o embaixador, com ele mulheres e crianças negras, muitas, fiquei tão surpreso que voltei a cabeça para os retratos, o embaixador percebeu porque disse que ele não tinha dito por acaso que conhecia as crianças, era para eu saber que todos ali eram seus filhos, e então pensei que deveria lhe perguntar por que eram negros se eram seus filhos, mas então chegamos diante de uma porta que o embaixador abriu, ele me conduziu por ela, mas não entrou, apenas parou na porta e disse que eu deveria ser um bom rapaz e deveria esperar pela minha mãe e não deveria tocar em nada, e, principalmente, não deveria tentar roubar nada, pois pagaria por isso, em seguida disse de novo que conhecia bem as crianças, sabia que eram todas pequenas ladras em quem não se podia confiar por um instante sequer, de modo que era para eu me cuidar, pois no lugar de onde aqueles objetos vinham se costumava furar os olhos dos ladrões. Eu apenas balancei a cabeça, o embaixador bateu a porta atrás de si, enquanto ele passava pelo corredor ouvi que continuou resmungando que conhecia bem as crianças, conhecia a raça de ladrões, que elas eram, em seguida mais uma porta se fechou atrás dele e se fez silêncio, não ouvi mais seus passos, e então senti um frio na espinha, como se alguém me observasse.

De início fiquei tão assustado que não tive coragem de me mexer, em seguida me ocorreu que a sensação de ser observado era por causa dos troféus, e por fim me virei e me assustei ainda mais porque vi que uma das paredes estava cheia, do chão ao teto,

de crânios e cabeças humanas pregados sobre placas de madeira, mas quando me aproximei vi que não eram cabeças humanas de verdade, mas cabeças de chimpanzés, gibões e gorilas, os crânios também não eram de verdade, apenas um ou dois ossos eram originais, o restante era completado com gesso, e junto de cada um havia também um pequeno desenho que mostrava como eram parecidos com cabeças de macaco ou de homens da pré-história, ao lado de cada um deles estava também o nome em latim que não li porque continuava sentindo calafrios em minhas costas, eu continuava me sentindo observado, e então me virei de novo e vi que no canto à minha frente havia de fato alguém sentado a uma mesinha, junto de um tabuleiro de xadrez com as peças dispostas, e ele de fato me fitava.

Era um homem negro, magro, sentado na extremidade oposta da mesa, de onde observava o que eu fazia. Ao perceber sua presença fiquei um pouco assustado, mas em seguida o cumprimentei, porém o homem não respondeu, apenas fez um gesto para que eu me aproximasse, eu me aproximei e ele continuou sem dizer nada, somente apontou para o tabuleiro e eu disse obrigado, não gosto de jogar xadrez, mas ele acenou de novo e mais uma vez apontou para o tabuleiro de xadrez, de modo que me sentei na cadeira, junto da mesinha, senti a cadeira rangendo debaixo de mim, e naquele instante o negro estendeu a mão e pegou o peão diante do rei branco e o fez andar duas casas, em seguida adiantou também o peão do lado da rainha, apenas uma casa, eu quis dizer que seria bom se ficasse com as brancas e ele com as pretas, afinal, ele era negro, mas acabei não falando, preferi mover meus dois cavalos, de modo a deixá-los um ao lado do outro, tendo entre eles apenas duas casas vazias, era a abertura que meu avô havia me ensinado com a esperança de que algum dia pudesse tirar partido dela, e tão logo soltei meu segundo cavalo o

negro logo avançou o bispo da rainha, e, então, enquanto sua mão se movimentava ouvi alguma coisa rangendo dentro dele, e então eu me levantei e olhei melhor e percebi que não estava jogando xadrez com uma pessoa viva, mas com um boneco, um robô, tínhamos aprendido em matemática que já na Idade Média havia enxadristas autômatos, mas eu nunca acreditara, o que estava diante de mim parecia mesmo uma pessoa de verdade, um negro muito magro, muito velho, quando me levantei ele virou o rosto na minha direção, em seguida olhou de novo para o tabuleiro, eu me aproximei bastante dele e olhei como era feito, o que o orientava e de onde vinha sua energia, cheguei a pegar na mão dele pois queria ver se era de madeira, mas não era de madeira e sim de pele, a sensação era de uma mão humana de verdade, apenas muito mais fria, porém ao pegá-la senti que sob a pele se mexeram os ossos e os músculos, e de novo ouvi seu rangido, suas juntas pareceram ranger enquanto recolhia a mão e pegava uma peça do tabuleiro, um dos cavalos, e só então notei que as peças também eram incomuns, as pretas eram de ébano e as brancas, de marfim, e cada uma representava um monstro, as brancas pareciam esqueletos, as pretas eram demônios com corpo de animal e cabeça humana, e todos seguravam lanças e espadas e arreios e facas de lâminas serrilhadas, e os peões usavam colares e cinturões feitos de crânios e ossos e orelhas humanas, tudo era esculpido com muitos detalhes, o rosto do rei branco era exatamente como o do embaixador, parecia bem assustador, mas eu continuava sem saber o que movimentava o velho enxadrista, embora também examinasse suas costas, em nenhum lugar aparecia um cabo ou uma cinta, ele vestia uma roupa militar gasta e estava descalço, o pé era feito exatamente como a mão, parecia muito magro e muito velho, e então me ocorreu que ele talvez se mexesse por conta própria, talvez não fosse um autômato, talvez fosse vivo de

verdade, ou, se não fosse assim, talvez um feitiço africano o movimentasse, fiquei paralisado de medo, tanto que não consegui me mexer, em seguida olhei para a cadeira de palha grossa trançada em que ele estava sentado e então descobri que ele recebia a energia elétrica que o fazia funcionar através do pé da cadeira, afastei cuidadosamente a cadeira e ele de fato não se mexeu, e assim descobri que estava certo. Pensei que ele com certeza tinha na barriga um motor elétrico silencioso que movimentava suas juntas com engrenagens, esse tipo de coisa era possível hoje em dia com cabos condutores e energia hidráulica, de modo que me sentei de novo na minha cadeira e fiz uma jogada, só para experimentar eu lhe dei um xeque com um dos cavalos, mas ele naturalmente logo percebeu e comeu meu cavalo, com um movimento preciso e ruidoso ele o colocou sobre a mesa ao lado do tabuleiro, depois começou a tirar minhas peças uma a uma, fosse qual fosse minha jogada ele sempre respondia imediatamente, não pensava nem um minuto, e quando lhe ofereci meu bispo, para que depois pudesse capturar sua rainha, ele não engoliu a isca, como se soubesse antes o que eu pretendia fazer, parecia que alguma coisa nele esquentava um pouco à medida que a mão se movimentava, rangendo, porque ele começou a exalar um cheiro de manteiga rançosa, e quanto mais ele me encurralava e quanto mais peças comia, mais seus movimentos pareciam se acelerar, ele também mudava a postura da cabeça, como se fizesse um esforço para conter o riso, e depois, quando comeu meu segundo bispo e me deu um xeque, vi que a partida havia acabado, qualquer que fosse minha jogada no lance seguinte levaria o mate, e então olhei para o robô, para o rosto do velho negro, para a pele poeirenta, seca, acinzentada, e pensei que não deixaria que ele me desse o mate, e então estendi o braço e tirei do tabuleiro o rei branco, o robô estendeu a mão na direção da minha, mas seu movimento era

barulhento e mais lento que o meu, e então ele resmungou alto e olhou para mim, e vi que seus olhos faiscaram de raiva, mas apenas por um segundo, em seguida, com um movimento estabanado e barulhento, ele varreu as peças de xadrez do tabuleiro e da mesinha, de modo que elas se espalharam pela sala, em seguida jogou a cabeça para trás e escancarou a boca e começou a rir, enquanto pela boca e pelo nariz dele jorrou fumaça, eu me pus de pé tão depressa que atirei a cadeira para trás, o rei branco continuava na minha mão e o robô continuava a rir, mas muito, muito alto, fazendo com que as paredes estremecessem, e também o piso, e então percebi que não era o robô que ria mas minha mãe.

Sim, ouvi claramente, era minha mãe, ela ria muito alto enquanto gritava, ouvi com clareza através das muitas paredes e portas que ela gritava bravo camarada embaixador, muito bem, bravo, muito bem, fantástico, ele não deveria ter receio, ele poderia bater nela de novo sem problemas, deveria bater com toda força, poderia bater se achava que por ser capaz de bater em uma mulher ele se tornava um homem, nesse caso poderia bater nela até de manhã se quisesse, pois não, bata, bata à vontade, e enquanto gritava ela ria o tempo todo, tão alto que eu sabia que suas lágrimas também corriam, e então abri a porta e corri na direção de onde vinham as risadas, de uma sala para outra, ao longo do corredor, e através de novas salas, e todas as salas estavam abarrotadas de objetos e a risada da minha mãe podia ser ouvida por toda parte, e com ela ecoavam os vasos de cristal e os peixes de vidro, os soldados de porcelana e os copinhos de licor e taças de vinho, por onde eu corria, a risada da minha mãe ecoava pelas paredes enquanto tudo balançava de um lado para outro, os mapas e as fotografias emoldurados e as esculturas de marfim e no aquário vazio os peixinhos tropicais secos e pintados com esmalte

brilhante, pendurados em fios de cobre, como se nadassem, e sobre as portas as pulseiras e tornozeleiras de cobre enfiadas em tiras de couro, e nas prateleiras lado a lado as garrafas cheias de um líquido dourado e com selos aparentemente oficiais, os lustres também balançavam de um lado para outro, tudo se mexia como num terremoto, eu tive medo de que os troféus caíssem das paredes e me soterrassem, abri uma porta atrás da outra, e passei de uma sala a outra, e cheguei a achar que jamais encontraria minha mãe, mas por fim escancarei uma porta e me vi de novo na grande sala, minha mãe estava apoiada em um só pé junto de uma poltrona de couro e ria histericamente, a mesinha estava virada, o licor de cereja espalhado sobre as peles de zebra, entre os copos de cristal e os cacos de vidro da garrafa uma das cabeças de antílope havia caído da parede, e a cabeça de leão também estava meio caída, com o embaixador de pé debaixo dela, ele mantinha uma das mãos erguidas sobre a cabeça para evitar que a cabeça de leão caísse no licor de cereja, com a outra mão procurava vestir a camisa, e quando me viu ele começou a gritar até que enfim você está aqui, tinha chegado a hora de eu cair fora, e era também hora de levar comigo a puta da minha mãe, ele não sabia por que nos havia deixado entrar na sua casa, pois deveria saber como nós éramos, meu avô também não valia merda nenhuma, e seria bom se esquecêssemos meu pai para sempre, porque nunca na vida o veríamos de novo, ele nos garantia que ele iria morrer lá onde estava, apodreceria no canal do Danúbio, eu devia ficar feliz se ele não fosse enviado a um campo de reeducação, nós não o veríamos nunca mais, e então senti minha garganta apertada, mas também nessa hora minha mãe riu, e eu também fui obrigado a rir, porque era mesmo engraçadíssimo ver o embaixador de camiseta debaixo do leão de boca aberta, agarrando a cara do leão com uma das mãos, tentando aos pulinhos recolocar o troféu na parede,

enquanto nervoso procurava enfiar o braço na manga da camisa, de fato não havia como aguentar ver a cena sem rir, e então minha mãe também olhou para mim, vi que seu nariz estava sangrando e o rímel tinha borrado seu rosto, e ela falou que fôssemos embora, e continuou rindo, passei o braço no ombro dela, saímos da sala, o embaixador continuou debaixo da cabeça do leão e disse vão à merda, continuamos a ouvi-lo enquanto abria para minha mãe a fechadura da porta da entrada, mas depois, quando por fim a porta bateu atrás de nós não ouvimos mais os gritos do embaixador, minha mãe continuou rindo, ela me pediu ajuda porque um de seus saltos havia quebrado, dei o braço a ela e assim descemos os quatro andares. Quando chegamos ao pé da escada minha mãe parou, com uma mão ajeitou a meia, com a outra apertou o lenço contra o rosto, e vi que o riso ainda a sacudia, pus a mão no bolso da calça e apertei com força o rei branco, o marfim se acomodou muito bem na minha mão, e tive certeza de que ninguém me derrotaria no jogo de guerra porque comparado a esse comandante o soldadinho de chumbo mais bem pintado também não passava de um peido.

Busca

Na maioria das vezes minha mãe costumava conversar comigo sobre qualquer assunto, costumava contar o porquê das coisas e quando fazia isso respondia às minhas perguntas, caso não respondesse eu sabia que era porque achava que seria melhor não falar sobre aquilo, pois o que eu não sabia não teria como contar a outros nem sem querer, e nisso lhe dava razão, porque sabia que existiam coisas de que até mesmo falar era perigoso, por exemplo, sobre o que tinha de fato acontecido durante a guerra civil, ou quem conseguia arranjar carne ou café, e por quanto, ou quem poderia ser subornado, e por quanto, ou por que o secretário-geral do partido ou o comandante das forças armadas era um traidor, ou quem entre os nossos conhecidos havia sido levado, ou quem tivera a casa submetida a uma busca, e por quê. Quando fazia uma pergunta sobre esses assuntos a minha mãe, ela apenas dizia que era coisa séria sobre a qual não deveríamos falar, ou que seria melhor eu fazer a pergunta a meu pai quando um dia ele voltasse para casa. Porém muitas vezes ela não precisava dizer nada, pelo modo como me olhava eu via que era melhor não fazer mais perguntas.

Foi assim quando numa certa quinta-feira mamãe chegou em casa e perguntou se tinha economizado algum dinheiro e quanto tinha, pelo tom percebi que ela não estava perguntando por brincadeira, e aí falei a verdade, eu tinha duas de dez, embora não dissesse onde as havia arranjado, pois sabia que ela não ficaria feliz

em saber que uma eu ganhara do meu avô e a outra no baralho, porque por princípio eu não poderia jogar cartas nem aceitar dinheiro do meu avô, mas minha mãe também deve ter visto que seria melhor não perguntar como tinha tanto dinheiro, pois ela não disse nada, apenas foi para o quarto, direto para a fotografia do meu pai, e a tirou da parede, atrás do retrato havia um envelope preso com fita isolante, minha mãe o abriu e tirou dele um monte de cédulas, lambeu o dedo indicador e rapidamente contou o dinheiro, depois eu a ouvi dizendo em voz baixa que quinhentos e vinte e cinco mais vinte davam quinhentos e quarenta e cinco, então ela teria de arranjar mil quatrocentos e cinquenta e cinco, era quanto faltava para dois mil, pediu que desse uma olhada no meu quarto e visse de que poderia me desfazer, ela também escolheria algumas roupas suas e juntaria tudo que pudesse dar um bom dinheiro e que não nos faria falta, eu não deveria planejar nada para o domingo de manhã pois iríamos para o mercado de pulgas, porque na segunda-feira precisaríamos ter o dinheiro.

Eu apenas fiz que sim, em seguida fui para o meu quarto e abri o armário e abri as gavetas da escrivaninha e corri os olhos pela estante de livros, pelos pôsteres em cima da minha cama, pelos pássaros empalhados e as armas, mas não vi nada que desejasse vender, então me sentei na cama e me recostei, e mentalmente procurei rever tudo, os meus soldadinhos de chumbo, a coleção de carrinhos Matchbox, os papéis de chiclete, a raquete de tênis, a raquete de *badminton* e a raquete de pingue-pongue, minhas bolas, as estátuas que havia tempos eu tinha feito como Pioneiro, os distintivos pintados a mão dos desenhos animados que eu havia recortado com uma serra tico-tico de metal laminado, a coleção de histórias em quadrinhos francesas, alemãs, americanas e iugoslavas que tinha ganhado dos antigos companheiros de trabalho do meu pai, minha faca de caça, meu tacape, a atiradeira, a flecha, a

pistola de brinquedo, os três cartuchos antigos, em que ainda se sentia o cheiro de pólvora, os três times de futebol de botão, o jogo de xadrez esculpido a mão, que do outro lado dava para jogar gamão, meus pôsteres todos, o calendário de bolso de mulheres coloridas, que eu escondia debaixo da última gaveta, as hidrográficas de trinta e seis cores, da qual apenas a azul-turquesa escrevia, fiquei ali sentado olhando uma coisa atrás da outra, e tentei imaginar como seria se não a tivesse, se eu a procuraria ou se desejaria brincar com ela, os Matchbox, por exemplo, há um ano pelo menos não os tirava da gaveta, tirar pó eu também não tirava havia muito tempo, conhecia de cor a maioria das histórias em quadrinhos e só as olhava muito raramente, mas não conseguia imaginar o que sentiria se, digamos, abrisse a gaveta dos Matchbox e a visse completamente vazia ou se olhasse para a estante e visse que não havia nela nenhuma história em quadrinhos.

Enquanto isso, ouvi que na sala minha mãe também abria os armários e as gavetas, revirava as roupas e outras coisas, imaginei que tirava um depois do outro os velhos *tailleurs* e os espalhava sobre o divã, sentado na cama me encostei na parede, encolhi as pernas e abracei os joelhos, ouvi as roupas silvando na sala, em seguida minha mãe foi para a cozinha, a porta rangeu, minha mãe deu um grande suspiro, sabia que ela estava tirando a mala da prateleira mais alta, as rodinhas da mala bateram contra o piso de pedra da cozinha quando ela a carregou para o quarto, e então achei que talvez minha mãe não escolhesse apenas entre as próprias roupas, talvez examinasse justamente as roupas do meu pai, as camisas, as gravatas, os sapatos, os cintos e os ternos. Nós nunca havíamos tocado nas coisas do meu pai antes, o armário dele nós também não abríamos, as gavetas da sua escrivaninha também não podiam ser abertas, pois caso voltasse para casa ele teria de encontrar tudo como havia deixado da última vez, no dia em que

vieram buscá-lo e o levaram, e desde então havia parado muitas vezes diante do armário do meu pai para olhar a porta de madeira brilhante, como se fosse um espelho, eu pensava no cheiro do armário que sentia quando meu pai o abria para tirar de trás das camisas um ou outro bombom ou chiclete escondido, e procurei imaginar que meu pai estava de pé atrás de mim e não o via apenas porque a madeira brilhava muito, e, sentado na minha cama, ouvindo minha mãe arrumando a mala, tentei de novo rever em ordem as minhas coisas, porque sabia que apesar de tudo teria de escolher algo, mas me lembrava quando eu tinha ganhado ou onde arranjava cada objeto, e também o que tinha feito ou o que desejava ter feito com ele, e eu sabia que assim isso não daria certo, porque de novo não pegaria nada, não conseguiria escolher nada, e então ouvi claramente que minha mãe tinha aberto a porta do armário do meu pai, ouvi um grande suspiro, e ouvi os ternos do meu pai silvando à medida que minha mãe os atirava em sequência sobre o canapé, e então me levantei e parei no meio do quarto e olhei em redor devagar, como se brincasse de esconde-esconde, ou como se, digamos, eu fosse um ladrão, como se o quarto não fosse meu, mas de um estranho, como se não soubesse o que as coisas eram, de onde eram ou para que serviam, simplesmente como se procurasse alguma coisa e tudo me atrapalhasse, na sala ouvi minha mãe soluçando baixo, e então tive certeza de que ela estava pondo na mala as roupas do meu pai, e então me abaixei e puxei de baixo da cama a caixa de cartolina com que pretendia fazer uma armadura para o baile à fantasia e fui até minha estante e comecei a tirar as coisas e, sem nenhum critério, joguei na caixa as histórias em quadrinhos, os aeromodelos, os soldadinhos de chumbo pintados a mão, não parei nem quando peguei o velho álbum de selos, também este eu joguei na caixa, em seguida atirei também meu estilingue e também minha zarabatana, depois os livros sobre

índios e os livros de caça, um após o outro, aí eu fui até a escrivaninha e puxei a gaveta dos Matchbox e atirei todos os carrinhos na caixa, vi que o Ford que abria as portas caiu fora da caixa sem querer, eu me abaixei e o pus também com os demais, em seguida coloquei a gaveta no chão e subi na cama e tentei tirar da parede meus pôsteres, mas isso não podia ser feito de maneira muito bruta, pois eles se rasgariam, porque como não tinha percevejos eu os havia colado na parede, receava mais pelas páginas centrais de times de futebol e pelos cartazes de cinema de filmes de índios, e pelo retrato do goleiro da seleção da cidade, que tinha impressa sua assinatura, tive de puxá-los com muito cuidado para que de preferência saísse a tinta da parede e as imagens não se rasgassem, eu me apoiei na parede e enfiei a palma da mão debaixo dos pôsteres e os tirei cuidadosamente, um depois do outro, em seguida pus todos sobre a cama, um em cima do outro, e enrolei todos juntos, em seguida ajeitei todo o rolo no canto da caixa de papelão, depois fui até a escrivaninha e tirei da prateleira que havia sobre ela as raquetes de *badminton*, e em seguida minha raquete de pingue-pongue do Vietnã de borracha de verdade, e também as bolas amarelas de competição, todas as quatro, pus tudo na caixa e então abri o armário e peguei a caixa de futebol de botão, com as traves com rede de verdade, que tinha feito de fio de cobre e de meia arrastão, e as três equipes campeãs, e também a atirei na caixa de papelão, ouvi os botões se espalhando, sabia que os times estavam se misturando, mas não me importei, e então tirei do armário minha cinta de pistola de couro sintético com a pistola de dois canos de plástico, e em seguida peguei também meu chapéu de caubói de palha, segurei-o pelo anel de cobre avermelhado na fita que o prendia ao queixo e me ocorreu que uma das pistolas devia estar carregada com o pó de fósforo vermelho que raspava das cabeças dos palitos de fósforo, e quase peguei o

cabo da pistola, mas então ouvi que na sala minha mãe bateu o tampo da mala, e joguei a cinta da pistola também na caixa de papelão, e sobre ela o chapéu de caubói, o chapéu quase caiu porque a caixa estava muito cheia, a fita dele se enroscou nos pôsteres e ficou presa neles, e então ouvi na sala o estalido da mala se abrindo, pois seu fecho era muito ruim, só podia ser fechada por duas pessoas, uma delas tinha de pressioná-la e a outra girava a chave, ouvi minha mãe batendo o tampo da mala repetidas vezes e enquanto ela tentava, ofegante, travar o fecho, pensei que ela não iria me chamar para que a ajudasse, e por isso mesmo eu acabaria saindo e a ajudaria.

Ouro

Segundo as informações a antiga mina de argila havia sido fechada porque o paredão de terra tinha desabado no grande terremoto e havia exposto um monte de baixos-relevos pré-históricos de valor inestimável, mas desde que Zsolt nos tinha mostrado certa vez uma pepita de ouro todos sabiam que na verdade não era por causa disso que estávamos proibidos de entrar na mina, mas porque as paredes da antiga mina de argila estavam cheias de ouro, bastava passar o martelo onde corriam os veios e as pepitas de ouro saltavam da parede. Zsolt contou que roubara a pepita da gaveta do pai, onde estava junto do crachá e da medalha de ferroviário, ele também deixara que a pegássemos na mão, era muito pesada, dava para se sentir que era de ouro de verdade. Pensamos em entrar na mina de ouro muitas vezes para saber se de fato havia ouro por lá, mas enquanto tio Vászile vigiava o terreno com os dois cães pastores nós não conseguimos, pois tio Vászile ficava lá dia e noite, morava em um velho trailer, e nunca deixava ninguém entrar na área da mina, nem no terreno, e nunca acorrentava os cachorros, quando uma vez por conta de uma aposta Zsolt pulou o muro, um deles o mordeu no calcanhar e Zsolt teve de tomar trinta injeções na barriga, portanto quando ouvimos a notícia de que tio Vászile tinha se enforcado ninguém teve pena dele, além disso nos alegramos também porque ele antes havia matado os cães a tiros. Zsolt logo disse que tínhamos de aproveitar a oportunidade, teríamos de conseguir a maior quantidade possível de ouro antes

que um novo vigia fosse nomeado, seria melhor se fôssemos logo, devíamos ir para casa depressa para buscar martelos, pois ele estava doido para ver os baixos-relevos antigos.

A mina de argila ficava longe, fomos de bicicleta, eu fui atrás de Zsolt na garupa, e, na outra bicicleta, Csabi carregava Jancsi no quadro. A cerca era bem alta, mas em cima do portão trancado com correntes não havia arame farpado, Jancsi descobriu que, se apoiássemos uma das bicicletas no portão, não seria difícil trepar do assento para o alto, e de fato passamos pelo portão com bastante facilidade, só quando estávamos os quatro lá dentro Zsolt disse que éramos uns completos imbecis, porque teria sido melhor abrir o cadeado com os martelos, pois assim teríamos levado as bicicletas para dentro, mas Jancsi fez um gesto de que tanto fazia, o importante era que por fim havíamos entrado e não tínhamos de ter medo dos detestáveis cães.

Eu havia imaginado que os baixos-relevos fossem muito mais excitantes, eram bem grandes, é verdade, bem altos na parede de terra, ficavam a uns quatro metros do chão, eu não consegui imaginar direito como aqueles que os fizeram teriam subido tão alto, mas estavam bem gastos, não se via muito bem o que representavam, vi umas casas e uns animais e um monte de figuras humanas, algumas atiravam flechas, e havia outras que em um carro puxado a cavalo caçavam ursos e porcos selvagens com lanças, havia também um homem imenso, deitado no chão, não dava para saber se era homem ou mulher, do rosto só haviam sobrado os dois olhos, o resto fora lavado pela neve e pela chuva, Jancsi também disse que não entendia o que havia de valioso naquilo, uma vez que mal aparecia alguma coisa, Zsolt respondeu que tinha ouvido que aquilo tudo não era nada pré-histórico, havia sido pintado pelos mineiros entediados, depois meio recoberto, pois havia ficado tão ruim que de fato não havia nada para se ver ali.

A casa de tio Vászile ficava no pé da parede dos baixos-relevos, a uns dez metros da margem do lago, era uma espécie de trailer sobre rodas em que costumavam dormir os trabalhadores das construções, quando passamos por ele Zsolt falou que seria bom se entrássemos para olhar o que havia sobrado das coisas do velho, mas Csabi fez o sinal da cruz e disse Deus me livre de entrar lá, provocaríamos a alma de tio Vászile, a mina de argila era em si um lugar fantasmagórico, mas então Zsolt disse que era tudo superstição, ele não acreditava em fantasmas, embora tivesse também ouvido que no fundo do buraco da mina o lago estivesse cheio de ossos, mas nem naquilo ele acreditava, as pessoas só falavam coisas assim porque gostavam de assustar as outras, se a água fosse clara o bastante ele talvez mergulhasse para olhar, tio Vászile não podia ter alma, porque almas não existiam, e ao dizer isso ele tirou do cinto da calça o martelo e bateu com força algumas vezes na lateral do barraco, enquanto gritava para que a alma de tio Vászile aparecesse se tivesse coragem, e então de início de fato nada aconteceu, mas depois alguma coisa dentro do trailer se mexeu, ouviu-se um resmungo e o ruído de alguma coisa sendo arranhada e gemidos, o trailer inteiro se mexeu um pouco e levei um susto tão grande que o martelo quase caiu da minha mão, vi que Zsolt também ficou branco como giz, eu sabia que devia correr, mas meu estômago ficou tão contraído que não consegui me mexer, os outros também não se mexeram, só ficamos os quatro parados diante do trailer, e então vi que debaixo dele, entre as grandes rodas, uma mão ossuda branca apareceu, Csabi gritou pelo amor de Deus, estamos todos perdidos, a mão ossuda apalpou de um lado para o outro, eu também quis gritar, mas não consegui, pois não saiu som nenhum da minha garganta, e então junto da mão ossuda apareceu outra, esta sim era uma mão humana, e então vi que a mão ossuda não era ossuda, e sim a ponta de uma muleta, em

seguida a muleta inteira voou do meio das rodas, e depois veio outra, e então nós ouvimos xingamentos, resmungos e uma respiração arfante, e de baixo do trailer, com muita dificuldade, surgiu um homem de uma perna só, do lado direito, em que faltava quase a perna inteira, a perna vazia da calça militar estava amarrada em um nó, ele tinha cabelos compridos, emaranhados e uma grande barba preta, quando por fim se arrastou de baixo do trailer ele pegou uma das muletas e se pôs de joelhos, apoiado sobre a perna boa, em seguida pôs de novo a mão debaixo do trailer, pegou pela alça uma enorme mochila verde, tirou uma pequena garrafa, em seguida apoiou uma das muletas debaixo do braço, endireitou-se gemendo, e então nós vimos que ele era muito magro e muito alto, pelo menos uma cabeça mais alta que o trailer, tirou a rolha de cortiça da garrafa com os dentes, cuspiu-a sobre o teto do trailer, tomou um grande gole, e só depois perguntou quem a gente era e que porra estávamos fazendo daquele lado da cerca?

A cor já tinha voltado ao rosto de Zsolt, ele se endireitou, cumprimentou, e disse que declarava ao camarada cabo que procurávamos o camarada Vászile, pois vínhamos para um trabalho coletivo da escola 13, o professor de laboratório nos havia enviado para martelar folhas de metal e ele mostrou o martelo, eu vi que o homem de uma perna só tinha de fato a patente de cabo no ombro do casaco, mas apenas em um deles, no lugar da outra só aparecia a costura. Primeiro, ele não disse nada, só nos examinou, ajeitou a muleta debaixo do braço e tomou mais um gole da garrafa, em seguida perguntou se vínhamos de verdade à procura de tio Vászile, pediu que fôssemos sinceros porque ele achava que o pobre pai não tinha amigos, achava que ninguém estava de luto pela sua morte, tinha ouvido, inclusive, que todos se alegraram com a morte dele, porque as pessoas, que Deus as perdoe, não gostavam muito do seu pai, e agora que havia morrido não tinham nenhuma palavra

boa para ele, diziam que tinha tirado a própria vida, que havia se enforcado, queriam denegrir sua memória com mentiras, e nós estávamos à procura do pobre bom velho com tanto amor, talvez não tivéssemos realmente ouvido a notícia, e então Zsolt disse que não, perguntou quando tinha acontecido, o perneta só respondeu que não fazia nem três dias, mas a gente precisava saber que não havia sido suicídio, e então todos dissemos que nosso pesar era verdadeiro e que sentíamos muito e que não queríamos mais incomodar, eu já estava me virando na direção da entrada, mas o cabo nos chamou e pediu que esperássemos, que não tivéssemos pressa, pois ele ainda queria nos perguntar uma ou outra coisa, pediu que não o ofendêssemos deixando-o sozinho no luto, de modo que demos meia-volta todos os quatro, o cabo então perguntou desde quando conhecíamos seu pai, Zsolt respondeu que havia muito, fazia quase três anos, e então o cabo balançou a cabeça, em seguida tomou um gole da garrafa e disse que nos pedia que respondesse com sinceridade, para não manchar com gentilezas a memória do pai dele, pois bem, ele nos pedia que contássemos que espécie de homem ele era, o que achávamos dele, e Zsolt então primeiro não disse nada, apenas olhou para o chão, em seguida acabou erguendo os olhos para o cabo e disse que o pai era um homem bom, severo e explosivo, mas muito honesto, um homem muito direito. Ao dizer isso eu o vi fazendo um gesto com a mão atrás das costas, e então eu também falei e disse que ele de fato era um homem bom, e Jancsi e Csabi disseram o mesmo, e eles também esperavam que Deus lhe desse paz. O cabo balançou a cabeça concordando e disse que éramos bons meninos, pediu que Deus nos abençoasse, em seguida estendeu a garrafa para Zsolt e pediu que ele a esvaziasse em memória de seu pai, Zsolt pegou a garrafa e bebeu, enquanto isso o cabo tirou um lenço e assoou o nariz com força, e quando Zsolt quis devolver a garrafa,

através do lenço o cabo o repreendeu, mandou que ele a oferecesse para os demais, eles também mereciam, eles também gostavam de seu pai, então Jancsi e Csabi também beberam, em seguida eles me ofereceram a garrafa, eu tomei um gole, era aguardente de ameixa rascante, tão forte que me fez tossir, e quando abaixei a garrafa vi a porta do trailer se abrindo, por ela saíram um atrás do outro três imensos cães pastores, eles eram pelo menos do tamanho de um são-bernardo, com cabeças grandes e redondas como ursos, pararam diante de nós, não latiram, não rosnaram, apenas olharam, mas isso foi suficiente, pois logo senti meu corpo frio e mais pesado, vi que os outros também sentiam tanto medo quanto eu, mas então o cabo estalou a língua e os cães imediatamente se sentaram, o cabo pediu que o desculpássemos, ele não queria nos assustar, os cães haviam saído por causa da tosse, porque eram cães de caça de verdade, mas não precisávamos sentir medo, eles não nos atacariam, só devíamos tomar cuidado para não correr, pois nesse caso os cães nos alcançariam, porque traziam inscrito em seus genes que um homem em fuga tinha de ser derrubado e dilacerado, de modo que não devíamos nem sonhar em correr diante dos cães, devíamos somente nos movimentar bem lentamente, não devíamos olhá-los nos olhos e não nos aconteceria nada, em seguida ele pegou a garrafa da minha mão, tomou o resto de aguardente, atirou a garrafa no lago, deu um grande suspiro, e disse que se envergonhava apenas de ter chegado tarde, não pudera estar presente no enterro do pai, embora tivesse partido na mesma hora, assim que recebera a notícia, mas o pobre velho havia sido enterrado muito depressa, coisa horrível ele não ter conseguido se despedir direito, agora estava ali havia meio dia, sem ter tido coragem de entrar no trailer do velho, também os cães ele tinha feito entrar não fazia muito tempo para darem uma olhada, pois

ainda se lembrava da infância no trailer e sentia bastante medo das lembranças, embora devêssemos acreditar que não era medroso, não sabia por que nos contava isso tudo, nós éramos crianças, não iríamos mesmo entender, mas ainda assim tinha de contar a alguém, e por alguma razão sentia que poderia confiar em nós, por isso ele desejava nos pedir um grande favor, se havíamos ido até lá para trabalhar então tínhamos tempo, ele nos pedia que tivéssemos a bondade de ajudá-lo a fazer a contabilidade da herança paterna, pois receava que sozinho não teria forças suficientes, e também com muletas não seria muito fácil fazer a arrumação, ao dizer isso nos apontou uma das muletas, os cães rosnaram, e Zsolt disse que seu pedido era natural, era o mínimo que poderíamos fazer. O cabo então fez que sim, assoou o nariz de novo, em seguida disse que agradecia muito, logo de cara tinha visto que poderia contar conosco, em seguida apontou para a cadeira de camping apoiada na lateral do trailer, para a mesa de camping e para o guarda-sol, e então pediu que primeiro abrísssemos o guarda-sol e puséssemos a cadeira e a mesa debaixo dele, porque desejava ficar um tempo sentado, como o pai costumava fazer, em seguida pediu que começássemos a esvaziar o trailer a fim de que pudesse avaliar o que o pai havia deixado.

Não foi nada fácil enfiar o guarda-sol no chão enlameado, em seguida, quando o abrimos, ele se fechou três vezes, porque a lingueta de mola não se fixou de jeito nenhum, diante disso um dos cães se sentou e começou a latir roucamente, mas o cabo só ergueu para ele uma das muletas e ordenou fique quieto Kloska, e o cão logo silenciou e se deitou de novo. Enquanto isso nós conseguimos por fim abrir o guarda-sol, pusemos debaixo dele a cadeira de camping e armamos a mesa, então o perneta foi mancando até lá e com muita dificuldade se sentou na cadeira, apoiou diante de si as duas muletas sobre a mesa, se recostou,

enxugou o rosto, em seguida disse que sentia que estava preparado, de modo que seria melhor se dois de nós entrássemos no trailer e começássemos a colocar o que fosse possível para fora, os outros dois deveriam pôr tudo em uma pilha, em seguida ele viria e examinaria o que havíamos encontrado, até então ele só tinha tido coragem para dar uma olhadela no trailer, mas vira tantas coisas lá, tantos objetos conhecidos, que ficara muito assustado, de modo que seria bom se começássemos logo, pois teríamos de tirar muita coisa. Zsolt se aproximou do trailer e me chamou para que fosse com ele, eu não tinha muita vontade de ir, mas também não quis me opor, à medida que nos aproximamos do trailer os cães ergueram as orelhas e de novo começaram a rosnar, só então percebi que todos tinham uma das orelhas cortadas, o cabo gritou para que eles se deitassem, não precisavam nos vigiar, éramos amigos de seu pai, e então os cães ficaram apenas olhando, mas não saíram do lugar, pensei que havia sido bom Zsolt ter me escolhido, em vez de Jancsi ou de Csabi, pois lá dentro não precisaríamos ter medo dos cães.

Quando subi pelos tijolos empilhados na porta do trailer me ocorreu o que Csabi tinha dito sobre as almas, senti as forças deixando minhas pernas, senti que iria desmaiar como um trapo, mas depois olhei para os cães e agarrei o batente da porta, Zsolt soltou um grande suspiro antes de abrir a porta, também inspirei profundamente o ar fresco de fora, continuava com muito medo, mas ainda assim tive coragem de entrar. Entrei acompanhado de Zsolt, eu nunca havia estado em um lugar onde alguém houvesse morrido, sentia um pouco de curiosidade de saber como seria, meus braços estavam arrepiados. Por dentro, o trailer dava a impressão de ser muito maior, pelo menos duas vezes maior do que parecia de fora, o ar era muito úmido, tinha cheiro de mofo, no começo eu não conseguia ver quase nada, pois a luz entrava somente pela porta e

eu estava bloqueando-a completamente, mas quando Zsolt arrancou o painel pendurado diante da janela passamos a enxergar muito bem, de fato havia uma grande bagunça no trailer, no meio, sobre um banquinho, havia um grande gramofone, em volta dele o piso estava cheio de jornais amassados, latas de conserva e garrafas de cerveja, tropecei em uma garrafa, quase caí, mas me agarrei em um casaco de inverno pendurado num cabide, havia pelo menos mais uns quinze casacos dependurados junto dele e, debaixo deles, uma pilha de casacos no chão, quando pisei no monte de casacos se desprende um mau cheiro denso, amargo, que quase me fez vomitar, disse a Zsolt que ele havia arrumado uma encrenca, mas ele me mandou calar a boca, se eu tinha uma ideia melhor por que não havia falado, além disso talvez tio Vászile também houvesse desenterrado para si um pouco de ouro, quem sabe a gente podia encontrar?, mas devíamos ficar felizes por nos safar com tanta facilidade, em seguida ele se calou e atirou o painel pela porta, apanhou também o gramofone no banquinho, passou-o pela porta, aí peguei uns três casacos e os levei para a porta do trailer e atirei os três para fora de uma vez, eles levantaram um pouco de pó, diminuindo, de certa forma, o mau cheiro, de maneira que comecei a atirar o restante das roupas pela porta, em um canto havia malas empilhadas, no mínimo umas oito peças, junto havia sacos de náilon cheios até a boca, baldes, almofadas dobradas, Zsolt começou a passar para fora as malas, depois da terceira ele se curvou, pareceu que iria vomitar, em seguida tirou a camiseta e a amarrou na frente do nariz, eu também tirei a minha, daí em diante trabalhamos os dois assim, mas apesar disso o cheiro de terra mofada continuou forte, no início prestei atenção no que pegava na mão, um monte de livros amarrados com umas cintas ou um punhado de latas de conserva amarradas por um barbante, mas depois passei simplesmente a entregar tudo para Csabi sem

escolher nada, só parei quando tentei erguer uma grande lata verde de vinte litros de gasolina que não consegui tirar do lugar, pedi a Zsolt que me ajudasse, em dupla conseguimos arrastá-la para a porta, Zsolt sugeriu que deixássemos a lata por último, uma vez que era muito pesada, enfim o trailer ficou quase vazio, havia somente um catre de madeira apoiado sobre tijolos perto de uma parede, Zsolt arrancou dele a roupa de cama suja e o cobertor e os levou com a tábua para a porta, eu fui pegar a outra tábua, e então percebi que acima do catre havia uma folha de jornal grudada no teto, quando tio Vászile se deitava na cama ele deveria ver exatamente aquilo, estendi a mão e arranquei a folha para lê-la, trazia um artigo sobre a mina de argila, sobre como eram achados extraordinários os baixos-relevos no alto, transmitiam uma mensagem histórica, obras de arte de valor inestimável, metade da folha era uma fotografia do gigante deitado, e sobre a imagem, na diagonal, escrita em letras grandes, a caneta-tinteiro de cor lilás, a palavra "Chega!", embora já tivesse amassado metade da folha para jogá-la junto dos outros jornais eu acabei amassando-a no meu bolso.

Atiramos a última tábua do catre pela porta, em seguida pegamos a lata de gasolina, e com muita dificuldade nós também saímos, o filho do tio Vászile continuava sentado na cadeira de camping, coçava o pescoço de um dos cães, Jancsi e Csabi enfiavam as roupas em uma sacola. Quando o cabo nos viu com a lata ele logo nos chamou para que a levássemos até ele, então eu vi que ele tinha uma nova garrafa de aguardente na mão, ainda quase cheia, quando pusemos a lata à sua frente, ele pôs a garrafa de aguardente entre as coxas, abriu o fecho da lata, cheirou-a, em seguida a pegou com uma das mãos, soltou um grande gemido, e a ergueu sobre a cabeça e virou um pouco do que havia nela na direção da boca, porém logo cuspiu e largou a lata no chão, fazendo

com que quase meio litro do conteúdo espirrasse para fora, enquanto gritava que o mundo era filho da puta, a vida era injusta, o pobre pai tivera de se virar à base de aguardente barata, que, mesmo destilada, era quase intragável, ele enquanto isso engolia litros de aguardente de ameixa de boa qualidade, agora ele também estava com a mochila cheia, não fazia mal, de agora em diante seria diferente, ele ergueu a garrafa de aguardente, espalhou a aguardente no chão com gestos tão brutos que ele quase caiu duas vezes, quando a garrafa se esvaziou ele a atirou no lago, em seguida foi mancando até a pilha, revirou-a com uma muleta, tirou do meio das roupas um vidro de picles, levantou-o e o atirou para Jancsi para que ele o lavasse, Jancsi mal tinha dado dois passos quando o cabo atirou atrás dele o balde de latão para que ele também o lavasse e lhe trouxesse água, pegou um saco de náilon, sabia que nele haveria carvão, o pobre pai devia ter sofrido muito para destilar o líquido, jogou um pouco de carvão no chão, pisou sobre um pedaço, disse que ao menos não era muito compacto, em seguida continuou revirando a pilha de roupas, erguia uma ou outra, revirava-a, e a jogava de volta enquanto dizia que o pobre pai gostava muito de objetos, quanta coisa ele havia juntado, era muito econômico, não tinha coragem de jogar nada fora, que Deus o perdoasse, por isso ele havia brigado muito com o velho, sempre lhe dissera que aquele monte de merda era inútil, ele de sua parte nunca tinha entendido para que as pessoas precisavam daquele monte de trecos, quando numa mochila cabia tudo que era necessário para a felicidade, a gente não levava nada para o túmulo, a não ser o que tínhamos bebido, mas o pai via futuro em todos os objetos, olhava para toda roupa velha e gasta como se fosse nova, nem mesmo agora ele conseguia perdoar o pai por aquilo, não mesmo, calou-se, assoou o nariz de novo, em seguida se abaixou, levantou um grande saco de lona, abriu-o,

enfiou a mão nele, tirou de dentro um pouco de farinha, lambeu-a, em seguida a espalhou no chão, e disse que o pobre pai tivera de viver à base de papa de milho durante anos, ele enquanto isso pudera se encher de bacon e ricota, como a vida era injusta, mas agora nós também iríamos fazer o luto do velho com papa de milho e aguardente destilada, já que não pudemos estar no enterro que pelo menos fizéssemos isso, ao nosso modo lhe prestaríamos a homenagem final, e ele agora iria nos mostrar como se cozinhava a verdadeira papa de milho nas montanhas, um de nós deveria buscar madeira atrás do trailer, os demais ajudariam a abrir as sacolas e as malas para que ele finalmente pudesse dar uma olhada naquele monte de bugigangas, de maneira que então nós também começamos a espalhar no chão as roupas e os trapos das sacolas, abrimos as malas em sequência, nelas também havia roupas, separadas por tipo, numa delas apenas camisas, na outra somente meias enroladas e cuecas, em uma terceira, sapatos elegantes de mulher, no mínimo uns quinze pares, havia também uns de salto bem alto, uma outra mala estava cheia de gravatas e calças dobradas, só duas malas não continham roupas, uma estava cheia de discos para o gramofone, na outra, entre um bolo de cédulas antigas amassadas, havia um grande livro com encadernação de couro, letras douradas diziam que era uma enciclopédia da história universal do início da criação até os últimos dias, quando o cabo a viu largou o casaco de inverno cheio de lama cujos bolsos estava apalpando e ergueu o livro, folheou-o, e disse que era a leitura preferida do pai, na infância o pai lhe havia contado muitas histórias do livro, porque para o querido pai a história era tudo, mas não havia adiantado nada porque ele jamais conseguira gostar de história, com exceção dos trechos referentes aos reis, seu pai também gostava mais de contar sobre os governantes de tempos antigos e sobre os enterros de reis, sobre

como os vikings eram colocados em um barco em chamas para a última viagem, sobre os monumentos funerários construídos pelos egípcios e pelos astecas e sobre as preciosidades que eles enterravam com os mortos, quantos escravos eles levavam consigo para a morte para que tivessem quem os servisse no outro mundo, quando era pequeno ele durante muito tempo acreditara que em segredo seu pai também era um rei que tivera de abrir mão do poder em benefício do povo.

Enquanto isso Jancsi voltou com a água e Csabi trouxe três grandes achas de lenha. O cabo puxou de baixo do trailer um caldeirão encardido, em que derramou dois litros de água do balde, jogou o resto fora, em seguida virou o balde, tirou um canivete do bolso, com a lâmina maior desferiu três golpes no fundo do balde e em seguida o encheu até a metade com carvão, pôs o balde de pé sobre a boca do vidro de álcool e o encheu de pickles, a aguardente destilada começou a pingar lentamente pelos furos, era preto, parecia suco de barro bem ralo. O cabo enxugou a mão, olhou para nós, em seguida chutou na nossa direção a velha tina de metal que tio Vászile usava para se lavar, disse que precisava nos pedir um último favor, gostaria que arranjássemos um pedaço de pano e que em seguida esfregássemos um pouco o trailer por fora, não muito, apenas o bastante para que sua cor original aparecesse, enquanto isso ele prepararia o fogo debaixo da papa de milho, e em seguida faríamos as devidas homenagens póstumas.

Eu fui encher a tina, a água do lago da mina era cinza e muito turva, me ocorreu o que Zsolt tinha dito sobre os ossos no fundo do lago, quando mergulhei a tina de metal na água, ela correu para dentro da tina fazendo tanto barulho que eu quase a larguei na hora, a água entrava em círculos na tina como um pequeno redemoinho, atirei a tina na margem do lago, da segunda vez a mergulhei com mais cuidado, e depois a levei para os demais, Csabi

enfiou na minha mão uma gravata amassada, eu a molhei, em seguida começamos a esfregar com os trapos a lateral do trailer, Zsolt cochichou que tínhamos sorte de não ter de limpar o lado de dentro, eu rosnei de volta que receava que fosse a próxima coisa a fazer, pois se dependesse dos malditos cães ficaríamos lá até de noite, Jancsi cochichou que nesse caso seria bom se ao menos encontrássemos o ouro, e então eu disse que achava que sabia onde estava e contei aos outros o que tinha encontrado durante a limpeza, Csabi disse que então o ouro deveria com certeza estar na parede de terra debaixo dos baixos-relevos, só teríamos de chegar lá de algum modo, já que estávamos sendo obrigados a trabalhar que pelo menos ganhássemos alguma coisa, mas Zsolt não respondeu nada, apenas atirou o pano na tina, em seguida suspirou, pegou o pano de novo, torceu-o e continuou a esfregar a lateral do trailer.

Enquanto trabalhávamos o cabo continuou sentado na cadeira de camping folheando o grosso livro de história, de repente vi que ele se levantou, atirou o livro no chão, encharcou as folhas com mais de um litro de álcool do garrafão, em seguida jogou um fósforo aceso em cima. O álcool ardeu com um brilho azulado quando o papel do livro começou a queimar, as folhas se abriram, como se alguém quisesse lê-las, o cabo não esperou que as chamas diminuíssem, jogou sobre o livro um pouco de carvão do saco, em seguida, sem mais, sem razão, colocou o caldeirão sobre o carvão, puxou para si a cadeira de camping, sentou-se, esperou que a água fervesse, depois começou a derramar a farinha com uma das mãos no caldeirão e com a outra mexeu a papa de milho com um galho seco, enquanto eu lavava o trailer um dos cães de vez em quando se levantava, se arrastava devagar para junto do caldeirão, o cabo então sacudia o galho na direção dele, o cão não olhava para o galho, evitava o golpe, devagar rodeava a cadeira, em seguida

voltava para seu lugar e se deitava junto dos outros dois cães, pouco tempo depois um outro cão se levantava e dava uma volta em torno do cabo.

O trailer continuava cinzento como quando havíamos começado a trabalhar, embora tivéssemos tirado muita sujeira dele, na tina a água estava toda enlameada, não púnhamos mais os trapos nela, vi que os demais também espiavam o cabo mexendo a papa de milho. Numa certa hora ele tirou o caldeirão do fogo, atirou o galho de árvore para os cães, em seguida se levantou e nos chamou, aproximou-se do balde, pôs o vidro de pickles junto dele no chão, ergueu o vidro e tomou a bebida cinzenta, só a largou quando chegamos lá, vi que sobre a mesa de camping havia seis pequenos vidros de conserva, do alto o cabo derramou neles o líquido, a boca do vidro de pickles era larga e muita aguardente caiu para fora dos vidros sobre a mesa, porém depois eles ficaram todos cheios até a borda, e então o cabo deu na mão de cada um de nós um vidro de conserva, ele também pegou um, em seguida sacou um fósforo e acendeu a aguardente no último vidro, depois mandou que bebêssemos até o fim em memória do pai. Eu não queria muito beber porque minha garganta ainda estava com gosto de aguardente, mas ao ver a chama azul tremulante acabei erguendo o vidro de conserva, tomei um gole do líquido cinzento, tinha gosto de fumaça líquida, primeiro ele arranhou, frio, minha garganta, em seguida começou a queimá-la, de modo que me vi obrigado a tossir, os demais também tossiram, somente o cabo tomou o líquido todo sem problemas, colocou o vidro sobre a mesa, disse que o pai gostava muito da aguardente, foi a bebida que o levara ao túmulo, neste ano ele teria completado setenta e seis anos, se não bebesse chegaria aos cem com certeza, mas ao menos assim ele havia tido uma vida mais fácil, pois a bebida era boa para facilitar um pouco a vida, nós ainda não sabíamos disso pois éramos crianças, mas

descobriríamos, não era necessário ficar preocupado, antes ele também não compreendia, havia chegado a brigar com o pai por causa da bebida, mas desde então a vida também tinha-lhe ensinado, sim, lhe ensinara, ao dizer isso ele alisou a coxa, em seguida encheu de novo o vidro de conserva e fez um gesto para nós, para que estendêssemos nossos vidros, ele os encheu também de novo, em seguida ergueu o caldeirão, pôs a papa de milho sobre a mesa, pegou uma porção grande, em seguida, de boca cheia, ele disse bom apetite, comam, prestemos homenagem à memória do meu pai. Zsolt então enfiou a mão na papa de milho e disse que desejava que a terra fosse leve para o pobre tio Vászile, comeu a papa de milho, em seguida, espirrando um pouco de aguardente do vidro de conserva, ele tomou um gole, então nós também pegamos um pouco de papa de milho, aqui e ali preta de carvão, ao mastigá-la eu a senti crocante entre os dentes, não era ruim, especialmente porque tirava o gosto amargo de fumaça da aguardente, os demais também comeram, o cabo pegou mais um punhado, em seguida ergueu o vidro de conserva e virou a aguardente toda e atirou o vidro na parede do trailer a ponto de fazê-lo em pedaços e gritou está bem, havíamos chorado o bastante, era hora de nos divertirmos, de não olhar mais para trás, só para a frente, em seguida ele pegou um disco na pilha, pôs o disco no gramofone enquanto dizia que aquela era a canção preferida do pai, devíamos saber que não havia ninguém no mundo capaz de cantá-la como ele, em seguida ele mandou que Jancsi se sentasse junto do banquinho e que não deixasse o disco parar, depois pôs a agulha no disco, eu nunca tinha ouvido um gramofone antigo, o funil amplificava muito a música, pipocava e rangia, mas a flauta, o violino e o acordeão apareciam com clareza, e a voz áspera de uma velha cantora, a canção falava de uma floresta, tudo nela era sombra, sombra e escuridão, era densa a ponto de afogar a

bondade e o amor, não me lembro bem da letra, apenas de como a velha cantora arranhava a voz, parecia o vento agitando galhos secos, os cães ergueram a cabeça e começaram a choramingar baixo, aumentavam e baixavam o som dos gemidos conforme a música, e então o cabo começou a dançar, entre as roupas, sapatos e trecos espalhados, ele cantou também, não parecia um canto de verdade, era mais um lamento profundo, rouco, como o de um corvo, e de fato, enquanto saltitava numa perna só erguendo a muleta, o cabo parecia um grande corvo cinza, embora não fosse engraçado, e enquanto eu olhava para ele, a bebida circulou em mim, e não apenas em mim, mas também em Zsolt e em Csabi e também em Jancsi junto do banquinho, nossas pernas se movimentaram ao mesmo tempo, abrimos os braços ao mesmo tempo, ao mesmo tempo começamos nós também a dançar, lá, no meio das coisas espalhadas, no início cuidei para não pisar em nada e não chutar nada, evitei as roupas e as garrafas espalhadas e os livros, e então de repente pisei no lugar errado, chutei um rádio destruído, ouvi alguma coisa estalando, Zsolt saltava sobre o chapéu de palha, em seguida a música ficou mais alta, a bebida agitou meus braços e minhas pernas, eu não sabia mais onde estava pisando, o que estava chutando, o que estava pisoteando, não sabia mais o que estava amassando debaixo da minha bota, um copo de sorvete de plástico ou um aeromodelo, uma caixa de papelão, um pente de plástico ou uns óculos de sol, os demais também não prestavam atenção, Jancsi deu um chute num livro, ele o acertou em cheio, enquanto voava o livro se abriu, as folhas se desprenderam da lombada, não o vi cair porque eu rodopiava com a música, o cabo também pulava conosco, com uma perna só ele se agachava, se endireitava, se atirava no ar, apoiado na muleta, os objetos, as gravatas, as capas de discos, as fotografias, os pedaços de papel, as cédulas, os lenços e as meias também

voavam à volta dele, como um ciclone, nós também pulávamos, o som do gramofone estalava alto no meu peito, o acordeão fazia zumbir minha cabeça, vi o cabo atirando fora a muleta, erguendo a lata de gasolina, abraçando-a como se ela fosse uma mulher, enquanto dançava em uma perna só ele girou, quase caiu, mas seguiu o ritmo da música, foi pulando até o barraco, abriu a lata, em seguida, pulando, começou a encharcar o trailer com o álcool, o cheiro se misturou com o cheiro de terra, veio na nossa direção, muito forte, a lata se esvaziou, o cabo a jogou fora com tanta força que ela caiu de cabeça para baixo, no gramofone o disco tinha acabado de terminar, de repente se fez um grande silêncio, Jancsi não deu corda de novo, nós também paramos, eu estava tonto, tudo girava a meu redor como se continuasse dançando, o chão também ondulava, ora afundava, ora se dobrava sob meus pés, eu quase não conseguia ficar de pé, os demais também cambaleavam de um lado para o outro, se curvavam para a frente, se inclinavam para trás, era como se ainda dançassem, o vapor da bebida parecia uma fumaça acinzentada, mas através dela vi o cabo deitado no chão pegando uma caixa de fósforos, tentando acender um palito, a caixa inteira se acendeu na mão dele e ele então a atirou no trailer, que o mundo todo se incendiasse, o filho da puta do mundo inteiro, para que queimasse inteiro, e então as chamas correram pelo trailer, acompanharam as trilhas deixadas pelo álcool, depois de repente pegaram na tinta e na madeira e lançaram grandes chamas amarelas, crepitantes, assim o trailer ardeu, o cabo enquanto isso continuou deitado no chão no mesmo lugar, estendeu a mão, com muita dificuldade puxou a cunha de baixo da roda do barraco, e então o trailer em chamas estremeceu, e muito devagar começou a rolar pela margem em descida, para baixo, na direção do lago da mina, o cabo tentou se pôr de pé, mas não teve onde se agarrar, sem a muleta ele não conseguiu se levantar, de modo que se

esparramou de novo no chão e, deitado de lado, viu o trailer em chamas rolando lentamente para a água, na parte de baixo as chamas sibilantes se apagaram, mas o trailer não afundou, a parte de cima continuou ardendo, boiou em chamas em direção ao meio do lago, em seguida parou, como se tivesse atolado, não afundou mais, ficou parado, as chamas se refletiram vermelhas na água cinzenta, parecia que todo o centro do lago estava em chamas, o cabo continuou deitado imóvel no chão, pousou a cabeça no braço e acompanhou o fogo.

Eu também não consegui tirar os olhos das chamas, me ocorreu que o fogo iluminava o fundo, se nos aproximássemos da água poderíamos ver o que havia no fundo dela, quase saí na direção da água, mas então Zsolt falou que seria melhor se fôssemos embora, pois o cabo logo acordaria e inventaria uma nova celebração em memória do pai, e então olhei e vi que o cabo estava deitado no chão de braços estendidos, roncando de boca aberta, e eu disse que seria mesmo bom se fôssemos embora pois logo nós também desabaríamos, e então Jancsi disse que se tínhamos aguentado até aquela hora deveríamos ver se havia ouro na parede, por conta dos cães não poderíamos mesmo ir embora pois eles não nos deixariam, o cabo tinha dito que eles eram caçadores de homens, e então Zsolt fez que sim e disse que ele tinha razão, era mesmo preciso fazer alguma coisa com os cães, eu disse que sabia o que deveríamos fazer, em seguida fui até a mesa de camping e derrubei o restante da papa de milho no chão, depois joguei sobre ela a aguardente destilada que tinha sobrado no vidro de pickles, havia pelo menos dois litros, se não mais, joguei no chão o vidro de pickles vazio, e então os cães se voltaram para o ruído, eu os chamei dizendo que lá havia comidinha gostosa, e quando me afastei eles vieram e atacaram o resto da papa de milho cheia de aguardente.

Eu continuava bastante tonto, mas ainda assim fomos até a parede da mina, os cães não nos seguiram, fomos direto para debaixo dos baixos-relevos gastos, paramos diante da parede, que de perto parecia pontilhada, como uma espécie de pele de dragão, como se também fosse parte dos baixos-relevos, primeiro eu não quis pôr a mão nela, mas depois acabei golpeando-a com o martelo, os demais também começaram a bater, a parede era tão porosa que mal tínhamos de bater com o martelo e logo pepitas saltaram aos punhados dela, de tão gordurosa, a terra brilhava, senti muita vontade de vomitar, mas continuei batendo mais e mais na parede, e de repente ouvi alguma coisa volumosa estalando, olhei a parede e vi que sob a cabeça do martelo apareceu uma pepita brilhante, eu me abaixei e a peguei, era exatamente igual à pepita que Zsolt havia mostrado, eu me levantei depressa e golpeei de novo com o martelo a parede, e então sob os golpes dos outros também as pepitas de ouro brilhantes saltaram sem parar da parede, aos pares e aos trios, a cada golpe havia cada vez mais, em volta dos pés dos outros brilhava um monte delas, na sequência não tivemos mais nem de martelar, as pepitas saltavam sozinhas da parede, largamos os martelos no chão, e Jancsi disse que não acreditava, mas agora via que era verdade, havia de fato ouro lá, e ele se agachou e começou a enfiar as pepitas no bolso, e então nós também nos agachamos e começamos também a encher os bolsos de ouro, eu punha as pepitas cheias de terra no bolso e estava para dizer chega, devemos ir embora, pois vamos ter problemas, quando ouvimos o cabo falar que porra vocês estão fazendo, ele estava de pé atrás de nós, apoiado nas duas muletas, todos nos viramos e nos endireitamos, o cabo perguntou de novo o que estávamos fazendo, e quando ele falou o cheiro de bebida nos atingiu com tanta força que meu estômago se revirou todo, não consegui dizer nada, mas Zsolt disse você não está vendo, estamos juntando ouro,

nós sabíamos muito bem que era por isso que o pai dele vigiava tanto a mina, não por causa dos velhos baixos-relevos, mas o cabo balançou a cabeça e disse porra nenhuma, aqui não há ouro nenhum, Zsolt nisso estendeu as duas mãos cheias de ouro para o cabo e perguntou então o que é isso na minha mão?, o cabo balançou a cabeça e disse que éramos completamente imbecis, como podíamos achar que encontraríamos ouro numa mina de argila, não víamos que aquelas eram balas de metralhadora? Ele ergueu a muleta e bateu na mão de Zsolt fazendo com que todos os pedaços de metal caíssem, e ele gritou caiam fora daqui, corram o máximo que puderem, porque se nos visse de novo do lado de dentro da cerca ele nos daria uma surra, em seguida nos encharcaria com gasolina, nos incendiaria e nos atiraria no lago da mina, e só sobrariam ossos calcinados, ou nem isso, corram, corram, não olhem para trás.

Túnel

Eu estava fazendo a lição, minha mãe, corrigindo trabalhos, desde que não a deixavam mais dar aulas ela corrigia muito mais trabalhos do que antes, porque as antigas colegas muitas vezes lhe davam, em segredo, trabalhos para serem corrigidos, pois sabiam que com o dinheiro que ela ganhava pela faxina nós não conseguiríamos viver, e assim queriam ajudá-la.

Queria realmente terminar a lição, pois desejava muito comer um pedaço do túnel de castanha que minha mãe tinha feito para meu aniversário, ela tivera muita dificuldade para arranjar o chantilly e as castanhas, fizemos juntos o purê de castanhas, tiramos o miolo das castanhas cozidas e cortadas ao meio com uma colherinha, era meu doce predileto, fazia mais de um ano que tínhamos comido pela última vez, meu pai ainda estava em casa, antes de o levarem para o canal do Danúbio, ele era também o doce preferido do meu pai, e desde então aquela era a primeira vez que tínhamos conseguido arranjar castanhas, e eu sabia que quando terminasse a lição nós tiraríamos o doce da geladeira e poríamos sobre ele as velas e celebraríamos juntos meu aniversário, eu queria muito terminar a lição e aí a campainha tocou uma vez.

Minha mãe naturalmente estremeceu, desde a busca em casa ela sempre se assustava, e de fato não estávamos esperando ninguém, e ninguém costumava nos visitar, os vizinhos também vinham de preferência à noite para pedir ou trazer alguma coisa,

mas nessa hora, de tarde, não vinham quase nunca, e então, ao olhar para minha mãe, vi que ela empalideceu, por isso disse que não atendesse, eu iria ver quem era, e se fosse um desconhecido não o deixaria entrar, e saí para o corredor e olhei pelo olho mágico, mas não vi ninguém, a escadaria estava vazia, e aí pensei que com certeza os rapazes estavam aprontando, embora eu lhes tivesse dito que não fizessem aquilo com a campainha, e estava para voltar e dizer a minha mãe que não havia ninguém quando a campainha soou de novo, e eu de novo não vi nada, e então abri a porta, mas apenas para ver se alguém não tinha colado o botão da campainha.

Bem, quando abri a porta encontrei uma criança, devia ter uns sete anos, por isso eu não a vi, ela mal alcançava a campainha, estava de uniforme escolar, embora o casaco parecesse ao menos seis números maior que o dela, chegava quase até os joelhos e tinha a manga cortada onde seria originalmente o lugar do cotovelo, o garoto estava carregado com cabides, facas e colheres de madeira, havia pelo menos cem cabides, e também rolos para massa, em volta da cintura ele levava enfiados num barbante pregadores, também muitos, de verdade, pelo menos uns quinhentos. E, quando me viu, ele logo perguntou se minha mãe estava em casa, e eu disse que caísse fora porque não iríamos comprar nada, e ele disse que não tinha perguntado se eu queria comprar alguma coisa, mas se minha mãe estava em casa, e então lhe disse que fosse à merda, pois caso contrário o atiraria escada abaixo, mas antes eu o fazia engolir dois cabides, porém parece que ele não se assustou, mas apertou de novo a campainha, e então minha mãe gritou do quarto para saber quem era, e eu gritei de volta que não era ninguém, mas a múmia também começou a gritar que vendia cabides baratos e pedia que a digníssima dama viesse vê-los, pois ela jamais tinha visto madeira tão boa na vida, e aí

empurrei o menino, mas ele não caiu, apenas deu um passo atrás e agarrou o corrimão, e eu de novo disse chispa, suma, mas minha mãe já tinha chegado e estava olhando para mim, ela assumiu um ar muito severo, vá para o seu quarto, ela me disse, e eu, claro, não fui, dei alguns passos somente até o corredor e lá parei para espiar o que aconteceria.

Minha mãe então perguntou ao pivete como ele se chamava, quantos anos tinha, e ele disse Máriusz e seis e meio, e depois minha mãe perguntou quantos irmãos ele tinha, e o garoto disse oito, e então minha mãe disse está bem, entre, não fique aí fora no frio, embora não estivesse nada frio na escadaria, e aí esse Máriusz limpou os pés, enquanto as muitas madeiras chacoalhavam nele, fazendo muito barulho, como se ele não estivesse sozinho, e então ele entrou no hall e parou, tirou dos ombros a tralha toda, tudo estava armado em uma espécie de arreio, e ele pôs tudo sobre o tapete e começou a explicar à minha mãe como o pai dele partia e secava a madeira no chão e como talhava os cabides e os pregadores com os irmãos, e como era difícil se vender um trabalho manual como aquele hoje em dia. Ele falava como um adulto, sem parar, e enquanto falava ora pegava um cabide, ora um pregador, ele os mostrava à minha mãe como quem sentia orgulho de verdade, enquanto isso minha mãe não disse nada, apenas olhou, e quando por fim o garoto se calou ela apenas perguntou quem o ensinara a falar com tanta habilidade, e o garoto olhou para ela e disse que fora seu pai, e aí minha mãe perguntou se os outros irmãos faziam a mesma coisa, e Máriusz disse que sim, eles percorriam os quarteirões vizinhos, ficariam na nossa cidade durante uma semana, em seguida seguiriam adiante e só chegariam em casa no Natal, depois de atravessar metade do país, e então minha mãe perguntou se ele não estudava, e Máriusz disse que não, nem ele nem os irmãos, e minha mãe perguntou se ele

sabia ler, e Máriusz sorriu e balançou a cabeça, mas depois logo disse que contar ele sabia muito bem, principalmente somar, e se tivesse de calcular o preço dos cabides, a dama descobriria que ele na mesma hora diria o preço, e então foi logo perguntando quantos cabides minha mãe queria comprar, e também quantos pregadores, e ele ia começar a falar da boa qualidade da madeira, mas minha mãe apenas lhe perguntou se ele estava com fome, e Máriusz disse é claro, e ela falou que ele fosse com ela para a cozinha, e então eu fiquei muito assustado, porque logo pensei no túnel de castanha, no que iria acontecer.

Fui para a cozinha com muito cuidado, não queria que minha mãe gritasse comigo, quando cheguei Máriusz já tinha comido uma fatia grossa de pão com banha, e aí minha mãe pegou uma caneca e da geladeira tirou a garrafa de leite e encheu a caneca, ele logo a agarrou com as duas mãos e bebeu tudo, em grandes goles, em seguida ele pôs a caneca sobre a mesa, limpou a boca com a manga do casaco de escola, e quando minha mãe guardou a garrafa de leite na geladeira, Máriusz olhou diretamente para o túnel de castanha na prateleira, apontou para ele com a mão, perguntou o que era aquilo, e aí eu não aguentei, não consegui ficar calado, disse que não era nada, não era do interesse dele, mas ao falar tive certeza de que não adiantaria, pois minha mãe olhou para mim e sorriu um sorriso severo, frio, e disse filhinho parece que você recebeu um convidado, isso é que é uma festa de verdade, em seguida ela abriu de novo a geladeira e tirou o túnel de castanha e o colocou sobre a mesa e mandou que eu pegasse dois pratos e duas colheres pequenas.

Seu tom era tão severo que eu não tive coragem de resistir, peguei, obediente, os pratos e as colheres e pus um par deles diante do garoto e o outro no meu lugar e em seguida me sentei, enquanto isso minha mãe espetou uma vela no túnel, junto da vela

estava escrito o número doze com chocolate, ela acendeu a vela dizendo que seria mais justo se houvesse doze velas, mas agora, simbolicamente, uma só seria suficiente, e então soprei a vela e desejei que meu pai voltasse para casa ou que nós ao menos recebêssemos uma notícia dele, assim, apaguei a vela e depois minha mãe cortou o túnel e deu a primeira fatia para Máriusz e a seguinte para mim, Máriusz logo começou a comer e também por isso não lhe desejei bom apetite, peguei a colher mas não comecei a comer, primeiro examinei a fatia do túnel no meu prato, o chantilly branco no meio da castanha, acho que pensei no meu pai, em seguida comi uma colherada, o túnel estava bom como era minha lembrança dele, ou ainda melhor, doce e leve, e aí só quando comi a segunda colherada olhei para o prato de Máriusz, ele tinha acabado de comer o último pedaço e estava olhando para minha mãe, disse que jamais tinha comido nada tão bom na vida, nunca na vida, e perguntou se poderia pedir mais uma fatia, eu tive vontade de lhe dizer nem a pau, mesmo uma havia sido uma pena, mas minha mãe já estava cortando outra fatia, e então também comecei a comer depressa, não degustava mais a castanha, apenas dava colheradas, uma colher depois da outra, enquanto olhava o tempo todo para Máriusz, ele dava tantas colheradas quantas cabiam na sua boca, cortava pedaços tão grandes da sua fatia com a colher que era obrigado a segurá-los com o polegar para que não caíssem, o queixo dele estava cheio de chantilly e castanha, e quando acabou ele de novo olhou para minha mãe, e minha mãe de novo cortou para ele uma fatia, enquanto isso eu também ganhei minha segunda fatia, e quase não restava mais nada do túnel na travessa de porcelana, apenas o pedaço com os números, Máriusz continuou comendo tão depressa quanto no início, curvado sobre o prato, a mão que não segurava a colher estava apoiada sobre a mesa e cobria parte do prato, mas minha mãe não o repreendeu

mandando que sentasse direito, embora eu com certeza teria sido repreendido se fosse o caso, e quando a segunda fatia acabou Máriusz de novo apontou a travessa de porcelana com a colher e pediu que ela pusesse o pouco que sobrara para ele, para que não ressecasse, e eu vi que minha mãe dessa vez não pegou a faca com muita vontade, mas acabou cortando em dois o último pedaço, deu uma das metades para ele e a outra para mim, e quando cheguei ao meio desse último pedaço eu de repente senti que não conseguiria comer mais, nisso Máriusz já tinha comido o pedaço dele havia muito, e eu vi que ele estava olhando para o meu prato, sendo assim comi tudo que restava com uma colherada, nem senti mais o sabor da castanha, apenas o gosto doce de rum, mas continuei mastigando embora mal conseguisse engolir o último pedaço, Máriusz me olhava de tal modo que eu engoli o pedaço e raspei o resto de chantilly do prato e lambi a colher, e quando por fim também larguei minha colher senti o estômago todo revirado, mas apesar disso eu sorri, e então Máriusz olhou para mim e disse que Deus o abençoe, e depois olhou para minha mãe e disse obrigado por ter me tratado tão bem, e agora era hora de ela dizer se iria comprar cabides ou não, porque ele tinha de ir embora pois naquele dia não vendera praticamente nada, e aí minha mãe disse está bem, iria comprar cinco cabides e dez pregadores, mas só se Máriusz os vendesse barato, e então eles começaram a negociar, minha mãe gostava muito de pechinchar, é possível que ela tivesse feito tudo aquilo para poder pechinchar, desde que havíamos vendido as roupas do meu pai nós tínhamos cabides de sobra.

Nisso minha barriga se contraiu, e eu senti que o túnel de castanha ia subir todinho, e também a batata com páprica que tinha comido no almoço, levantei e fui para o banheiro e cerrei os dentes porque não queria vomitar, parei diante da torneira, abri a água fria e borrifei a nuca com ela, pois tinha aprendido na escola

que isso fazia passar a ânsia de vômito, bebi um pouco da palma da mão e assim por sorte a vontade de vomitar logo passou, e quando voltei para a cozinha minha mãe já tinha terminado de pechinchar, Máriusz acabava de pôr a montanha de cabides nos ombros, e quando me viu ele disse que se era meu aniversário, eu tinha direito a um presente, e desamarrou de um barbante uma faca de madeira e a entregou na minha mão e disse faça bom proveito, eu só concordei, não quis agradecer, e também tive medo de que a ânsia de vômito voltasse, em seguida abri a porta para ele e a fechei depois que ele saiu.

Ouvi-o descendo barulhento pela escada, minha mãe olhou para mim e disse que deveria me alegrar por não saber o que era fome, em seguida voltou para a sala, para os trabalhos, eu fui depressa para o meu quarto, subi na cama e abri a janela e vi Máriusz saindo do bloco de apartamentos para a calçada, e então empunhei a faca, respirei fundo, mas depois acabei não tentando atingi-lo na cabeça, sabia que não o acertaria, porque infelizmente ele estava muito longe.

Abundância

Só decidi ir até o armazém porque na estradinha de terra que levava para a construção eu tinha encontrado uma imensa porca com dois grandes parafusos, e eu queria encher a porca com cabeças de fósforo, porque me lembrava que Zsolt tinha dito que se depois rosqueasse um parafuso de cada lado da porca e amarrasse um saco plástico em tudo e jogasse a coisa do quarto andar aqueles parafusos gigantescos de trator explodiriam com tanta força que furariam o asfalto, e por isso eu queria comprar fósforos, pelo menos umas quatro ou cinco dúzias, mas na confeitaria onde costumava comprá-los eles não me atendiam mais, desde que Szabi e eu tínhamos colocado uma bomba de fumaça debaixo da vitrine e eles tiveram de jogar fora todos os doces, porque todos ficaram com cheiro de queimado das aparas da roda de borracha de trator e dos pedaços de bolinha de pingue-pongue que havíamos misturado na bomba, e por isso eu tinha de ir ao armazém para comprar fósforos, lá eu poderia comprar quantos quisesse de uma vez, pois conhecia uma das moças do depósito, ela se chamava tia Áni, mas todos só a chamavam de Gorda Áni, porque era gordíssima, de verdade, gorda como uma porca, mas eu nunca a chamava pelo apelido, porque era amiga da minha mãe, uma vez tinha ficado conosco por dois dias quando o marido alcoólatra a expulsara de casa, e desde então ela era muito agradecida à minha mãe, e quando eu pedia ela sempre nos trazia pacotes de fósforos fechados e acetona para as bombas de fumaça, até quatro ou cinco

vidros de uma vez, e ela nunca perguntava para que eram, perguntava apenas se minha mãe estava bem, por isso valia mesmo a pena andar até o armazém, embora ele ficasse bem longe. Quando cheguei à rua Arató alguém passou por mim correndo, depois mais alguém, e mais alguém, e todos viraram na rua Hangya, onde ficava o armazém, e então pensei que deveria me apressar, pois eles com certeza corriam porque sabiam que alguma coisa seria distribuída, mas depois eu logo pensei que era bobagem, pois o que poderia ser distribuído?, eu não tinha muita vontade de ficar na fila por margarina, farinha ou ovos, mas então de novo alguém passou correndo por mim, e eu não aguentei, perguntei gritando se ele sabia o que estava sendo distribuído, mas ele não parou, apenas se voltou, correndo, e disse nada, mas eu já estava andando mais depressa, porém só comecei a correr quando vi que em frente vinha na minha direção tio Szövérfi com uma sacola de plástico cheia na mão, comendo uma banana.

Eu nunca tinha visto ninguém comendo banana abertamente na rua, já tinha comido bananas algumas vezes, mas meus pais sempre as conseguiam no mercado negro, e na maioria das vezes elas estavam verdes e tínhamos de esperar muito antes que amadurecessem, uma vez tentei comer uma banana verde, fatiada, com açúcar, mas não foi uma boa ideia, meu pai me deu uma bela bronca quando descobriu. Fazia uns três anos que não comia nenhuma fruta tropical, e por isso corri na direção da rua Hangya na velocidade máxima permitida pelos meus pulmões. Pude ouvir de longe a gritaria, assim que dobrei a esquina vi a fila, chegava até o meio da rua, tinha uns quarenta metros, no fim já havia umas quatro ou cinco pessoas lado a lado, mas na entrada da loja a fila se estreitava, porque só passavam dois de cada vez pela porta, no começo da fila um operário da fundição chacoalhava pelo colarinho um homem de rosto vermelho, de casacão, enquanto gritava o que

você está pensando?, que vamos deixar que você fure a fila?, conhecia bem a raça de pedintes dele, ele não iria se enfiar na frente das outras pessoas honestas na fila, mas o de casacão respondeu que ele havia chegado antes dos outros, só tivera de correr para casa para buscar dinheiro e tinha pedido que alguém guardasse o lugar dele, mas o operário da fundição gritou que aquilo não existia, guardar lugar, se ele precisava de alguma coisa que ficasse na fila esperando como qualquer pessoa honesta, e ele deu um empurrão no homem de casacão e o fez cair sentado e ficar cheio de lama, e quando o homem se levantou o operário ainda gritou que ele fosse bonitinho para o fim da fila, e aí o de casacão disse que não iria, esperava que eles todos se enchessem com as bananas e as laranjas, mas eles não teriam tanta sorte, estavam na fila à toa, logo tudo iria acabar e ele esperava que morressem todos, e ele se virou e foi embora, não vi em que direção pois eu tinha entrado no fim da fila. Lá as pessoas estavam em grupos de quatro, a fila não andava muito, avançava um passo de vez em quando, embora tivessem passado uns dez minutos, eu tentei perguntar a uma mulher na minha frente desde quando estavam ali, mas ela não quis dizer, só fez sinal para que ficasse quieto, que fizesse silêncio, que me calasse, e então alguém falou e disse que havia muito tempo, havia pelo menos umas duas horas e meia, eu estava vendo como a fila andava devagar, os que estavam mais na frente, na vitrine, diziam que dentro da loja a fila ainda dava umas três voltas entre as prateleiras, e então lá na frente, na entrada, houve um coro de resmungos, como se alguém estivesse tentando sair, embora aquilo fosse só uma porta de entrada, mas ninguém quis deixar, porque ninguém queria dar um passo para trás, todos preferiram empurrar quem estava na frente, o empurra-empurra foi muito grande, em seguida de alguma forma a fila acabou voltando um pouco para trás, a mulher que estava na minha frente também

foi empurrada para trás, ela veio ao meu encontro, de modo que quase caí de costas, mas então os de trás começaram a empurrar para a frente com agressividade, alguém às minhas costas me deu um encontrão com força, eu caí para a frente, mas nisso a coisa toda virou um amontoado, assim como brigávamos para entrar no ônibus, alguém me deu uma cotovelada de lado, na hora dei um chute naquela direção, tentei empurrar os da frente, eu também estava sendo empurrado com firmeza por trás, mas aí a fila se deslocou para trás de novo, de repente, eu quase me estatelei no chão, os de trás me escoraram, em seguida os que estavam mais atrás tiveram de recuar um passo, porque lá na frente, na entrada da loja, alguém procurava de fato sair com muita força, ouvimos que gritava abram caminho, camaradas, recuem, vocês não estão entendendo, saiam da frente, não estão vendo que estou com as mãos cheias? Pela voz eu a reconheci, e depois, à medida que ela empurrava a fila à sua frente, vi que era de fato tia Áni levando um monte de caixotes encaixados um no outro, com os quais abria caminho, gritava para que todos calassem a boca e recuassem, que fizessem silêncio, pois aquele comportamento não civilizado era totalmente inaceitável, que fossem mais para trás, que saíssem da frente da porta, era revoltante o que os camaradas estavam aprontando, ela não entendia o que alguns deles pensavam, onde pensavam que estavam?, em grupos de quatro berrando a torto e a direito, em vez de esperarem comportados, respeitosamente, que chegasse a vez de cada um, recuem, imediatamente. Gritando ela empurrou as pessoas com as caixas, de maneira que aos poucos afastou todos da entrada, a fila se desfez, tia Áni foi cercada, muitos desceram da calçada, Áni continuou de pé na entrada e eu vi que a loja estava de fato cheia de gente, entre as prateleiras as pessoas se amontoavam da mesma forma que do lado de fora. Tia Áni pôs as caixas no chão e do bolso do avental tirou um grande

cadeado enferrujado, e rapidamente ela bateu a porta de entrada da loja, em seguida com um movimento habilidoso puxou o ferrolho da porta e nele pendurou o cadeado, depois se abaixou e ergueu as caixas e começou de novo a empurrar as pessoas enquanto resmungava com elas que a deixassem passar, porque tinha o que fazer, mas depois de repente parou diante dela o operário da fundição e com as duas mãos ele pegou as caixas e perguntou por que ela havia trancado a entrada, ela não via quantos estavam esperando, e tia Áni berrou com o operário dizendo que ele largasse as caixas imediatamente, será que ele não via que a loja estava fechada?, ou melhor, não estava fechada, mas nenhum freguês poderia mais entrar, pois a mercadoria havia acabado, seria bom se ainda sobrasse alguma coisa para aqueles que estavam lá dentro, deveriam todos ir para casa, no dia seguinte haveria uma nova distribuição de frutas tropicais, se não no dia seguinte, o mais tardar na semana seguinte, valia a pena chegar de manhã bem cedo, mas isso todos sabiam, de repente todo mundo começou a gritar e a multidão se deslocou para a frente, e me arrastou também, quando me empurraram para a frente senti que a grande porca estava caindo do meu bolso, quando tentei segurar a porca ela havia rolado para algum lugar no meio dos muitos pés das pessoas, o operário da fundição berrou que aquilo não era justo, e ele arrancou as caixas da mão de tia Áni e atirou tudo no chão de tal modo que as caixas se partiram em pedaços, os pedaços de madeira voaram por todo lado, se espalharam em todas as direções na calçada, enquanto isso as pessoas se amontoaram na porta de entrada, alguém me empurrou e eu caí, a palma da minha mão ficou cheia de lama, vi um dos pedaços de madeira bem na minha frente, trazia impresso CUBA em grandes letras pretas, só a vi por um instante, em seguida alguém a chutou, eu me arrastei para a frente muito depressa, e quando tentei ficar de pé para não ser

pisoteado, de repente me apoiei na porca, mas bem naquela hora alguém pisou na barriga da minha perna, e quando puxei a perna a porca rolou de novo da minha mão, mas não fui atrás dela porque fiquei muito assustado, me ocorreu que Jancsi tinha contado que uma vez no estádio a multidão havia pisoteado alguém. De algum modo consegui ficar de pé, procurei me livrar da multidão andando de lado, na direção da porca, para fora da calçada, na direção do meio da rua, foi quando alguém me deu uma joelhada na coxa que quase me fez cair de novo, em seguida consegui de algum modo me livrar da multidão, mas nessa hora todo mundo já estava gritando muito, eu me abaixei e peguei a porca, que estava cheia de lama, e a limpei na calça.

Àquela altura todos estavam se empurrando com muita força, e também brigando, e assim eu não voltei, mas fiquei olhando a cena do meio da rua. Não vi o operário da fundição nem tia Áni em lugar nenhum, todos se empurravam na direção da porta, quatro ou cinco a sacudiam, o cadeado chacoalhava muito, e então vi que outro operário havia se livrado da multidão, gritava que não era assim, ele iria mostrar, e se abaixou e com as duas mãos pegou junto da calçada uma grade de bueiro e a ergueu, e por cima da cabeça das pessoas a atirou contra a maior das janelas da vitrine. A vidraça bem grande cedeu e se estilhaçou, as latas de tomate e de peixes em conserva empilhadas se espalharam, e todos estavam se empurrando e gritando dentro da loja, ouvi alguém gritando que ela estava pegando fogo, enquanto isso o vidro das duas outras vitrines também foi quebrado, vi dois operários da fundição arrancando a porta pelo batente, eles a ergueram, a balançaram e a jogaram para fora, a porta caiu na rua à minha frente, da moldura de ferro pintada de azul os estilhaços de vidro rolaram no asfalto com muito barulho, vi na extremidade do ferrolho o cadeado enferrujado fechado. Eu sabia que não devia ficar mais lá, me lembrei o quanto

minha mãe havia pedido que não me metesse em nada, mas continuei ali, olhando, só recuei um pouco, todos se acotovelavam e se empurravam para dentro da loja, alguns pularam pela janela, na loja as prateleiras desabaram, as pessoas começaram a jogar para fora as conservas e os vidros de conserva, ouvi alguém gritando por ajuda, uma voz de mulher berrava sem parar que a loja estava pegando fogo, e então alguém a meu lado falou, era uma velha, disse muito alto que não era a frente da loja que interessava, mas o depósito, atrás, deveriam descobrir o que os vendedores escondiam lá, e quando ela disse isso um monte de gente correu para a parte dos fundos da loja, para o depósito, mas eles mal haviam chegado quando a porta se escancarou e de lá saiu o operário da fundição gritando, vejam, olhem só o que eles escondiam, vejam, e ele trazia um grande saco nos ombros e o pôs no asfalto e gritou que o saco, palavra de honra, estava cheio de café em grãos inteiros, e que naquele depósito havia de tudo, de tudo de verdade, o depósito era a própria abundância, havia chocolate aos montes, laranjas, figos embalados, tâmaras, suco de limão grego em engradados, há de tudo, vocês entenderam?, de tudo. E, de fato, as pessoas saíram correndo umas atrás das outras do depósito, todas traziam alguma coisa, sacos e fardos e caixas, laranjas embrulhadas e sacos de rede vermelha, vi que o batente da janela havia se desprendido da parede, uma mulher alta, magra, tentava abrir caminho com uma tábua na mão, na outra mão ela apertava contra si um vidro de picles enorme cheio de azeitonas, mas então as pessoas já procuravam arrancar as coisas umas das outras, duas velhas diante de mim despedaçavam um cacho de bananas embrulhado em um imenso saco plástico, as duas rosnavam, o cacho de bananas se rompeu, e uma bela banana bem grande caiu na minha frente, eu me abaixei e a peguei, estava fria, como se tivesse sido tirada de um refrigerador, eu a peguei e a

enfiei debaixo da camiseta pela gola, vi que alguém procurava recolocar os grandes tabletes de chocolate suíço em uma caixa de papelão, e eu fui até ele para pegar ao menos um tablete. De repente alguém começou a gritar perguntando pelos donos da loja, onde se esconderam, porque eles iriam ver o que era bom, e então percebi que tia Áni estava deitada no chão junto da porta de entrada. Com certeza havia desmaiado, porque acabava de voltar a si e tentava se sentar, e então uma mulher magra e ruiva a viu, apontou para ela, e gritou que ela estava lá, aquela piranha pelancuda, descarada, lá está ela, e então duas pessoas correram para lá e a ergueram à força, e diante dela parou o operário da fundição, ele tinha na mão a mangueira de incêndio que em toda loja costumava ficar junto do extintor, e a mangueira já estava meio desenrolada e ele fez um nó no final da mangueira, em seguida a passou no pescoço da tia Áni, e aí tia Áni em voz rouca começou a gritar que a soltassem, ela era inocente, não tinha feito nada, que a largassem, o que eles queriam com ela?, e então da direção da rua Hosszú, do outro lado da ponte, as sirenes soaram muito alto e se aproximaram, e alguém começou a gritar que fugissem, pois logo chegariam os guardas e com eles o serviço de segurança e eles iriam pegar tudo de volta, e aí a multidão de repente se movimentou, me empurraram e eu quase caí, mas alguém agarrou meu braço e me puxou, e de repente todos já estavam correndo de volta, na direção da rua Arató, mas eu ainda ouvi tia Áni gritando, pedindo ajuda, pedindo que a deixassem, não, não, não façam isso, mas as sirenes estavam tão próximas que mal se ouvia outra coisa, e eu também não quis mais olhar para trás, corri na direção de casa, só ouvi o sangue latejando no meu tímpano, e senti que a banana que enfiara na camiseta escorregava lentamente para baixo, então a segurei através do tecido, a apertei contra a barriga, e continuei correndo.

Cinema

Três dos quatro parafusos saíram com facilidade, mas o quarto não se mexeu de jeito nenhum, não adiantou eu apertar com força a chave inglesa do pai de Feri e não adiantou tentar girá-la, respirei bem fundo, em seguida forcei de novo a chave, mas não, o parafuso não se mexeu de novo, a chave só escorregou sobre a cabeça do parafuso, e aí ouvi Feri cochichando em nome do pai, que porra você está fazendo?, eles podem ligar a eletricidade a qualquer momento e então vai sobrar para nós, como se eu não soubesse exatamente que o buraco de ventilação só penetrava meio metro debaixo da tela de projeção na parede, e deitados ali de barriga os dois apareceríamos até a cintura, e se as luzes se acendessem a escola inteira veria nosso traseiro de fora pelo buraco da ventilação, de modo que cochichei para ele que deixasse meu pai de fora e que fosse se foder, e eu dei um chute, deitado, na direção dele, acho que o acertei de lado com o joelho, eu o ouvi xingando, nisso forcei de novo a chave inglesa, com a outra mão forcei também a grade, com toda a força, mas a grade não se mexeu, o parafuso pareceu ranger um pouco, mas continuou firme, enquanto isso ouvimos atrás de nós, na plateia, que todos gritavam, batiam e assobiavam confusamente, o camarada diretor se esgoelava, estava de pé diante da plateia, ouvimos bem de perto que ele gritava para que todos ficassem no lugar, pois cantaríamos canções patrióticas no escuro, assim esperaríamos o fim da interrupção, e também que ninguém ousasse atirar coisas

pois acabaria muito mal, e que levassem em conta que em alguns minutos a luz voltaria e então a projeção iria continuar, e quem não estivesse no lugar quando a luz voltasse ele enfiaria num poste, e mandaria pendurar no pátio da escola e arrancaria seu coração pessoalmente, porque havia chegado o tempo de esse bando de ordinários, inúteis, desprezíveis aprender de uma vez por todas o que era disciplina, e eu sabia que durante a gritaria o camarada diretor estava andando para cima e para baixo, e nisso ele varria a plateia com a lanterna de oito pilhas, mas eu de propósito não quis pensar no que aconteceria se por acaso ele iluminasse debaixo da tela, a grade de ventilação, ou se tropeçasse nas nossas pernas estendidas, e eu de novo forcei a chave inglesa, mas o parafuso de novo não se mexeu, e então cochichei para Feri que tinha sido besteira nos arrastarmos para lá, seria melhor voltarmos para o lugar, pois o tubo de ventilação não levaria a parte alguma, ali não havia nenhuma sala de projeção secreta, que ele fosse à merda, mas então Feri me deu uma cotovelada de lado e disse que eu voltasse se quisesse, mas ele não iria desistir, ficaria ali, pois agora ele queria ver os rolos de filmes proibidos, mandou que eu forçasse a chave, que parasse de me cagar, pois a luz iria mesmo voltar logo, pare de fazer merda, e eu então quis dizer que não estava fazendo merda, e que ele fosse à puta que o pariu, mas preferi não falar, forcei ainda mais a chave inglesa na cabeça do parafuso, em seguida apoiei o cotovelo na lateral do buraco de ventilação, e assim dei um safanão no cabo da chave, e aí a cabeça do parafuso quebrou inteira, tão de repente que quase deixei a chave cair, e então Feri cochichou está bem, vamos tirar a grade, mas com cuidado, porque temos muito pouco espaço, e cochichei de volta que era para ele dizer algo que eu não soubesse, e sacudi a grade e então finalmente a grade saiu da moldura de ferro que a prendia, e eu e Feri a pegamos pelos dois lados, mas não conseguimos girá-la,

pois era grande demais, de modo que tivemos de sair quase completamente do buraco de ventilação, pois só assim conseguimos deitá-la de lado, enquanto isso o professor de música também tinha se juntado ao diretor, por sorte ele parou um pouco mais adiante, não exatamente junto do buraco, por isso ele não notou que havíamos saído, e aí nós deitamos a grade com cuidado e a empurramos de volta para dentro do buraco, e eu ouvi o professor de canto dizendo em voz baixa ao diretor que se ele quisesse de fato que cantassem, o diretor deveria iluminá-lo para que os rapazes o vissem regendo, mas então o camarada diretor não disse nada, só continuou praguejando sem parar pois alguém o tinha acertado na cabeça com um pedaço de giz, e aí nós também nos arrastamos de volta, passamos pela abertura em que ficava a grade e começamos a rastejar pela tubulação estreita na direção da sala de projeção secreta. Feri foi na frente, de início eu o ouvi arfando e batendo a toda hora o joelho ou o bico do sapato na parede da tubulação, mas depois ele deve ter avançado bastante, pois não o ouvi mais, apenas ouvi que fora, no grande salão, todos estavam batucando e gritando. Enquanto isso a tubulação foi ficando cada vez mais estreita, tanto que a parede raspava nos meus ombros, pensei que logo iria ficar entalado, como quando entrei no cano de esgoto atrás da bola de couro de Prodán, e, de fato, à medida que me arrastava mais para a frente senti minhas costas raspando no teto da tubulação, sabia que agora, ainda que quisesse, não conseguiria me virar, de modo que continuei fazendo força para a frente, preferiria não ter ganhado a aposta feita naquela manhã.

Eu apostei com Feri logo depois que o camarada diretor entrou na classe e avisou que não teríamos as três primeiras aulas porque em vez delas a escola toda iria ao cinema assistir ao documentário intitulado *A Construção do País* sobre o plano quinquenal, e aí Feri disse que deveríamos apostar se a luz iria acabar ou não durante a

exibição, e Feri disse que não, pois seria sabotagem acabar com a luz durante a exibição de um filme como aquele, seria sabotagem contra o país, mas aí eu disse que sabotagem seria a luz não acabar, pois era preciso economizar energia elétrica com muita responsabilidade, pois era muito mais importante que a produção industrial e a projeção de filmes patrióticos, de modo que então Feri propôs que apostássemos, e aí apostamos, prometi que se ele ganhasse eu lhe daria minha atiradeira de borracha de verdade, e ele por sua vez me prometeu que se perdesse ele me mostraria onde ficava a entrada secreta da casa de máquinas no cinema, da qual o avô lhe havia falado, e onde estavam guardados os rolos dos filmes proibidos que nunca chegariam aos cinemas, lá estariam todos os filmes de que só tínhamos ouvido falar e que nunca vimos, as seis partes do *Homem-aranha*, e todos os filmes do Tarzan e do Zorro, e um monte de filmes de caubóis e índios. Demos um aperto de mão e pedimos a Janika que selasse a aposta, mas não lhe dissemos o que tínhamos apostado, e aí Feri disse que se eles de fato acabassem com a luz, nós tentaríamos entrar no escuro na casa de máquinas, foi muita sorte ele estar com a chave inglesa do pai, ele havia trazido a chave para brigar, mas seria também ótima para aquilo, poderíamos tirar os parafusos da grade. Nisso eu logo perguntei de que grade?, mas Feri não disse, falou apenas que descobriria caso acabassem com a luz, e até então eu faria melhor se me despedisse da atiradeira, porque ele estava com a sensação de que de tarde ela seria sua.

O cinema Chama da Revolução, para onde iríamos, era o maior da cidade, eu sempre o frequentei, mas fazia mais de um ano que não ia lá, porque a economia popular enfrentava problemas, em especial a indústria de energia, e não se podia saber com antecedência quando acabaria a luz, e nessas horas tínhamos de ficar sentados no escuro, pois os geradores não funcionavam mais

em nenhum cinema, porque da maioria dos lugares o gásleo de reserva havia sido roubado havia muito, e nessas horas era preciso esperar por muito tempo na escuridão de breu até a eletricidade voltar, ou até que chegassem os seguranças ou os bombeiros para nos libertar, e eu não gostava muito disso, de modo que preferia não ir ao cinema. Digamos que desde que haviam levado meu pai eu também não tinha lá muito dinheiro, mas teria conseguido entrar sem dinheiro, não era difícil, bastava saber dar uns chutes e empurrões, e também saber onde se devia ficar na multidão, eu tinha entrado um monte de vezes, quando não tinha conseguido ingresso para *O Colosso de Rodes*, o *Homem-aranha*, *Trinity* ou *Hércules na Conquista da Atlântida*, mas nos filmes que andavam passando ultimamente não valia a pena entrar, porque só se exibiam reedições de filmes de vagabundos de resistência ou de guerra, como *O Sétimo Camarada* ou *Pés de Ferro* ou *O Longo Inverno na Cidade das Lágrimas*.

Das outras vezes sempre costumávamos sentar mais atrás, na última fileira, ou na penúltima, mas Feri propôs que sentássemos mais para a frente e na extremidade da fila, para que não tivéssemos de nos arrastar muito no escuro, se por acaso eu tivesse razão e a luz acabasse, de forma que sentamos na quarta fila, abaixamos bem a cabeça para que ninguém nos acertasse com giz ou papel cheio de cuspe. Antes de o filme começar o camarada diretor parou na frente da tela, fez um gesto com o braço para que todos se levantassem, em seguida cantamos o hino nacional, mas quando acabamos não pudemos sentar de novo, tivemos de esperar que o camarada diretor terminasse sua fala sobre a grandiosidade do cinema, uma das maiores conquistas tecnológicas do progresso do nosso tempo, em seguida pediu disciplina e atenção redobrada e nos desejou bom divertimento.

No início o filme tratou principalmente dos complexos industriais e dos trigais, exibiu tratores arando e debulhadoras colhendo, em seguida a construção de uma grande estrada de ferro que teria de cruzar as montanhas, depois o metrô construído na capital, um camarada de óculos mostrou no mapa onde seriam as estações, em seguida mostrou também como construíram o túnel, debaixo da terra, uma furadeira giratória gigante escavara a terra, em seu rastro os trabalhadores aplicaram o concreto, e a câmara aproximou a furadeira, bem o centro dela, e então de repente tudo ficou escuro e todos começaram a assobiar e gritar, Feri a meu lado disse que eu tinha ganhado, puta merda, então vamos depressa, pegue no meu tornozelo, porque nessa escuridão eu não o veria, propus então que esperássemos, pois talvez o filme tivesse apenas se partido, mas aí Feri disse que nesse caso a luz da saída continuaria acesa e não estaria tão escuro, e ele de fato tinha razão, por isso seguimos em frente, ao lado das fileiras, no chão com cheiro de querosene, por trás do diretor, para a frente, para o centro da tela, em seguida Feri se enfiou no buraco de ventilação que se abria entre o piso e a tela e cochichou que eu não me atrapalhasse, que entrasse, depois, quando eu já estava deitado a seu lado ele sussurrou que logo iria pegar a chave inglesa, para entrar nós só teríamos de desaparafusar a grade de proteção contra ratos.

A tubulação tinha se estreitado tanto a meu redor que não conseguia me mexer, quis gritar para que Feri voltasse e me ajudasse, mas a escuridão me sufocava, eu não conseguia respirar, e aí me ocorreu o que minha mãe tinha dito depois que os bombeiros me tiraram do cano de concreto e toda noite eu ficava com medo de sufocar debaixo do cobertor, você não pode pensar no sufocamento, precisa imaginar que está no alto de uma montanha e pela boca e pelo nariz entra ar fresco da montanha, e então eu

tentei imaginar, mas foi inútil fechar os olhos, só vi a escuridão, e me ocorreu que se eu ficasse entalado naquele corredor nunca ninguém me encontraria, morreria ali, ficaria ali para sempre, e com isso me assustei tanto que de algum modo acabei me mexendo, mesmo através do uniforme a parede raspou meus ombros quando virei de lado, mas não liguei, apenas segui adiante com esforço, muito devagar, senti que consegui andar um pouco para a frente, e aí de repente ouvi que em algum lugar mais distante Feri disse que era para eu me aproximar pois havia mais uma grade que teríamos de desmontar, e ele falou que eu não tivesse medo pois a tubulação logo iria se alargar, e de fato ainda me arrastei um pouco mais, depois consegui ficar de quatro, e não tive de andar muito para chegar junto de Feri, e ele disse que a tubulação acabava ali, a grade estava acima das nossas cabeças, mandou que eu estendesse a mão para senti-la, ele já a havia apalpado e tinha a impressão de que não estava aparafusada, era bastante pesada, mas os dois juntos teríamos força suficiente, vamos tentar erguê-la, e então nós a pegamos um de cada lado e ao mesmo tempo a forçamos, de início a grade não se mexeu, mas depois cedeu, e então eu disse a Feri que não deveríamos deixá-la cair pois o barulho seria muito alto, era melhor fazê-la escorregar para o lado, com cuidado, para não fazer muito barulho, Feri disse está bem, não precisamos afastá-la muito, apenas o bastante para que possamos passar.

Eu saí primeiro, estava escuro, vi somente uma luz vermelha muito fraca, quando fui em sua direção chutei a grade e pelo eco ouvimos que estávamos num espaço bastante grande, Feri também saiu da tubulação, eu o ouvi vindo atrás de mim, quando chegou a meu lado cochichou que não acreditava que tínhamos chegado até ali, pois não achava que a sala de projeção secreta pudesse existir, achava que era lenda, como o túnel que levava do castelo por baixo

de toda a cidade até a floresta e a mina de argila, eu disse que ele ficasse quieto e que se quisesse dizer alguma coisa que cochichasse e não gritasse, e, então, sussurrando, Feri disse que não estava gritando, e nisso chegamos à luz vermelha, era um botão vermelho no formato de um tijolo, iluminava o centro de um painel de força, era um grande painel de força cheio de botões, e no meio, sobre o botão vermelho, estava escrito gerador reserva, só usar em caso de necessidade, e antes que eu pudesse agarrar a mão dele, Feri apertou o botão.

A luz vermelha de repente se apagou, o lugar ficou completamente escuro, eu me assustei tanto que fiquei com falta de ar, Feri também devia estar apavorado, pois não praguejou, só ficou parado junto de mim no escuro. Passou um minuto, em seguida ouvimos que longe, na parede, alguma coisa se ligou, primeiro com um som borbulhante, o piso também estremeceu, depois o som ficou mais alto, e de novo mais baixo, no fim quase explosivo de tão alto, e então ouvimos um estrondo e de repente as luzes do recinto se acenderam.

Olhei para Feri e vi que ele também estava piscando, e então suspiramos ao mesmo tempo, e eu disse que ele era um imbecil, e então ele apenas deu de ombros e se virou, e então também corri os olhos pelo salão e ouvi Feri assobiando, e com o que vi eu também quase assobiei. Estávamos em uma sala normal de cinema, porém sem cadeiras, mas com poltronas de couro muito grandes, no meio do salão havia duas juntas, atrás delas, de cada lado, em um semicírculo, mais umas dez, e diante das poltronas uma cortina vermelha muito grande cobria toda a parede. Atrás das duas poltronas centrais, sobre um pequeno armário, havia um projetor, Feri foi direto para lá e disse que eu também fosse e olhasse porque era inacreditável, havia um rolo de filme nele, e então me aproximei, mas nisso Feri já tinha aberto a porta do

armário e vi que ele estava cheio de caixas achatadas, redondas, de metal, e Feri logo disse agarramos o diabo pelo rabo, pois lá estavam todos os filmes secretos e proibidos, e falou que eu tomasse cuidado pois os rolos eram muito pesados, seria melhor se os pegássemos juntos, eu não deveria tirar nenhum sozinho, e então eu disse que ele não tivesse medo, não iria pegar nada, e então ele disse está bem, mas eu poderia ajudá-lo, primeiro vamos erguer o que está mais em cima com muito cuidado, mas eu disse que não iria ajudar porque não queria levar os rolos embora, e também não tinha mais curiosidade pelos filmes, seria melhor se voltássemos, pois se alguém nos pegasse seria o fim, porque todos esses lugares proibidos contavam como instalações militares, e entrar numa delas era com certeza traição à pátria, mas Feri apenas riu e disse que não iria acontecer nada, por que você está apavorado?, se tínhamos chegado até lá seria besteira não dar uma olhada nos filmes, imagine o que seria contar para os demais o que acontecia na continuação do *Zorro*, mas aí eu só disse que não estava interessado, e vamos voltar porque não quero me meter numa encrenca, e aí Feri perguntou se eu estava mesmo me cagando de medo a ponto de não me interessar pelos filmes que havia ali, pelo menos devíamos olhar os títulos para ter o que contar, mas a isso eu pedi que ele me deixasse em paz com aquela história, uma vez que não podíamos falar daquilo se não quiséssemos que nos denunciassem, mas Feri já tinha começado a tirar um rolo e pediu ajuda porque iria derrubá-lo no pé, e então eu disse que ele não brincasse, não podia ser tão pesado, mas depois acabei ajudando e juntos pusemos o rolo na poltrona e o viramos, pois Feri disse que o título e a numeração costumavam ficar no fundo ou do lado, porque a maioria dos filmes tinha mais de um rolo, mas naquele rolo não havia nada escrito, de modo que tiramos o seguinte e nele também não havia nada, depois olhamos mais

uns três, e em um deles aparecia a marca da etiqueta, que havia sido rasgada, restava apenas uma ponta, e nela só estava escrito 84, mas Feri disse que não podia ser pois nenhum filme podia ter oitenta e quatro partes, e aí eu de novo disse que não me interessava, vamos voltar, pois se a luz voltasse iríamos ficar ali para sempre, e então Feri disse está bem, vamos logo, mas primeiro vejamos o que está enrolado no projetor, e ele começou a girar o rolo de baixo, e a fita lentamente passou do rolo de cima para o de baixo, e quando me inclinei vi que as imagens também haviam se deslocado, podia-se ver bem o filme, não era possível ler o título e o nome do diretor e as outras legendas porque apareciam espelhados e em movimento, mas depois apareceu um quarto vazio, a porta se abriu devagar e uma mulher entrou, deu uma volta no quarto, sentou-se na cama, em seguida ela se levantou de novo, foi até a janela e a abriu, em seguida pegou um jornal na mesinha e com este se abanou, como alguém com muito calor, e então Feri perguntou o que havia no filme, e eu disse nada, era muito chato, uma mulher andava para cima e para baixo em um grande quarto, e então Feri perguntou se ela estava sozinha, e eu disse que sim, e então Feri se curvou mais próximo do filme e girou o rolo de baixo, e então a mulher no filme tirou o casaco do *tailleur*, em seguida a saia, e ficou de blusa, de combinação e de sapato de salto alto, mas ela continuava com calor, pois continuava se abanando com o jornal, e então tirou a blusa também, mas continuava com muito calor, e então Feri perguntou por que eu tinha dito que o filme era chato, já que era bem interessante, pois com certeza era um filme em que haveria mulheres e homens completamente nus, ele já tinha ouvido falar de filmes assim, se continuássemos girando o rolo logo veríamos que a mulher tiraria toda a roupa, até o sutiã e a calcinha, então nos aproximamos mais e continuamos a girar, e a mulher de fato tirou também a

combinação, e ela estava apenas de meias, sutiã e calcinha, mas as meias não eram de verdade, pareciam chegar somente até o meio das coxas, estavam presas por uns elásticos, estes estavam presos num cinto em volta da cintura, como as perneiras de couro dos índios, e então Feri tentou girar a fita ainda mais rápido, de modo que o movimento da mulher se acelerou embora com uns solavancos, mas não queria tirar a meia de modo algum, ficou só passeando pelo quarto, depois largou o jornal e se abaixou para pegá-lo, em seguida acendeu um cigarro e fumou durante muito tempo, o rosto apareceu bem de perto, a mulher tinha a boca muito pintada, e então no recinto as luzes daquele local deram uma piscada, e eu disse a Feri que tomássemos cuidado pois o gerador estava falhando, olhei para o painel de força e vi que de fato a chave grande no centro brilhava vermelha, e eu disse que deveríamos parar imediatamente e voltar, a luz voltaria, e Feri disse está bem, mas não ouviu o que eu tinha dito, apenas continuou girando o rolo, e então falei de novo que fôssemos embora pois a luz vermelha estava piscando muito rápido, mas Feri pediu que eu me calasse, pois a mulher estava abrindo o sutiã, olhe, pois com certeza nunca tinha visto aquilo, mas aí eu disse que não me interessava, embora me interessasse muito, vi a luz vermelha piscando, e só consegui pensar no que iria acontecer se nos apanhassem ali, com certeza nos mandariam para um reformatório, de modo que falei de novo, implorei que fôssemos embora, mas ele estava puxando a fita com a mão e disse que não se importava, queria saber o que havia debaixo da calcinha da mulher, eu o vi enfiando a mão no bolso e tirando uma navalha, perguntei se estava louco, o que pretendia fazer, e ele disse que a mulher logo iria se despir e ele não queria saber, cortaria aqueles metros de filme, eu disse que ele não tocasse naquilo pois não devíamos deixar nenhum rastro, porém Feri já tinha aberto a navalha e quase

tinha cortado o filme, mas agarrei o seu braço e perguntei o que havia acontecido, se ele tinha se cansado da vida, se queria ir para o reformatório. Mas ele apenas pediu que o deixasse em paz e me empurrou, mas nem assim larguei o braço dele, eu o empurrei também, enquanto dizia que não me importava, iria voltar porque não queria ser apanhado, e então Feri me empurrou de novo, mas com muito mais força, bati numa poltrona, naquela que tinha interruptores embutidos nos braços, e me apoiei num interruptor, que estalou debaixo da minha mão, e aí um motor começou a zumbir, e lentamente a grande cortina vermelha sobre a parede se partiu ao meio, e nisso Feri gritou que eu era um imbecil, o que eu tinha feito, e eu disse que o imbecil era ele, ele tinha feito aquilo, e tentei me levantar, e nisso apertei mais um interruptor, e então as luzes se apagaram, mas a lâmpada do projetor se acendeu, e os rolos de filme começaram a girar e a imagem apareceu na tela, sem vida, mas ainda assim vimos que a mulher tinha se curvado e tirado o sutiã, mas essa parte eu vi quando já estava correndo, pois estava voando para a tubulação, Feri também correu atrás de mim, e então a mulher jogou longe o sutiã e apareceram seus dois seios e mamilos, e a câmera se aproximou tanto que os dois seios ocuparam inteiramente a tela, e a mulher então se sentou numa poltrona e se recostou e estendeu para o alto as pernas e começou a tirar a calcinha, embora continuasse de meia, e aí eu e Feri chegamos à tubulação e eu sabia que tínhamos de entrar, mas não entrei e Feri também não entrou, ficamos parados olhando a mulher tirando a calcinha do traseiro, descendo-a pelas coxas, a câmera então se aproximou da mão em que ela mostrava a calcinha preta enrolada que em seguida começou a esfregar para baixo sobre a coxa e depois enfiou bem no meio das pernas, e então a mulher na poltrona de repente abriu completamente as pernas, e naquele instante o gerador desligou e tudo ficou escuro, só ouvimos que um

dos rolos continuou girando no projetor, e aí Feri e eu, ao mesmo tempo, pulamos juntos na tubulação, nos arrastamos juntos na direção da saída, parecia que estávamos brigando, porque os dois queriam ser os primeiros a entrar no túnel, Feri segurou meu braço e me puxou de volta e disse que o deixasse passar, mas não deixei, ergui o joelho e o acertei na barriga e ele me largou, e eu já estava no tubo e começava a me arrastar para a frente, ouvi Feri se arrastando no meu rastro, e a tubulação se estreitou de novo, mas dessa vez não me assustei mais, mas me arrastei de lado, como pude, não me importei que a parede da tubulação ferisse a palma da minha mão, e enquanto avançava ouvi que a escola inteira cantava na sala de cinema sobre os mineiros de carvão heroicos que golpeavam a picareta cada vez mais fundo, e então passei a me arrastar mais devagar pois sabia que a luz não havia voltado, e se fôssemos hábeis antes do final da cantoria estaríamos de volta aos nossos lugares e poderíamos cantar nós também com os demais, como se não tivéssemos saído.

Pacto

No final do recreio eu sabia que teria problemas porque quando tocaram a campainha já tinha ganhado quase todo o dinheiro dos Lupu, primeiro não quis jogar com eles pois sabia que costumavam trapacear, usavam moedas viciadas, mas o rei branco de marfim que tinha pegado na casa do embaixador, e que sempre levava no bolso interno do meu casaco de escola, sempre me trazia sorte no cara ou coroa, por mais que jogássemos as moedas para o alto eu sempre ganhava, de modo que ao final comecei a ficar assustado, tentei dizer o contrário do que pensava de propósito, em vez de coroa, cara, e o inverso, mas assim eu também ganhava, deixei até que Zolika lançasse as moedas no meu lugar, mas isso também não resolveu, no fim Lupu fez o sinal da cruz, cuspiu na moeda, a jogou muito alto, de modo que enquanto a moeda caía ele girou três vezes sobre os calcanhares e invocou Tudor Vladimirescu para que lhe desse sorte, mas sem resultado, porque ganhei mesmo assim, e no final do recreio eles olharam para mim de um modo que eu teria preferido não ficar com o dinheiro, mas também não tive coragem de devolvê-lo, pois reconheceria que havia trapaceado, quando não era eu que tinha trapaceado, mas eles. As muitas moedas, de tantas que eram, empurravam meu casaco para baixo, não tive coragem de contá-las, provavelmente havia mais de duas de dez, quando subi as escadas para a classe sabia que não iria escapar, no caminho para casa eles tentariam me apanhar.

Peguei um desvio, de propósito, na direção da fonte, depois passei pela colina e pelo caminho por trás dos blocos de apartamentos. No antigo campo de futebol saí do caminho, não quis me aproximar do esgoto deixado pela metade, pois não queria me encontrar de modo algum com o trabalhador chamado Picareta, porque quando os trabalhadores das escavadeiras nos chamaram para fazer um trabalho coletivo voluntário eles por brincadeira disseram que ele era meu pai, e eu só não o reconheci na hora porque seu rosto havia sido desfigurado pela varíola, mas quase acreditei, pois esperava muito pela volta do meu pai do campo de trabalhos do canal do Danúbio, e depois disso Picareta mandou diversos recados me convidando para visitá-lo. Na extremidade do esgoto ele tinha construído para si uma espécie de casa, guardava os canos e as ferramentas e esperava pela volta dos outros trabalhadores e pelo prosseguimento da construção, mas era inútil ele me mandar recados, pois não queria vê-lo de novo, embora pensasse em seu rosto com frequência, porque tinha sido verdadeiramente destruído pela varíola e pelo fato de que por um instante acreditara de verdade que ele fosse meu pai. Por isso passei por baixo, ao pé da colina, entre os arbustos, a distância assim era quase o dobro, mas pelo menos não encontrei ninguém, estava quase em casa, bastaria descer pelo caminho e passar pelo pátio dos fundos do último bloco, achava que havia escapado, mas então alguém deu um assobio bem alto. Olhei e vi Zolika sentado no alto da Grande Árvore, do meio dos arbustos apareceram os Lupu, estavam todos lá, todo o bando dos Lupu, eles me rodearam sem dizer nada, Zolika também desceu da árvore, e então Lupu parou à minha frente e disse que eles tinham me apanhado, e agora iria descobrir o que acontecia com os ratos trapaceiros, e eu disse que não tinha trapaceado e pedi que me deixassem em paz, mas os Lupu e os outros apenas riram. Máriusz disse que eu devia

saber que não havia perdão, eles iriam me matar, arrebentar minha cabeça, e aí vi que ele de fato trazia um saco plástico, com a metade de um tijolo dentro, mas não era apenas ele que tinha um igual, mas todos os outros, Lupu girou-o sobre a cabeça, o saco sibilou tão alto que fiquei muito assustado porque sabia que se um desses porretes me acertasse uma vez ele quebraria meus ossos, Máriusz disse você se acha muito esperto, não, por ter passado pelo desvio, mas eu devia saber que havia assinado minha sentença de morte justamente por isso, pois se eles tivessem me apanhado na rua, teriam apenas me dado uma surra e recuperado o dinheiro, mas ali atrás não passava ninguém, ali eles poderiam fazer o que quisessem comigo, naquela condição eu devia me preparar para o pior. Enquanto ele falava, pus a mão no bolso do casaco bem devagar, em seguida tirei e atirei no rosto deles um bom punhado de moedas, mas não deu muito certo, as moedas se espalharam e não acertaram nenhum deles em cheio. Esperava que eles começassem a pegá-las e nisso me dessem uma chance de furar o cerco e tentar correr até em casa, mas nenhum deles se abaixou, e Lupu já estava girando o saco na minha direção, mal pude me desviar dele, o tijolo sibilou junto da minha cabeça, e sabia pronto, acabou, eles não estão brincando, querem mesmo me arrebentar. Gritei o mais alto que pude, socorro, socorro, nisso pus a mão de novo no bolso, de novo peguei um punhado de moedas, dessa vez não para espalhá-las, mas porque sabia que se minha mão estivesse cheia de moedas conseguiria dar socos mais fortes, acertei Máriusz na barriga, em seguida alguém me chutou por trás fazendo que eu caísse para a frente, foi minha sorte, porque nessa hora mais dois arremessaram os sacos plásticos, mas apenas um deles me acertou e só me arranhou de lado. Quando caí virei na hora de costas, sabia que eles tentariam me chutar na barriga com as botas, ergui depressa os joelhos, pus o braço diante do rosto,

como Zsolt havia me ensinado, mas não fechei os olhos, Lupu girou seu saco, sabia que ele logo me acertaria, vi o rosto dele entre os meus braços, ele estava berrando, mas aí ouvimos um grito muito alto, e vi uma garrafa de cerveja o acertar na cabeça. Era como se eu visse em câmera lenta, a garrafa marrom bateu na orelha direita de Lupu, ele ficou tonto, o saco caiu de sua mão, ele perdeu o equilíbrio, era possível que tivesse caído se Máriusz não agarrasse seu braço, a pele na têmpora se abriu, sangrou muito, o vidro não se quebrou quando caiu no chão, vi que ainda estava cheio até um terço, a cerveja escorreu fazendo espuma pelo caminho quando ouvi alguém gritando o que vocês estão fazendo, seus putos?, deixem ele em paz, pois vou arrebenhá-los, eu só tinha ouvido aquela voz uma vez, rindo, mas ainda assim a reconheci, era Picareta, olhei para cima e vi que ele corria na nossa direção pela estrada, em uma das mãos trazia um longo cano de ferro, na outra, uma marreta, enquanto corria ele batia um no outro sobre a cabeça, de tal modo que toda a encosta da colina ecoava o som, enquanto isso ele gritava vitória, vitória. Tinha um capacete de mineiro na cabeça, deitado no chão vi sua luz brilhando ao sol, parecia estar iluminado. Ele correu direto na minha direção, todos se afastaram, via-se que tinham medo, eu não quis olhar para o rosto dele, mas não consegui desviar a cabeça, ele era muito feio, mas não horrível como na minha lembrança, Picareta parou acima de mim, gritou para que os outros caíssem fora enquanto ainda conseguissem andar, pois ele logo lhes mostraria o que era uma surra, o que significava nove contra um, ainda por cima com tijolos, como ciganos, ele iria lhes ensinar o que era honra, e também o que era a ira divina. Enquanto gritava, seu rosto marcado pela varíola, parecendo a água amarela borbulhante da fonte, na verdade era estranho, não assustador, e então Picareta cravou o cano de ferro no chão, como uma lança, falou que eles viessem,

iriam levar na cara para que soubessem que ele não era qualquer um, ele havia aprendido a brigar no delta do Danúbio, entre os lipovanos, mas os Lupu já estavam correndo, Máriusz, Zolika, Pustyu, todos voavam como podiam, Picareta jogou no chão a marreta junto do cano de ferro, olhou para mim, disse que não sabia onde íamos parar, no seu tempo os garotos ainda sabiam o que era uma briga honesta, um contra um, de mãos vazias, como a honra manda, agora vinham em hordas, com armas de *hooligans*, como ratos, era terrível, em seguida ele perguntou como eu estava, quanto eu tinha apanhado, se conseguia ficar de pé.

Eu me levantei devagar, disse que por sorte não havia acontecido nada grave, levava ao todo apenas um chute, batera o joelho, e um dos tijolos me acertara um pouco na costela, não era nada, já tinha me recuperado de surras maiores, o pior era que uma das mangas do casaco da escola e minha calça haviam se rasgado, por isso minha mãe ia saber que tinha brigado de novo, embora tivesse lhe prometido que nunca mais brigaria. Picareta disse que no mundo de hoje não poderíamos prometer uma coisa dessas, em seguida mandou que tirasse o casaco. Só então percebi que o casaco de trabalhador que usava era todo coberto de penas de pássaro, costuradas em fileiras densas, de modo que o casaco era como uma espécie de armadura estranha de escamas, as penas eram principalmente de gralhas, pombos e pardais, mas aqui e ali eu vi também uma pena de um pássaro cantador colorido, fiquei tão espantado que minha mão parou durante o gesto de tirar o casaco escolar rasgado, depois o tirei, enquanto Picareta pegava o casaco silenciosamente, as moedas que restavam tilintaram alto no bolso, Picareta examinou a manga do casaco, olhou o rasgão, enfiou a mão nele, virou-o do avesso, apalpou o forro, em seguida disse que não estava muito ruim, poderia ser arrumada em cinco minutos, bastavam duas mãos habilidosas e uma pequena agulha e

linha, em seguida devolveu o casaco, apontou na direção da garrafa de cerveja e me pediu que a entregasse a ele, pois via que havia uma sobra no fundo, era muita sorte, seria uma pena desperdiçá-la. Com cuidado, peguei a garrafa pelo gargalo, não quis lambuzar a mão com o sangue de Lupu. Picareta tomou o restante da cerveja de uma só vez, atirou fora a garrafa, limpou a mão na calça, depois falou que fôssemos embora, agradei pela ajuda, mas agora tinha de ir para casa porque no dia seguinte teria prova de geografia. Nisso Picareta pôs a mão no meu ombro, me virou de frente para ele, olhou nos meus olhos, perguntou se eu tinha medo dele, e eu disse não, enquanto olhava nos seus olhos, eram muito azuis, quase como água, não tenho medo, eu disse de novo, nisso Picareta largou meu ombro e disse que ficava feliz, porque muitos tinham medo dele por causa do rosto, embora não houvesse razão para isso, pois ele era um homem muito bom, e, o mais importante, honesto dos pés à cabeça. Em seguida pediu que o acompanhasse até sua cabana, porque havia muito ele desejava me mostrar uma coisa, de todo modo seria melhor se antes de ir para casa eu me recuperasse um pouco. Ele ergueu o cano de ferro e a marreta, o saco de Lupu, com o tijolo, continuava no chão, Picareta deu um chute nele, o saco sibilando e girando voou uns sete metros, em seguida caiu em meio aos tufos de grama no barro, Picareta então apontou o cano de ferro na direção do campo de futebol e disse que fôssemos embora.

Picareta havia construído a cabana na extremidade superior do valão, o valão se estendia para além do campo de futebol, até o trigal. Picareta havia alargado o final do valão, em seguida fizera uma separação com papelão, metal e folhas laminadas, fizera a cobertura com tábuas, sacos plásticos e piche, em algum lugar arranjava uma estufa de ferro, passara a chaminé pelo teto, de longe se via a fumaça branca saindo por ela. No caminho Picareta

não disse uma palavra, assobiou baixo, chutou os tufo de grama, em dado momento lhe perguntei o que queria me mostrar, mas ele disse apenas que se esperasse eu veria, depois continuou assobiando, aí pensei nas histórias que os rapazes contavam a seu respeito, de que comia cães e gatos, de que injetava aguardente na veia, de noite subia pela varanda dos blocos de apartamentos, espiava pelas janelas o que as pessoas faziam, eu não acreditava muito nisso, mas pensava que apesar de tudo não deveria ir com ele, seria melhor correr para casa, mas também estava bastante curioso, porque nunca tinha ouvido que Picareta tivesse convidado alguém para ir com ele, de modo que continuei seguindo seus passos.

Ao chegarmos ao valão, sem dizer uma palavra Picareta pulou nele, embora ele tivesse uns dois metros e meio de profundidade, também quis pular, mas Picareta gritou que seria melhor eu descer pelas escadas, pois fracote como eu era, iria me arrebentar, e então olhei para baixo e vi que da parede do valão saíam na horizontal para-choques enferrujados de automóvel, de modo que era fácil descer por eles. Desci, Picareta jogou o cano de ferro e a marreta numa pilha de ferramentas enferrujadas, em seguida pegou do chão um regador de metal, foi até um tambor de óleo, levantou a tampa de madeira e mergulhou nele o regador. Ao recolocar a tampa ele disse que eles iriam beber pois os pobres coitados certamente deveriam estar com muita sede, em seguida foi até a porta e a abriu, e então ouvimos uma cantoria de pássaros muito alta, entrei atrás de Picareta e minha cabeça ficou completamente paralisada quando me vi envolvido pelo calor, pelo canto ensurdecedor dos pássaros, e pelo cheiro de penas de pássaro escaldadas, Picareta mandou que fechasse depressa a porta pois o calor sempre saía, os coitados se resfriavam, ao olhar em redor vi que todas as paredes estavam cheias de casinhas e gaiolas, havia

algumas fechadas com vime trançado, outras com grades finas, e havia algumas cobertas com uma meia de náilon esticada ou um pedaço de cortina de tule, mas atrás de todas alguma coisa se mexia, eu me aproximei, vi que eram pássaros, de muitos tipos, um monte deles eu não conhecia, e, naturalmente, tordos, verdelhas, cotovias, todos excitados e numa agitação visível saltavam de um lado para o outro atrás das grades, havia os que seguidamente se jogavam contra as grades ao me verem. Havia uma quantidade enorme de pássaros, mais de trezentos, mas também era possível que fossem quinhentos, as gaiolas cobriam completamente as paredes, Picareta apontou para toda a volta, disse que essas crianças eram seus pequenos filhos emplumados, mas eram mal-agraçados, apesar de ganharem tanto amor dele prefeririam escapar, era preciso mantê-los atrás de grades, de desajuizados que eram, embora no frio do fim do outono eles pudessem congelar, morreriam se não cuidasse deles, que barulheira faziam agora em vez de simplesmente cantar, não faz mal, ele logo os calaria, veja bem que silêncio eles vão fazer, ao dizer isso ele tirou o capacete de mineiro, colocou-o sobre a mesa de cozinha de três pés feita de tijolos empilhados, em seguida parou no meio da cabana, só aí notei seus cabelos louros esbranquiçados, ergueu os braços acima da cabeça e jogou a cabeça para trás, de modo que sua garganta ficasse esticada, fechou os olhos e uivou, umas seis vezes em seguida, e nisso de fato se fez silêncio, os pássaros silenciaram ao mesmo tempo, não se mexiam atrás das grades, Picareta abriu os olhos e estalou a língua, e disse que eles se assustaram com a voz de águia, todo pássaro tinha medo dela, mesmo os que nunca a ouviram, o medo estava nas suas entranhas, se lhes déssemos de beber eles logo estariam cantando maravilhosamente. Ergueu o regador do chão, passou um pouco de água dele para uma garrafa revestida de palha, com o gargalo adaptado como um bebedouro,

estendeu-a para mim e me disse para tomar cuidado, que não desse mais que um golinho para cada pássaro, pois com muita água eles se sentiriam pesados, não iam querer cantar, em seguida ele se aproximou da parede do valão, e com gestos rápidos começou a pôr água para os pássaros. Eu também me aproximei da parede e vi que em cada gaiola e em cada casinha havia uma espécie de bebedouro feito de lata de conserva. Levantei a garrafa e comecei a servir a água, a palha estava escorregadia, tinha uma alça ruim, e de vez em quando eu não acertava a pontaria, os pássaros deviam estar com medo de mim, pois todos recuavam para o fundo das casinhas, no escuro, de lá me olhavam com a cabeça um pouco inclinada de lado, imóveis, enquanto eu lhes dava água. Picareta fazia a coisa muito mais depressa, ouvi a água batendo no metal a toda hora, com um som sempre um pouco diferente, depois de repente Picareta falou, perguntou se me lembrava de que uma vez o tinha chamado de papai, senti que fiquei vermelho, quase joguei a água no chão, disse que sim, que lembrava muito bem. Picareta então disse que sentia muito, havia sido uma brincadeira de mau gosto, porque com a vida e com a morte não se brinca, em seguida ele perguntou desde quando eu não via meu pai, e eu disse que fazia quase um ano e meio, e também que não tínhamos notícias dele havia muito tempo, e eu tinha medo de que minha mãe aos poucos começasse a acreditar que ele havia morrido, embora eu soubesse que estava vivo, pois o sentia nos meus ossos e sabia que sentiria na hora se lhe acontecesse alguma coisa. Nisso Picareta se aproximou de mim, serviu a água a meu lado, disse que sim, esperava que tivesse razão, mas eu devia saber que os sentimentos nem sempre mostravam a verdade, mas muitas vezes apenas o que desejávamos sentir, e então eu não disse nada, só fiquei ali parado, com a garrafa quebrada na mão, olhando para um pintassilgo, com a cabeça em forma de raquete, através da meia esticada que

fechava a casinha, ele se segurava com as pequenas garras no galho espetado na parede, seus pés eram inteiramente verdes, e muito, muito finos, e então Picareta tirou a garrafa da minha mão e disse que eles agora tinham ganhado água, vamos, vamos nos sentar, pois enquanto estivéssemos perto das gaiolas eles não beberiam e sem isso não cantariam, e ele gostaria muito que eu ouvisse o concerto que eram capazes de apresentar, seria melhor se ficássemos perto da mesa. Com a cabeça fez um gesto na direção da mesa de cozinha de três pés, puxou um dos bancos de baixo dela, esperou que eu me sentasse, depois ele também se sentou à minha frente. Remexeu um pouco nas gavetas da mesa, pegou o carretel de linha, da gola do casaco tirou uma agulha de costura comprida e pediu que lhe desse meu casaco, vamos fazer algo de útil, cortou um pedaço de linha com os dentes, lambeu a ponta, enfiou-o na agulha e, em seguida, com pontos miúdos, rápidos, começou a costurar meu casaco. Via-se em seu rosto que estava muito concentrado, com a tensão as marcas da varíola pareciam mais profundas, as sobrancelhas grossas, louras, se ergueram, ele se curvou muito próximo do casaco, as mãos trabalhavam muito depressa, o silêncio era tão grande que eu ouvia a linha passando entre seus dedos, era como se os pássaros não estivessem lá, eu não ouvia seus movimentos, e então perguntei onde ele havia aprendido a costurar tão bem. Picareta disse apenas que numa certa época, havia muito tempo, quando estudava para ser adestrador de animais, mas pediu que deixássemos isso de lado, pois havia sido em outra vida, sim, ele suspirou, olhou para mim, lambeu os lábios e pediu que falasse sobre o meu pai. Senti meu estômago se contraindo, sabia que devia dizer não, não vou falar, você não tem nada a ver com isso, nem comigo, mas então de algum modo me veio uma antiga lembrança, do tempo do jardim de infância, e comecei a contar a Picareta que mesmo naquela época

meu pai não ia me buscar, era muito ocupado, eu o via mais de noite, mas numa tarde de inverno ele foi me buscar, quis me ajudar a amarrar o sapato, embora fizesse aquilo havia anos, eu já era grande, estava na escola havia meio ano, não quis pegar na mão dele e lá fora a neblina estava espessa como nunca havia visto, nem mesmo depois, até hoje, espessa e muito branca, meu pai disse que ela parecia creme de leite, mal víamos para além de meio metro, o brilho das luzes amarelas dos automóveis também se perdia nela, porque ela absorvia a luz como uma esponja, eu lembro, olhei para baixo e os meus pés mal apareciam, também se perdiam naquela brancura, bem, então meu pai acabou pegando minha mão para que não nos perdêssemos e começou a falar de Roald Amundsen, o célebre explorador norueguês dos polos, uma vez Amundsen cruzou a Groenlândia inteira sobre esquis, mas no fim ele estava tão perdido na neblina que não encontrou o caminho, o refúgio do amigo, e pensou que a bússola havia deixado de funcionar, e ele voltou, e com um esforço sobre-humano chegou de novo ao ponto de partida, e alguns meses mais tarde recebeu uma carta, nela o amigo escrevia que tinha encontrado marcas de esqui a dois metros de sua casa, pois a neblina era realmente assim traiçoeira e perigosa. Naquela época a voz do meu pai era muito rouca por conta dos muitos serões e do cigarro, mas a neblina a tornara mais suave, não parecia ser a voz do meu pai, e eu segurei a mão dele e nós caminhamos juntos, e enquanto isso pensei que nós também tínhamos nos perdido, exatamente como Amundsen, tínhamos passado havia muito pelos blocos de apartamentos e estávamos do outro lado da cidade, apenas meu pai não tinha coragem de reconhecê-lo pois não queria passar vergonha diante de mim, eu sentia que caminhávamos havia muito tempo, e meu pai continuava falando sobre Amundsen, sobre como ele tinha encontrado a passagem noroeste, mas então eu já sentia na voz

dele que estava nervoso, e assim, quando tive certeza de que estávamos definitivamente perdidos, tropecei em alguma coisa, olhei para baixo e vi que era a escada de entrada do nosso bloco, e fiquei tão aliviado e alegre que dei um grito, pois sim, chegamos em casa, chegamos em casa de verdade, e meu pai, como se não tivesse notado minha alegria e meu alívio, continuou contando como o navio de Amundsen, o *Gjøa*, havia cruzado com uma baleeira de São Francisco no estreito de Bhering depois de três anos e como eles se alegraram por descobrir a passagem noroeste, conseguiram o que tantos haviam tentado antes deles sem resultado, pelo que tantos exploradores corajosos do polo pagaram com a vida, e a descoberta foi de fato muito significativa, ainda que do ponto de vista econômico não se mostrasse à altura das esperanças nela depositadas, e enquanto subimos as escadas compreendi que meu pai sabia muito bem que eu achava que tínhamos nos perdido, simplesmente não quisera falar disso para que depois não me envergonhasse, e ao compreender senti tanta vergonha que quando chegamos ao quarto andar, onde morávamos, eu estava quase chorando, de arrependimento, por ter duvidado por um instante do meu pai. Essa história nunca mais tinha me ocorrido, embora uma vez eu tenha respondido numa chamada oral sobre Amundsen, mas nem então eu lembrei, como se não quisesse me lembrar de que um dia duvidei dele. Eu me calei e balancei a cabeça e olhei para Picareta, depois lhe disse que não sabia por que aquela história tinha me ocorrido, e entendia menos ainda por que a tinha contado a um completo desconhecido. Picareta então disse que eu não deveria me arrepender pois era uma história muito bonita, em seguida ele me devolveu o casaco e disse que o examinasse, não tinha nenhum sinal de rasgado. Guardou a linha na gaveta, em seguida ergueu o dedo e disse cochichando que prestasse atenção, em silêncio, e eu vi que ele também estava

atento, tanto que não respirava, e ao vê-lo assim também preendi a respiração, e o silêncio à nossa volta se aprofundou, e aí um chapim começou a estalar a língua, e da parede oposta um outro começou a responder, e então um terceiro pássaro se fez ouvir, não reconheci o som, mas então um quarto pássaro já estava cantando, e também um quinto, depois todos, não ao mesmo tempo, mas de acordo com uma ordem muito complicada, das muitas pequenas canções um conjunto maior se formou, parecia um concerto de verdade, mas muito alto, e eu e Picareta tínhamos o privilégio de estar sentados bem no centro dele. Durou alguns minutos, mas é possível que tenha durado um quarto de hora, Picareta fechou os olhos para ouvir, sorria o tempo todo e balançava na cadeira, e eu também senti meus pés se mexerem, também balancei a cadeira de um lado para o outro algumas vezes, a melodia dos pássaros me envolveu intensamente, parecia que estávamos numa sauna ou em uma neblina espessa, quente, senti que logo ficaria com dor de cabeça. Depois os pássaros se cansaram porque o canto aos poucos começou a se desfazer, de novo ouvimos um e outro separadamente, Picareta então deu um grande suspiro, enxugou os olhos com a manga do casaco, olhou para mim, fez um gesto na direção dos pássaros, e, cochichando, disse que eles não suportavam a proximidade uns dos outros e por isso cantavam, o que para nós era uma música maravilhosa era na verdade gritaria, xingamento e ameaça, pois os pássaros cantadores na verdade se odiavam, e não imaginávamos o quanto, os tordos amarelos eram os mais selvagens, mais combativos que as cotovias, costumavam morrer logo no cativo, mas antes disso poderíamos apreciar a fúria delas, porque para os nossos ouvidos aquilo era canto, um canto maravilhoso. Eu não poderia imaginar quanto trabalho havia por trás daquele concerto, o quanto ele precisara experimentar o posicionamento dos pássaros, a reação de um a outro, era um

trabalho de longos anos, e quando ele fora deslocado para lá quase tivera de começar tudo do começo, mas tinha valido a pena porque coisa como aquela só se ouvia no paraíso, talvez nem lá. Eu disse que era verdade porque nunca tinha ouvido nada mais bonito na vida, vesti o casaco da escola, em seguida agradei por tê-lo costurado, e também agradei a ajuda dele, era de fato um homem muito bom, muito obrigado, mas tinha de ir porque minha mãe certamente estaria muito aflita.

Picareta então disse está bem, eu poderia ir se quisesse, mas ele gostaria que visse também a razão pela qual havia me chamado, pois era muito mais importante que os pássaros, algo que fazia muito tempo ninguém via. Com isso ele desabotoou o casaco e do bolso interno tirou um envelope amarelado e o colocou diante de mim sobre a mesa. Eu logo quis pegá-lo, mas Picareta me disse para esperar, pois antes queria me perguntar uma coisa, se eu sabia o que havia acontecido com o rosto dele. Então eu disse que ouvira dos outros trabalhadores que tinha pegado varíola no canal do Danúbio e havia tido sorte de não ter morrido, embora o rosto ficasse marcado para sempre. Picareta então balançou a cabeça dizendo que não era verdade, mas era melhor eu não saber, ele não precisava dizer que lhe haviam acontecido coisas feias, pois isso era claro, mas ele queria que imaginasse que quando lhe tiraram as bandagens e se olhou no espelho pela primeira vez ele desmaiou, e quando voltou a si não se lembrava mais do rosto antigo. Picareta apontou o envelope e disse que naquele envelope fechado estava sua antiga carteira de identidade, ele a recebera de volta quando o dispensaram do hospital militar, e na identidade estava a única fotografia de seu rosto sem cicatrizes. Ele não era um homem covarde, mas queria que soubesse que nunca tivera coragem de olhar o velho retrato, preferia mentir que o tinha perdido e lhe fizeram uma outra identidade com o novo rosto. Picareta se calou,

olhou para o envelope, depois para mim, e disse que gostaria de me pedir um grande favor, que eu não dissesse nada, apenas tirasse a identidade do envelope e a abrisse e olhasse a fotografia antiga, e que depois a fechasse e a pusesse no envelope e a levasse comigo e a guardasse. Sabia que pedia muito, mas também significaria muito para ele se eu concordasse, e então quando pensasse nele mais tarde, ele me pedia que eu tentasse pensar com o rosto antigo, que procurasse imaginar como ele seria agora, depois de tantos anos, como teria envelhecido, como teria enrugado, ele sabia que era difícil e não se importava se não conseguisse, mas apesar disso pedia que tentasse, pois tornaria sua vida muito mais leve. Claro, se eu sentisse que não tinha força ou coragem suficiente não precisava, poderia ir para casa tranquilamente.

Olhei para Picareta, para o rosto cheio de feridas, cheio de cicatrizes, e disse está bem, iria fazê-lo, e abri o envelope, o papel amarelado estava muito fino, de tanto ter ficado no bolso se desfez entre os meus dedos, tirei a identidade, na capa cinza, engordurada, o símbolo e a escrita haviam se apagado completamente, e então abri a identidade e olhei para o retrato, estava na primeira página, uma imagem ruim, em preto e branco, Picareta devia ter uns dezessete anos de idade na época, tinha o cabelo bem repartido de lado e sorria, de camisa branca desabotoada no colarinho, o pomo de Adão era bem saliente, embaixo, em letras cirílicas, batido à máquina, estava seu nome, eu não sabia lê-lo, nem queria, olhei o rosto, a boca, o nariz, os olhos, as linhas, a pele lisa, limpa, apesar do sorriso havia no rosto dele uma determinação dura, a boca estava curvada para cima, e, então, como ele tinha pedido, procurei imaginar como seria hoje, mas não fui muito bem-sucedido. Enquanto olhava para o rosto jovem, de algum modo me lembrei de meu pai, meu pai e o retrato

dele, que eu havia tirado do velho alistamento militar, e senti que dos meus olhos saía uma ou outra lágrima, e então fechei a carteira de identidade, e com os restos do envelope a guardei no bolso interno do casaco de escola junto com o rei branco de marfim, olhei para Picareta e disse obrigado, vou cuidar bem dela, as duas lágrimas correram pelo meu rosto, eu as limpei com as costas da mão e disse que agora iria para casa.

Picareta se levantou, aproximou-se de mim, pôs a mão no meu ombro e agradeceu, eu era um rapaz muito corajoso, meu pai teria muito orgulho de mim. Concordei, disse que sim, só gostaria de saber como ele estava. Pois talvez minha mãe tivesse razão, ele não voltaria nunca mais.

Nisso Picareta tirou a mão do meu ombro e disse que se quisesse poderia me mostrar meu pai, um velho lipovano uma vez lhe ensinara a ver a distância através de um espelho, perguntou se eu queria que ele tentasse. Ele não gostava de fazer esse tipo de coisa, mas se eu quisesse ele o faria. Sabia que deveria dizer que não acreditava nesse tipo de coisa, mas disse sim, eu quero, e Picareta então disse está bem, mas deveria prometer que não contaria nada a ninguém, e eu disse que prometia, Picareta se virou e se aproximou da parede, abriu uma gaiola, tirou um passarinho, depois me disse que não olhasse, mas quando virei a cabeça era tarde, pois ele já tinha torcido o pescoço do passarinho, ouvi o estalo suave, Picareta veio até a mesa, pegou um canivete, cortou as asas do pássaro, vi que era uma simples cotovia, atirou o corpo dele no chão, depois pegou um punhado de barro no chão e o estendeu para mim, mandou que cuspiasse nele, eu cuspi, Picareta de repente levou a mão à minha cabeça, arrancou um fio de cabelo, o colocou sobre a bola de barro, em seguida tirou a grande agulha de costura do carretel de linha, passou-a para mim e disse que agora ele precisava de sangue, eu deveria picar meu polegar com

ela e pingar três gotas de sangue no fio de cabelo. A agulha era tão afiada que mal senti a picada, meu dedo só doeu quando tirei a agulha e o sangue começou a fluir dele em grandes gotas. Picareta pôs a bola de barro debaixo do meu dedo, esperou que pingassem três gotas de sangue, depois disse que eu chupasse a ferida para que não infeccionasse, enquanto isso ele cantou, de um modo que eu só conseguia compreender uma ou outra palavra, e lentamente formou, com a bola de barro, uma figura humana. Parecia mais uma boneca de pano, mas com as mãos e os pés formados, quando ficou pronta ele espetou as duas asas de pássaro em suas costas, parecia um anjo feio de barro, em seguida foi até a parede dos fundos, de uma caixa de ferramentas tirou uma lanterna e um espelhinho de barbear, pôs uma garrafa de cerveja sobre a mesa, apoiou o espelho nela, em seguida ajeitou o boneco diante do espelho e pediu que eu olhasse no espelho de modo que visse a figura de barro, olhei e Picareta então perguntou o que estava vendo, eu disse que via apenas o boneco, nada mais, então Picareta disse está bem, não era preciso mais que isso, em seguida ergueu a lanterna, a apontou para o espelho e disse que logo a acenderia e a luz bateria, a partir do espelho, nos meus olhos, iria me cegar, mas eu não deveria fechar os olhos ou desviá-los, não poderia nem piscar, teria de olhar direto para a luz, deveria abrir bem os olhos e pensar no meu pai. Em seguida ele acendeu a luz e, de início, eu só vi o brilho, e, nele, a figura de argila, depois o boneco se mexeu e começou a bater as asas e voou direto para dentro do espelho e desapareceu. Então eu senti calafrios no corpo todo e vi o espelho começando a ondular, como água, em seguida vi somente uma água marrom, barrenta, ondulante, era como se eu fosse um pássaro e voasse sobre a água, e então cheguei a uma parede de terra e comecei a correr para cima na parede, apareciam claramente os grãos de terra e as camadas de ardósia, e então a

imagem se distanciou, e na parede alta de terra eu vi rampas e caminhos talhados e pessoas trabalhando neles, tantas que pareciam formigas, escavavam e usavam picaretas e empurravam carrinhos, e então a imagem se mexeu e de súbito vi meu pai, ele estava muito magro, subia uma rampa, tinha um saco de cimento nos ombros e vi que estava ofegante, à sua frente e atrás dele havia muitos na fila, eles também usavam a mesma roupa listrada, senti minha garganta apertada, sabia que logo cairia no choro, e então a imagem começou a ondular de novo, como água, em seguida escureceu, e de novo só vi a luz e o espelho, mas o boneco alado não estava mais sobre a mesa, e então Picareta apagou a luz e perguntou se tinha visto meu pai. Eu disse que sim, e então Picareta perguntou o que daria para trazê-lo de volta?, eu sem pensar disse qualquer coisa, daria qualquer coisa, e ao dizer isso a garrafa de cerveja tombou, o espelho de barbear caiu da mesa, girou no ar, e em seguida caiu virado para cima no piso. Ele não quebrou, apenas rachou no comprimento, e o rosto de Picareta ficou paralisado, ele fez o sinal da cruz, disse que eu não sabia o que estava dizendo. Ele ergueu o espelho cheio de lama do chão, passou o dedo sobre a rachadura, e disse que o erro havia sido dele, não tinha de perguntar nada, quem sabe ainda fosse possível consertá-lo, em seguida olhou para mim e perguntou se daria minha vida pelo meu pai enquanto ele fazia que não com a cabeça e dizia que eu deveria pensar bem na resposta, pensar muito bem, e senti o ar à minha volta se resfriando, olhei para a longa rachadura no espelho, disse que daria, sim, daria a minha vida, sim, e então o espelho se partiu em dois na mão de Picareta, e ele disse muito baixo pronto, tanto faz, aconteceu, não havia como voltar atrás, mas eu tinha de saber que minha própria vida eu não poderia dar, só a de outra pessoa. Eu iria perder alguém de quem gostava, mas meu pai voltaria para casa. Ele balançou a cabeça, pôs um

copo diante de mim, encheu-o com água do regador, em seguida mandou que eu bebesse, que fosse para casa, que cuidasse bem da identidade e que nunca a mostrasse a ninguém.

Eu ergui o copo, a água estava muito fria, mas eu a tomei, em seguida me levantei e saí da cabana. Quando subi pelos para-choques as moedas tilintaram no meu bolso, ouvi que embaixo os pássaros recomeçaram a cantar. Então pensei na minha mãe e também que de algum modo eu deveria lhe contar que havia visto meu pai, e que ele voltaria, mas logo senti a picada da agulha no meu dedo começando a sangrar e sabia que acabaria não contando nada. Limpei a mão na calça, depois pus a mão no bolso, peguei a carteira de identidade de Picareta, mas não a tirei, apenas fui direto para casa.

Vista

Quando saí da antiga taverna Oroszlán, renomeada Vadász, com as duas garrafas de cerveja tcheca gelada nas mãos, logo vi o furgão parado do outro lado da rua, e sabia que não teria escolha, teria de passar correndo por ele, e sabia que depois ele me seguiria o tempo todo, enquanto estivesse correndo de volta para a escola com as duas cervejas, e sabia também que não havia nada a fazer, ainda assim teria de correr, porque o camarada Sándor, o professor de ginástica, tinha dito que quem não chegasse na hora do sinal com as duas garrafas de cerveja ele reprovaria no último ano, pois aquilo era mais importante que qualquer corrida contra o relógio, ele havia ganhado as quatro caixas de cerveja do maître do Vadász no domingo anterior numa queda de braço e sabia que, se não as mandasse buscar o mais cedo possível, os fregueses a beberiam, de modo que vamos, corram, voem todos, o quanto puderem, aos que voltassem mais depressa talvez ele oferecesse um pouco, uma bicada nunca fez mal a ninguém, vocês vão ver como a cerveja vai cair bem depois da correria, como um remédio.

O furgão cinza me seguia havia dois dias, não tive coragem de contar a ninguém, pois sabia que não acreditariam, seria pior, pois eles também certamente sabiam o que acontecia com aqueles que a segurança começava a seguir de carro e a partir de então ninguém mais teria coragem de falar comigo. Por sorte ele não aparecia sempre, eu apenas o tinha visto algumas vezes no caminho de ida e de volta da escola, e outras vezes também

quando ia para a fonte ou para o campo de futebol, a placa tinha apenas três números, por isso sabia que só podia ser da segurança, quem mais teria um furgão de vidros espelhados?, eu não conseguia imaginar o que eles poderiam querer comigo, talvez tivessem descoberto que eu vira quando os operários da fundição incendiaram o armazém ou que durante a falta de luz Feri e eu tínhamos entrado na sala secreta de projeção, preferi não pensar, eu sempre fazia de conta que não os notava.

As duas garrafas de cerveja estavam tão frias que minha mão quase congelou nos gargalos, meus dedos em um minuto ficaram tão dormentes que mal aguentava segurar as garrafas, não sentia as garrafas, mas apenas o frio gélido, não comecei a correr logo, por um instante fiquei parado na entrada do restaurante, além de mim não havia mais ninguém na rua, os outros já tinham voltado havia muito, eu tinha sido o último a chegar ao restaurante pois correra mancando porque meu tornozelo ainda doía pois no dia anterior havia tentado cobrar um pênalti com a bola de couro furada que os rapazes por brincadeira tinham enchido de pedregulhos, de maneira que não parti logo, pensei no que aconteceria se fosse na direção oposta à do furgão, mas sabia que nesse caso teria de passar pela praça central, e a distância seria de um quilômetro e meio a mais, não, assim, com o pé doendo, eu não chegaria antes do sinal, então respirei fundo e em seguida comecei a correr na direção do furgão, enquanto pensava que talvez não fosse o mesmo furgão, quem sabe fosse outro, estava ali por acaso, junto da calçada, não estava lá por minha causa, senti a cerveja balançando um pouco nas garrafas, de longe me vi no vidro espelhado da porta traseira do furgão, correndo de camiseta de ginástica branca e calça curta, o espelho me distorcia, ora muito alto, ora muito baixo, eu me aproximei do furgão, sabia que o motor logo roncaria alto e ele sairia atrás de mim, mas não

aconteceu nada, passei correndo por ele, tive tanto medo que mal senti a dor no pé, o furgão continuou parado, continuei correndo, cinco metros, dez metros, o furgão continuou parado, eu já estava na metade da rua, a pelo menos vinte e cinco metros de distância, e pensei que pronto, escapei, mas então o furgão buzinou alto e eu me assustei tanto que quase morri, quase derrubei as garrafas de cerveja, o motor do furgão roncou e o ouvi andando, e em seguida já estava a meu lado e ele buzinou alto de novo, nem assim parei, continuei correndo, e então o furgão me ultrapassou e subiu com duas rodas no meio-fio e parou, e eu pensei pronto, acabou, eles me pegaram, tinham esperado por alguma razão, mas agora acabou, me pegaram, me levariam também, olhei para trás, na direção do restaurante, me ocorreu que se corresse de volta talvez não fossem atrás de mim, mas também sabia que era bobagem, eles entrariam, ainda assim eu deveria voltar, não podemos desistir, mas a porta do furgão começou a se abrir devagar e alguém disse meu nome e falou que eu parasse, que não me mexesse, era a voz do meu avô, quando a porta se abriu completamente vi que era mesmo meu avô, mas pensei que fosse somente minha imaginação porque estava assustado, não deveria olhar, e sim correr, mas acabei olhando e vi claramente que era meu avô, era ele mesmo, ele gritou para mim que não ousasse correr porque ele jurava que passaria por cima de mim, mandou que entrasse logo no carro pois queria falar comigo, eu me senti aliviado, era como o cansaço que costumava sentir depois de correr, mas de algum modo mais quente, durou apenas um instante, depois senti o estômago apertado de novo, pois não conseguia imaginar o que meu avô pudesse querer comigo, costumávamos nos encontrar apenas duas vezes por ano, e agora não era nem o dia do meu santo nem o meu aniversário, então dei um passo para trás e disse não posso entrar, camarada secretário, pois haveria uma corrida contra o relógio e eu

não quero ser reprovado, pois não quero entristecer minha mãe, meu avô então disse que não me preocupasse com a corrida, ele me levaria até o final do percurso, chegaríamos antes dos outros infelizes, e ele não queria dizer de novo que entrasse imediatamente, de modo que entrei e me sentei no assento de couro sintético, pus as duas garrafas de cerveja junto dos meus pés sobre o tapete de borracha canelado, em seguida comecei a esfregar as mãos para que elas afinal se aquecessem.

Meu avô bateu a porta do furgão, acelerou e desceu da calçada, por um tempo não disse nada, depois de repente disse apenas que ele sempre detestara correr e esperava que eu também não gostasse, e eu disse que não mesmo, meu avô então fez que sim e disse muito bem, via-se que eu era seu neto, e eu não disse nada, apenas olhei para meu avô, quis perguntar onde ele havia arranjado o furgão e também se era ele que havia me seguido durante três dias, e, se fosse ele, por quê, e então notei que a camisa do meu avô estava meio desabotoada e ele estava sem gravata, de um lado o colarinho da camisa estava fora do paletó, fiquei tão surpreso que não perguntei nada, apenas olhei para a frente, pela janela, nunca havia estado em um furgão como aquele antes, o assento era muito mais alto que num carro comum, via-se muito mais longe.

Quando chegamos à esquina, não viramos na direção da escola, mas para o outro lado, para a antiga rua Sáros, e, depois, no final da rua, não viramos para a esquerda, na direção da praça, mas para a direita, na direção do Kalvária, e então pensei que apesar de tudo deveria perguntar a meu avô para onde íamos, mas antes que eu falasse meu avô se virou para mim, sacudiu a cabeça, disse que olhar para mim não fazia bem de tanto que eu estava assustado, e ele não compreendia por que eu tinha tanto medo dele, e eu quis dizer que não tinha medo nenhum, apenas minhas pernas estavam

doloridas da corrida, e eu também estava com frio no uniforme de ginástica, mas não falei nada e meu avô rugiu para que eu não ficasse tão agoniado, ele dava a palavra de honra de que na hora do sinal estaríamos de volta, mas antes queria me mostrar uma coisa, já tinha mostrado também para meu pai, pediu que eu me acalmasse, que não sentisse tanto medo, ele não me desejava nenhum mal, e eu não disse nada, apenas olhei para ele pois estava muito surpreso porque meu avô nunca havia mencionado meu pai, nunca, nem uma vez, e não tolerava que ninguém mencionasse meu pai diante dele, fazia como se ele nem fosse filho dele, de tanto que se ressentia pelo fato de meu pai ter sujado nosso nome, havia envergonhado a si mesmo e à família quando assinara a petição, pois todos acreditaram que meu avô a tinha assinado, porque o nome do meu pai era igual ao do meu avô e ao meu, era o nome de todo primogênito na família, havia sido um escândalo tremendo, meu avô tivera de renunciar e de se aposentar imediatamente, e devia se dar por satisfeito por não lhe ter acontecido nada de mais grave, de modo que eu de fato fiquei muito espantado, mas não falei nada, enquanto seguíamos adiante me ocorreu se não deveria apesar de tudo dizer alguma coisa pois não tinha cabimento ficar sentado sem dizer nada durante todo o percurso, me ocorreu que eu deveria ao menos me interessar em saber como estava minha avó, se ela havia melhorado um pouco, ou se deveria ao menos perguntar o que meu avô queria me mostrar e por que era importante a ponto de ele ter vindo me buscar especialmente naquele furgão, eu pensava em como deveria formular a pergunta, mas então meu avô falou, não olhou para mim, mas eu vi que sorria no canto de sua boca, disse que estava feliz por eu não ficar dando uma de curioso, eu esperava como um adulto pois tinha inteligência suficiente para entender que não precisamos saber tudo de antemão, via que eu era um rapaz

crescido de verdade, assim eu de novo não disse nada, só fiz que sim, e depois olhei novamente pela janela.

Estávamos quase no alto do Kalvária, havíamos passado pelo cemitério militar e tínhamos chegado ao castelo de caça do comandante das forças armadas que ele usava apenas uma vez a cada cinco anos quando visitava a nossa cidade, e por um instante pensei que meu avô me levava para lá, talvez quisesse mostrá-lo para mim, seu tio Feri uma vez estivera lá para fazer uns serviços de eletricidade e contara que lá dentro tudo era de ouro, as torneiras e também os cabides, tudo, eu não tinha muita vontade, mas aceitaria visitá-lo, porém depois passamos pelo muro alto de tijolos e também pelo portão preto de ferro, e meu avô não reduziu a velocidade, seguimos adiante, através da estrada na mata, depois chegamos ao descampado, no alto, debaixo do mirante, onde se faziam os churrascos depois do desfile de Primeiro de Maio, meu avô saiu da estrada asfaltada, atravessou a calçada, desviou dos bancos, passou pelo heliporto, o furgão sacudia tanto que junto dos meus pés as garrafas de cerveja se chocavam, eu tive de me segurar na beirada do assento, meu avô levou o furgão direto para a extremidade do descampado, onde ficava a grande nogueira, onde começava a descida, diminuiu a velocidade, parou, desligou o motor, em seguida disse chegamos, e mandou que eu descesse.

Senti um pouco de náusea, pois o sacolejo do furgão havia revirado meu estômago, respirei fundo, como minha mãe havia ensinado, em meio minuto a ânsia de vômito passou, no espelho retrovisor da porta vi que meu rosto ainda estava bastante pálido, nisso meu avô já havia descido, tinha ido até a grande nogueira, de lá me chamou para que eu olhasse para a cidade toda a meus pés, junto da árvore a vista era a mais bonita, antigamente havia ali um banco, mas já tinham roubado até mesmo seus braços, não faz mal, a primavera está chegando, a terra está bem quente, ao dizer isso

ele tirou o paletó e o estendeu sobre os tufos de grama debaixo da árvore, sentou-se com as pernas cruzadas no canto do paletó, alisou o lugar a seu lado com a palma da mão e falou que eu também me sentasse, o que eu estava esperando, eu quis dizer que não queria me sentar, pois o chão estava frio e não queria me resfriar, mas acabei sentando, meu avô então bateu nos meus ombros e disse que quando meu pai era pequeno ele o trouxera ali e lhe mostrara a cidade, sua cidade natal, porque um dia seu pai também o tinha levado até lá, meu bisavô, que eu não poderia ter conhecido, e então eu sabia que meu avô logo diria que deveria prometer que também levaria para lá meu filho, mas meu avô não disse nada, apenas suspirou, em seguida ergueu as duas garrafas de cerveja, não tinha percebido que ele as havia trazido do furgão, eu sabia que meu avô iria tomar as duas garrafas, mas não disse nada pois sabia que não faria diferença, e meu avô olhou para mim e sorriu e disse que não deveria ter receio, meu professor de ginástica era um antigo camarada dele, e se ele ousasse dizer uma palavra eu deveria lhe dizer que meu avô lhe mandava saudações, que não me afligisse, pois não aconteceria nada, eu devia ter consciência de que não era o neto de qualquer um, meu avô então se calou, juntou as duas garrafas, uma em cima da outra, com uma delas de cabeça para baixo, eu nunca tinha visto aquilo antes, de certa forma ele parecia querer quebrar os dois gargalos, e nisso de repente ele abriu as duas cervejas, de uma das garrafas a espuma branca escorreu pela mão dele, ele a espalhou sobre a grama, em seguida disse para eu lembrar que uma pessoa distinta nunca bebe de manhã, mas para ele tanto fazia, em seguida ergueu a garrafa de cerveja e tomou quase a metade de uma vez, depois abaixou a garrafa e a ofereceu para mim e perguntou se eu queria, eu disse que não, olhei para a mão dele segurando a garrafa e vi que a pele estava toda enrugada, a pulseira marrom larga do relógio estava

muito apertada no pulso, de modo que em volta da pulseira a pele se dobrava, como se fosse de papel, ou como se de repente ele tivesse emagrecido muito, meu avô balançou a cabeça e disse está certo, talvez me tornasse uma pessoa distinta, e ele sorriu, em seguida tomou mais um gole de cerveja e apontou na direção da cidade e falou que olhasse para a cidade, que a olhasse bem, como se a visse pela primeira vez na vida, pela primeira vez, ou pela última, a cidade de fato parecia muito bonita, o centro todo, o castelo, a praça principal com as três igrejas, o teatro, o museu, o antigo hospital, a prefeitura, mais distantes do centro os blocos cinzentos de edifícios novos de quatro e de seis andares, do outro lado da cidade o rio, o grande dique e a fundição, meu avô então passou o braço nos meus ombros e disse que eu não olhasse os lugares em separado, mas que procurasse ver o todo, o todo de uma vez, como se olhasse para uma pintura, ou para uma bela moça, que eu procurasse ver tudo junto, não era fácil, mas se conseguisse depois veria o mundo de outro modo. Meu avô se calou, olhou para a cidade, de vez em quando ele dava um gole na cerveja, eu também olhei para a cidade, mas vi apenas os diferentes edifícios, as casas, as ruas e as praças, o vento começou a soprar um pouco, meus braços e minhas pernas ficaram arrepiados, meu avô então falou de novo, disse que eu deveria acreditar que aquela era a cidade mais bonita do mundo, pois assim, com tempo nublado, ela também era linda, sim, era a cidade mais bonita do mundo, mas ele me aconselhava que, se pudesse, eu deveria ir embora dali imediatamente e não voltar nunca mais, não apenas da cidade, mas também do país, deveria ir embora, deveria deixar minha casa. Ele se calou, tomou o último gole de cerveja, depois de repente atirou fora a garrafa, direto na direção da cidade, passaram alguns segundos, em seguida ouvimos a garrafa se quebrando embaixo, no pé da subida, sobre as grandes

pedras, eu continuei olhando para a cidade, não vi nem o nosso bloco nem o campo de futebol, não sabia o que dizer a meu avô, de modo que só concordei com a cabeça, meu avô então perguntou se tinha ouvido o que ele tinha dito, eu disse que sim, ouvira, meu avô então perguntou se eu compreendia, e eu disse que sim, mas meu avô balançou a cabeça e disse não, ele não acreditava que tivesse compreendido, pois era muito jovem para entender, mas eu deveria guardar bem aquilo, guardar bem, e chegaria o dia e então eu deveria me lembrar, eu então disse está bem, vou guardar, meu avô fez um sinal positivo, pegou a segunda garrafa de cerveja e começou a bebê-la devagar e continuou olhando para a cidade.

Enquanto isso o vento se tornou bem mais forte, comecei a sentir frio, sabia que logo começaria a tremer, mas sabia também que enquanto meu avô não tomasse a segunda garrafa de cerveja nós não iríamos embora, me lembrei o que tinha lido no livro de ioga que Szabi me emprestara, se a gente se concentrasse no umbigo não sentiria tanto frio, de maneira que procurei me concentrar nele, mas não aconteceu nada, continuei sentindo frio, pensei que deveria ficar de pé, ir embora, não chegaria na hora do sinal, talvez nem para o recreio, com certeza haveria uma grande encrenca, eles me mandariam para o diretor, chamariam também minha mãe, tentei inventar uma mentira, mas não me veio nada, olhei para meu avô, talvez eu pudesse ver a hora no relógio dele, mas meu avô segurava a garrafa de cerveja na mão esquerda, de modo que o relógio não aparecia, mas ele percebeu meu olhar, pois olhou para mim e disse que sabia que eu sempre levava comigo a fotografia do meu pai, confirmei com a cabeça, meu avô perguntou se ela estava comigo, e eu disse que não pois estava com o uniforme de ginástica, que não tinha bolso, por isso eu tinha deixado a fotografia no casaco da escola, escondida, eu não a levava no bolso, mas na lateral, no forro, meu avô então deu um

suspiro e disse que era pena pois gostaria de vê-la, ele infelizmente não tinha nenhum retrato do meu pai, não fazia mal, se não tinha então não tinha, pois ele ainda se lembrava bastante bem do rosto do meu pai, essas coisas por sorte eram impossíveis de esquecer, ele se calou, tomou um gole de cerveja, a garrafa ainda estava quase pela metade, mas meu avô apoiou uma das mãos no chão e disse está bem, vamos, já ficamos bastante, em seguida começou a se endireitar, eu me levantei depressa e peguei no cotovelo dele e o ajudei, meu avô se apoiou em mim e disse obrigado, em seguida ele me largou e alisou as dobras da calça e pediu que eu lhe desse o paletó, eu me abaixei e o peguei pela gola e o entreguei a ele, meu avô não o vestiu, dobrou-o sobre o braço, ergueu a garrafa, que ainda tinha um terço de cerveja, meu avô disse então que não iria tomar o resto, e de repente virou a garrafa de cabeça para baixo e derramou a sobra de cerveja na grama, enquanto a cerveja caía ele estendeu completamente o braço e ergueu mais a garrafa, o fio de cerveja se afinou, o vento soprou as gotas, eu senti o cheiro, a cerveja fez uma espuma branca na grama, meu avô abaixou a garrafa, pensei que fosse atirá-la longe, mas ele apenas a largou no chão, em seguida disse vamos, pôs o paletó no ombro, enfiou nele um braço, foi para o furgão, com a outra manga do paletó balançando enquanto tentava enfiar o outro braço nela.

Olhei para baixo, a terra havia absorvido toda a cerveja, vi apenas a terra preta entre os tufo de grama onde tínhamos nos sentado, no lugar do paletó do meu avô a grama estava toda amassada, as tampas douradas das cervejas estavam lado a lado, eu me abaixei e apanhei as duas, em seguida saí atrás do meu avô.

Enterro

Eu nunca tinha visto tantos carros juntos de uma vez como naquele dia na estrada que levava para o cemitério, desde que a gasolina era vendida em troca de cupons o tráfego havia diminuído muito, eu caminhava a pé com minha mãe e os carros passavam do nosso lado, os táxis e os ciclistas de terno preto, quando chegamos ao Kalvária o número de pedestres aumentou muito, todos que passavam por nós cumprimentavam, havia quem desse os pêsames, minha mãe nessas horas acenava com a cabeça e respondia sempre a mesma coisa, obrigada, muito obrigada. Vez ou outra os ciclistas também se viravam, acenavam ou erguiam o chapéu, eu não imaginava que tanta gente soubesse quem nós éramos, que eu e minha mãe fôssemos tão conhecidos na cidade.

O cemitério era muito mais longe do que eu lembrava, embora a cada inverno costumasse subir a pé até lá com os rapazes para andar de trenó, mas agora o caminho parecia muito mais longo, digamos que o sapato de verniz também machucava muito meus pés, a gravata preta que minha mãe tinha cortado de uma gravata do meu pai apertava tanto meu pescoço que tinha a impressão de que não conseguia respirar, eu só não mexia nela para soltar o nó porque não queria que minha mãe se irritasse, porque antes de sair ela havia levado no mínimo uns dez minutos para arrumá-la para que ficasse perfeita, exatamente como se fosse meu pai que a tivesse ajustado, bem, por isso tudo eu queria muito finalmente chegar.

Em certo ponto do caminho um táxi branco parou ao nosso lado, o motorista abriu a porta e ergueu o chapéu de couro com uma viseira e disse a minha mãe cara senhora, sinto muito de verdade, permitiria que eu a levasse nesse trecho?, mas minha mãe apenas acenou e disse nem pensar, como já tínhamos conseguido caminhar até lá, as poucas centenas de metros que faltavam não fariam diferença, e então o homem de chapéu de couro disse que lamentava, pois ele nos levaria com prazer, em seguida se curvou um pouco e sussurrando perguntou se tínhamos alguma notícia do doutor, minha mãe balançou a cabeça e disse que não tínhamos nenhuma, o taxista nisso ergueu as sobrancelhas e disse muito bem, acreditava que ele seria solto ao menos para o enterro, minha mãe então disse nada disso, não fale bobagens, em seguida, quando o taxista fechou a porta do carro, ela ainda disse, para si mesma, dedo-duro filho da puta.

Na véspera minha mãe tinha lavado e passado meu uniforme da escola para que eu ficasse apresentável, eu disse a ela que apesar de tudo o uniforme não viraria preto, continuaria azul-escuro, de tanto ser lavado havia desbotado bastante e teria de ser tingido pois tinha ouvido dizer que para um enterro só poderíamos ir de preto, mas minha mãe respondeu que não achava que meu avô se incomodaria se eu não estivesse de preto, uma vez que tinha estourado os miolos para ele tudo tanto fazia, e eu disse que na escola falaram que meu avô não tinha estourado os próprios miolos, e o anúncio fúnebre "acontecimento trágico inesperado" não significava que ele tinha se suicidado, mas apenas que havia sofrido um derrame, mas minha mãe então apenas riu e disse que aquela era a versão da imbecil da minha avó, ela a espalhava pela cidade só porque não queria passar vergonha, mas todos sabiam da verdade, meu avô havia arranjado uma pistola em algum lugar, ele a pusera na boca e tinha estourado a cabeça para que não sobrasse

muita coisa, eu veria que o caixão estaria fechado, era nojento o que minha avó aprontava, ela havia arranjado um chapéu preto com um véu que ela não tirava e ela desfilava com ele pela cidade, fazia o papel da viúva desgraçada, chorava por todo canto, pela fatalidade que a atingira, uma tragédia, o que seria dela agora que seu pobre querido tinha morrido?, com certeza enquanto ele vivia ela nunca o chamou de querido, apenas o chateava sem parar com os ciúmes constantes e com as muitas doenças imaginárias, não admira que meu avô não aguentasse mais, não admira que tivesse posto o cano da pistola na boca, e ao dizer isso minha mãe de repente começou a chorar, muito amargurada, como eu nunca a ouvira soluçar, ela teve de se segurar na minha escrivadinha de tanto que seus ombros sacudiam, depois sentou na beirada da minha cama e tentou enxugar o rosto com a ponta do meu cobertor, mas chorava tanto que eu sabia que ela não chorava pelo meu avô, não poderia chorar tanto por ele, mas pelo meu pai que estava no canal do Danúbio havia quase dois anos sem que soubéssemos de nada sobre ele fazia muito tempo, e então eu também quase comecei a chorar, mas não foi do meu pai que me lembrei, mas do meu avô, e não do rosto dele, mas de suas mãos, o gesto das mãos com que costumava abrir a porta do Renault para mim, o modo como empurrava o vidro com a ponta dos dedos para que abrisse completamente, nessa hora eu sempre via através do vidro que as pontas dos seus dedos ficavam brancas e achatadas, vi a cena com muita clareza, como se ele estivesse diante de mim, por um instante fechei os olhos, quem sabe assim eu não o veria?, mas ainda assim vi a mão do meu avô, branca, se fechando no gargalo de uma garrafa de cerveja, balancei a cabeça, suspirei, acariciei o ombro da minha mãe e disse a ela o que Punho de Ferro, o professor de geografia, me dissera na escola quando na hora do recreio ele me chamou para o depósito do laboratório, ele deu a má

notícia e também disse que eu não tinha de ficar nas aulas seguintes, poderia ir para casa, de modo que falei que ela não chorasse, que se acalmasse, a vida seguiria em frente.

Quando entramos na rua do cemitério vi que as calçadas dos dois lados estavam cheias de automóveis estacionados, o portão preto de ferro batido estava aberto, dentro, em volta da banca de flores e da capela, também havia muita gente, todos seguravam buquês de flores, buquês de flores e grandes coroas de flores com as cores nacionais, com fitas vermelhas e pretas, então perguntei a minha mãe por que não tínhamos levado flores, ela disse que eu estava vendo que haveria flores suficientes, nós preferiríamos pôr pedrinhas sobre o túmulo, se fosse preciso, para meu avô tanto fazia, ela não acreditava que o velho se incomodasse com um buquê de flores a mais ou a menos, ainda mais assim, com a grande solenidade em que o enterro tinha se transformado. Havia, de fato, muita gente, eu só vira tanta gente junta uma vez, quando nos preparávamos para visitar o comandante das Forças Armadas, lá, digamos, havia muito mais guardas, aqui eu só tinha visto uns quinze ou dezesseis, de uniforme, na entrada do cemitério, à nossa frente andava um homem baixo, de cartola, e eu o ouvi dizendo a alguém a seu lado que os guardas pareciam temer que acontecesse alguma coisa, por isso apareceram tantos, mas o outro apenas balançou a cabeça e disse que nada, o que poderia acontecer em um enterro?, o velho seria enterrado, depois todos iriam para casa e pronto, e o de cartola então disse que não acreditava nisso, pois tinha ouvido dizer que, mas nessa hora eu e minha mãe os alcançamos e quando nos viram eles se calaram, o de cartola ergueu a cartola, e depois os dois disseram que sentiam muito, tinham muita pena do meu pobre avô, eu de novo não soube o que tinha de responder, mas minha mãe logo disse que agradecia a gentileza e também que tivessem vindo, de modo que também

disse obrigado, eles fizeram um sinal com a cabeça e continuaram caminhando na direção do velório, por lá a multidão era mesmo muito grande, na margem da via principal mais larga estavam os carros antigos, envernizados, pretos, com as placas do partido, acho que vi inclusive um Pobeda e um Chajka e alguns Moskovics, e, naturalmente, Renaults e Citroëns, encostado em um carro preto estava, fumando, o embaixador que havíamos visitado uma vez para pedir que ajudasse a descobrir o que havia com meu pai, eu só o vi de costas, mas ainda assim o reconheci, minha mãe por sorte não o viu, acho que não teria gostado muito do encontro.

A via principal também era bem longa, vi de longe que no final, no teto do novo necrotério de concreto do cemitério, tremulavam grandes bandeiras pretas, minha mãe num dado momento tropeçou, disse que não era nada, a fivela do seu sapato se soltou, ela pediu que esperasse um minuto para que a arrumasse, e depressa ela se agachou. Enquanto isso eu pus a mão no bolso e peguei a medalha que tinha ganhado do meu avô no meu aniversário, com uma das mãos abri o alfinete de segurança e preendi a medalha sobre o meu coração, onde meu avô a prendera naquele dia, eu me machuquei um pouco com o alfinete de segurança quando tentava fechá-lo, mas não me importei. Quando minha mãe se levantou, ela na hora viu a medalha, eu sabia que ela logo iria me repreender, pediria que a tirasse, mas antes que dissesse alguma coisa parou uma mulher junto de nós, chegou tão depressa que ouvi a saia dela zunindo, usava um chapéu de aba larga como eu nunca tinha visto, um véu preto pendia ao redor dele todo, assim não víamos o rosto dela, por um instante pensei que talvez fosse minha avó, mas depois vi que ela era muito mais velha, eu não sabia quem era, mas devia nos conhecer, pois foi logo dizendo à minha mãe olá querida, e deu um beijo no rosto dela, em seguida recuou um passo e de repente começou a chorar muito

alto, ergueu um braço e apertou contra os olhos um grande lenço branco, ficou assim por uns dois segundos, apertando o lenço contra os olhos, vi que ela usava uma luva de renda branca, no dedo anular havia colocado um grande anel de sinete, o lenço cobria completamente o rosto dela, minha mãe então me chamou e fez um gesto com a cabeça para que seguíssemos adiante, mas então a velha de repente tirou o lenço do rosto, e com olhos brilhantes de lágrimas disse que aquele era um dia muito triste, pois um homem querido havia nos deixado, em seguida se aproximou da minha mãe e cochichando perguntou se era verdade o que as pessoas diziam, que ele tinha se suicidado. Minha mãe então balançou a cabeça e disse que não sabia, e piscou para mim para que seguíssemos em frente, enquanto dizia não leve a mal dona Ivon, mas temos de ir, ela passou junto da velha, mas a velha agarrou o braço da minha mãe e a puxou de volta, aproximou-a dela e lhe cochichou sibilando de um modo que também ouvi claramente que minha mãe deveria saber que meu avô havia se matado porque sempre gostara dela, de sua amada Ivon, por isso ele tinha dado um tiro no coração, pois não suportava mais viver a vida sem ela, e nós deveríamos saber também que minha avó havia escondido a carta de despedida dele, pois nela se revelaria a verdade, mas não faz mal, não faz mal, pois o destino se vingaria dela, nós iríamos ver, iríamos ver, sim, e ao dizer isso ela balançou a cabeça com tanta força que o véu caiu sobre seu rosto, e então ela começou a chorar de novo e apertou o lenço contra o rosto através do véu e soluçou muito alto, nisso minha mãe pegou meu braço e me puxou na direção do velório, disse venha, nesse passo não vamos chegar para o início da cerimônia, olhei para trás porque receava que a velha nos seguisse, mas ela não se mexeu, ficou na calçada da via principal ajustando o chapéu, e então eu perguntei a minha mãe o que tinha sido aquilo, ela disse nada, era apenas dona Ivon, uma velha louca,

antigamente a melhor amiga da minha avó, a mania dela era que meu avô deveria ter se casado com ela, durante anos andou atrás do meu avô, sempre causava confusões terríveis, tanto faz, não vamos falar nisso, esqueça a coisa toda, já estamos chegando.

De fato, já estávamos quase no velório, dos grandes alto-falantes pretos colocados sobre cavaletes soava, um pouco distorcida e rouca, a marcha fúnebre, à medida que nos aproximávamos a multidão se tornava mais densa, mas nós tínhamos apenas de pedir licença, por favor, desculpem, e todos, gentis, abriam passagem, eles nos olhavam como se fôssemos pessoas famosas, muitos cumprimentavam, e quase todos diziam que meu avô era um homem direito, sentiam um pesar sincero, minha mãe apenas acenava e eu também só fazia um sinal com a cabeça, e assim seguimos adiante, na direção da escadaria principal, nunca tinha visto o grande portão dourado aberto, é verdade que não estive em muitos enterros, em um enterro como esse, naturalmente, nunca, as pessoas ocupavam as escadas, mas quando viam mamãe eles também abriam caminho para nós, subimos as escadas entre os muitos homens de terno escuro e mulheres de *tailleur* preto e entramos.

Eu pensava que lá dentro estaria escuro, ou pelo menos na penumbra, como nas igrejas, mas em vez disso a claridade cegava tanto que fiquei tonto, sobre um candelabro de aço de muitos braços, em três fileiras superpostas, ardiavam lâmpadas, pelo menos duzentas, minha mãe me pegou pela mão e nós seguimos em frente, o recinto era muito grande, das paredes ao redor pendiam panos vermelhos, mas não vi o retrato do secretário-geral das Forças Armadas, somente toda espécie de painéis com citações de seus discursos, logo vi também o caixão, atrás, no terço posterior do salão fúnebre o piso era elevado em cerca de trinta centímetros, era um pouco como um palco, acomodado no centro desse estrado,

sobre uma mesa forrada com um pano vermelho, havia um caixão preto muito grande, de fato estava fechado, o verniz brilhava nele tão escuro que parecia líquido, de cada lado do caixão havia três tocheiros altos que não estavam acesos.

Paramos, mas logo se aproximou de nós um jovem com uma pasta encadernada em couro vermelho, cumprimentou e se apresentou, mas eu não entendi o nome dele, pois falava muito depressa, em seguida ele também deu os pêsames e nos saudou com afeto, era o secretário do camarada Bherékmeri, a seção do partido da cidade lhe confiara a organização da solenidade, pediu que por gentileza subíssemos no estrado pois era onde os parentes próximos deveriam ficar, por favor se dirijam para lá, junto da camarada, e ele apontou para o caixão e eu olhei para ele e vi que minha avó estava lá, junto do caixão, estava sozinha, olhava para o caixão como se não tivesse notado nossa chegada, minha mãe não se mexeu, ficou parada diante do estrado, mas o secretário com a pasta apontou para o estrado e pediu que nos apressássemos pois logo chegaria o camarada Bherékmeri, para fazer pessoalmente o discurso de despedida, e ao dizer isso ele apontou para o outro lado, junto da parede coberta com o pano vermelho, na frente do estrado, havia um púlpito com um microfone, e então nós seguimos adiante, primeiro minha mãe subiu no estrado, em seguida eu subi também, com o secretário atrás de nós.

Sobre o estrado a luz era ainda mais forte, porque acima da parede do fundo havia mais um neon aceso, a parede estava muito iluminada pois estava coberta com um grande gobelim decorativo que representava um *partisan* armado com uma pistola fundindo, simbolicamente, um arado sobre um monte de sabres partidos no meio de um trigal, atrás dos tratores que se aproximavam apareciam as montanhas com os tesouros da pátria, os pinheirais e os poços de petróleo, e então nos aproximamos da minha avó do

lado esquerdo do caixão e eu a cumprimentei, foi como se minha avó não tivesse ouvido, ela olhou para minha mãe e cochichando lhe disse que ela deveria se envergonhar, como tinha tido coragem de dar as caras por lá, sentia vontade de cuspir nela e enxotá-la dali, minha mãe sorriu para minha avó e disse que se alegrava muito em vê-la, em saber que estava melhor, e se achasse bom que ela aprontasse um escândalo, ali, à vista da cidade inteira, meu avô certamente preferiria uma briga normal àquele circo horroroso, minha avó ficou ainda mais pálida sob o pó de arroz, lambeu os lábios, em seguida respirou fundo, e eu sabia que ela iria dizer algo muito terrível para minha mãe, mas, de repente, na parede forrada com o gobelim se abriu uma porta de dois painéis, eu não a tinha notado pois também estava forrada com o gobelim, e por ela entrou um homem com roupa de operário e ele se dirigiu diretamente para minha avó e disse a ela excelentíssima senhora, vamos começar a trazer as coroas, pois o nobre camarada logo vai chegar, em seguida perguntou a minha avó se eles poderiam acender as tochas, minha avó tirou um lenço da bolsa, apertou-o sobre os olhos por um instante, em seguida disse que se havia chegado a hora claro que sim, o de roupa de operário disse pois não, excelentíssima senhora, saiu depressa, e logo voltou, trouxe uma grande coroa em cada mão, e depois apareceram mais cinco funcionários e todos trouxeram coroas e flores, empilharam tudo rapidamente diante do caixão, em seguida saíram e trouxeram mais flores e coroas, enquanto andavam para cima e para baixo à minha frente senti que exalavam um cheiro forte de suor, e então me ocorreu que eles não eram trabalhadores comuns, mas coveiros, e com certeza estavam suados de cavar a cova do meu avô, e então olhei para baixo e vi que um deles tinha a calça cheia de barro nos joelhos e pensei que estava certo, dei um passo para trás pois não queria que encostassem em mim nem sem querer, os coveiros

enquanto isso ajeitaram com habilidade as fitas das coroas, para que os dizeres ficassem bem visíveis, quem havia comprado qual, li alguns nomes, mas nenhum era conhecido, nisso o primeiro coveiro trouxe uma pequena escada de três degraus e uma jarra, colocou a escada junto de cada um dos tocheiros em sequência, subiu depressa, derramou um pouco de querosene em cada uma das bolas pretas, em seguida acendeu as tochas com um longo fósforo. No começo as chamas altas amarelo-alaranjadas tremularam desordenadamente, em seguida se afinaram, a marcha fúnebre soou mais alta, meu nariz se encheu do aroma de pinho das coroas e do cheiro de querosene, e me lembrei do Natal em que cortaram a luz e nós tivemos de celebrá-lo, eu e minha mãe, junto de um lampião a querosene, olhei para o verniz brilhante do caixão, sabia que se me aproximasse bastante da madeira pintada de preto veria o reflexo do meu rosto e isso me deu um nó na garganta, senti que começaria a chorar, pus a mão no bolso do casaco da escola para pegar o lenço recém-passado que minha mãe havia posto no meu bolso. Era um dos lenços finos do meu pai, ao pegá-lo me lembrei do que o taxista tinha dito a minha mãe, de que ele tinha ouvido dizer que trariam meu pai para o enterro, e engoli em seco, e pensei que também por isso iria segurar o choro, como um homem de verdade.

A marcha fúnebre de repente silenciou no meio do compasso, os alto-falantes zumbiram por algum tempo, em seguida se fez silêncio, e então a porta forrada com o gobelim se abriu de novo e por ela entrou correndo um homem de terno preto, alto, careca, não cumprimentou ninguém, foi direto para o púlpito, o secretário saiu do nosso lado e correu para o púlpito, colocou diante do homem a pasta encadernada em couro vermelho, então percebi que ele deveria ser o camarada Bherekméri. O camarada Bherekméri parou bem atrás do púlpito e com o dedo indicador deu

algumas batidinhas no microfone e disse que agradecia de coração às camaradas e aos camaradas enlutados e pediu permissão para dizer algumas palavras sobre meu avô, o camarada secretário, que a cidade tinha como um filho e cujos méritos eram indiscutíveis. Aqui, o camarada Bherekméri se calou e olhou em redor significativamente, em seguida enfiou a mão no bolso superior do paletó e pôs os óculos, abriu a pasta encadernada em couro vermelho, da qual tirou um punhado de folhas de papel grampeadas, deu um pigarro e começou a ler o discurso. Primeiro, saudou de novo os presentes, depois disse que iria contar como havia conhecido meu avô, meu avô à época era apenas um universitário e pagava seus estudos vendendo, todas as noites, em tavernas e restaurantes, perfumes, essências, águas-de-colônia, produtos para os cabelos, cremes contra rugas, pomadas rejuvenescedoras e sabonetes perfumados, e ele tinha sempre de carregar com ele em duas grandes malas as amostras, e as malas eram muito pesadas, de verdade, pesadíssimas, mas meu avô carregava a carga pesada sem abrir a boca, nunca se queixou, nem uma única vez, e também tolerava que os fregueses embriagados brincassem com ele, e uma vez no restaurante Elefante, de fama não muito boa, aconteceu de o dono desafiar meu avô para uma aposta em que, se ele fosse capaz de passar loção capilar em... Mas aí certo rumor percorreu a multidão, que se mexeu, e nós ouvimos alguém pedindo passagem aos berros, abram caminho, deixem-me passar, nisso o camarada Bherekméri interrompeu a frase, abaixou os papéis e olhou na direção dos gritos, eu também me virei e vi que era a velha, tia Ivon, abrindo caminho, agitando um grande buquê de rosas vermelhas, gritando que não iria deixar, não iria permitir que enterrassem sem despedida seu pobre querido, ela iria, sim, se aproximar do caixão, porque era ela que deveria estar de pé junto do corpo sofrido do meu pobre avô, pois fora ela seu

verdadeiro amor de sempre, não minha avó, a velha bruxa malvada. Enquanto gritava tia Ivon se adiantava às cotoveladas pela multidão, ouvi minha avó bufando e pedindo que levassem a outra embora imediatamente, pois aquilo era intolerável, revoltante, ela ainda iria matá-la, iria arrancar os olhos dela, tia Ivon já estava diante do estrado a dois passos do caixão, mas alguém de repente a agarrou e a puxou por trás, eu o reconheci, era o taxista que havíamos encontrado, ele ergueu a velha com um golpe de lutador, quando ele a puxou um dos sapatos de tia Ivon caiu e ela derrubou também o buquê de rosas, ela gritou, mas o taxista já a arrastava para fora, enquanto isso tia Ivon com toda a força berrava que todos deveriam saber da verdade, meu avô havia se matado e minha avó havia destruído a carta de despedida, pois por meio dela se revelaria a verdade, de que meu avô a amara a vida toda, amara apenas a ela, e minha avó fizera questão do caixão fechado para que a verdade não se revelasse, mas nisso o taxista já havia tirado tia Ivon do velório, de modo que não se compreendia mais o que ela gritava, mas ainda se ouvia que ela berrava, depois de repente ela se calou, a porta atapetada se abriu e um dos coveiros entrou, ele depressa se dirigiu para a frente do pódio e tirou do chão o sapato preto, em seguida se abaixou de novo e ergueu também o buquê de rosas e o colocou entre as outras flores, e depois, com o sapato na mão, ele saiu.

Minha avó começou a chorar muito alto, ficou tonta e quase desfaleceu, de modo que o camarada Bherekméri teve de segurá-la, entre as lágrimas minha avó lhe disse alguma coisa, eu só entendi caixão, e então o secretário tirou do bolso um lenço azul e o entregou a minha avó, em seguida ele foi até o púlpito e cochichou alguma coisa no ouvido do camarada Bherekméri, o camarada Bherekméri enrugou a testa e balançou a cabeça com força, tossiu, pigarreou, em seguida enrolou e bateu no púlpito as

folhas do discurso para arrumar as folhas que tinham se desalinhado, começou a ler de novo, mas não prosseguiu de onde havia parado, da loção de cabelos e da aposta, mas começou uma frase longa sobre o momento em que ele e meu avô começaram a luta, os dois sabiam muito bem que eles próprios não conseguiriam apreciar a essência da luta, não poderiam compreender a realização do sonho, mas ainda assim se entregaram à batalha, porque muito, mas muito mais importante que a felicidade deles era o futuro, o fato de que... Mas acabei não sabendo o que era mais importante para meu avô do que a própria felicidade, pois minha avó deu um passo na direção do pódio e gritou para o camarada Bherekméri meu filho, você não tem vergonha de mentir na minha cara, como não podemos abri-lo se você sabe muito bem que podemos?, por que você fez isso?, em seguida ela se aproximou do caixão e bateu nele com a palma da mão e gritou para que o abrissem, que o abrissem imediatamente, porque depois daquilo tudo ela queria ver meu avô pela última vez, tinha esse direito, tinha o direito de se despedir dele, além disso tinha ouvido toda espécie de rumores de que meu avô havia estraçalhado a cabeça e por isso o caixão estava fechado, e ela gostaria de uma vez por todas tirar a limpo todas as fofocas maldosas, pois a suspeita de ele ter se matado com as próprias mãos tinha de ser esclarecida, até mesmo a sombra da suspeita, e ela tinha certeza de que meu avô desejaria que fosse assim, faço questão, sem dúvida, abram, pois caso contrário ela o abriria, tinha esse direito, entendam, ela tinha esse direito.

O rosto do camarada Bherekméri estava vermelho como a pasta de couro, ele jogou os papéis sobre o púlpito, era evidente que tinha dificuldade de se conter, mas respirou fundo e disse que, naturalmente, não tinha nada a opor, mas vi que o canto de sua boca estava tremendo quando ele acenou para o secretário, o

secretário do camarada Bherekméri foi até a porta forrada com o gobelim, abriu-a e saiu, o camarada Bherekméri disse que de sua parte ele continuaria o discurso, a homenagem pelo nosso caro falecido, e durante algum tempo ele de novo arrumou os papéis, em seguida recomeçou a ler o discurso, mas não prestei mais atenção porque vi que a porta se abriu e dois coveiros entraram, um deles trazia uma chave inglesa, o outro, uma barra de ferro, foram até o caixão e começaram a tirar um depois do outro os parafusos do caixão preto envernizado, trabalharam muito rápido, não precisaram de mais de meio minuto para retirar da metade esquerda do caixão os três parafusos, em seguida passaram para o outro lado, lá tiveram certo problema com o último parafuso, que depois também saiu, e então eles puseram as ferramentas no piso junto do caixão, depois um deles se postou em uma extremidade do caixão, o outro, na outra, eles pegaram a tampa do caixão, em seguida com um movimento coordenado eles a retiraram, mas eu não vi o interior do caixão pois quando os funcionários viraram a tampa de lado ela o cobriu, de modo que só vi o forro de veludo vermelho pregueado na parte de baixo, e então senti o cheiro de lavanda do creme facial do meu avô, mas sabia que era apenas minha imaginação, pois eles deveriam ter passado algum bálsamo de mortos no rosto dele, e então ouvi um clamor se erguendo entre as pessoas no velório, muito mais alto do que quando tia Ivon havia entrado, primeiro pensei que fosse somente porque o caixão havia sido aberto e eles viram meu avô, mas minha mãe agarrou meu braço e se virou para a porta, e na porta as pessoas da multidão começaram a se afastar, e todos olharam para lá, e minha mãe então apertou meu braço com muita força e eu a ouvi dizendo é seu pai, trouxeram seu pai, e então todos começaram a falar alto numa confusão, e eu ouvi todos falando o nome do meu pai e também parece que ele estava no canal do Danúbio, e também ouvi alguém

dizendo que era um campo de reeducação, e então também olhei e pude ver cinco pessoas em meio à multidão, um deles era mesmo meu pai, eu o reconheci logo, embora não visse o rosto dele pois andava com a cabeça baixa no mesmo terno cinza em que o levaram, quatro homens de uniforme preto o seguravam, nunca tinha visto aqueles uniformes antes, vinham bastante devagar, embora todos se afastassem da passagem diante dos uniformizados, meu pai olhava para o chão o tempo todo, muitos o chamavam, mas meu pai não levantava a cabeça e não olhava para ninguém, vi que na frente ele tinha as duas mãos algemadas, e entre as algemas havia uma longa corrente, um dos guardas a segurava pela extremidade, os pés do meu pai não estavam algemados, mas ainda assim ele dava passadas miúdas como se os dois tornozelos também estivessem acorrentados, e então pensei que deveria correr até lá para abraçá-lo, e então minha mãe a meu lado disse Meu Deus, e ela teve de se apoiar em mim, e eu também senti as forças abandonando minhas pernas, mas acabei me recompondo e disse a minha mãe que ela não tivesse medo, papai já estava lá, não iria acontecer mais nada, mas então minha mãe apenas disse Senhor Meu Deus, e eu ouvi que ela respirava com dificuldade, os guardas enquanto isso conduziram meu pai devagar para o estrado, não do nosso lado, mas em frente, do outro lado do caixão, pararam a cerca de quatro passos do caixão, um dos guardas puxou a corrente, e então meu pai ergueu a cabeça devagar e olhou para cima, e então vi o rosto dele e senti meu estômago apertado, o rosto do meu pai estava cinzento pela barba malfeita, muito magro, não foi isso que me assustou, mas o modo como ele olhava, o olhar era completamente vazio, sabia que ele agora deveria nos ver, teria de ver mamãe e também vovó e a mim, mas seu rosto continuou completamente sem expressão, como se ele não soubesse onde estava, olhei para seus olhos, brilhavam

como se fossem de vidro, e então me ocorreu que eu não estava vendo meu pai, não era mais meu pai, ele não se lembrava mais de mim, nem da minha mãe nem de nada, nem sobre ele mesmo ele sabia mais, e então ouvi a meu lado minha mãe soluçando, continuei olhando para meu pai, queria que ele falasse, que voltasse a si, que me notasse, que me notasse e dissesse alguma coisa, que arrancasse as algemas, que viesse até nós, que me abraçasse, que abraçasse a mim e a minha mãe, que não ficasse lá parado, que voltasse a si, que voltasse a si imediatamente, e então ouvi minha mãe soluçando de novo, e também ouvi que ela respirava com dificuldade e eu sabia que ela procurava conter o choro, tentava engolir as lágrimas pois não queria que papai a visse chorando, e eu sabia que logo iria gritar, logo iria berrar papai, e então as narinas de papai se movimentaram, ele inspirou ruidosamente duas vezes, em seguida, na terceira vez, respirou fundo, e de repente suas pálpebras estremeceram e seu rosto se contraiu e ele olhou para baixo, para o caixão aberto, também olhei para lá pela primeira vez, meu avô estava quase engolido pelo forro vermelho pregueado, assim, deitado, parecia muito menor e mais magro, olhei para seu rosto, não se via nele nenhum ferimento, a pele brilhava gordurosa como em vida, a boca estava um pouco aberta, sobre o peito estavam presas muito juntas quase todas as medalhas, cobriam quase todo o peito dele, olhei um pouco acima do coração e vi que entre as medalhas o tecido cinza estava completamente encharcado de sangue, mas eu sabia que era apenas minha imaginação, pois via somente o reflexo do veludo vermelho no brilho das medalhas polidas e imaginava também o cheiro de sangue pisado, e então me ocorreu que aquilo tudo não podia ser verdade, a coisa toda não podia ser verdade, eu só imaginava que haviam trazido meu pai de volta, só imaginava que ele estava de pé do outro lado do caixão, e então ergui os olhos e

meu pai continuava lá, estava lá de verdade, continuava imóvel, olhava para o caixão e, nele, para meu avô.

No velório houve um grande silêncio, meu pai não se mexeu durante pelo menos um minuto, e então pensei que talvez ele não visse nem aquilo, exatamente como não nos tinha visto, mas então os ombros dele se contraíram e ele deu um passo para a frente e pôs as mãos algemadas na extremidade do caixão, e então descobri que ele estava consciente, a visão chegava a seu cérebro, por um instante achei que ele iria pegar a mão do meu avô, mas ele apenas se apoiou na beirada do caixão, em seguida virou devagar a cabeça e correu os olhos pelo pai e seu olhar pousou no rosto dele, e então com ele eu também olhei para o rosto do meu avô, para a linha da boca, para onde, sob o maxilar, sobre a pele afundada, a barba emergia em um ou outro lugar, como se ele tivesse se barbeado mal, e eu sabia que meu pai logo ergueria os olhos e de novo olharia para nós, para mim e para minha mãe, e eu também sabia que agora nos reconheceria, ainda que não conseguisse sorrir para nós, ainda assim ele nos reconheceria, e ele sabia que estávamos ali para ele, esperávamos por ele, esperaríamos até que por fim o deixassem vir para casa, e então meu pai de repente largou o caixão e deu um passo para trás e de fato olhou para cima, direto para mim, direto nos meus olhos, e pelo brilho dos seus olhos eu vi que me reconheceu e ele abriu a boca e vi que ele quis dizer alguma coisa, seu rosto se contraiu, vi que ele não conseguiu falar, e então chorando minha mãe disse Meu Deus, o que fizeram com ele?, o que fizeram com o infeliz?, e ela largou minha mão e passou junto da minha avó e partiu muito rápido na direção de meu pai e já tinha quase contornado o caixão, mas então um dos guardas parou diante dela e a advertiu, disse que ela não poderia se aproximar do preso, mas minha mãe gritou que não aceitava ordens, iria até ele, sim, iria até ele, que

morressem todos, e empurrou o guarda com força, com tanta força que ele bamboleou para trás, mas em seguida o outro guarda deu uma bofetada na minha mãe, e então meu pai começou a berrar, sem palavras, rouco, alto, e ele partiu na direção da minha mãe, mas os guardas o puxaram para trás pela corrente, e então minha mãe atacou um dos guardas e bateu no peito dele com os dois punhos, ela gritava que a ajudassem, que não deixassem, que ajudassem, o camarada Bherekméri então berrou ao microfone que todos ficassem em seus lugares e permanecessem calmos, e então minha avó começou a gritar chorando meu filhinho, e ela quis se aproximar do filhinho e saiu na direção do meu pai, os guardas enquanto isso começaram a arrastar meu pai para a porta forrada de gobelim, mas meu pai, com toda a força, se agarrou à corrente, num gemido alto e sem palavras tentou se libertar, mas um dos guardas deu um chute nas suas pernas e eles começaram a puxá-lo com força para a porta, dois deles agarraram minha mãe, minha avó tentou arrancar um dos guardas agarrados a minha mãe, enquanto gritava alguma coisa muito alto, e então a porta forrada se abriu e os guardas e os coveiros irromperam por ela, os guardas tinham cassetetes, os coveiros, pás, e então olhei para as pessoas ali no necrotério, olhando como se estivessem em um circo, e gritei para que se mexessem, que ajudassem, que não deixassem que meu pai fosse levado, mas ninguém se mexeu, ficaram todos parados olhando, e então o secretário do camarada Bherekméri gritou que eu não tinha ouvido, deveria ficar lá, e por trás ele me empurrou com tanta força que quase caí sobre o caixão, mas não liguei pois só queria ver o que iria acontecer com meu pai, e então o secretário do camarada Bherekméri me empurrou de novo, não vi minha mãe em lugar nenhum, mas vi meu pai, os guardas o arrastaram porta fora, e então eu me abaixei e peguei a barra de ferro que os coveiros haviam deixado junto do caixão e saí atrás do

meu pai, mas a porta forrada com o gobelim tinha se fechado e havia guardas postados diante dela e pensei que por ela não conseguiria sair, o secretário do camarada Bherekméri parou à minha frente e na mesma hora o atingi na coxa com a barra, ele se curvou praguejando e eu me virei e saltei do estrado e brandi a barra de ferro e gritei afastem-se, afastem-se, e comecei a abrir caminho na direção da saída, como quando brigávamos no recreio na escola no antigo porão antiaéreo com os mais velhos, eu não olhava em quem acertava, apenas para a saída, então todos já estavam gritando, mas não prestava mais atenção, eu me concentrava apenas na barra de ferro para que a girasse conforme a necessidade, e só dava estocadas e golpes e andava para a frente, alguém me chutou por trás, mas não me importei pois já estava na saída, diante da porta fechada, eu a empurrei, ela se abriu somente um pouco e me esgueirei e a fechei atrás de mim, sabia que eles logo a abririam e viriam atrás de mim, mas não me importei, ouvi que dentro todos gritavam numa grande confusão, e então dei um passo para a frente e parei no alto da escada e olhei em redor, mas não vi meu pai em lugar nenhum, nem ele nem os guardas, o cemitério estava todo vazio, vi apenas os carros estacionados dos dois lados da via principal, e então por um instante me ocorreu que era tudo apenas imaginação, não haviam trazido meu pai para casa, mas então de trás do velório apareceu um camburão cinza e ele lentamente entrou na via principal do cemitério, e eu gritei para que parasse, que esperasse, e comecei a correr atrás dele e sabia que logo iria acelerar, e então entre as grades da porta traseira vi o rosto branco emagrecido do meu pai, e pensei que por mais depressa que ele andasse eu o alcançaria, sim, e ergui a barra de ferro sobre a cabeça e corri, cada vez mais rápido, cada vez mais e mais rápido e mais rápido atrás do camburão.

Sobre o autor

Anna T. Szabó



GYÖRGY DRAGOMÁN nasceu em Marosvásárhely, na Transilvânia, em 1973, e se mudou para a Hungria aos 15 anos. Crítico de cinema, jornalista, tradutor, intérprete e *web designer*, tem entre seus trabalhos as versões em húngaro de contos, ensaios e textos de James Joyce, I. B. Singer, Neil Jordan, Ian McEwan e Micky Donnelly. Seu primeiro romance, *Genesis Undone*, venceu o Bródy Prize de Melhor Livro de Estreia, em 2002. *O rei branco*, publicado originalmente em húngaro, em 2005, ganhou os prêmios József Attila, Tibor Déry e Sándor Márai, e foi publicado em vinte idiomas. Dragomán mora em Budapeste com a mulher e dois filhos.

Leia também



A menina que roubava livros
Markus Zusak



Uma constelação de fenômenos vitais
Anthony Marra



O dia seguinte
Rhidian Brook



A 25ª hora
Virgil Gheorghiu